

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Thais Fernandes do Amaral

QUALIDADE HUMANA E QUALIDADE HUMANA PROFUNDA NAS
SOCIEDADES DO CONHECIMENTO CONTEMPORÂNEAS: Estudo sobre a prática
cinéfila em um grupo focal a partir da disciplina Epistemologia Axiológica de Marià
Corbí

Belo Horizonte

2023

Thais Fernandes do Amaral

**QUALIDADE HUMANA E QUALIDADE HUMANA PROFUNDA NAS
SOCIEDADES DO CONHECIMENTO CONTEMPORÂNEAS: Estudo sobre a prática
cinéfila em um grupo focal a partir da disciplina Epistemologia Axiológica de Marià
Corbí**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião (PPGCR) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro

Área de Concentração: Religião e Cultura

Belo Horizonte

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

A485q Amaral, Thais Fernandes do
Qualidade humana e qualidade humana profunda nas sociedades do conhecimento contemporâneas: estudo sobre a prática cinéfila em um grupo focal a partir da disciplina Epistemologia Axiológica de Marià Corbí / Thais Fernandes do Amaral. Belo Horizonte, 2023.
183 f. : il.

Orientador: Flávio Augusto Senra Ribeiro
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

1. Corbí, Marià, 1932-. 2. Espiritualidade. 3. Valores. 4. Epistemologia. 5. Sociedade do conhecimento. 6. Cinema - História. 7. Arte. 8. Grupos focais (Técnica de entrevista). I. Ribeiro, Flávio Augusto Senra. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 165

Thais Fernandes do Amaral

**QUALIDADE HUMANA E QUALIDADE HUMANA PROFUNDA NAS
SOCIEDADES DO CONHECIMENTO CONTEMPORÂNEAS: Estudo sobre a prática
cinéfila em um grupo focal a partir da disciplina Epistemologia Axiológica de Marià
Corbí**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião (PPGCR) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Ciências da Religião.

Prof. Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro – PUC Minas (Orientador)

Prof. Dr. Fabiano Victor de Oliveira Campos – PUC Minas (Banca examinadora)

Prof.a Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani - PUC Campinas (Banca examinadora)

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2023.

“A vida é sofrimento e isso é difícil. O mundo é amaldiçoado, mas você ainda encontra razões para continuar vivendo.”
(Princesa Mononoke, 1997)

AGRADECIMENTOS

A mim mesma, pelo esforço e persistência diante das adversidades surgidas ao longo desses dois anos de feitura desse trabalho;

Ao meu noivo Jonathan da Costa Magalhães, que foi a base que me manteve firme e, ao mesmo tempo, o vento que me fez voar;

À figura da minha terapeuta, Raíssa, por todo trabalho realizado;

À figura do meu orientador, Flávio Augusto Senra Ribeiro, pela competência, paciência, parceria e ensinamentos;

À Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, por toda sua estrutura física e financeira que foi de suma importância para que esse trabalho pudesse ser iniciado e concluído;

Ao CETR Barcelona, por disponibilizar as produções do Marià Corbí de forma gratuita;

À grande amiga Fabiana de Faria, que, por advento de uma disciplina, se tornou a melhor amiga que eu poderia ter;

Aos professores Giseli Siqueira e Paulo Agostinho, por terem sido tão gentis e fontes de inspiração para uma educação descolonial, militância por uma educação laica e a escolha por um anarquismo epistemológico;

Ao grupo focal que disponibilizou um pouco do seu tempo para participar dessa pesquisa;

Aos meus amigos Tiago, Rodrigo e Emanuel, cujas trocas sobre a experiência do mestrado foram fundamentais;

Aos doutorandos, cujas pesquisas versam sobre a mesma temática que a minha, Milene da Costa e Jonathan Félix, pelo compartilhamento de livros e ideias;

Às minhas amigas Ana Luisa e Carolaine Amanda, por lerem minhas produções previamente;

Ao meu pai Edval, minha mãe Leni, meu tio Edilson, minha prima Alline, meu avô Geraldo, minha avó Maria Helena;

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a elaboração desta pesquisa.

RESUMO

Com vistas a ampliar as discussões relativas aos estudos de Marià Corbí na disciplina Ciências da Religião no Brasil, essa dissertação objetivou responder a seguinte pergunta: pode a prática cinéfila contribuir para o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda* na perspectiva da disciplina *Epistemologia Axiológica* de Marià Corbí?. Para tal, valendo-se da abordagem qualitativa, foi utilizado a estratégia de triangulação, que aponta para o uso de mais de um método de coleta de dados. Nesse sentido, inicialmente por meio da pesquisa bibliográfica, o percurso partiu da compreensão da mudança social entre sociedades rígidas para sociedades do conhecimento, as implicações dessa mudança, como a necessidade da disciplina *Epistemologia Axiológica*, bem como na compreensão da bifurcação da língua, que trouxe à tona a *Dimensão Relativa* e a *Dimensão Absoluta*. Posteriormente foram demonstrados os elementos que compõem a dupla tríade de aptidões *IDS-ICS*, além de uma conceituação relativa à *Qualidade Humana* e a *Qualidade Humana Profunda*. A seguir, foram abordados pontos com relação a função da arte nas sociedades do conhecimento, desaguando, por meio de um recorte específico, em um breve mapeamento da história do cinema. Por fim, por meio do segundo método de coleta de dados, a realização do grupo focal, os dados foram apresentados e analisados, contrastando com aqueles obtidos por meio da pesquisa bibliográfica. Foram encontrados dados capazes de evidenciar que, pela perspectiva do grupo pesquisado, o que contribuirá para o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda* na perspectiva da disciplina *Epistemologia Axiológica* de Marià Corbí, além da prática cinéfila, é a amizade e a simbiose que a perpassa. Contou com financiamento da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Palavras-chave: Epistemologia Axiológica. Espiritualidade sem religião. Qualidade Humana Profunda. Ciências da Religião. Arte. Prática cinéfila.

ABSTRACT

In order to expand the discussions related to Marià Corbí's studies in the discipline of Religion Science in Brazil, this dissertation aimed to answer the following question: can the cinematic practice contribute to the cultivation of *Human Quality* and *Deep Human Quality* from the perspective of Marià Corbí's *Axiological Epistemology*? To this end, making use of the qualitative approach, the strategy of triangulation was used, which points to the use of more than one method of data collection. In this sense, initially by means of bibliographic research, the course started from the comprehension of the social change between rigid societies to knowledge societies, the implications of this change, such as the need for the discipline *Axiological Epistemology*, as well as in the comprehension of the bifurcation of language, which brought to light the *Relative Dimension* and the *Absolute Dimension*. Subsequently, the elements that make up the *IDS-ICS* dual triad of skills were demonstrated, as well as a conceptualization regarding *Human Quality* and *Deep Human Quality*. Next, points related to the function of art in knowledge societies were addressed, leading, through a specific clipping, to a brief mapping of the history of cinema. Finally, through the second data collection method, the focus group, the data was presented and analyzed, contrasting it with the data obtained through the bibliographical research. Data were found capable of showing that, from the perspective of the group researched, what will contribute to the cultivation of *Human Quality* and *Deep Human Quality* from the perspective of Marià Corbí's *Axiological Epistemology*, besides the practice of cinema, is friendship and the symbiosis that permeates it. It was financed by the Pontifical Catholic University of Minas Gerais.

Keywords: Axiological Epistemology. Spirituality without Religion. Deep Human Quality. Science of Religion. Art. Cinephilic practice.

RESUMEN

Con el fin de ampliar las discusiones relacionadas con los estudios de Marià Corbí en la disciplina de Ciencias de la Religión en Brasil, esta disertación se propuso responder a la siguiente pregunta: ¿puede la práctica cinematográfica contribuir al cultivo de la *Calidad Humana* y la *Calidad Humana Profunda* en la perspectiva de la *Epistemología Axiológica* de Marià Corbí? Para ello, haciendo uso del enfoque cualitativo, se utilizó la estrategia de la triangulación, que apunta al uso de más de un método de recogida de datos. En este sentido, inicialmente a través de la investigación bibliográfica, el recorrido partió de la comprensión del cambio social entre las sociedades rígidas a las sociedades del conocimiento, las implicaciones de este cambio, como la necesidad de la disciplina *Epistemología Axiológica*, así como en la comprensión de la bifurcación del lenguaje, que sacó a la luz la *Dimensión Relativa* y la *Dimensión Absoluta*. Posteriormente, se mostraron los elementos que componen la dupla tríada de aptitudes *IDS-ICS*, además de una conceptualización sobre la *Calidad Humana* y la *Calidad Humana Profunda*. A continuación, se abordaron puntos relacionados con la función del arte en las sociedades del conocimiento, lo que dio lugar a una breve cartografía de la historia del cine mediante un recorte específico. Finalmente, mediante el segundo método de recogida de datos, el grupo focal, se presentaron y analizaron los datos, contrastándolos con los obtenidos mediante la investigación bibliográfica. Se encontraron datos capaces de mostrar que, desde la perspectiva del grupo investigado, lo que contribuirá al cultivo de la *Calidad Humana* y de la *Calidad Humana Profunda* desde la perspectiva de la *Epistemología Axiológica* de Marià Corbí, además de la práctica del cine, es la amistad y la simbiosis que la impregna. Contó con la financiación de la Pontificia Universidad Católica de Minas Gerais.

Palabras clave: Epistemología Axiológica. Espiritualidad sin religión. Calidad Humana Profunda. Ciencias de la Religión. Arte. Práctica cinematográfica.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Elaboração de Darwin sobre os tentilhões.....	46
Imagem 2 - Representação de diferentes tipos de asas.....	73
Imagem 3 - A Fonte, de Marcel Duchamp.....	110
Imagem 4 - Animais representados nas paredes da Caverna de Chauvet.....	117
Imagem 5 - Taumatrópio.....	118
Imagem 6 - Fenaquistoscópio.....	119
Imagem 7 - Lanterna mágica semelhante à utilizada por Charles-Émile Reynaud.....	121
Imagem 8 - Praxinoscópio.....	122
Imagem 9 - Cartaz anunciando uma exibição de Charles-Émile Reynaud.....	122
Imagem 10 - Capturas feitas por Eadweard Muybridge.....	124
Imagem 11 - Zoopraxiscópio.....	126
Imagem 12 - Fonógrafo.....	129
Imagem 13 - Quinetoscópio.....	130
Imagem 14 - Cinematógrafo Lumière.....	132
Imagem 15 - Cartaz de show em um Vaudeville.....	133
Imagem 16 - Contato inicial com os sujeitos da pesquisa.....	139

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 - Aspectos norteadores da dissertação.....	19
Esquema 2 - Visão geral dos capítulos da dissertação.....	20
Esquema 3 - Procedimentos metodológicos para o estado da arte.....	22
Esquema 4 - Descritores.....	22
Esquema 5 - Tendências observadas.....	29
Esquema 6 - Quem são os sem-religião?.....	35
Esquema 7 - Postulados para PAC nas sociedades do conhecimento.....	44
Esquema 8 - Linhas a serem consideradas na construção dos PAC's.....	49
Esquema 9 - Aspectos da Dimensão Relativa e Dimensão Absoluta.....	55
Esquema 10 - Tarefas da Epistemologia Axiológica.....	67
Esquema 11 - O que se compreende sobre o sentir profundo.....	92
Esquema 12 - Em que consiste <i>IDS-ICS</i> ?.....	93
Esquema 13 - Qualidade Humana em Marià Corbí.....	99
Esquema 14 - Qualidade Humana Profunda em Corbí.....	103
Esquema 15 - Arte nas Sociedades do Conhecimento.....	111
Esquema 16 - Proposta de categorias analíticas para os dados coletados.....	141
Esquema 17 - Termos chave em Marià Corbí.....	168

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Trabalhos encontrados por meio do descritor Marià Corbí.....	26
Tabela 2 - Trabalho encontrado por meio do descritor Qualidade Humana.....	27
Tabela 3 - Trabalho encontrado por meio do descritor prática cinéfila.....	28
Tabela 4 - Dados relativos à autodenominação religiosa do grupo focal pesquisado.....	142
Tabela 5 - Dados relativos a ida a instituições religiosas pelo grupo focal.....	143
Tabela 6 - Dados relativos à formação do grupo.....	144
Tabela 7 - Dados relativos à questão da obrigatoriedade de ver filmes.....	146
Tabela 8 - Dados relativos à restrição ou não do grupo.....	148
Tabela 9 - Dados relativos aos critérios de escolha dos filmes.....	151
Tabela 10 - Dados relativos a quantidade de filmes assistidos pelo grupo.....	152
Tabela 11 - Dados relativos à questão do axiológico na prática do grupo.....	153
Tabela 12 - Dados relativos à autocompreensão do grupo sobre sua prática.....	154
Tabela 13 - Dados relativos à conceituação de prática cinéfila na perspectiva do grupo.....	155
Tabela 14 - Dados relativos ao <i>local cinema</i>	156
Tabela 15 - Dados relativos à influência dos filmes na vida dos componentes do grupo.....	158
Tabela 16 - Dados relativos à influência do grupo para a prática cinéfila dos sujeitos.....	161
Tabela 17 - Dados relativos à influência da identidade religiosa na prática cinéfila.....	161
Tabela 18 - Dados relativos à compreensão do grupo focal sobre o termo <i>espiritualidade</i> ...	162
Tabela 19 - Dados relativos à compreensão do grupo sobre Qualidade Humana Profunda...	164
Tabela 20 - Dados relativos à relação entre arte e espiritualidade para o grupo.....	164

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CETR	Centro de Estudos de Tradições de Sabedoria
PPGCR PUC Minas	Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião PUC Minas
PUC Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SC	Sociedades do Conhecimento
PAC	Projeto Axiológico Coletivo
PAC's	Projetos Axiológicos Coletivos
QH	Qualidade Humana
QHP	Qualidade Humana Profunda
DA	Dimensão Absoluta

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Aspectos Norteadores da Dissertação	18
Estado da Arte	21
CAPÍTULO I – DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ	31
1.1 A urgência da Epistemologia Axiológica para pensar o cultivo da Qualidade Humana e a da Qualidade Humana Profunda nas sociedades de conhecimento	32
1.2 A importância da língua para a compreensão do duplo acesso ao real não dual	44
1.3 De uma Epistemologia Mítica para uma Epistemologia Axiológica	57
CAPÍTULO II - IDS-ICS, QUALIDADE HUMANA E QUALIDADE HUMANA PROFUNDA PARA MARIÀ CORBÍ	71
2.1 Interesse, Distanciamento e Silenciamento – a tríade IDS	72
2.2 Indagação, Comunicação e Serviço – a tríade ICS	83
2.3 Qualidade Humana e Qualidade Humana Profunda em Marià Corbí	94
CAPÍTULO III - A ARTE, O CINEMA E A DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ	106
3.1 A arte nas sociedades do conhecimento contemporâneas	107
3.2 O cinema - breve mapeamento	115
CAPÍTULO IV - EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA E PRÁTICA CINÉFILA EM UM GRUPO FOCAL - UMA INVESTIGAÇÃO	136
4.1 Procedimentos Metodológicos	137
4.2 Prática Cinéfila e a disciplina Epistemologia Axiológica de Marià Corbí	142
CONCLUSÃO	166
REFERÊNCIAS	171
APÊNDICE A - Filmografia Citada (em ordem de citação)	178
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	180

INTRODUÇÃO

“O mundo costuma ser hostil aos novos talentos, às novas criações. O novo precisa ser incentivado.”
(Ratatouille, 2007)

Pode a disciplina Ciências da Religião se ocupar do estudo de espiritualidades não religiosas? Ou melhor, pode a disciplina Ciências da Religião pesquisar *Qualidade Humana* e *Qualidade Humana Profunda* na perspectiva da disciplina *Epistemologia Axiológica* de Marià Corbí? De acordo com o doutor em Ciências da Religião, Frank Usarski (2006), o objeto de estudo da disciplina Ciências da Religião é o fenômeno religioso, e, sabendo que por se tratar também de um fenômeno humano, é tão fluido quanto os seres. Se mudam os tempos e os povos, as formas de experienciar esse fenômeno também acompanha esse movimento. Creio ser necessário tomarmos consciência desse aspecto mutável desse fenômeno. A disciplina *Epistemologia Axiológica*, cunhada por Marià Corbí, por sua vez, é uma investigação sobre o axiológico humano. Desse modo, os cientistas da religião, ao estudarem as religiões, as manifestações religiosas e as pessoas religiosas em si, se relacionam com essa disciplina uma vez que as religiões são um ambiente de formulação e de vivência do axiológico. Nesse sentido, o diálogo entre Ciências da Religião e *Epistemologia Axiológica* caminha pela mesma via que segue a Antropologia da Religião, Sociologia da Religião e as outras disciplinas que se propõe a investigar esse fenômeno humano. No caso da *Epistemologia Axiológica*, o seu foco não é exclusivamente na religião, entretanto por ela abarcar o axiológico bem como as religiões e manifestações religiosas, os interesses podem se relacionar. Não obstante, no tocante a Árvore do Conhecimento da área 44 – Ciências da Religião e Teologia, essa dissertação se adequou à subárea Ciências da Religião Aplicada, uma vez que a construção de Marià Corbí visa oferecer possibilidades para pessoas que não querem ter vínculos com a instituição religião, mas que desejam ter a vivência de uma forma de espiritualidade desinstitucionalizada.

Acompanhando essa perspectiva, a presente dissertação apresenta contribuições relativas à disciplina Ciência da Religião no que diz respeito à ampliação das discussões sobre outras formas de espiritualidades surgidas, justamente, com as mudanças sociais que ocorrem ao longo da história. Caminhando em consonância com o recorte, apresenta possibilidades para se conhecer e pensar formas de cultivo de *Qualidade Humana Profunda* - espiritualidade não religiosa - apoiada na disciplina *Epistemologia Axiológica* de Marià Corbí. Relacionado com o outro recorte, que é a prática cinéfila, não foram encontradas, durante a elaboração do estado da arte, evidências de que existam pesquisas articulando essas temáticas. Nessa perspectiva,

creio ser pertinente voltar à frase que abre essa introdução, extraída do filme *Ratatouille*¹: “o mundo costuma ser hostil aos novos talentos, às novas criações. O novo precisa ser incentivado.” Compreendo que esse trabalho apresenta um caráter original para a disciplina Ciências da Religião.

Fazendo emergir uma perspectiva social, ao passo que a acadêmica já foi tratada nos parágrafos acima, a ideia para a elaboração dessa dissertação surgiu no contexto da pandemia do Covid-19. Dada a rápida e letal proliferação do vírus, foi necessário a realização de uma quarentena em prol da saúde pública. Nesse período, alguns estabelecimentos foram fechados, entre eles igrejas e salas de cinemas. Cito igrejas porque o impacto de suas portas fechadas se mostrou muito grande, levando a queixas públicas em redes sociais ou reportagens televisivas. Enquanto atei, tal fechamento não afetou em nada a minha rotina. Contudo, não poder ir às terças-feiras a um cinema e cumprir toda a ritualística que perpassa o campo da prática cinéfila, me fez compreender e, de certa forma, comungar do incômodo sentido por aquelas pessoas que se queixavam. Comecei a pensar em como aquela situação se revelava complexa e parecida. Questionei-me se a minha prática cinéfila não poderia ser uma forma de cultivo de algo relativo à espiritualidade – o que Marià Corbí identifica, nas sociedades contemporâneas, como cultivo da *Qualidade Humana Profunda*. Esse pesquisador me foi apresentado pelo meu orientador nas discussões iniciais a respeito da elaboração deste trabalho.

Nascido em 1932, em Valência, Marià Corbí é doutor em Filosofia e licenciado em Teologia. Como produto de seu estudo, em 1999 criou o *Centro de Estudios de las Tradiciones de Sabiduría* - CETR – cuja sede está localizada em Barcelona. Ao longo de mais de 55 anos, dedica-se a indagar - mais do que investigar - a respeito das consequências do sistema da religião e ideologias nas sociedades do conhecimento. Aborda, com maior profundidade, a respeito do silêncio e suas implicações para os seres humanos. Marià Corbí se propõe a fundamentar de forma laica, sem crenças ou religiões o termo *Espiritualidade*, o que ele prefere denominar como *Qualidade Humana Profunda*. Todavia, não se trata de uma mera substituição de termos, mas uma nova construção que seja adequada à nova sociedade. Nesse sentido, *Qualidade Humana Profunda* não está em sinonímia com *Espiritualidade*. Ao ler previamente o material disponibilizado, pude encontrar traços que fizeram emergir a proximidade das ideias do pesquisador com algumas formulações pessoais que eu construía a respeito das formas de cultivar a espiritualidade. Vale ressaltar que o recorte de Marià Corbí versa sobre a Europa, por

¹ Com direção de Brad Bird, o filme conta a história de Remy, residente de um dos restaurantes mais conceituados de Paris. Seu sonho é se tornar um renomado chef de cozinha, todavia, há um grande obstáculo para tal sonho: Remy é um rato.

isso algumas de suas afirmações podem parecer desconexas com a realidade que vivemos aqui no Brasil. Entretanto, sua construção tem a pretensão de atingir amplamente a sociedade e não apenas uma localidade.

De uma perspectiva social, refleti que a temática desta dissertação tem potencial para auxiliar as sociedades de conhecimento – construção amplamente discutida por Marià Corbí para caracterizar as sociedades contemporâneas - a sair da crise da qual são reféns e produtores. A partir dos escritos do pesquisador, em relação com o que eu via e vivia, percebi que o desenvolvimento de recursos tecnológicos tem provocado mudanças significativas em todo o mundo. A relação do ser humano com o tempo também foi afetada por essa nova forma de se conceber a sociedade. A racionalidade e o cientificismo propuseram uma nova forma de estar no mundo e esse movimento acabou por trazer, também, uma crise de valores ao ser humano. A dinâmica social, antes pensada e estruturada pela Igreja parece não estar encontrando terreno fértil para continuar a espalhar suas raízes. Tal fenômeno pode ser percebido nas buscas por novas formas de cultivar uma espiritualidade, ponto aqui abordado.

Nesse sentido, apresento a dissertação intitulada **“QUALIDADE HUMANA E QUALIDADE HUMANA PROFUNDA NAS SOCIEDADES DO CONHECIMENTO CONTEMPORÂNEAS: Estudo sobre a prática cinéfila em um grupo focal a partir da disciplina Epistemologia Axiológica de Marià Corbí”**, que foi realizada no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião (PPGCR PUC Minas), se enquadrou na linha de pesquisa do programa denominada Religião e Contemporaneidade. Essa linha tem como objetivo investigar os aspectos relacionados à relação religião e contemporaneidade, problemas relacionados à Epistemologia das Ciências da Religião e questões emergentes do ethos contemporâneo e seu reflexo sobre os fenômenos religiosos, espiritualidades e tradições de sabedoria. Não obstante, busca desenvolver pesquisas em sentido sistemático ou empírico-descritivo sobre as ideias e doutrinas religiosas na contemporaneidade. A presente dissertação contou com o financiamento da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), por meio do CAAE: 52395221.6.0000.5137.

Por se tratar de tema correlato à pesquisa sobre espiritualidade não religiosa e à disciplina *Epistemologia Axiológica* de Marià Corbí, identifica-se com a pesquisa *Senso Religioso e Contemporaneidade*, sob coordenação do Prof. Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro. A pesquisa supracitada visa estudar os aspectos constitutivos do senso religioso face às características da cultura contemporânea. O interesse do projeto aponta para a investigação sobre as espiritualidades laicas – sem vínculos religiosos institucionalizados ou crenças determinadas

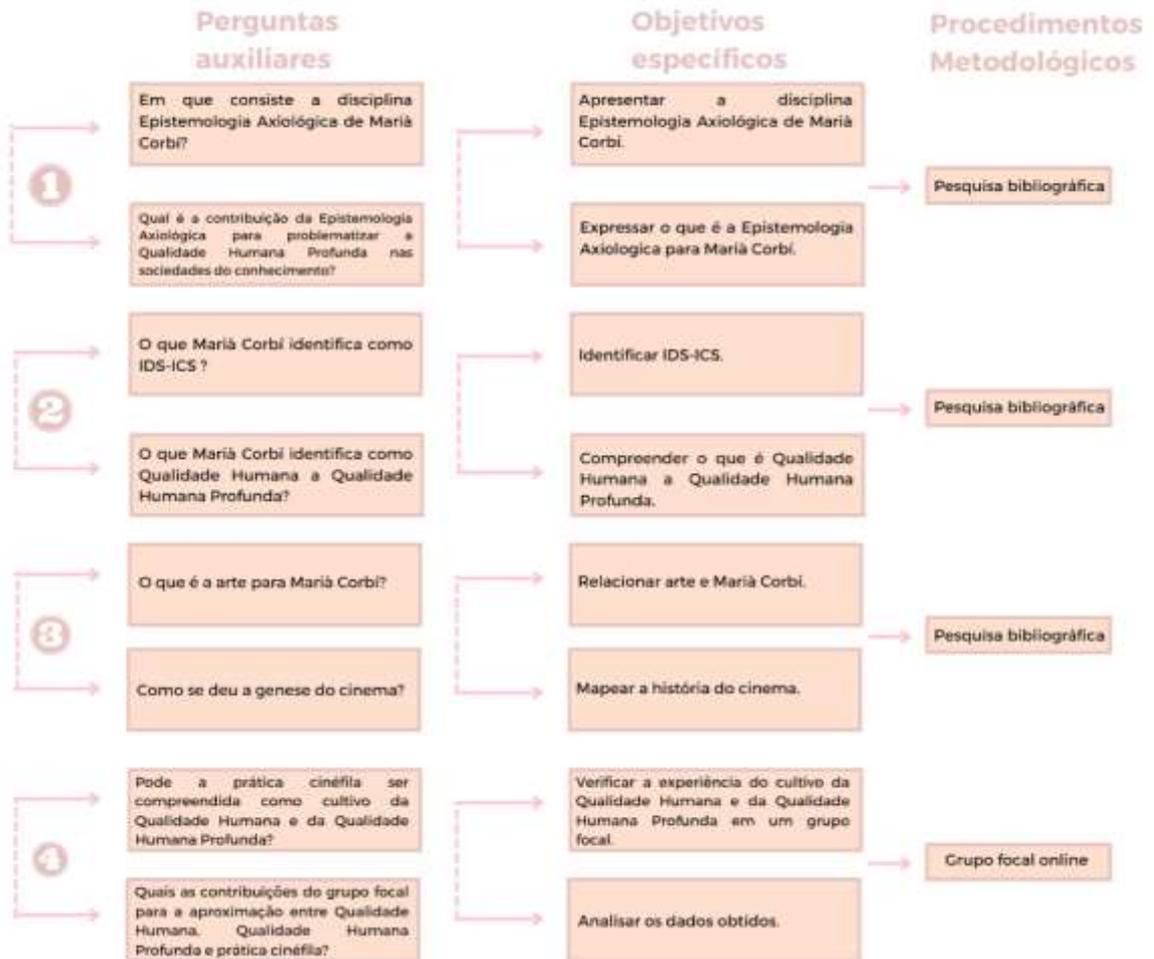
Aspectos norteadores da dissertação

“Capriche no primeiro encontro, pois você nunca terá uma outra chance de passar uma boa primeira impressão.”
(Fragmentado, 2016)

Espero que, ao apontar essas intuições iniciais, essa dissertação lhe cause uma boa primeira impressão, como orientado na frase acima, extraída do filme *Fragmentado*². Dessa forma, permita-me trazer o objetivo geral desta dissertação: investigar se a prática cinéfila trazia consigo possibilidades para o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda* nos termos propostos por Marià Corbí. Parti da hipótese que, nas sociedades de conhecimento, experiências relacionadas à arte são reconhecidas por Marià Corbí, em sua disciplina *Epistemologia Axiológica*, como possibilidades para o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda*. Acredito, portanto, que a pesquisa sobre a prática cinéfila exibirá resultados favoráveis à afirmação de que nesta prática há uma busca de cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda*, nos termos propostos pelo pesquisador. O problema que encaminhou todo o trabalho foi: pode a prática cinéfila contribuir para o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda* na perspectiva da disciplina *Epistemologia Axiológica* de Marià Corbí? Não obstante, como forma de demonstrar quais foram os outros aspectos norteadores dessa dissertação, elaborei o esquema (esquema 1) abaixo:

² Com direção de M. Night Shyamalan, o filme apresenta a história de Kevin, que possui 23 personalidades distintas. Um dia, ele sequestra três adolescentes que, vivendo em cativeiro, precisam encontrar algum meio de escapar, bem como lidar com todas as personalidades de Kevin.

Esquema 1 - Aspectos norteadores da dissertação.



Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação à configuração da dissertação, ela apresenta, além dos elementos pré-textuais e pós-textuais, quatro capítulos. No esquema abaixo (esquema 2), apresento uma visão geral de cada um.

Esquema 2 - Visão geral dos capítulos da dissertação.

1	CAPÍTULO I - DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ	Neste capítulo, por meio de uma pesquisa bibliográfica, busquei responder a seguinte questão: qual é a contribuição da Epistemologia Axiológica para problematizar a Qualidade Humana e a Qualidade Humana Profunda nas sociedades do conhecimento contemporâneas?
2	CAPÍTULO II - IDS-ICS, QUALIDADE HUMANA E QUALIDADE HUMANA PROFUNDA PARA MARIÀ CORBÍ	Neste capítulo tive como pretensão responder a seguinte questão: como Marià Corbí identifica o cultivo da Qualidade Humana e da Qualidade Humana Profunda no horizonte da disciplina Epistemologia Axiológica?
3	CAPÍTULO III - A ARTE, O CINEMA E A DISCIPLINA DA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ	Neste capítulo, por meio de uma pesquisa bibliográfica, busquei responder a seguinte questão: como Marià Corbí compreende a arte nas sociedades do conhecimento contemporâneas? Não obstante, como forma de trazer a arte do cinema em evidência, um dos recortes dessa dissertação, também objetivei fazer, em breves linhas, um mapeamento da história do cinema, a partir de alguns inventos que pavimentaram o seu caminho.
4	CAPÍTULO IV - EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA E PRÁTICA CINÉFILA - UMA INVESTIGAÇÃO	Neste capítulo, que fecha a dissertação, por meio dos dados coletados através do grupo focal online, busquei responder a seguinte questão: quais as contribuições do grupo focal para a aproximação entre Qualidade Humana, Qualidade Humana Profunda e prática cinéfila?

Fonte: Elaborado pela autora.

Este é um trabalho dirigido para qualquer pessoa que queira lê-lo. Sua função não é ficar guardado nos muros das academias ou ser um link em uma base indexadora. Tem função primariamente social de auxiliar aqueles que se encontram deslocados do mundo por causa de suas crenças ou descrenças. Para tanto, ora como fio condutor, ora como núcleo explicativo, tomo a liberdade de usar frases extraídas de filmes que foram significativos para mim, mas que, em algum grau, também se relacionam com o tema abordado. Sendo um trabalho que tem como pano de fundo a prática cinéfila, me permito usar das contribuições dessas obras para deixar os escritos de Marià Corbí mais próximos das pessoas. Todos os filmes citados poderão ser encontrados no apêndice. Não obstante, a própria escrita, que varia entre 1ª pessoa do singular (eu) e 2ª pessoa do singular (você) é para dar a sensação de uma conversa, onde, quando necessário, eu me distancio para explicar algo ou me aproximo, para mostrar que estamos juntos naquele contexto.

Estado da Arte

“Eu sempre dependi da bondade de estranhos.”
(Uma Rua Chamada Pecado, 1951)

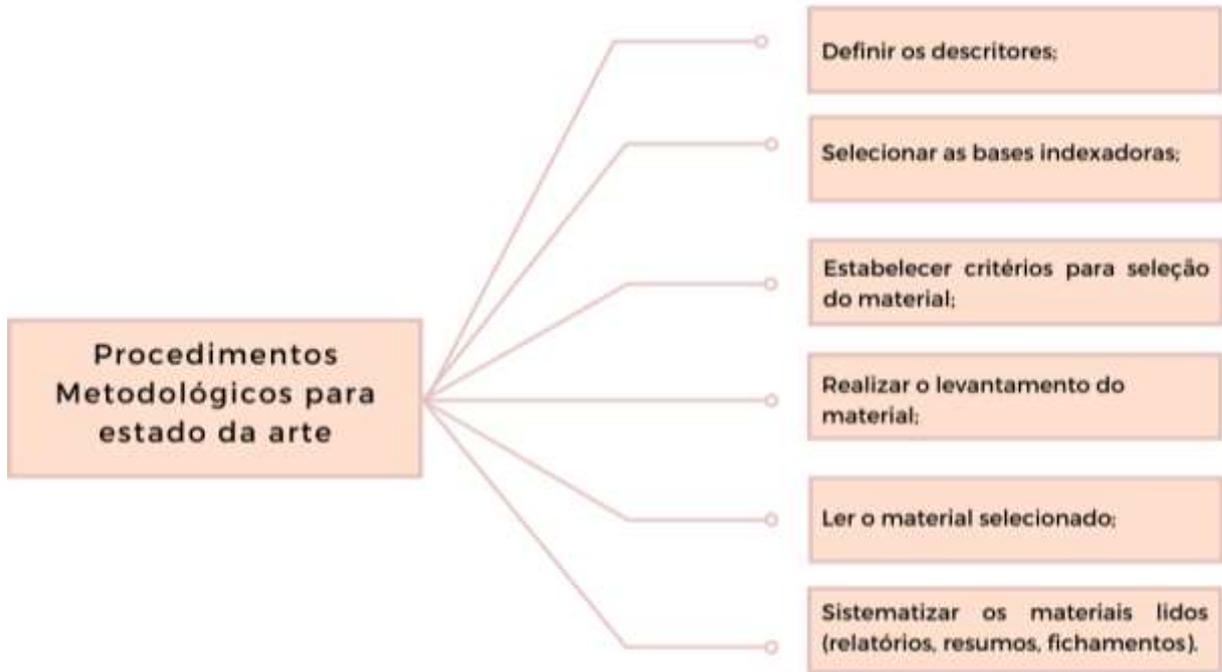
Ao elaborar uma dissertação, os dados que serão escritos e descritos não surgem do nada, há sempre alguém que já se debruçou, em algum momento, sobre aquilo que estamos nos propondo. Essas pessoas que são, muitas vezes, e pensando na frase que dá início a esse subitem, extraída do filme *Uma Rua Chamada Pecado*³, estranhas a nós, pavimentaram o caminho por onde andamos. É mais do que necessário, portanto, nos atentarmos a essas produções que já foram realizadas. O estado da arte, nessa perspectiva, consiste na realização de um levantamento de pesquisas realizadas em uma determinada área de conhecimento. Não se trata apenas de um levantamento senão de uma revisão e análise das produções encontradas, a fim de identificar aquilo que está sendo construído e discutido. As pesquisadoras Joana Paulin Romanowski e Romilda Teodora Ens afirmam que,

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada. (ROMANOWSKI; ENS. 2006, p. 39).

Dessa forma, para a realização, em 2020, do estado da arte dessa dissertação, tive como referência os procedimentos metodológicos descritos pela pesquisadora já citada Joana Paulin Romanowski Romanowski (2002), sendo eles:

³ Com direção de Eliza Kazan, o filme gira em torno de Blanche, que, com o intuito de encontrar um lugar para morar, vai visitar a irmã grávida em Nova Orleans. Contudo, sua chegada, além de alterar sua própria vida, altera a de sua irmã e de seu cunhado.

Esquema 3 - Procedimentos metodológicos para o estado da arte.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Joana Paulin Romanowski (2002).

O processo que realizei envolveu identificar teses, dissertações e artigos produzidos em programas de pós-graduação *strictu sensu*, em nível latino-americano. Para além dos procedimentos descritos por Romanowski, estabeleci alguns recortes, como o temporal, que foi delimitado a dez anos – trabalhos de 2011 a 2021. O principal critério adotado versou sobre a identificação de trabalhos relativos à disciplina *Epistemologia Axiológica* de Marià Corbí e sobre prática cinéfila. O recorte linguístico voltou-se para materiais em português e espanhol. Para direcionar as buscas, foram definidos os seguintes descritores (esquema 4):

Esquema 4 - Descritores.



Fonte: Elaborado pela autora.

Ressalto aqui que tomei o descritor *Qualidade Humana* com o sentido que lhe confere o referencial teórico que foi posteriormente construído, mas previamente estudado, ou seja, àquilo que se chamou comumente como *espiritualidade*. Com propósito de compreender quais os temas centrais e as suas formas de abordagem, estabeleci os seguintes critérios de busca: artigos, teses e dissertações produzidas na área de Ciências da Religião e Teologia; Cinema e Audiovisual. Como subsídio, defini duas variáveis: publicações nas revistas Horizonte,

Interações e Dispositiva; Teses/Dissertações em programas latinoamericanos que versavam sobre o tema da dissertação. As duas primeiras revistas supracitadas são referentes ao PPGCR da PUC Minas, a última pertence ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes, também da PUC Minas. Essas variáveis corresponderam ao direcionamento dado pelas bases indexadoras, pois os trabalhos que tocam na temática de Marià Corbí no Brasil foram, em sua maioria, publicados nesses periódicos. Como categorias de análise iniciais no estado da arte, optei por observar o gênero dos pesquisadores, o tema central dos trabalhos e o método de coleta de dados. As bases indexadoras selecionadas para compor o tronco desta dissertação foram: Portal de Periódicos da CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

O Portal de Periódicos da CAPES está sob gestão da Fundação CAPES, agência vinculada ao Ministério da Educação. A CAPES remonta o segundo governo de Getúlio Vargas. Nesse período, devido ao ideal de construção de um Brasil independente e desenvolvido, tanto no âmbito industrial quanto administrativo, fez surgir uma necessidade por especialistas em Física, Matemática, Química, técnicos em Finanças e pesquisadores sociais. Dada essa situação, por meio de uma campanha nacional liderada pelo educador baiano Anísio Teixeira, surgiu a CAPES, com o objetivo de realizar um aperfeiçoamento do pessoal de nível superior. Suas atividades

[...] são agrupadas nas seguintes linhas de ação, cada qual desenvolvida por um conjunto estruturado de programas: avaliação da pós-graduação *stricto sensu*; acesso e divulgação da produção científica; investimentos na formação de recursos humanos de alto nível, no país e exterior; promoção da cooperação científica internacional; indução e fomento da formação inicial e continuada de professores para a educação básica nos formatos presencial e a distância. (BRASIL, 2021b).

O início do Portal de Periódicos da CAPES remonta a 1990. O Ministério da Educação tinha como objetivo fortalecer a pós-graduação no país e, para tal, criou o portal para bibliotecas de Instituições de Ensino Superior. Foi oficialmente lançado em 11 de novembro de 2000. Nesse mesmo período o processo de criação de bibliotecas virtuais dava seus primeiros passos. O portal

[...] é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional. Ele conta com um acervo de mais de 45 mil títulos com texto completo, 130 bases referenciais, 12 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual. (BRASIL, 2021b).

O acesso é gratuito e livre para professores, pesquisadores, alunos e funcionários vinculados às instituições participantes. As pesquisas são feitas por meio de palavras-chave e podem ser refinadas por assunto, periódico, livro ou base.

A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, por sua vez, teve seu lançamento em 2002. Foi criada e é mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, vinculada ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação. Conta com apoio da Financiadora de Estudos e Pesquisas. Sua proposta de criação teve como princípios as seguintes linhas de atuação:

Estudar experiências existentes no Brasil e no exterior de desenvolvimento de bibliotecas digitais de teses e dissertações; Desenvolver, em cooperação com membros da comunidade, um modelo para o sistema; Definir padrões de metadados e tecnologias a serem utilizadas pelo sistema; Absorver e adaptar as tecnologias a serem utilizadas na implementação do modelo; Desenvolver um sistema de publicação eletrônica de teses e dissertações para atender àquelas instituições de ensino e pesquisa que não possuíam sistemas automatizados para implantar suas bibliotecas digitais; Difundir os padrões e tecnologias adotadas e dar assistência técnica aos potenciais parceiros na implantação das mesmas. (BRASIL, 2021a).

O acervo da BDTD compreende cerca de 125 instituições e conta com 501.118 dissertações, 184.061 teses e 685.178 documentos. As buscas se dão por meio de título, autor ou assunto.

No tocante à revista Horizonte, essa é uma publicação quadrimestral do PPGCR da PUC Minas, classificada como qualis 2017 A1. Tem como objetivo realizar a publicação de trabalhos científicos que se voltem para a área de Ciências da Religião e Teologia, como forma de contribuir para os avanços na área. São publicados artigos de doutores, textos na forma de resenhas e resumos de dissertações e teses, com o recorte de pesquisadores na área. Os descritores têm como definição a área de concentração e as linhas de pesquisa do programa.

A Revista Interações se trata de um periódico científico também editado pelo PPGCR da PUC Minas. O qualis 2017 é B1. Sua missão é divulgar os trabalhos realizados na área de Ciências da Religião e Teologia e áreas afins aos estudos da religião. Seu público-alvo se caracteriza por pesquisadores, docentes e discentes de pós-graduação da área e de áreas afins ao campo de estudos da religião.

Por fim, tem-se a Revista Dispositiva, referente ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas. Classificada como qualis B4 – segundo a classificação de de 2013 a 2016 – tem periodicidade semestral. São publicados os estudos de doutores, doutorandos, mestres e mestrandos com coautoria de doutor

a fim de fomentar assuntos relevantes à área de Comunicação Social – na qual se enquadram os estudos referentes a Cinema e Audiovisual.

Não obstante, os levantamentos não se limitaram a meios digitais, sendo realizada uma consulta à Biblioteca Padre Alberto Antoniazzi que, no Brasil, é onde se encontram o maior número de obras de Marià Corbí. Foram coletados, com relação aos 3 primeiros descritores, obras impressas com seleção prévia definida em acordo com o orientador. A principal obra analisada e estudada foi o compendio *Proyectos Colectivos para Sociedades Dinámicas: Principios de Epistemología Axiológica*, publicado em 2020, como forma de reunir toda a elaboração construída ao longo de 50 anos de pesquisa do pesquisador. Essa obra foi destrinchada ao decorrer da disciplina Estudos Especiais Orientados - primeiro semestre de 2021 - presente no PPGCR da PUC Minas, ministrada pelo Prof. Dr. Flávio Senra. Resultou em um fichamento, cujo modelo aprendi com a filósofa, teóloga e pesquisadora e doutoranda da área, Milene Costa. Ademais, com relação ao último descritor, Prática Cinéfila, foram selecionadas as obras de James Dudley Andrew, *As principais teorias do cinema* (1989), Edgar Morin, *O cinema ou o homem imaginário* (1970) e Flávia Cesarino Costa, *O Pioneiro Cinema - espetáculo, narração, domesticação* (2005).

Utilizando o primeiro descritor - Marià Corbí - iniciei minha busca no Portal de Periódicos da Capes e na BDTD. Ao aplicar os filtros de recorte temporal, definir a busca por trabalhos em português e espanhol, fui direcionada para 41 resultados no primeiro e 42 no segundo. Desse montante, 12 trabalhos se referiam à temática estudada, sendo dez no portal de periódicos e dois na BDTD. Empregando as variáveis, encontrei nove artigos presentes na Revista Horizonte e um na revista Interações.

Tabela 1 - Trabalhos encontrados por meio do descritor Marià Corbí.

AUTORIA	TÍTULO	TIPO	PUBLICAÇÃO
José Valderrama Izquierdo; Alejandro Ortiz Cotte et al.	Experiencia universitaria del estudio de la obra de Marià Corbí	Paper	Revista Horizonte - 2015
Marta Granés Bayona	Hacia una espiritualidad laica, sin creencias, sin religiones, sin dioses	Recensión	Revista Horizonte - 2015
José Álvaro Campos Vieira	Aurora de uma espiritualidade sem religião: análise dos sem religião a partir da concepção de espiritualidade não religiosa de Marià Corbí	Resumo de Dissertação	Revista Horizonte - 2014
Alberto da Silva Moreira	Religiosidade laica: uma introdução ao pensamento de Marià Corbí	Artigo	Revista Horizonte - 2011
Marià Corbí	El destino de las nuevas sociedades industriales está sólo en nuestras manos	Artigo	Revista Horizonte - 2011
Marià Corbí	La construcción del proyecto axiológico colectivo desde el paradigma postreligional	Artigo	Revista Horizonte - 2015
Marià Corbí	El Estado y la Religión en las sociedades industrializadas y de innovación y cambio	Artigo	Revista Horizonte - 2011
Antonione Rodrigues Martins	Tempo axial: um estudo sobre a Epistemologia Axiológica segundo Marià Corbí e as transformações no campo religioso brasileiro entre 1940 a 2010.	Resumo de Dissertação	Revista Horizonte - 2013
José Álvaro Campos Vieira	Crepúsculo da religião: aurora da espiritualidade?	Resenha	Revista Horizonte - 2015
Marià Corbí	La cualidad humana y la cualidad humana profunda en las sociedades afectadas por la dinámica acelerada de las tecnociencia	Artigo	Revista Interações- 2017

Fonte: Elaborado pela autora.

De posse e leitura desses trabalhos, notei que grande parte dos pesquisadores da área, além do próprio teórico, são homens, o que revelou uma lacuna no tocante à atuação feminina na área. Já nessa análise inicial percebe-se a importância dessa dissertação para preencher essa lacuna. Com relação ao tema, encontrei três grandes eixos: trabalhos referentes à construção do pesquisador; aplicação dessa construção; senso religioso. Com relação ao primeiro, os trabalhos que caminharam por essa linha tiveram o intuito de apresentar a construção do pesquisador

Marià Corbí, bem como os aspectos que perpassam a disciplina *Epistemologia Axiológica*. Quando foram produzidas pelo próprio teórico, apresentaram recortes dos componentes de seus trabalhos. Quanto à aplicação da teoria, o interesse foi de fazer emergir tal em um campo de pesquisa específico. Foram encontrados 2 trabalhos, sendo um relativo aos sem-religião e outro relativo ao campo empresarial. No tocante aos sem-religião, as pesquisas tiveram como objetivo analisar esse grupo por meio da concepção de espiritualidade não religiosa do pesquisador Marià Corbí. A aplicação da disciplina *Epistemologia Axiológica* no trabalho que diz respeito ao campo empresarial teve o objetivo de pesquisar o uso da espiritualidade como aparato de controle ideológico. Todos os trabalhos encontrados tiveram como tendência o uso do método de pesquisa bibliográfica.

De posse do segundo descritor - *Qualidade Humana* - percorri o mesmo caminho do primeiro. Contudo, os resultados desembocaram em três grandes áreas: médica e da saúde; agricultura e biológica. A qualidade foi comumente tratada como sinonímia de bem estar físico de pessoas com alguma doença ou para evitá-la, e em pesquisas sobre distúrbios e síndromes. Foi preciso usar a ferramenta de busca avançada em ambas bases indexadoras. O portal de periódicos apontou para um trabalho, a BDTD, por sua vez, não exibiu nenhum resultado satisfatório.

Tabela 2 - Trabalho encontrado por meio do descritor Qualidade Humana.

AUTORIA	TÍTULO	TIPO	PUBLICAÇÃO
Jonathan Felix de Souza	Inteligência espiritual: um estudo sobre o despertar de uma espiritualidade não religiosa como qualidade humana profunda nas organizações	Resumo de dissertação	Revista Horizonte - 2020

Fonte: Elaborado pela autora.

Essa pesquisa buscou trabalhar o conceito de inteligência espiritual à luz da construção de Marià Corbí. Voltou-se para o contexto empresarial, tendo como método a pesquisa bibliográfica.

O terceiro descritor - *Epistemologia Axiológica* - apresentou 135 resultados no portal de periódicos, sendo três condizentes com o tema da dissertação. Tais resultados são de autoria de Antonione Rodrigues Martins e Marià Corbí. Ambos foram encontrados nas pesquisas com o primeiro descritor. Os outros trabalhos se dividem em três áreas: pesquisas no âmbito

educacional/valores éticos nas escolas; área da Epistemologia; área sociológica. Na BDTD, foram exibidos 45, não sendo nenhum pertencente ao tema.

Por fim, de posse do último descritor - prática cinéfila - foram encontrados cinco resultados no portal de periódicos e sete na BDTD. Desse montante, obedecendo o critério de busca estabelecido, não fui direcionada pelo portal para a Revista Dispositiva. Na BDTD, encontrei três dissertações relevantes, sendo elas:

Tabela 3 - Trabalho encontrado por meio do descritor prática cinéfila.

AUTORIA	TÍTULO	TIPO	PUBLICAÇÃO
Fabricio Cordeiro dos Santos	A cinefilia no cinema de Quentin Tarantino	Dissertação	Universidade Federal de Goiás
Rafael José Oliveira Ofemann	Cultura participativa na cibercinefilia : produção e consumo cinéfilo na internet	Dissertação	Escola Superior de Propaganda e Marketing
Israel Machado da Silva	Dançando, sentindo, pensando, amando... : o consumo de filmes por críticos de cinema e cinéfilos em Porto Alegre	Dissertação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebi, com os resultados obtidos por meio desse estado da arte, que há uma lacuna no que diz respeito à atuação feminina nas pesquisas relacionadas à prática cinéfila. Com relação a este termo, as palavras-chave encontradas nas dissertações revelaram uma preferência dos pesquisadores pelo uso do termo cinefilia. Contudo, na presente dissertação e respeitando o campo escolhido, usarei prática cinéfila. O recorte dos trabalhos se voltou para a análise da cinefilia a partir do encontro de pessoas que tem interesse pelo cinema. Perpassam a história do cinema, traçando o caminho para como a cinefilia é compreendida na atualidade, bem como conceituam o termo. Cada uma das pesquisas contou com um método, além das pesquisas bibliográficas: entrevista; análise fílmica; etnografia virtual. Com relação à espiritualidade, não demonstram resultados. Quando as pesquisas se direcionaram a alguma temática voltada para o campo religioso, o tema de interesse versou pela análise da representação das figuras religiosas dentro dos filmes ou como o cinema pode ser mais uma fonte de propagação de crenças. Nessa linha, destaca-se Luiz Antonio Vadico. Contudo, esse não é o recorte da presente pesquisa.

Após todo esse levantamento e obedecendo as categorias de análise pré-estabelecidas, encontrei as seguintes tendências (esquema 5):

Esquema 5 - Tendências observadas.



Fonte: Elaborada pela autora.

A tendência observada a partir dos descritores utilizados, é que os trabalhos produzidos na área de Ciências da Religião e Teologia e na área de Cinema e Audiovisual não se correlacionam no tocante à disciplina *Epistemologia Axiológica* e prática cinéfila. Cada uma compreende assuntos bem contornados de sua área, sem articulação entre si. Proponho, dessa forma, construir uma articulação entre essas áreas, dialogando com a disciplina *Epistemologia Axiológica* de Marià Corbí com a prática cinéfila. Além de ampliar o número de pesquisadoras, intenciono proporcionar uma ampliação no tocante aos métodos de coleta de dados presentes na área de Ciências da Religião e Teologia, mais especificamente na disciplina Ciências da Religião, trazendo o uso do grupo focal online.

A praticidade da busca nessas bases indexadoras permitiu o encontro de trabalhos variados. Contudo, é preciso deixar claro que existem lacunas. Os trabalhos presentes na Revista Caminhos, do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião da PUC Goiás não aparecem nas buscas. O artigo *Espiritualidade sem-religião: O cultivo da qualidade humana* (2020), de autoria de José Álvaro Campos Vieira e Flávio Senra, que tem Marià Corbí, não foi exibido. Por fim, tem-se também a ausência do artigo *Espiritualidad como cualidad humana y cualidad humana profunda en el pensamiento de Marià Corbí* (2021) de autoria de Jonathan Félix de Souza e Flávio Senra, na Revista *Revista Teológica Xaveriana*. Essas bases não comportam todas as produções existentes sobre um determinado tema pesquisado e, além disso, muitas vezes duplicam os resultados ao exibir o mesmo trabalho em bases diferentes. Todavia, sobre os estudos que versam sobre Marià Corbí, o pesquisador já citado Jonathan Felix de Souza e o Prof. Dr. Flávio Senra, em nota de rodapé seu artigo *Espiritualidad como cualidad humana y cualidad humana profunda en el pensamiento de Marià Corbí* apresentam uma série de referências sobre estudos da área⁴. Dito isso, o estado da

⁴ Alguns dos pesquisadores citados no artigo, a nível latinoamericano: Osorio García; Castillo Muñoz; Antonione Rodrigues Martins; Alberto Moreira; Amando Robles; Marta Granés Bayona; Teresa Guardans.

arte que foi construído me permitiu traçar um esboço do caminho a ser percorrido nesta dissertação, bem como ofereceu os fomentos para o trabalho.

CAPÍTULO I – DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ

“Desculpem. Nós não fomos claros? Estamos tentando dizer que o planeta todo vai ser destruído.”

(Não Olhe Para Cima, 2021)

Há décadas temos sido soterrados por inúmeras parafernalias tecnológicas cada vez mais sofisticadas. Essa sofisticação, que é assim determinada pelos padrões de cada época, é possível, na contemporaneidade, graças a todo um avanço científico desenvolvido que, não obstante, muda toda a dinâmica de nossa vida, desde nossas ações até o modo de nos relacionar com a natureza. Experimente olhar para o céu à noite. Se você conseguir ultrapassar as barreiras da cada vez mais brilhante iluminação pública, que cega nossos astros, tente ver as estrelas. Talvez você consiga ver uma delas se movendo, as chamadas *estrelas cadentes*. Bonito não acha? Seria, se, na verdade, você não estivesse olhando para um dos milhares de satélites que passam todas as noites por cima de nossas casas e contribuem para o aumento dos lixos espaciais. Esses satélites, bem como outros diversos produtos, visam facilitar a vida humana e, às vezes, até substituí-los em certas funções. Imersos em um contexto onde, por vezes, a preocupação versa mais em *ter* do que *ser*, estamos fadados a não cuidar do nosso axiológico. Na doce ilusão de que, agora, a ciência pode nos oferecer tudo o que precisamos, negligenciamos o nosso sentir, o que faz com que entremos e produzamos crises e sejamos cada vez mais depredadores da natureza, desconsiderando que também somos essa própria natureza.

Pense na frase que dá início a esse capítulo, extraída do filme *Não Olhe Para Cima*⁵, de 2021: *“desculpem. Nós não fomos claros? Estamos tentando dizer que o planeta todo vai ser destruído.”*. Por mais que se multipliquem, como um vírus devastador, os chamados negacionistas, essa frase usada na ficção deve ser trazida para a nossa realidade. É nesse sentido de tentar evitar uma destruição da natureza e, conseqüentemente, de nós mesmos, que se faz necessário compreender o que a *Epistemologia Axiológica* tem a contribuir nessa nova configuração social, denominada por Marià Corbí como sociedade do conhecimento. Chega a ser contraditório que, em uma *sociedade do conhecimento*, cada vez nos conheçamos tão pouco. Dessa forma, neste capítulo, por meio de uma pesquisa bibliográfica, busco responder a seguinte questão: qual é a contribuição da *Epistemologia Axiológica* para problematizar a

⁵ Com direção de Adam McKay, o filme perpassa a história de dois astrônomos estadunidenses que descobriram um asteroide em rota de colisão com a Terra. Ao falarem com o governo sobre isso e tentar traçar estratégias para desviar a rota do asteroide, descobrem que um grupo de pessoas ricas, com o aval da presidência, querem que haja a colisão para extraírem o material contido no astro para lucrarem. Se torna uma corrida entre avisar a população *versus* impedir que eles olhem para cima.

Qualidade Humana e a Qualidade Humana Profunda nas sociedades do conhecimento contemporâneas?

Com a Raposa e o Pequeno Príncipe, espero que você possa compreender que a crise da qual somos reféns e produtores envolve a questão do essencial dentro das sociedades do conhecimento. Nos despedindo desses personagens, teremos que escolher entre a pílula azul ou vermelha para vislumbrar as duas dimensões do *real* não dual propiciadas pela língua, nossa essência enquanto seres humanos. Aqui teremos Morpheus como nosso guia. E por fim, ao perceber que somos fluidez, nos encontraremos com Absolem, a lagarta azul que auxiliou Alice a perceber suas mudanças. Esse encontro nos permitirá debruçar sobre a questão de não podermos voltar para a *Epistemologia Mítica* para resolver a crise da qual tratamos inicialmente. Traçado este caminho, chegaremos à conclusão de que precisamos da *Epistemologia Axiológica*, que é uma disciplina, para construir um *Projeto Axiológico Coletivo* condizente com nossa sociedade para, por fim, encontrar formas de cultivar a *Qualidade Humana Profunda*.

1.1 A urgência da Epistemologia Axiológica para pensar o cultivo da Qualidade Humana e a da Qualidade Humana Profunda nas sociedades de conhecimento

“O essencial é invisível aos olhos.”
(O Pequeno Príncipe, 2015)

Tomo a liberdade iniciar a este subitem com um trecho do diálogo entre a Raposa e o Pequeno Príncipe, contido no filme⁶ do ano de 2015. Em um contexto de despedida, a Raposa conta um segredo a seu novo amigo e a frase proferida por ela nos leva à reflexão. Será? Uma crise sanitária, a exemplo, começa a partir do momento em que uma parcela da população não tem acesso a aquilo que deveria ser essencial. Eram extremamente essenciais respiradores em Manaus, perante o colapso hospitalar na cidade, em janeiro de 2021, no contexto da pandemia

⁶ Com direção de Mark Osborne, o filme perpassa a história de uma garotinha que tem a vida milimetricamente planejada por sua mãe. Todo o planejamento envolve a aprovação da filha em uma escola conceituada da cidade. A rotina da garota, entretanto, é alterada quando ela entra acidentalmente no quintal de seu vizinho, o Aviador. Diferente de todos os lugares da cidade, o quintal de seu vizinho esconde um mundo colorido que capta a imaginação da garota. Eles criam um laço de amizade e o Aviador passa a contar-lhe a história de quando estava no deserto e encontrou o Pequeno Príncipe, que morava em um asteroide, cuidava de uma flor, passava os dias arrancando as raízes de um Baobá e cativou uma Raposa. O filme está disponível na plataforma de streaming Netflix. Por mais que a história seja baseada no livro homônimo de Antoine de Saint-Exupéry, ela não é o ponto central dessa obra.

do Covid-19⁷, e esses utensílios são algo visível. Entretanto, eram necessariamente os objetos que essa população precisava? Dado o descaso do desgoverno diante a tal cenário, podemos concluir que o essencial se tratava de responsabilidade, assistência e cuidado. Essencial é aquilo que não pode faltar. Dito isso, é possível perceber que a crise nas sociedades do conhecimento é gerada pela falta do essencial. Qual crise? Qual essencial? Seremos capazes de compreender o segredo da Raposa? Parto do pressuposto de que nós, os viventes desse período de transição entre sociedades estáticas para sociedades do conhecimento, estamos em crise. E aqui, *transição* pelo fato de que ainda não somos, em definitivo, sociedades do conhecimento dada a presença de traços de uma *Epistemologia Mítica*. Nesse sentido, estamos em um período de transição.

De acordo com Marià Corbí, com vistas a termos um norte para nos guiar rumo ao futuro, “[...] devemos investigar o que está acontecendo e, também, as consequências que derivam - em todos os âmbitos de nossa vida - dos eventos econômicos, sociais, culturais e religiosos que estão se desenvolvendo diante de nossos olhos.” (CORBÍ, 2010, p. 9). É notável a crescente busca por estratégias que nos preencham. Explico, você se permite realizar uma só ação em seu dia? Consegue se prender totalmente a ela? Tudo está acelerado, e realizar uma só atividade traz a sensação de que o tempo não está sendo aproveitado, porque ele também é refém dessa aceleração. O volume de tarefas ocupa e são usadas para preencher todo o nosso ser para que, de algum modo, não percebamos que estamos sozinhos neste imenso planeta.

Marià Corbí reforça que “já sabemos que ninguém nem nada nos resgatará de nossa incompetência e de nossa falta de qualidade. Estamos irremediavelmente em nossas próprias mãos, sem que nada nem ninguém nos alivie dessa responsabilidade.” (CORBÍ, 2010, p. 9). É aí que me arrisco a afirmar que começa a crise da qual somos reféns e, em certo grau, produtores. Nos preenchemos de coisas as quais julgamos essenciais, tornamos esses objetos como alicerces sobre os quais fundamos as bases de nossas existências, pois percebemos que não existem outros prontos. Contudo, eles são instáveis. Estamos longe de pensar como a Raposa.

⁷ “O governo do presidente Jair Bolsonaro foi avisado sobre a escassez de respiradores em Manaus um mês antes do colapso hospitalar na cidade. É o que revela documento enviado à CPI da Covid pelo próprio Ministério da Saúde. De acordo com informações do UOL, o documento mostra que em um intervalo de apenas 16 dias o estado do Amazonas pediu 218 respiradores ao governo federal, evidenciando um crescimento brusco da demanda pelos equipamentos ainda em 2020. O primeiro alerta veio com um pedido feito pelo estado em 18 de dezembro de 2020, solicitando 140 novos respiradores. Já em 2 de janeiro de 2021, o governo amazonense pleiteou mais 78 aparelhos. O arquivo não cita se houve respostas aos pedidos no espaço dedicado a apontar esse retorno.” (CARTA CAPITAL, 2021).

Em tempos passados, nas chamadas sociedades estáticas, nossa *casa* - termo aqui usado como uma metáfora - nos era dada pronta, entrávamos nela com tudo pronto para ali habitar e, mais do que isso, a tarefa consistia em manter tudo do mesmo jeito. Estas sociedades são “[...] sociedades que vivem da mesma forma durante centenas de anos, durante milênios.” (CORBÍ, 1992, p. 130, tradução nossa⁸). Agora somos os construtores. E sabemos construir? O sentimento de inaptidão para guiar a própria existência gera uma crescente nos casos de depressão, ansiedade e outras questões emocionais que, com uma busca rápida em portais de notícias podem ser percebidas⁹. Não obstante, podem ser percebidas até mesmo dentro de você. Sigo com nosso fio de Ariadne¹⁰ para tentar encontrar evidências dessa crise que nos assola.

Essa questão nos evidencia que “os problemas colocados pelas sociedades do conhecimento mostram toda a sua gravidade porque as sociedades industriais não os podem evitar. Resultam em ser um destino inevitável.” (CORBÍ, 2020, p. 30, tradução nossa¹¹). E, ao saber que é um destino inevitável, precisamos encontrar o nosso essencial para não nos afundarmos cada vez mais nessa areia movediça de crises.

Quando faço a afirmação de que agora nós somos os construtores de nossa *casa*, é necessário que pensemos em quem a construiu antes. Ora, a religião. Para Marià Corbí, “as religiões são as formas sagradas pré-industriais, que se expressam em programas mítico-simbólicos próprios de sociedades estáticas.” (CORBÍ, 2010, p. 168). Discutirei com mais profundidade sobre essa afirmação no subitem 1.3 *De uma Epistemologia Mítica para uma Epistemologia Axiológica*. Por mais que o pesquisador não tenha pretensões de ampliar as discussões relativas à religião em si, afirma que “a grande maioria dos jovens não quer saber nada de religião. Para eles, a religião nem sequer é um problema. Nem a consideram nem a combatem, pois para os jovens, a religião é só coisa de tempos passados e de gerações passadas.” (CORBÍ, 2010, p. 15). Sobre essa afirmação, podemos ver que cresce no país o número de pessoas que se autodenominam como sendo sem religião. A seguir, por mais que

⁸ “[...] sociedades que viven de la misma forma durante centenares de años, durante milenios.”

⁹ “Dados recém-divulgados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) 2019, do IBGE, apontam conclusões que nós, profissionais de saúde mental já observamos de perto nas clínicas e consultórios: um crescimento significativo do número de casos de depressão no Brasil. Segundo a pesquisa, 16,3 milhões de pessoas com mais de 18 anos sofrem da doença, um aumento de 34,2%, de 2013 para 2019. [...] Ano passado a OMS já havia apontado o Brasil como o país com mais deprimidos da América Latina, com 5,8% da população padecendo da doença, frente aos 4,4% nos demais países do continente. A situação é grave se considerarmos o descaso do atendimento em saúde pública com as doenças mentais no Brasil, que recebem destinação pífia do orçamento da pasta.” (GIGLIOTTI, 2020).

¹⁰ De acordo com a mitologia grega, quando Teseu foi mandado para o Labirinto do Minotauro, ele foi avistado por Ariadne, filha do rei Minos. Ela se apaixonou por Teseu e, sabendo que a morte estava reservada a ele, resolveu ajudá-lo a sair do labirinto. Assim, ela entregou a ele um novelo que o guiaria para fora, depois que ele matasse o Minotauro.

¹¹ “los problemas que plantean las sociedades de conocimiento muestran toda su gravedad porque las sociedades industriales no las pueden evitar. Resultan ser un destino inevitable.”

não seja o foco dessa dissertação, optei por apresentar um esquema (esquema 6) com algumas características dos sem-religião¹² para fins de conhecimento.

Esquema 6 - Quem são os sem-religião?



Fonte: Elaborado pela autora com base nas aulas ministradas pelo professor Flávio Senra (2022)¹³.

Como afirmam os pesquisadores Flávio Senra e Fabiano Victor de Oliveira Campos, “esse grupo cresce, particularmente no Brasil das últimas quatro décadas, saltando, segundo dados do último Censo Demográfico do IBGE, de 0,8% da população brasileira em 1970, para 8,04% em 2010.” (SENRA; CAMPOS, 2014, p. 312). Os pesquisadores compreendem ainda que

¹² Ver: Silvia Fernandes - *Trajetórias religiosas de jovens sem religião—algumas implicações para o debate sobre desinstitucionalização*; Juliana Alves Magaldi - *Os ‘sem religião’ no Brasil: um estudo socioantropológico sobre suas interpretações e consequências*; Marcos Henrique de Oliveira Nicolini - *Reconhecendo-se sem-religião nas periferias da cidade: liberdade compartilhada como resistência*; José Álvaro Campos Vieira - *Os sem-religião. Aurora de uma espiritualidade não religiosa*; Denise dos Santos Rodrigues - *Os sem religião e a crise do pertencimento institucional no Brasil: o caso fluminense*.

¹³ Aula proferida na disciplina TECR: Sem-Religião - facetas da crença não afiliada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em 2022.

O cenário com o qual se abre a presente reflexão não está em descompasso com o que ocorre nas sociedades ocidentalizadas, as quais passam por uma ressignificação dos sentidos ditos religiosos. [...] Ao se observar o senso religioso contemporâneo evidencia-se uma perda significativa da supremacia religiosa tomada como fundamento estável, seja quanto ao conteúdo, seja quanto à forma. (SENRA; CAMPOS, 2014, p. 312-314).

A partir da leitura de Marià Corbí (2020), prefiro trabalhar nessa dissertação com o conceito de sistema da religião, que diz respeito a um fenômeno humano que abarca um modelo de organização para sociedades estáticas, rígidas e fixas, que envolve relações de submissão e imposição entre os constituintes da mesma. Essas sociedades estáticas, nos termos de Marià Corbí (2020), permaneceram por muitos anos realizando exclusivamente as mesmas atividades, como a agricultura, caça, coleta e pecuária. Essa configuração social impedia a indagação e criatividade porque apresentava um projeto pronto, enviado por algo divino ou pela natureza das coisas, a ser seguido para manter a ordem social. A esse projeto, Marià Corbí (2015) denominou como *Projetos Axiológicos Coletivos*, que “[...] são sistemas para a coesão de equipes de pessoas, que podem ser de tamanhos muito diferentes e para diferentes propósitos específicos.” (CORBÍ, 2015, p. 18, tradução nossa¹⁴). O seu objetivo é completar nossa indeterminação genética. Tratarei desse assunto com maior profundidade no subitem 1.2 *A importância da língua para a compreensão do duplo acesso ao real não dual*.

Observe, nossa *casa* era construída pelo sistema da religião imposto a nós. Através dessa afirmação, chego à ponta do fio de Ariadne. Aqui se encontram mais evidências a respeito de nossa crise. O essencial para a constituição do nosso ser era invisível aos nossos olhos porque não era algo que tínhamos construído. Não participamos do seu processo de feitura. Era algo imposto a nós.

Quando se dispõe que o sistema da religião é algo do passado, assumimos que esse lugar não nos pertence mais. Sendo esse sistema como uma roupa de infância que não cabe em nós enquanto adultos, estamos desnudos diante a uma nova realidade. A crise da qual somos reféns e produtores parte da inaptidão das religiões e ciências em construir *Projetos Axiológicos Coletivos* adequados para a sociedade do conhecimento. Dessa forma, faz-se necessário escrever o discurso completo contido no filme, onde a Raposa diz que “*só vemos bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.*” Sendo poética, me arrisco a afirmar que nem a religião e nem a ciência tocam o coração dos viventes desse período de transição entre

¹⁴ “[...] son sistemas de cohesión de equipos de personas, que pueden ser de tamaños muy diversos y para finalidades concretas diferentes.”

sociedades estáticas para sociedades do conhecimento e não são capazes de propiciar a felicidade, nos termos de Marià Corbí (2020). Observamos assim uma busca por algo que nos preencha, enquanto seres humanos, contudo, que esteja desvinculada das instituições religiosas. Temos, portanto, nessa transição para sociedades do conhecimento, a busca por formas de *espiritualidades* não religiosas.

É importante deixar claro que não irei me apropriar do termo *espiritualidade* quando estiver me referindo às sociedades do conhecimento. Nos escritos de Marià Corbí, esse termo é utilizado em referência a algo de propriedade das sociedades estáticas. Os sujeitos, nesse contexto descrito pelo pesquisador, estão em busca do cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda*. Ao longo de sua construção, e que tratarei com maior profundidade no subitem 2.3 *Qualidade Humana e Qualidade Humana Profunda em Marià Corbí*, o pesquisador aponta estratégias para alcançar tal objetivo e encontrar a verdadeira felicidade. A respeito dessa concepção de felicidade em Marià Corbí, mantenho uma postura distante. Não concebo a felicidade como um fim último a ser alcançado, senão como algo que vem em pequenas doses. Caso vivêssemos em um estado eterno de felicidade, não saberíamos, de fato, apreciá-la. Sobre essa questão, em entrevista cedida a Margarita Rodriguez, para BBC News Mundo, em 2021, o doutor em Psicologia, Edgar Cabanas¹⁵ afirma que

Um dos principais problemas com todo esse discurso da felicidade é que ele torna a ideia de felicidade plena uma obsessão. É uma busca que se torna uma espécie de vício, uma promessa que nos fazem os gurus, escritores e coaches, de uma vida melhor, sempre feliz, mais desenvolvida. No entanto, essa é uma promessa enganosa. A promessa de que podemos ser felizes, ter uma vida boa o tempo todo seguindo uma série de receitas e passos aparentemente muito simples que dependem única e exclusivamente de nós é muito atraente. Mas ela é fictícia, o que nos deixa constantemente insatisfeitos por não atingirmos esse estado, constantemente preocupados e obcecados com nós mesmos, com nossos pensamentos e emoções. E essa felicidade plena que é prometida nunca chega. É uma meta impossível de se cumprir, um processo que no fundo é uma armadilha para nos deixar viciados em consumir esses produtos. Por exemplo, uma pessoa que compra um livro de autoajuda para se realizar ou ser feliz, não compra apenas um, compra outro, e depois mais outro e mais outro. Se eles realmente tivessem as chaves para a felicidade que afirmam ter, apenas ler um desses livros seria o suficiente para fazer uma pessoa feliz, certo? Mas não é. Então embarcamos nesse consumo constante. Temos que sair desse loop e é isso que eu queria enfatizar, que temos que estar cientes de que é uma armadilha. (RODRÍGUEZ, 2021).

¹⁵ Edgar Cabanas é psicólogo, professor e pesquisador da Universidade Camilo José Cela, em Madrid, e do Centro de História das Emoções do Instituto Max Planck para o Desenvolvimento Humano, em Berlim. Escreveu o livro intitulado *A Ditadura da Felicidade: Como a Ciência e a Indústria da Felicidade Controlam Nossas Vidas*, em co-autoria com a socióloga Eva Illouz.

A própria busca pela felicidade pode ser uma forma de depredação. Perdemos as bases Axiológicas sob as quais fundamos nossa existência. Marià Corbí afirma que “as igrejas estão vazias, o clero é antigo e perdeu seu prestígio cultural e até o prestígio religioso.” (CORBÍ, 2010, p. 15). Poderíamos pensar que um modo de nos salvar dessa crise seria substituir as religiões pelas ideologias. E até tentaram. O pesquisador afirma que

Podemos afirmar que o procedimento de programação das coletividades através das religiões tem durado toda a história de nossa espécie. A era industrial, com a proposta das grandes ideologias como substitutas das religiões, foi, em relação a toda a nossa história, uma espécie de solução de trânsito, curta, pois durou apenas duzentos anos, e com resultados apenas parciais. (CORBÍ, 2020, p. 39, tradução nossa¹⁶).

As ideologias, assim como as religiões, buscaram construir os pilares de nossa *casa* e trazer o que era essencial a nós. Em suma, religião e ideologia partiram de um mesmo princípio, só consultaram fontes diferentes, e por tal fato, ambas se mostram inaptas. E qual é o problema de nos servirmos de um *Projeto Axiológico Coletivo* pronto? Isso não condiz com a configuração das sociedades de conhecimento que são aquelas

[...] que vivem e prosperam da criação contínua de ciências e tecnologias, em retroalimentação mútua e, mediante elas, da criação de novos produtos e serviços. São sociedades de inovação e mudança, a ritmo progressivamente acelerado. [...] Estas sociedades criativas e inovadoras não são sociedades homogêneas, mas sim, repletas de diversidade. A criatividade gera diversidade; a homogeneidade só pode ser alcançada por imposição e coerção. (CORBÍ, 2020, p. 27, tradução nossa¹⁷).

As sociedades do conhecimento vivem da criação constante. Nesse contexto de mudanças aceleradas que atingem todos os âmbitos, sejam eles individuais ou coletivos, essa crise

[...] dos sistemas axiológicos herdados, a convivência de toda a diversidade das culturas, as grandes transformações sofridas num curto período de tempo, a dinâmica das novas sociedades que vivem e prosperam, criando continuamente novas ciências e novas tecnologias, novos produtos e novos serviços nos fizeram compreender que todas as maneiras de pensar, de sentir, de organizar-nos e de viver são uma construção nossa; fizeram-nos entender também que nada vem do céu nem da própria natureza das coisas. (CORBÍ, 2010, p. 16).

¹⁶ Podemos afirmar que el procedimiento de programar las colectividades a través de las religiones ha durado toda la historia de nuestra especie. La época industrial, con la propuesta de las grandes ideologías como sustitutas de las religiones fue, en relación con la totalidad de nuestra historia, una especie de solución de tránsito, corta, porque apenas ha durado doscientos años, y de resultados solo parciales.

¹⁷ [...] que viven y prosperan de la creación continua de ciencias y tecnologías, en retroalimentación mutua y, mediante ellas, de la creación de nuevos productos y servicios. Son sociedades de innovación y cambio, a ritmo progresivamente acelerado. [...] Estas sociedades creativas e innovadoras no son sociedades homogéneas, sino que estallan en diversidad. La creatividad genera diversidad; la homogeneidad solo se consigue por la imposición y la coerción.

Essa inovação supracitada “[...] é produzida em quatro tipos de fatores: no conhecimento científico, nas tecnologias, nas mudanças das estruturas de trabalho e da sociedade, e nos sistemas de motivações e objetivos que orientam todas essas atividades.” (CORBÍ, 1992, p. 135, tradução nossa¹⁸). Ou seja, ela perpassa diversos campos da nossa vida. Agora pense, o sistema da religião abarcava os campos do conhecimento, do trabalho, da estrutura social e, acima de tudo, o campo axiológico. Essa inovação que está presente nas sociedades do conhecimento tem esse último campo, o do axiológico, contemplado?

Nas sociedades de conhecimento não podemos ter um *Projeto Axialógico Coletivo* construído por outro, seja ele o divino - religião - ou pela natureza das coisas - ideologias - porque fere o princípio da livre indagação e criatividade. O essencial não nos pode ser dado e precisamos enxergá-lo, em certo grau, com o coração, como afirma a Raposa.

As sociedades do conhecimento não se organizam de forma hierárquica, como eram aquelas onde estava presente o sistema da religião, as sociedades estáticas. Estão, por sua vez, dispostas em uma estrutura de redes, onde todos são interdependentes. O trabalho grupal dos sujeitos gera novos saberes que, por sua vez, geram novas tecnologias, que proporcionam um avanço no campo científico. Todo esse processo ocorre em uma relação cíclica. De acordo com o Flávio Senra e Jonathan Félix de Souza,

[...] a industrialização generalizada, caracterizada pela velocidade e dinamismo, leva ao desenvolvimento de uma nova sociedade, a sociedade do conhecimento. Uma sociedade do conhecimento representa a segunda grande onda de industrialização, com processos automatizados que alteram as dinâmicas sociais, econômicas e políticas. Estas são sociedades que estão passando de um sistema de produção de bens para um sistema de produção de novos conhecimentos e tecnologias que dão origem a novos bens e serviços. (SENRA; SOUZA, 2021, p. 18, tradução nossa¹⁹).

A fonte para todo esse movimento de criação, afirma Marià Corbí, é a criatividade que, por sua vez, envolve a diversidade e é encontrada nessa relação dos grupos. Por isso as sociedades do conhecimento não podem ser hierárquicas e envolver a submissão. A criatividade, para sua concretude, exige indagação livre e, para tanto, faz-se necessário uma

¹⁸ “[...] se produce en cuatro tipos de factores: en los conocimientos científicos, en las tecnologías, en las modificaciones de las estructuras del trabajo y de la sociedad y en los sistemas de motivaciones y finalidades de dirigen todas esas actividades.”

¹⁹ [...] la industrialización generalizada, caracterizada por la rapidez y el dinamismo, lleva al desarrollo de una nueva sociedad, la del conocimiento. Una sociedad de conocimiento representa la segunda gran ola de la industrialización, con procesos automatizados que alteran la dinámica social, económica y política. Son sociedades que pasan de un sistema de producción de bienes a un sistema de producción de nuevos conocimientos y tecnologías que originan nuevos bienes y servicios.

estrutura social que a permita. Não obstante, “nas SC, que são sociedades de criação contínua em equipe, será conveniente, senão imprescindível, declarar explicitamente o procedimento. Quanto maior o cultivo do IDS-ICS, maior será a criatividade. Quanto menor seja o seu cultivo, menor a criatividade.” (CORBÍ, 2021, p. 71, tradução nossa²⁰). Ou seja, a criatividade exige que haja *IDS-ICS*, dupla tríade que será trata com maior profundidade no *CAPÍTULO II - IDS-ICS, QUALIDADE HUMANA E QUALIDADE HUMANA PROFUNDA PARA MARIÀ CORBÍ*. Além disso, uma sociedade rígida, com relações de submissão entre as partes, impede o livre exercício dessa indagação uma vez que, por meio dela, os sujeitos podem questionar o *Projeto Axiológico Coletivo* vigente e se voltar contra ele. Nesse sentido,

A coesão interna da equipe criativa requer o serviço mútuo dos membros do grupo, pois a coesão não pode ser alcançada por submissão ou coerção. Se a coesão fosse baseada no interesse egoísta de cada membro do grupo, o conhecimento exclusivo de sua especialização e a totalidade de sua competência criativa seriam cedidos com reservas. Isto é seriamente prejudicial à criatividade e à capacidade competitiva do grupo. (CORBÍ, 2015, p. 19, tradução nossa²¹).

É perceptível que todo o avanço científico e tecnológico constante tem provocado mudanças culturais. Houve uma transformação que resultou em uma quebra de paradigma. Nas sociedades em que se tinha a religião como o *Projeto Axiológico Coletivo* que a estruturava, havia a concepção que partia da noção da existência de um criador e criaturas, em uma relação hierárquica. E essa relação se fazia presente desde a estrutura social a familiar. Nas sociedades de conhecimento, de acordo com Marià Corbí (2020), somos interdependência. Eu não escrevo esse trabalho porque algo superior coloca em mim essas palavras. Escrevo a partir do que aprendi com os pesquisadores e as pesquisadoras da área. Um produto final só está concluído porque vários saberes se juntaram para que a concretude fosse possível. E esse processo só foi viável por meio de uma relação dialética, de um serviço mútuo, onde todos têm a mesma importância.

A crise, da qual somos reféns e produtores, pode ser encontrada também nessa ruptura entre os *Projetos Axiológicos Coletivos* prontos e revelados a nós por um ser divino ou pela ciência que pretende decifrar a natureza das coisas e a necessidade de construirmos novos

²⁰ “en las SC, que son sociedades de creación continuada en equipo, será conveniente, si no es que imprescindible, plantear explícitamente el procedimiento. Cuanto mayor sea el cultivo de IDS-ICS mayor será la creatividad. Cuando menor sea su cultivo, menor será la creatividad.”

²¹ La cohesión interna del equipo creativo exige servicio mutuo de los miembros del grupo porque la cohesión no puede realizarse por sumisión ni por coerción. Si la cohesión fuera por interés egoísta de cada uno de los miembros del grupo, la entrega del saber exclusivo de su especialización y de la totalidad de su competencia creativa sería con reservas. Eso perjudica gravemente a la creatividad y a la capacidad competitiva del grupo.

projetos, condizentes com nossa nova configuração social. O essencial é que sejamos livres. E sabemos usufruir da liberdade ou a tememos? Durante anos fomos reféns do *Projeto Axiológico Coletivo* imposto pela religião, agora estamos diante de um contexto de avanço científico e tecnológico que mudam e se renovam continuamente. Penso se estamos nadando ou nos afundando nele.

Todo esse campo de inovação que estamos vivendo na sociedade do conhecimento não leva em conta o campo axiológico, que estava presente, em certo grau, dentro do *Projeto Axiológico Coletivo* das religiões. Marià Corbí afirma que “a língua das ciências é uma metalíngua porque é uma manipulação da língua para eliminar dela, o mais possível, os traços axiológicos.” (CORBÍ, 2020, p. 87, tradução nossa²²). Portanto, a ciência e a inovação que traz consigo não é capaz de auxiliar na construção dos *Projetos Axiológicos Coletivos* nas sociedades do conhecimento exatamente por essa eliminação no axiológico. Temos, assim, justamente uma crise sobre o que fazer com todos esses saberes científicos e tecnológicos. E qual o perigo dessa crise? A depredação do meio em que vivemos. O pesquisador afirma que

Com a chegada e assentamento das sociedades do conhecimento, teremos que tomar consciência de que a depredação sobre a Terra, a vida e outros grupos sociais terá que ser muito cuidadosa e considerada, se não queremos que se volte contra nós mesmos, em uma Terra encolhida pelas comunicações e superpovoada. (CORBÍ, 2020, p. 65, tradução nossa²³).

A Terra, a natureza, não está a nosso serviço uma vez que não nos foi dada para que pudéssemos usá-la à nossa vontade. Somos a Terra e estamos em simbiose com todo esse ecossistema. Nesse contexto, é preciso que sejamos capazes de perceber que,

Se ninguém chegou a esta imensidão, eu sou esta imensidão. Eu sou um breve momento da manifestação dos processos do mistério do mundo. O mistério do mundo não é o conhecimento de nossas ciências, nem o que pode ser observado por nossos olhos ajudados por nosso poderoso aparato. Todas estas modelagens e construções são de nosso cérebro auxiliadas por aparelhos adequados ao nosso cérebro e ao nosso aparelho sensível. (CORBÍ, 2021, p. 39, tradução nossa²⁴).

²² “la lengua de las ciencias es una metalengua porque es una manipulación de la lengua para eliminar de ella, lo más posible, los rasgos axiológicos.”

²³ Con la llegada y asentamiento de las sociedades de conocimiento, tenemos que tomar conciencia de que la depredación sobre la Tierra, la vida y otros grupos sociales tendrá que ser muy cuidadosa y considerada, si no queremos que se vuelva contra nosotros mismos, en una Tierra encogida por las comunicaciones y superpoblada.

²⁴ Si nadie ha venido a esta inmensidad, soy esta inmensidad. Soy un momento breve de la manifestación de los procesos del misterio de los mundos. El misterio de los mundos no es el saber de nuestras ciencias, ni lo que pueden observar nuestros ojos ayudados por nuestros potentes aparatos. Todas esas modelaciones y construcciones lo son de nuestro cerebro auxiliado por aparatos adecuados a nuestro cerebro y a nuestro aparato sensitivo.

Empregar a natureza a nosso serviço é dispor sujeitos a serviço uns dos outros e tal fato exala hierarquia e relação de submissão. Para Marià Corbí,

Não podemos continuar com uma sociedade do conhecimento que coloca sua capacidade criativa a serviço do capitalismo que explora as pessoas e os recursos da Terra. Se continuarmos no caminho em que estamos, acabaremos, dentro de muito tempo, destruindo a vida na Terra e a própria Terra. (CORBÍ, 2016, p. 65, tradução nossa²⁵).

O sistema da religião contido nas sociedades estáticas atuava, de certo modo, na compreensão e respeito ao meio, uma vez que diziam sobre um criador a tendo feito para nós. Esse criador também estava presente nela. Quando se perde esse marco referencial, como ocorre nas sociedades do conhecimento, se perde o sentido de preservar todo esse ecossistema. Tal fato pode ser percebido na forma como povos, em nome das ciências e tecnologias se apropriam dos recursos da Terra. A exemplo, o caso do bilionário Elon Musk, na Bolívia. O estadunidense foi acusado de participar do golpe contra o presidente Evo Morales a fim de conseguir, de maneira mais fácil, explorar o país e o povo para adquirir lítio para as suas produções tecnológicas²⁶. Como alguém pode participar de um golpe em outro país sem nem pensar nas consequências para a população pelo simples desejo de alavancar suas produções? Não somos todos um mesmo povo? Onde está a consciência de simbiose? As consequências da exploração de recursos podem ser vistas também nas tempestades de areia²⁷ que atingiram estados como São Paulo e Minas Gerais no ano de 2021. Em nome da ciência e tecnologia abrimos a caixa de pandora²⁸.

²⁵ No podemos continuar con una sociedad de conocimiento que pone su capacidad creativa al servicio del capitalismo explotador de las personas y de los recursos de la Tierra. Si continuamos por el camino que llevamos, terminaríamos, en un plazo muy largo de tiempo, por destrozarnos la vida sobre la Tierra y la Tierra misma.

²⁶ “Conhecido por ser um gênio e ao mesmo tempo um exímio causador de polêmicas, o empresário e filantropo Elon Musk, CEO da Tesla e da SpaceX, resolveu disparar petardos no Twitter. Primeiro, disse que as pessoas não estão interessadas em um novo pacote de estímulo dos governos durante a pandemia de coronavírus – embora ele seja a favor de uma renda básica universal. Explica-se: em sua visão, órgãos governamentais devem maximizar a felicidade do povo. “Dar dinheiro às pessoas permite com que elas decidam o que atende melhor às suas necessidades”, afirma. Um usuário da plataforma rebateu: “Você sabe o que não era de interesse público? O governo dos EUA organizarem um golpe contra Evo Morales na Bolívia para que você possa obter lítio lá”, indagou. A resposta parece ter causado a fúria de Musk, que respondeu, em tom sarcástico: “Vamos golpear quem quisermos. Lide com isso!”. O contra-ataque gerou um furor na internet e acusações de que o empresário, além de endossar o ato, teria participado da movimentação que afastou Evo Morales da presidência da Bolívia.” (MENDES, 2020).

²⁷ Comum em países da Ásia, esse fenômeno, também conhecido como *haboob*, ocorre quando chuvas entram em contato com um solo muito seco e coberto por poeira e resquício de vegetação queimada.

²⁸ A caixa de Pandora faz parte da mitologia grega. Nela é contada que Pandora, a primeira mulher criada por Zeus, trazia uma caixa fechada em suas mãos. Contudo, tomada por grande curiosidade, abriu a caixa e, com isso, liberou o mal no mundo.

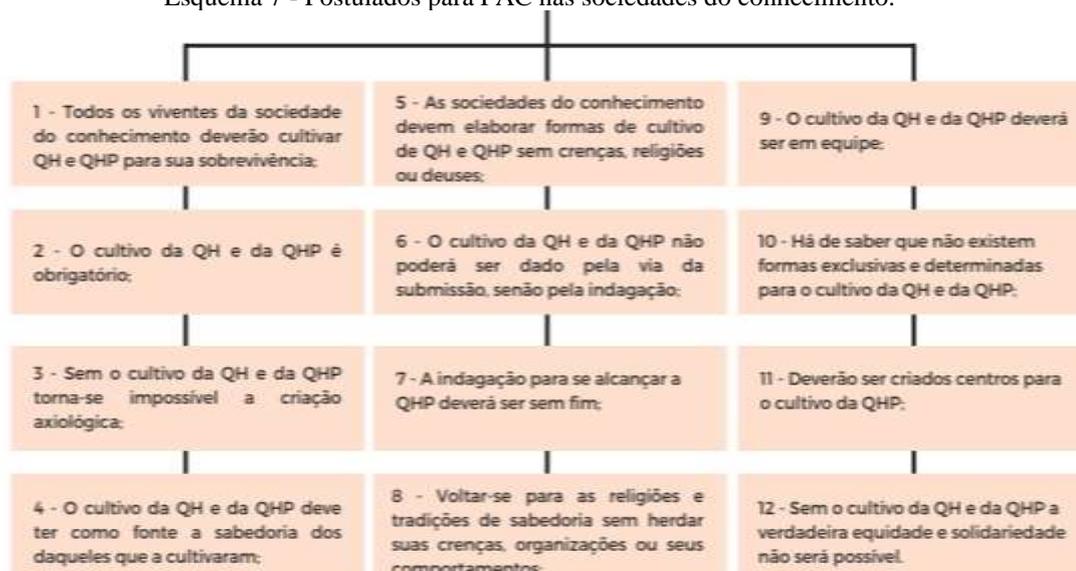
Um outro ponto são as formas que encontramos para cultivar a *Qualidade Humana Profunda*. Uma vez que já não nos servimos no banquete do sistema das religiões, estamos famintos. Essa fome faz com que aceitemos pedras pensando que são pães. Qualquer forma que nos são apresentadas para preencher esse vazio, nos agarramos sem questionar. Estamos em torno de práticas de yoga, meditação, trabalho com os *chakras*, como forma de escapar ou não participar de problemas econômicos, políticos e sociais que nos assolam. E a questão é que, em sua grande maioria, essas práticas que buscam o cultivo de *Qualidade Humana Profunda* oferecidas vem a serviço de nosso egocentrismo ou a serviço do capitalismo. E qual o problema disso? Veremos adiante.

Sem carga axiológica não percebemos nossa simbiose com o meio e, tampouco, construímos nossos *Projetos Axiológicos Coletivos* de maneira adequada. Depredamos a Terra sem perceber que, desse modo, estamos assinando nossa sentença de morte. E quando digo *nossa* não me refiro somente a geração presente, senão a nossos sucessores, sejam eles do nosso mesmo sangue ou não. Devemos tomar consciência de que não será no sistema da religião que encontraremos auxílio sobre o que fazer com toda essa inovação científica e tecnológica. Para Marià Corbí (2020) é preciso pensar uma *Epistemologia Axiológica* para que possamos construir nossa *casa*, já que essa tarefa não pertence mais à religião. É por meio dela que seremos capazes de perceber nossa simbiose com a Terra e compreender o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda*.

Marià Corbí (2020) propõe, nesse sentido, a criação de um *Projeto Axiológico Coletivo* adequado para as sociedades de conhecimento construído justamente por meio dessa *Epistemologia Axiológica*. Nessas sociedades, “[...] o projeto axiológico coletivo não é dado nem pela forma de sobrevivência, nem pelos deuses, nem pela própria natureza das coisas, mas deve ser construído por cada sociedade e deve permanecer aberto a modificações permanentes.” (CORBÍ, 2020, p. 44, tradução nossa²⁹). O pesquisador elabora, dessa forma, 12 postulados para nos auxiliar na criação desse *Projeto Axiológico Coletivo*, para que ele seja adequado às sociedades do conhecimento. Esse *Projeto Axiológico Coletivo* terá, portanto, o objetivo de propiciar o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda*. Me permita demonstrá-los no esquema (esquema 7) abaixo:

²⁹ “[...] el proyecto axiológico colectivo no viene dado por ni por la forma de supervivencia, ni por los dioses, ni por la naturaleza misma de las cosas, sino que debe ser construido por cada sociedad y debe permanecer abierto a una modificación permanente.”

Esquema 7 - Postulados para PAC nas sociedades do conhecimento.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Marià Corbí, 2015, p. 135-136.

A base dessa proposta são as duas dimensões não duais através das quais o ser humano tem acesso ao *real*: a *Dimensão Relativa* e *Dimensão Absoluta*. Esse acesso é propiciado pela bifurcação da língua, que veremos no subitem que se segue.

1.2 A importância da língua para a compreensão do duplo acesso ao real não dual

“O que é real? Como se define real? Se você se refere ao que pode sentir, cheirar, provar e ver, então o real são apenas sinais elétricos interpretados pelo seu cérebro.” (Matrix, 1999)

Para que você possa compreender o que é *Dimensão Relativa* e *Dimensão Absoluta*, faz-se necessário, a princípio, entender a importância da língua dentro dos escritos de Marià Corbí. Desse modo, é preciso antes refletir sobre o que o pesquisador compreende como ser humano, uma vez que essas categorias estão conectadas. Para isso, preciso falar sobre essência. Nesse sentido, o que é essência?

De acordo com Fabiano Victor de Oliveira Campos (2021)³⁰, a essência faz da coisa ser o que ela é, a torna diferente de outras coisas. É, portanto, uma propriedade que uma coisa possui e, caso deixe de ter, se torna outra e não mais ela mesma. Pode parecer confuso a princípio, entretanto, pense, qual é a essência dos seres humanos? Qual é a coisa que se tivessem tirado de nós, faria com que deixássemos de ser quem somos? A essência do ser humano para

³⁰ Aula proferida na disciplina Ethos Contemporâneo e Religião no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em 2021.

Marià Corbí (2020) é a língua. Para o pesquisador “[...] não somos um composto de corpo e espírito, nem somos um composto de animal e racionalidade, somos animais constituídos como tal pela língua [...]” (CORBÍ, 2020, p. 84, tradução nossa³¹). Compreende a conexão?

Essa afirmação de Marià Corbí nos leva a perceber uma mudança de paradigma antropológico. Talvez seja esse o ponto chave na ideia do pesquisador. Você pode se perguntar porque essa afirmação representa uma ruptura paradigmática. Nas sociedades estáticas, regidas pelo *Projeto Axiológico Coletivo* do sistema da religião, “a natureza humana correspondia a uma antropologia que sustentava que a estrutura humana fundamental consistia de um composto de corpo e espírito.” (CORBÍ, 2020, p. 67, tradução nossa³²). Nas sociedades industriais, por sua vez, “[...] a concepção da noção da natureza humana foi alterada e o composto ‘corpo-espírito’ foi substituído pelo composto ‘corpo-racionalidade’. [...]” (CORBÍ, 2020, p. 67, tradução nossa³³). O ser humano era sempre percebido como refém de uma dualidade. É possível concluir que essas duas formas de se compreender o ser humano, em suma, eram partes de uma mesma *Epistemologia Mítica*, que tratarei com maior profundidade no subitem 1.3 *De uma Epistemologia Mítica para uma Epistemologia Axiológica*. Não obstante, nas sociedades do conhecimento, essa noção sofre, justamente, uma virada antropológica onde os sujeitos deixam de ser percebidos por uma dualidade. O pesquisador defende que,

[...] não somos animais falantes, nos tornamos animais falantes viáveis. Não somos animais que tem modos de sobrevivência individuais e coletivos, nem sequer meio estabelecidos. Não temos nada estabelecido capaz de funcionar e propiciar uns mínimos padrões de sobrevivência. Temos apenas tendências básicas; tendências que são como cortinas, porque não estabeleceram como operar. (CORBÍ, 2020, p. 89, tradução nossa³⁴).

Bem como não temos um mundo criado para nós, também não temos colocado em nós a capacidade de agir nesse mundo. É a língua que torna possível que estabeleçamos uma simbiose com o meio, e que nos permite operar nossas tendências. Veja, os animais não humanos não possuem uma capacidade linguística como a nossa. Eles se adaptam “[...] morfologicamente, chegando até uma mutação de espécie no decorrer de milhões de anos.”

³¹ “[...] no somos ni un compuesto de cuerpo y espíritu, que tampoco somos un compuesto de animal y racionalidad, somos unos animales constituidos como tales por la lengua [...]”

³² “La naturaleza humana correspondía a una antropología que sostenía que la estructura fundamental humana estaba formada por un compuesto de cuerpo y espíritu.”

³³ “[...] se varió la concepción de la noción de naturaleza humana y se sustituyó el compuesto «cuerpo-espíritu» por el compuesto de «cuerpo-racionalidad» [...]”

³⁴ “[...] no somos animales que hablan, nos hacemos animales viables hablando. No somos unos animales que tienen unos modos de supervivencia individual y colectiva establecidos, ni siquiera medio establecidos. No tenemos nada establecido capaz de funcionar y proporcionar unos mínimos patrones de supervivencia. Solo tenemos tendencias básicas; tendencias que son como ciegas, porque no tienen ningún cómo operar establecido.”

(CORBÍ, 2010, p. 25). Nós não temos esse tempo para mutações morfológicas, uma vez que a dinâmica das sociedades de conhecimento. Pense em Charles Darwin e o exemplo clássico de sua Teoria da Evolução: o caso dos tentilhões. Essas aves foram avistadas por Darwin durante sua viagem a Galápagos, um arquipélago de ilhas. Lá, ele observou que todos eram tentilhões, entretanto, em cada ilha essas aves apresentavam bicos diferentes. Na concepção de Darwin, anteriormente existia apenas uma ilha com todas essas aves e, em algum momento, houve uma cisão que deu origem ao arquipélago. Grupos de tentilhões ficaram em diferentes porções de terra. Com isso, os bicos tiveram que se adequar à oferta alimentar dessas ilhas (imagem 1) e esse processo levou milhares de anos, uma vez que essas aves tiveram que evoluir morfológicamente para se adequar à nova condição.

Imagem 1 - Elaboração de Darwin sobre os tentilhões.



Fonte: (WIKIMEDIA COMMONS, 2017).

Agora pense esse exemplo com seres humanos e não com tentilhões. Imagine que você precisa se mudar para outro país a trabalho. A empresa não irá esperar uma evolução genética que lhe permita se adaptar ao novo contexto para realizar sua função. É a capacidade linguística que irá proporcionar essa adaptabilidade a uma nova cultura, de maneira rápida. A língua é,

portanto, uma

[...] invenção biológica, uma sofisticação do sistema de comunicação que permite o aparecimento da cultura como instrumento para responder às modificações do meio ou para criá-las e, se convém, sem precisar de nenhuma modificação morfológica. (CORBÍ, 2010, p. 25).

Ou seja, por mais que não tenhamos as possibilidades morfológicas dos animais não humanos, somos dotados desse invento biológico que é a língua que nos permite uma flexibilização com o meio no qual estamos inseridos. Somos, portanto, seres flexíveis. Marià Corbí aponta para o fato de que “nossa espécie não tem determinado geneticamente todo o necessário para viver; este é um traço humano característico que nos dá uma flexibilidade em relação ao meio ambiente que nos dá uma grande vantagem competitiva sobre os outros animais.” (CORBÍ, 2020, p. 41, tradução nossa³⁵). Essa vantagem, a meu ver, nem sempre deve ser vista como algo positivo, uma vez que ela pode resultar nas atitudes de depredação do meio. Enquanto os animais não humanos se adaptam morfológicamente, nós mudamos o meio para que ele se adeque a nós.

Não obstante, os animais não humanos estão presos a uma “[...] interpretação dual da realidade: sujeito de necessidade/mundo correlato a esse quadro de necessidades.” (CORBÍ, 2010, p. 25). Nós, seres humanos, não compartilhamos essa corrente, uma vez que nossa genética não determina o nosso agir no mundo, somos dotados de uma estrutura ternária “[...] sujeito de necessidades/ língua /mundo correlato às necessidades” (CORBÍ, 2010, p. 25).

A matemática é básica: de acordo com Marià Corbí (2020), somos sociedade do conhecimento e precisamos construir *Projetos Axiológicos Coletivos* condizentes com nossa nova realidade. Primariamente temos o auxílio de nossa capacidade linguística, uma vez que ela carrega os traços axiológicos necessários. Como assim? Ora, sendo a língua “[...] uma estrutura, própria de um ser vivo; portanto, na língua natural, tudo é axiológico. A característica fundamental da relação dos seres vivos com seu ambiente é que esta relação é axiológica. [...]” (CORBÍ, 2020, p. 83, tradução nossa³⁶).

Posto que os animais possuem seu modo de estar no mundo determinado pela genética, e quanto a nós? Para nós, temos a cultura. Conforme Marià Corbí,

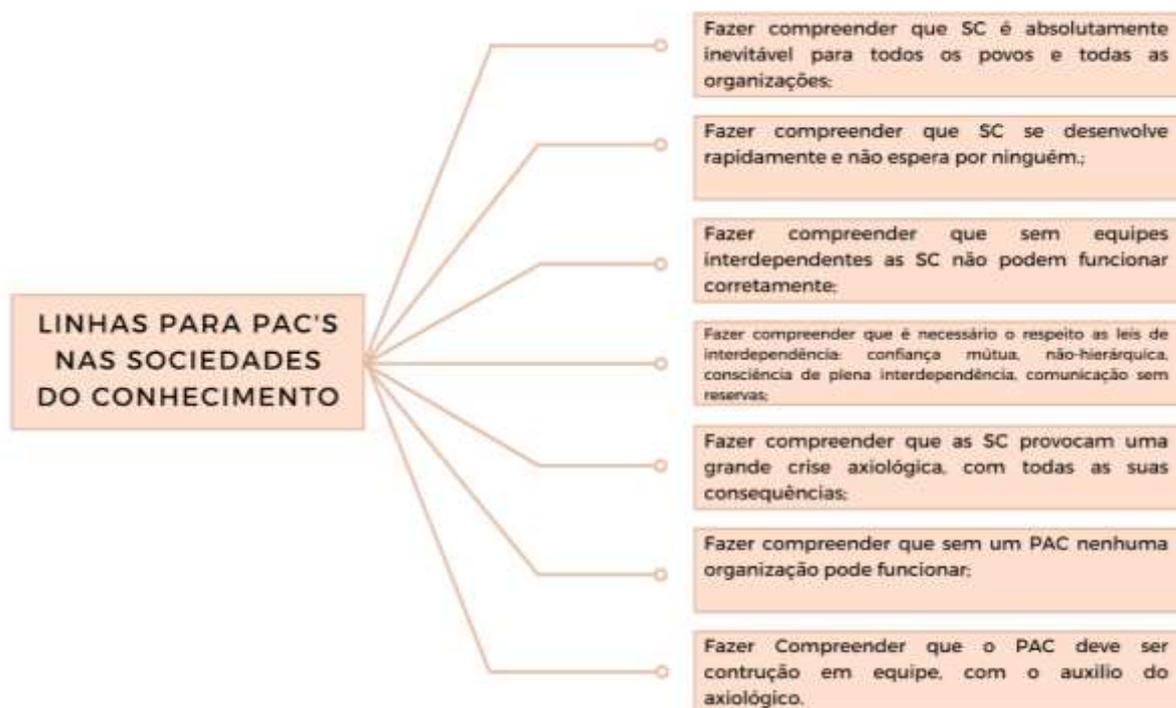
³⁵ “nuestra especie no tiene determinado genéticamente todo lo necesario para vivir; ese es un rasgo característico humano que nos proporciona una flexibilidad frente al medio que nos da una gran ventaja competitiva en relación con los restantes animales.”

³⁶ “[...] una estructura, propia de un ser viviente; por consiguiente, en la lengua natural todo es axiológico. El rasgo fundamental de la relación de los vivientes con el medio es que esa relación sea Axiológica [...]”

Sem cultura, não somos animais viáveis. A cultura é a maneira especificamente humana de nos adaptarmos ao meio. Ela tem uma função biológica. A cultura tem de estabelecer, de forma certa e indubitável, o que temos de pensar e sentir, como devemos nos organizar e agir. Ela deve nos proporcionar modelos de interpretação e de avaliação do mundo que segurem, de forma eficaz, a nossa sobrevivência. [...] A cultura é uma invenção da vida para acelerar sua adaptação ao meio. (CORBÍ, 2010 p. 23-24).

A língua permite que sejamos capazes de criar a cultura para que possamos nos adaptar ao meio e adaptar o meio a nós, essa é nossa flexibilização. A cultura age nas nossas tendências básicas, tornando-as passíveis de ação, dando a elas o *agir*. Se a cultura tem esse papel, é por meio dela que devem ser construídos os *Projetos Axiológicos Coletivos* das sociedades de conhecimento, e, portanto, eles não podem ser algo imposto, senão construções coletivas. Aqui reside nossa crise axiológica, uma vez que ainda não fomos capazes de construir nossos *Projetos Axiológicos Coletivos*. Pensando nas perspectivas das sociedades estáticas, tínhamos um *Projeto Axiológico Coletivo* que nos orientava axiologicamente arquitetado e estruturado pelo sistema da religião. Todavia, ao entrarmos nessa transição de sociedades estáticas para sociedades do conhecimento, ele não mais nos orienta, logo, precisamos construí-los por meio de uma linguagem axiológica. Marià Corbí estabelece algumas linhas para se levar em consideração e necessárias de serem compreendidas na construção desses *Projetos Axiológicos Coletivos*, como pode ser visto no esquema (esquema 8) abaixo:

Esquema 8 - Linhas a serem consideradas na construção dos PAC's.



Fonte: Elaborada pela autora com base em Marià Corbí (2021).

Ainda conforme o pesquisador, “a cultura tem uma função biológica, mesmo que a exceda. Sua função primária é biológica: fornecer uma forma concreta de vida viável a um ser vivo que deixou seu modo de vida em grande parte geneticamente indeterminado.” (CORBÍ, 2013, p. 19, tradução nossa³⁷). Nós somos viventes culturais e nos construímos uns com os outros dentro de uma cultura, que é a responsável por nos tornar quem somos. Não obstante, “a cultura nos diferencia dos outros seres vivos, mas também nos alinha com eles. [...] Ela cria a língua como instrumento para produzir as acomodações ao meio, mantendo uma base biológica imutável.” (CORBÍ, 2010, p. 23-24). Nesse contexto,

Nossa relação com a realidade através da língua, que é primariamente axiológica, cria nossas conexões neurais, mesmo que haja algumas que são dadas pelas determinações genéticas de nossa fisiologia. A grande massa de conexões neurais é dada pela cultura. São estas conexões que nos tornam animais viáveis. (CORBÍ, 2020, p. 92, tradução nossa³⁸).

³⁷ “la cultura tiene una función biológica, aunque la sobrepase. Su función primaria es biológica: proporcionar una forma concreta de vida viable a un viviente que ha dejado en gran parte indeterminado genéticamente su modo de vida.”

³⁸ Nuestra relación con la realidad mediante la lengua, primariamente Axiológica, crea nuestras conexiones neuronales, aunque haya algunas que vengan dadas por las determinaciones genéticas de nuestra fisiología. La gran masa de las conexiones neuronales viene dada por la cultura. Son esas conexiones las que nos convierten en animales viables.

É preciso que eu trace algumas notas sobre esse axiológico. Nós *somos sentir*. Marià Corbí afirma que, “como viventes sensitivos que somos, nosso mundo exterior, em definitivo, é um sentir, e nosso mundo interior, em definitivo, também deve ser um sentir.” (CORBÍ, 2020, p. 87, tradução nossa³⁹). Em virtude dessa questão do axiológico nos perpassar e, uma vez afirmado que a língua das ciências busca desvencilhar as nuances Axiológicas, precisamos pensar em um projeto para as sociedades do conhecimento que se preocupe com essa questão. E isso faz-se necessário para que possamos sair da crise que nos assola e caminhar, em certo grau, em comunhão com a Raposa, citada no subitem anterior. Não será nem o sistema da religião, tampouco as ciências que poderão auxiliar nesse aspecto. Voltando a cultura, essa, por sua vez, não é “[...] uma interpretação científica, senão um sentir [...]” (CORBÍ, 2020, p. 114, tradução nossa⁴⁰).

Você pode estar se perguntando mais sobre essa relação entre língua e cultura. Temos também a questão da modelação do meio. Pense no filme *Matrix*, de 1999⁴¹. As máquinas programavam uma realidade e as colocavam nos seres humanos para que esses não percebessem que eram meras fontes de energias em um contexto distópico. O *real* não era a realidade. Somos tanto as máquinas quanto os seres humanos presos em *Matrix*. Portanto, é urgente que tomemos consciência de que “[...] tudo o que podemos afirmar do real é nossa modelação. Todos os viventes modelam a dimensão da realidade à medida de suas necessidades.” (CORBÍ, 2020, p. 50, tradução nossa). As máquinas de *Matrix* queriam sangue para transformar em energia para se manterem em funcionamento. E nós? O que queremos quando modelamos a realidade?

Voltemos à citação que dá início a esse item. Quando Neo toca uma cadeira, depois de tomar a pílula vermelha⁴², ele afirma que ela parece ser real e Morpheus questiona então o que é real. Faço o mesmo questionamento a você: o que é real? No filme, o real é aquilo fora da *Matrix*, aquilo que não está passando pelos sentidos das pessoas. Para Marià Corbí, “o mundo em que vivemos não está lá fora, como nós o representamos, está em nossas mentes, em nossas coletividades, como resultado de nossos sistemas de programação coletiva.” (CORBÍ, 2020 p.

³⁹ “Como vivientes sensitivos que somos, nuestro mundo exterior, en definitiva, es un sentir; y nuestro mundo interior, en definitiva, también es y debe ser un sentir.”

⁴⁰ “[...] una interpretación científica, sino un sentir [...]”

⁴¹ Sob a direção de Lana Wachowski e Lilly Wachowski, o filme de 1999 traz Neo, um programador atormentado por pesadelos. Nesses pesadelos, ele se vê conectado a cabos que levam direto a um computador. Toda sua vida pacata muda quando ele encontra Morpheus e Trinity. Nesse encontro, ele percebe que, na verdade, está conectado sim por esses cabos, em *Matrix*. Seus pesadelos são, na realidade, ele percebendo que sua vida faz parte de um grande programa de computadores.

⁴² No filme, são apresentadas duas pílulas: a azul e a vermelha. A primeira tem por objetivo deixar quem a toma preso na ilusão criada pela *Matrix*. A segunda tem como pretensão, justamente, mostrar a existência da *Matrix*, mostrando-a por dentro.

91, tradução nossa⁴³). Não é porque Neo *sente com seus sentidos* a cadeira que ela é de fato uma cadeira. O *ser cadeira* é uma modelação que foi feita sobre aquele objeto por um ser humano.

Nosso ato de modelar o real é como se fosse a vida dentro da Matrix. Não é o *real*, contudo, temos aquilo para poder sobreviver. E por estarmos tão imersos na busca do nosso essencial, daquilo modelado por nós, nos recusamos a tomar a pílula vermelha, que nos levaria a perceber a *Dimensão Absoluta* ou esse outro aspecto do mesmo *real*. Sem perceber a *Dimensão Absoluta* não conseguimos cultivar a *Qualidade Humana Profunda*. Quando falamos desse real modelado por nós falamos, portanto, da *Dimensão Relativa*, uma das faces do real. Tanto a *Dimensão Absoluta* quanto a *Dimensão Relativa* são possíveis, de acordo com Marià Corbí (2020), por nossa essência: a língua. Para melhor compreensão peço que você pense na função da língua. Conforme afirma o pesquisador,

A língua é o que estrutura nossa condição de vida, que estrutura nosso sistema axiológico, que é nosso sistema de motivações, de coesão de grupo, e também estrutura as respostas às motivações. A estrutura de nossa língua, que é nossa estrutura antropológica, é também o que estrutura nossos sistemas de valorização, motivação e coesão. (CORBÍ, 2020 p. 91, tradução nossa⁴⁴).

Em consonância com os escritos de Marià Corbí (2020), a língua possui uma estrutura que envolve o significante acústico, ligado ao significado semântico, que desemboca em uma realidade extralinguística. A exemplo, pense na cadeira de Neo. Existe algo na cadeira que a torna cadeira, ou seja, algo em sua essência a tornar o que ela é. Esse é o significante acústico. Essa cadeira pode se transformar, dependendo do uso que você dê a ela. Você pode transformá-la em um guarda roupa e usá-la para acomodar as roupas a serem dobradas. Esse é o significado semântico. O resultado de como você modela essa cadeira para sua intencionalidade de uso, é a realidade extralinguística. Essa estrutura, a saber, está em interação. E é justamente “[...] a estrutura mesma da língua que proporciona um duplo acesso à realidade, o acesso regido pela necessidade e acesso absoluto, gratuito.” (CORBÍ, 2020, p. 93, tradução nossa⁴⁵). De acordo com Marta Granés-Bayona,

⁴³ “el mundo que vivimos no está ahí fuera, tal como lo representamos, está en nuestra mente, en nuestras colectividades como resultado de nuestros sistemas de programación colectiva.”

⁴⁴ La lengua es lo que estructura nuestra condición de vivientes, lo que estructura nuestro sistema axiológico, que es nuestro sistema de motivaciones, de cohesión grupal, y estructura también las respuestas a las motivaciones. La estructura de nuestra lengua, que es nuestra estructura antropológica, es también lo que estructura nuestros sistemas de valoración, motivación y cohesión.

⁴⁵ “[...] la estructura misma de la lengua que proporciona un doble acceso a la realidad, el acceso regido por la necesidad y el acceso absoluto, gratuito.”

A fala torna possível transferir o significado estimulante que as realidades têm para os seres humanos para um suporte acústico. A fala, então, permite a transposição do significado do extralinguístico para a esfera linguística, ou seja, transferir o significado da coisa, ou seja, o estímulo para os indivíduos, para um suporte acústico, o significante. Pode-se afirmar que a competência linguística dos seres humanos é uma ferramenta de comunicação a serviço da simbiose e, portanto, da sobrevivência. (GRANÉS-BAYONA, 2015, p. 99, tradução nossa⁴⁶).

Sabendo que o ser humano modela a realidade, podemos concluir que ele o faz “[...] à medida de suas necessidades individuais e de grupo, não pretende descrever a realidade como ela é em si.” (CORBÍ, 2020, p. 87, tradução nossa⁴⁷). Neo compreende a realidade a partir daquilo que passava pelos seus sentidos, afinal, a cadeira é real pois pode ser apreendida por eles. Para Morpheus, contudo, essa percepção parece ser reducionista ao apontar o real como algo que passa em exclusivo pelo crivo das conexões cerebrais particulares. Ora, nesse sentido, se o real pode ser particular, também pode ser subjetivo. Não obstante, em alguns contextos podemos ouvir frases como “minha realidade é diferente da sua”. Em muitos aspectos, o *real* não nos interessa e, nesse sentido, o modelamos para que ele possa estar a serviço de nosso egocentrismo. As estratégias encontradas para cultivar a *Qualidade Humana* e a *Qualidade Humana Profunda* nas sociedades do conhecimento, quando reféns desse egocentrismo, se mostram ineficazes. E você compreenderá isso melhor ao ler o *CAPÍTULO II - IDS-ICS, QUALIDADE HUMANA E QUALIDADE HUMANA PROFUNDA PARA MARIÀ CORBÍ*. Sigamos.

Nós, seres humanos, “[...] vivemos em um mundo de representações; vivemos em um mundo representado.” (CORBÍ, 2020, p. 86, tradução nossa⁴⁸). Quando é preciso, “[...] se pode mudar o significado das realidades. Essa capacidade linguística está diretamente relacionada com a cultura [...]” (SENRA; SOUZA, 2021, p. 10, tradução nossa⁴⁹). Contudo, pensemos, se a língua possui uma estrutura que está em interação, o *real* não pode ser apenas referido realidade extralinguística e não é apenas modelação. A cadeira de Neo não é real apenas porque passou pelos sentidos dele. O *real* apresenta, portanto, duas dimensões não duais: a relativa e a absoluta. Nesse sentido, nós

⁴⁶ El habla permite trasladar el significado estimulativo que las realidades tienen para los humanos a un soporte acústico. El habla, pues, permite hacer la transposición de sentido de lo extralingüístico al ámbito lingüístico, es decir traspasar el significado de la cosa, es decir la estimulación para los individuos, a un soporte acústico, el significante. Se puede afirmar que la competencia lingüística propia de los humanos es una herramienta de comunicación al servicio de la simbiosis, y por tanto de la supervivencia.

⁴⁷ “[...] a la medida de sus necesidades individuales y de grupo, no pretende describir la realidad como es en sí.”

⁴⁸ “[...] vivimos en un mundo de representaciones; vivimos en un mundo representado.”

⁴⁹ “[...] se puede cambiar el significado de las realidades. Esa capacidad lingüística está directamente relacionada con la cultura [...]”

Experimentamos realidades, incluindo nossa própria realidade, como representações. O que não podemos representar, não entra em nosso mundo de realidades; embora esteja ali, à nossa frente, não o vemos, não o percebemos, não é como nada para nós. (CORBÍ, 2020, p. 90, tradução nossa⁵⁰).

Modelamos a nossa realidade, cultivamos a *Dimensão Relativa*, de acordo com nossos desejos. Alimentar o nosso ego é o ponto final para qual direcionamos as nossas ações. A língua para Marià Corbí (2020), portanto, é o instrumento humano para a compreensão da realidade. Sem ela

[...] não existiria para os humanos nem o mundo, nem objetividade, nem significado, nem noções gerais, nem valor, nem significado, nem beleza, nem espiritualidade, nem a dimensão relativa da realidade e a dimensão absoluta existiriam como tal. (CORBÍ, 2020, p. 85, tradução nossa⁵¹).

É por meio dela que somos capazes de nomear o mundo que nos cerca e estabelecer contato com o axiológico. Sobre isso Marià Corbí afirma que,

Nossa estrutura de seres vivos é nossa estrutura de falantes. O que estrutura todo nosso modo de viver é nossa condição de falantes. Não há nada em nosso sistema de percepção em relação a um ambiente, nem o ambiente em si, nem sua compreensão e avaliação, nem como se comportar com ele e com os outros membros do grupo ou com outros seres vivos, que não seja delimitado, estruturado, constituído pela língua. (CORBÍ, 2020, p. 90, tradução nossa⁵²).

Em virtude de que “[...] a estrutura mesma da língua que proporciona um duplo acesso à realidade, o acesso regido pela necessidade e o acesso absoluto, gratuito.” (CORBÍ, 2020, p. 93, tradução nossa⁵³), temos então uma bifurcação da língua. Esse duplo acesso “é também um invento biológico, não é uma criação cultural [...]” (CORBÍ, 2013, p. 26, tradução nossa⁵⁴). Dessa forma, compreender o papel da língua em Marià Corbí é de fundamental importância. É

⁵⁰ “vivimos las realidades, incluyendo nuestra propia realidad, como representaciones. Lo que no podemos representar, no entra en nuestro mundo de realidades; aunque esté ahí, delante de nosotros, no lo vemos, no lo advertimos, es como nada para nosotros.”

⁵¹ “[...] no existiría para los humanos ni el mundo, ni la objetividad, ni el significado, ni las nociones generales, ni el valor, ni el sentido, ni la belleza, ni la espiritualidad, ni existirían como tales la dimensión relativa de la realidad y la dimensión absoluta.”

⁵² Nuestra estructura de vivientes es nuestra estructura de hablantes. Lo que estructura todo nuestro modo de ser vivientes es nuestra condición de hablantes. Nada hay en nuestro sistema de percepción con relación a un medio, ni el medio mismo, ni su comprensión y valoración, ni cómo comportarse con él y con los restantes miembros del grupo o con los otros vivientes, que no esté delimitado, estructurado, constituido por la lengua.

⁵³ “[...] la estructura misma de la lengua que proporciona un doble acceso a la realidad, el acceso regido por la necesidad y el acceso absoluto, gratuito.”

⁵⁴ “[...] es también un invento biológico, no es una creación cultural [...]”

ela que proporciona essa bifurcação e nos coloca em contato com a *Dimensão Absoluta* e *Dimensão Relativa*, que são justamente as bases para a criação de um *Projeto Axiológico Coletivo* adequado para as sociedades de conhecimento, construído por meio da *Epistemologia Axiológica*. E esse projeto, por fim, nos auxiliará a cultivar a *Qualidade Humana* e a *Qualidade Humana Profunda*. Como afirma Marià Corbí,

[...] a língua nos proporciona um acesso bifurcado ao real. Um elemento dessa bifurcação é a modelação da realidade a medida de nossas necessidades e a medida de nosso cérebro, nosso aparato sensitivo e ativo; o outro elemento da bifurcação é nos fornecer notícias do real que devemos modelar, o que é anterior a toda modelação [...]. (CORBÍ, 2020, p. 191, tradução nossa⁵⁵).

O acesso bifurcado nos coloca ao encontro da *Dimensão Relativa* e da *Dimensão Absoluta* e, por mais que sejam assim nomeadas de forma separada,

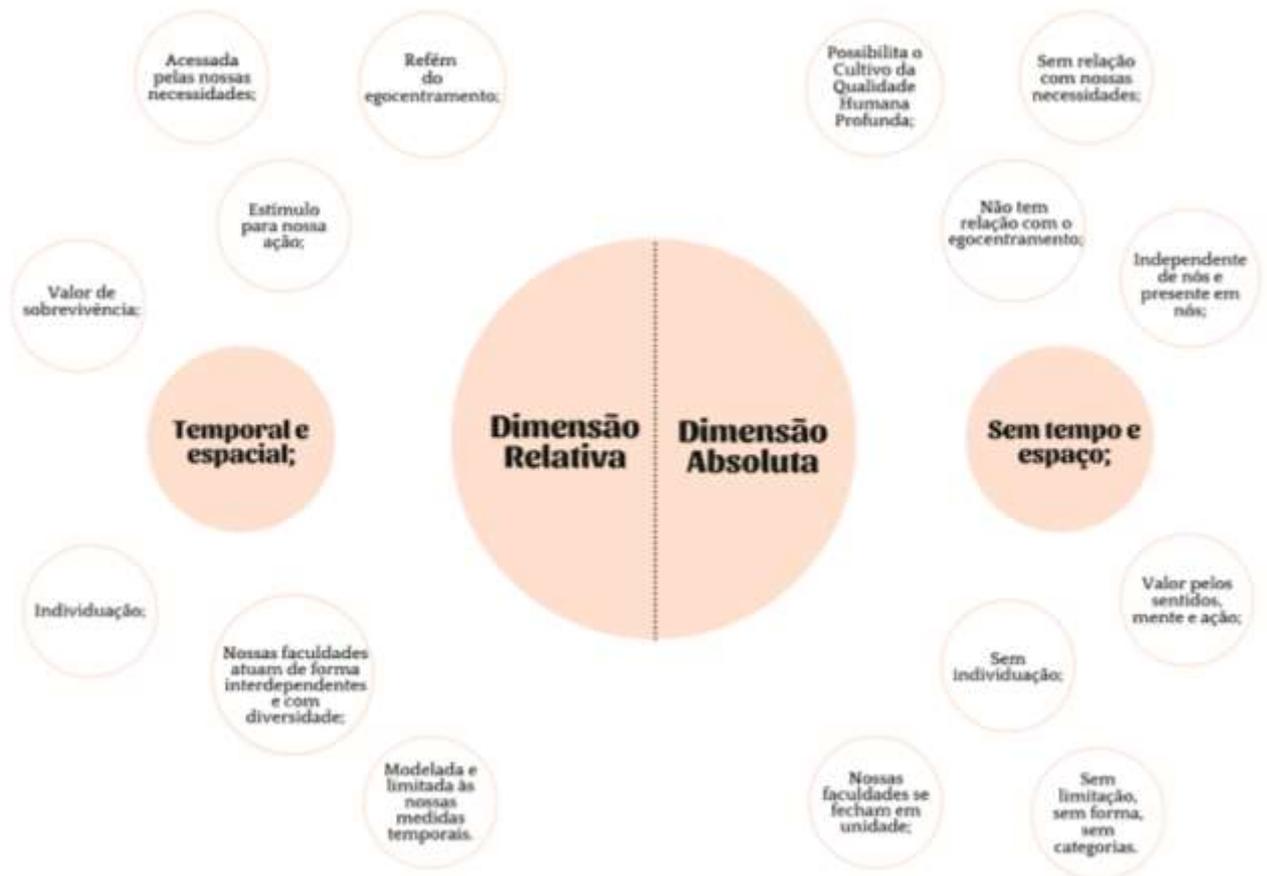
Na realidade, eles são uma unidade. Eles são todo o equipamento do ser vivo para se relacionar com o meio ambiente, para poder satisfazer suas necessidades e para sobreviver. Eles são o conjunto de nossos equipamentos como seres vivos, a fim de ter no ambiente uma realidade adequada à estrutura de nossas necessidades. Elas formam uma unidade indissolúvel porque o funcionamento de qualquer uma dessas faculdades pressupõe o funcionamento das demais. Nenhum deles pode funcionar isoladamente, de forma autônoma. Essas faculdades são também o equipamento geral do ser vivo para moldar o ambiente e se relacionar com ele. (CORBÍ, 2020, p. 121, tradução nossa⁵⁶).

Se nós fossemos uma moeda, *Dimensão Relativa* e *Dimensão Absoluta* seriam nossa cara e coroa. Como forma de melhor demonstrar os aspectos de cada uma, me permita trazer o esquema (esquema 9) abaixo:

⁵⁵ [...] la lengua nos proporciona un acceso bifurcado a lo real. Un elemento de esa bifurcación es la modelación de la realidad a la medida de nuestras necesidades y a la medida de nuestro cerebro, nuestro aparato sensitivo y activo; el otro elemento de la bifurcación es proporcionarnos una noticia de eso real que debemos modelar, que es anterior a toda modelación [...].

⁵⁶ [...] en realidad son una unidad. Son el conjunto del equipo del viviente para relacionarse con el medio, poder satisfacer sus necesidades y sobrevivir. Son el conjunto de nuestro equipo como vivientes para disponer en el medio de una realidad adecuada al cuadro de nuestras necesidades. Forman una unidad indisoluble porque el funcionamiento de cualquiera de esas facultades supone el funcionamiento del resto. Ninguna de ellas puede funcionar aislada, autónoma. Esas facultades son también el equipo global del viviente para modelar el medio y relacionarse con él.

Esquema 9 - Aspectos da Dimensão Relativa e Dimensão Absoluta.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Marià Corbí (2020).

Marià Corbí (2020) afirma que a *Dimensão Relativa* é a modelação que fazemos do *real*, tendo como princípio a satisfação de nosso egocentrismo e aplacar os nossos desejos. Por meio dessa modelação significamos os objetos ou pessoas sem considerar a essência deles, pois ela não nos importa. O que importa é o seu aspecto utilitário. E não somente objetos podem estar reféns dessa dimensão, senão os próprios seres humanos. E quando vistos sob a ótica utilitarista, nós nos tornamos os objetos ordinários e obsoletos, os quais as pessoas tendem a usar como pilares na construção de suas *casas*. E objetos ordinários não tem valor axiológico. Compreende o problema de considerar apenas a *Dimensão Relativa*?

Por sua vez, a *Dimensão Absoluta* é justamente independente de nosso egocentrismo. Vale ressaltar que esse aspecto *absoluto* deve ser compreendido no sentido etimologicamente ‘*solta de*’. Por mais absoluta que seja, não é algo que envolva uma forma de mistério transcendente ou que foi criado por um ser divino. Nada nos é dado, nem a *Dimensão Absoluta*. Ela é um invento biológico tal qual a língua que “[...] nos leva a compreender que o que

realmente existe não é nossa modelagem, mas o mistério no mundo antes de nossa modelação e o suporte de nossa modelação.” (CORBÍ, 2021, p. 12, tradução nossa⁵⁷). Não obstante,

Cultivar DA é indagar com o sentir profundo, o que também é mente; não é nenhuma forma de adoração. O que é indagar DA com sentimento profundo? É olhar todas as realidades e indagá-las com a profundidade da mente e do sentir: - que ninguém e nada veio a este mundo, - que ninguém tem sido como seu, - que ninguém é uma individualidade, uma substância, - que tudo está vazio de todas as nossas categorias possíveis, - que tudo é pura forma de DA, sem nada acrescentado, - que tudo é absoluto, - que tudo é inefável como o próprio mistério dos mundos, - que tudo "ISSO" é inominável. (CORBÍ, 2021, p. 50-51, tradução nossa⁵⁸).

Para Marià Corbí (2020), a *Dimensão Absoluta* pode ser verificável nas ações dos grandes mestres de sabedoria, quando lidos fora da ótica da *Epistemologia Mítica*. Nesse ponto, olho com ressalvas essa defesa de Marià Corbí a favor daquilo que ele categoriza como mestres de conhecimento. Essa adjetivação não traz uma ampliação teórica, demonstrando ser, em certo grau, apenas uma posição pessoal.

E como essas dimensões se relacionam? Em suma, a *Dimensão Absoluta* é a fonte e a realidade profunda da *Dimensão Relativa*. Nesse sentido, “somente através da dimensão relativa (DR) é que chegamos à dimensão absoluta (DA). Somente através de nossas modelações podemos acessar a realidade da realidade. O que parece ser nos leva ao que é.” (CORBÍ, 2021, p. 62, tradução nossa⁵⁹). Essas dimensões, por mais que recebam uma nomenclatura diferente “[...] não são duas dimensões divididas, senão uma unidade absoluta.” (CORBÍ, 2020, p. 123, tradução nossa⁶⁰). Portanto, *Dimensão Absoluta* e *Dimensão Relativa* é unidade, não são duas coisas separadas. É justamente essa dupla dimensão do real não dual proporcionada pela língua que “[...] nos permite conseguir a flexibilidade e a liberdade inclusive com relação a nosso próprio destino interior.” (CORBÍ, 2020, p. 129, tradução nossa⁶¹).

A língua é como um instrumento para o sujeito modelar a realidade à medida de suas necessidades. Ela é “[...] um invento biológico, mas a forma concreta de se falar é uma

⁵⁷ “[...] nos lleva a comprender que lo que realmente hay no es nuestra modelación, sino el misterio en los mundos anterior a nuestra modelación y soporte de nuestra modelación.”

⁵⁸ Cultivar la DA es indagar con el sentir hondo, que es también mente; no es ninguna forma de culto. ¿Qué es indagar la DA con el sentir hondo? Es mirar todas las realidades e indagarlas con la profundidad de la mente y el sentir: -que nadie ni nada ha venido a este mundo, -que nadie tiene el ser como propio, -que nadie es una individualidad, una sustancia, -que todo está vacío de todas nuestras posibles categorías, -que todo son puras formas de la DA, sin nada añadido, -que todo es absoluto, -que todo es inefable como el mismísimo misterio de los mundos, -que todo «Eso» es innombrable.

⁵⁹ “solo a través de la dimensión relativa (DR) se llega a la dimensión absoluta (DA). Solo a través de nuestras modelaciones podemos acceder a la realidad de la realidad. Lo que parece ser nos conduce a lo que es.”

⁶⁰ “[...] no son dos dimensiones divididas, sino una unidad absoluta.”

⁶¹ “[...] nos permite conseguir la flexibilidad y la libertad incluso con relación a nuestro propio destino interior.”

construção cultural.” (CORBÍ, 2013, p. 21, tradução nossa⁶²). Ademais, ela obedece ainda à Lei da Semiótica, onde o real *real* não se encontra em uma ponta extrema, se pudéssemos traçar uma linha reta. Ele está justamente no meio dessa linha. Ele se encontra entre a representação que os seres humanos fazem do objeto, como a cadeira de Neo, e o próprio objeto, a própria cadeira em si. Marià Corbí (2020) compreende essa dinâmica como uma interdependência entre S - O, sujeito - objeto.

A realidade *real* é, portanto, vazia de entidade própria, vazia de categorizações humanas, pois essas a limitariam e modelariam. A realidade em si, essa *Dimensão Absoluta*, o real *real*, não é abarcada pela língua, pois com ela nós o modelamos. Por mais que a língua seja a responsável por conseguirmos acessá-la, ela não consegue compreendê-la. Não há um idioma capaz de contemplar toda sua integralidade. Não é de propriedade de ninguém. Mesmo quando eu uso o termo *Dimensão Absoluta*, me apropriando da construção de Marià Corbí, só o faço para poder torná-la mais próxima. Marià Corbí (2020), quando cria explicações sobre o *ISSO*, usa termos que nos aproximam da compreensão. O *ISSO* é absoluto, sem forma e sem categoria. Não é algo que faça sentido tentarmos acessar em uma sociedade refém da *Epistemologia Mítica*. Ademais, “o cultivo da qualidade humana profunda está conectado funcionalmente com a flexibilidade, nosso traço característico como espécie, por consequência, com a Epistemologia não mítica.” (CORBÍ, 2020, p. 49, tradução nossa⁶³). Desse modo, precisamos tornar nossa pílula vermelha e perceber a urgência da *Epistemologia Axiológica* nas sociedades do conhecimento. E só conseguiremos isso quando compreendermos o que de fato ela representa, e é isso que objetiva o subitem que se segue.

1.3 De uma Epistemologia Mítica para uma Epistemologia Axiológica

“Não posso voltar para ontem porque lá eu era outra pessoa.”
(Alice no País das Maravilhas, 2010)

Ao longo desse primeiro capítulo eu fiz menção à *Epistemologia Mítica* e à *Epistemologia Axiológica*, todavia, o que de fato esses termos compreendem, para Marià Corbí? Nesse sentido, agora é o momento em que eu tratarei deles com maior profundidade.

Eu me lembro da primeira vez que ouvi uma frase atribuída a Heráclito de Éfeso (540-470 a. C) e como ela abriu um cadeado na minha cabeça. Às vezes a gente precisa ficar atento

⁶² “[...] es un invento biológico, pero la forma concreta de hablar es una construcción cultural.”

⁶³ “el cultivo de la cualidad humana profunda está conectado funcionalmente a la flexibilidad, nuestro rasgo característico como especie, por consiguiente, con la Epistemología no mítica.”

aos cadeados que temos porque eles nos fecham para as possibilidades do mundo. Bem, acredita-se que o filósofo disse que “ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou.” (KUHLEN, 1973, p. 94). Tudo muda porque está em movimento. O rio, com sua fluidez, não deixa parada suas águas. Nós, seres humanos, também somos como um rio fluindo. Mudamos nossas ideias, nosso comportamento, nossos corpos, nosso ciclo de amizades, nossa cultura... Tudo é fluidez. Sabendo que não somos mais quem já fomos, não faz sentido cultivar a mesma postura que já tivemos. Sabendo que estamos em transição, de acordo com Marià Corbí (2020), sociedades do conhecimento, não faz sentido cultivar a postura de sociedades estáticas, rígidas e fixas. Compreende? É preciso que nos permitamos fluir.

A *Epistemologia Mítica* estava presente nas sociedades estáticas, aquelas que não fluíam. Não obstante, também está presente ainda hoje, nas sociedades do conhecimento, por meio das ciências. Nesse sentido, apresento aqui uma postura contrária a Marià Corbí. Penso que não somos e sequer seremos, em totalidade, uma sociedade puramente do conhecimento. E tal afirmação abre brecha para a presença da *Epistemologia Mítica*. Ela implica que os projetos construídos, tanto pelas ideologias e pela Filosofia, quanto pelos mitos que estruturam as religiões, dizem a verdade, apontam para o real do *real*. Logo, a *Epistemologia Mítica* não faz referência exclusiva ao sistema da religião, mas diz respeito a uma tentativa de se construir, de forma hierárquica e submissa, um *Projeto Axiológico Coletivo* que tenha como pretensão descrever a realidade mesma e as formas de sentir e agir sobre ela. A ciência está, portanto, também contida na *Epistemologia Mítica*.

Para melhor compreensão do que se trata a *Epistemologia Mítica*, parto do estudo dos sistemas míticos de Marià Corbí, uma vez que “estudar a estrutura dos sistemas míticos é estudar a estrutura da cultura das sociedades pré-industriais.” (CORBÍ, 2010, p. 32). Da mesma forma que a cultura é importante nas sociedades do conhecimento, ela também merece destaque nas sociedades estáticas.

A compreensão de ciência que temos hoje, bem como a sua estrutura, não é algo que sempre esteve presente na sociedade. Demandou tempo para que ela pudesse chegar aos moldes atuais. Assim, para responder às questões das quais o campo científico se apropriou, os antigos tinham os mitos. Faço o uso de *antigos* utilizando o tempo como marco e recorte diferencial, e não em um sentido depreciativo.

O senso comum costuma trazer o mito como sinonímia de mentira, todavia isso é um grande equívoco e precisamos parar de cometê-lo. O mito buscava explicar a origem das coisas e implicava em uma explicação sobrenatural sobre elas. Portanto, era verdade para quem

contava, uma vez que envolva uma intuição compreensiva sobre o mundo. Não obstante, buscava descrever a realidade vivida. Contudo, “as análises míticas precedentes mostram com toda clareza que os mitos não descrevem a realidade.” (CORBÍ, 2010, p. 123). Partindo por esse ponto, você deve estar se perguntando porque o mito faz-se presente nos escritos de Marià Corbí, dado ele é mais tratado no campo da Filosofia. Ora, “os mitos eram, pois, e primariamente, sistemas de programação de coletividades.” (CORBÍ, 2010, p. 125). Marià Corbí (2010) se volta para o estudo de mitos a partir da observação do trabalho, uma vez que, quando se muda a ocupação dominante de uma sociedade, sua estrutura cultural e social também se altera.

De acordo com o pesquisador, “como norma geral, pode-se dizer que, nas sociedades que possuem uma ocupação trabalhista dominante essa ocupação gera o modelo mítico e a estruturação social.” (CORBÍ, 2010, p. 140). Esse tipo de configuração pode ser percebido nas sociedades que viviam quase que exclusivamente da caça, coleta, agricultura de rega e pecuária. Ou seja, nas sociedades pré-industriais. Havia uma ocupação dominante, um trabalho principal, que garantia a subsistência daquelas pessoas. Entretanto, na ausência dessa ocupação dominante “[...] o grupo social vive várias ocupações que se contrabalançam equilibradamente, sem que haja uma que se imponha às demais em seu propósito de proporcionar os meios de sobrevivência.” (CORBÍ, 2010, p. 140). Nas sociedades do conhecimento, de acordo com Marià Corbí (2010), não temos um trabalho em exclusivo que garanta nossa subsistência. É o conjunto de saberes de vários sujeitos que mantém o todo funcionando. O tipo de trabalho exercido está, portanto, relacionado à forma como a cultura se organiza. E já compreendemos que a cultura é a maneira com a qual nos adaptamos ao meio e o nosso *agir* se torna viável.

Em seu estudo dos sistemas míticos, Marià Corbí (2010) afirma a importância da ação central para que possamos compreender a metáfora central das sociedades que estavam estruturadas pela *Epistemologia Mítica*. E em que isso consiste? A ação central envolvia o trabalho principal de um grupo. A metáfora central era a transformação desse trabalho em ordenamentos que estruturavam as ações daquela sociedade. Me permita trazer as sociedades que praticavam a caça para exemplificar.

Veja, Marià Corbí afirma que essas sociedades “em primeiro lugar, devem praticar a caça. Esse é o centro de sua vida econômica.” (CORBÍ, 2010, p. 36). Logo, a ação central era justamente o ato de caçar, de matar o animal. Para tanto, temos que

[...] as figuras sagradas se exprimirão naquilo que é o valor supremo do sistema, porque a experiência sagrada se apresenta sempre como algo supremo e absoluto. Por outro lado, os rituais estarão sempre ligados às figuras religiosas centrais,

expressando-se umas e outras nos eixos centrais do sistema. Por conseguinte, os complexos míticos centrais serão enfatizados pelos rituais principais e mais solenes e pelas figuras sagradas principais. Nas mitologias caçadoras-colhedoras, as narrações enfatizadas pelos rituais e pelas figuras sagradas principais se referem à caça. (CORBÍ, 2010, p. 38).

Bem como a caça estruturava a cultura daquela sociedade, também dava os moldes da religião exercida. Você consegue perceber que o momento chave da ação central dessa sociedade era a morte do animal? Nesse sentido, “as narrações mitológicas que nos falam da caça põem o animal violentamente morto como centro da narração. E esse animal morto, do qual provém a vida, se transforma em metáfora central de interpretação da realidade.” (CORBÍ, 2010, p. 39). O animal não morria em vão. A morte, nesse contexto, vinha para que pudesse haver a vida daquele povo. Nesse sentido, “o ritual supremo é a representação e a reatualização da morte primogênita do animal sagrado, que foi origem de tudo e de toda vida.” (CORBÍ, 2010, p. 39). Temos, nesse sentido, a ação central de caçar se transformando na metáfora central, que diz que “[...] a morte se transforma em vida.” (CORBÍ, 2010, p. 40). A partir dessa concepção, todo o sistema mítico se estruturava por meio dessa metáfora para explicar a origem das coisas. A metáfora central se tornava, portanto, o núcleo da construção da crença nas sociedades regidas pela *Epistemologia Mítica*, e era essa crença que dava corpo à cultura. Quem caçava? Em grande parte das sociedades caçadoras, eram os homens. Logo, eles eram os responsáveis pela principal forma de sobrevivência. Uma vez que eram os mantenedores, a figura masculina ganhava destaque e isso, por sua vez, refletia na forma hierárquica e patriarcal da organização cultural.

Nas sociedades que viviam da pecuária, contudo, essa metáfora central originadora do mito das sociedades caçadoras não funcionava. O animal não era mais morto para prover a vida, e sim a provia enquanto vivo. Note que mudou a ocupação trabalhista, logo, se alterou a ação central e, conseqüentemente, a metáfora central. Nesse contexto, “[...] a morte não é [...] uma fonte de vida, porque eles não vivem da matança de seus animais, mas do seu leite e derivados. [...] A morte entrou em confronto com a vida.” (CORBÍ, 2010, p. 112). A ação central será, portanto, a luta contra a morte. Dessa forma “o confronto entre a vida e a morte é uma luta, o que se representa e se mitologiza dizendo que existem duas forças, duas divindades em pugna: o Princípio do Bem - Deus bom - contra o Princípio do Mal - Deus mau ou demônio.” (CORBÍ, 2010, p. 113). Essa perspectiva dualista abria precedentes para que as sociedades se vissem como inimigas. De um lado tínhamos o povo escolhido pelo deus bom e que deveria combater os outros, que estavam do lado do deus mau. Nesse sentido, tudo o que perpassava a cultura dos escolhidos era superior à dos outros. O *outro* não importava e deveria ser combatido nessa

guerra. Sobre essa questão dos mitos, conforme Marià Corbí, “o objetivo principal dos mitos, símbolos e rituais é compensar e completar a indeterminação genética de nossa espécie e construir uma natureza humana viável sob determinadas condições pré-industriais.” (CORBÍ, 2013, p. 21, tradução nossa⁶⁴).

Essa questão de a ação central ser a geradora da metáfora central, contudo, não sobreviveu com a chegada das sociedades industriais. Nessas “[...] a ação central será científica e tecnológica, portanto, abstrata”. (CORBÍ, 2010, p. 35). Marià Corbí aponta para o fato de que

Nesta fase, a religião estava presente, de uma forma ou de outra, ao lado da ideologia, complementando-a e suprimindo suas deficiências. As ideologias cobriam os campos da política, economia e ciência, mas a moralidade geral, especialmente a moral sexual, e a organização familiar e coletiva permaneciam sob o controle dos padrões religiosos, e sobretudo permaneceram sob o controle das religiões o exclusivo cultivo da dimensão absoluta e a qualidade humana profunda. (CORBÍ, 2010, p. 39, tradução nossa⁶⁵).

As ideologias não foram capazes de suprir a falta dos mitos. Compreendemos, portanto, que a metáfora central era perpassada pelo axiológico. Aqui se inicia a crise nas religiões: com a crise dos mitos.

Toda a estrutura contida na *Epistemologia Mítica* tem como desejo nos impor as formas de perceber, de viver e sentir o nosso entorno. Ela tem a pretensão de abarcar o real do *real*, a *Dimensão Absoluta*. As culturas, nas sociedades estáticas, eram construídas a fim de validar a metáfora central, surgida por meio da ação central. Essa, por sua vez, estava conectada com a configuração do trabalho predominante. Os mitos eram, portanto, modelações que fazíamos do real. E tudo que diz respeito à modelação se refere a que? À *Dimensão Relativa* do real. Logo, por meio da *Epistemologia Mítica* não conseguimos alcançar a *Dimensão Absoluta* desse mesmo real. Isso só se consegue através da *Epistemologia Axiológica*.

As ciências também são nossas modelações, não se engane. Nesse sentido Marià Corbí argumenta que “nenhuma formulação, mítica ou conceitual, jamais diz ou descreve a verdade da realidade. Toda formulação, mesmo a mais sagrada, é uma modelação humana. Nenhuma modelação, nem a dos mitos sagrados, nem a da ciência mais sofisticada e abstrata, é a verdade;

⁶⁴ “la finalidad primaria de mitos, símbolos y rituales es suplir y completar la indeterminación genética de nuestra especie y construir una naturaleza humana viable en unas condiciones preindustriales dadas.”

⁶⁵ En esta etapa, la religión estuvo presente, de una forma u otra, junto a la ideología, completándola y supliendo sus deficiencias. Las ideologías cubrían los campos de la política, de la economía y de las ciencias, pero permanecieron bajo el control de los patrones religiosos la moral general, especialmente la sexual, y la organización familiar y colectiva, y sobre todo quedó bajo el control de las religiones el exclusivo cultivo de la dimensión absoluta y de la cualidad humana profunda.

é sempre uma construção humana.” (CORBÍ, 2021, p. 98, tradução nossa⁶⁶). Ainda para o pesquisador,

Toda ciência, até a mais sofisticada, é a construção de alguns seres vivos; e é construída primariamente para que se viva, para que se aja com mais eficácia. [...] Tanto os mitos como as ciências operam com modelos que funcionam como as metáforas, como padrões ou paradigmas de interpretação do real. Tanto os mitos como as ciências são construções da realidade modeladas por um ser vivo. (CORBÍ, 2010, p. 150).

Logo, tanto os mitos, quanto as ciências, filosofias ou ideologias bebem da fonte de água parada da *Epistemologia Mítica*. São como os mosquitos transmissores da Dengue. Marià Corbí afirma ainda que “os modelos ou paradigmas míticos são metáforas compostas de elementos axiológicos [...] Os modelos ou paradigmas científicos são como metáforas, mas compostas por elementos abstratos, isto é, sem carga Axiológica.” (CORBÍ, 2010 p. 150). Por mais que um parta do axiológico e o outro do abstrato, ambos têm a pretensão de representar, valorar e significar a realidade vivida. A pretensão é nos manter em Matrix.

A *Epistemologia Mítica* traz uma questão inquietante para se prestar atenção. Para Marià Corbí, ela tem sido,

[...] ao longo da história, uma fonte de graves conflitos entre projetos axiológicos coletivos específicos, e de conflitos ainda mais graves entre religiões. Se dois modos de vida coletivos (dois projetos axiológicos) fossem considerados revelação confiável dos deuses, ou se duas religiões que também foram atribuídas a origem direta dos deuses estivessem em conflito, o conflito era sério. A história humana está repleta de tais conflitos, alguns deles muito sangrentos. (CORBÍ, 2020, p. 161, tradução nossa⁶⁷).

Veja, o sistema da religião implica em poder. Penso que a religião controla o povo, e quem a controla possui uma massa de manobra extremamente expressiva a seus desígnios. Durante muitos anos e em muitas sociedades os homens - e tomo aqui *homens* não como um modo de generalizar os seres humanos, senão em referência ao masculino - colocavam a religião como uma máscara para disfarçar suas pretensões de conseguir poder. E esse poder era, por vezes, conquistado por meio de guerras nas quais lutava o exército fiel e temente ao *senhor*.

⁶⁶ “ninguna formulación, mítica o conceptual, dice ni describe jamás la verdad de la realidad. Toda formulación, incluso la más sagrada, es una modelación humana. Ninguna modelación, ni la de los mitos sagrados, ni la de la ciencia más sofisticada y abstracta, es la verdad; siempre es una construcción humana.”

⁶⁷ [...] a lo largo de la historia, una fuente de conflictos graves entre proyectos axiológicos colectivos concretos, y de conflictos aún más graves entre religiones. Si dos modos de vida colectiva (dos proyectos axiológicos) se consideraban revelación fidedigna de los dioses, o si dos religiones a las que también se les atribuía origen directo de los dioses se enfrentaban, el conflicto resultaba grave. La historia humana está llena de estos conflictos, algunos muy sangrientos.

Entretanto, não um *senhor divino*, senão a um *senhor terreno*. Quando os sistemas da religião se encontravam, gerava confronto. Quando você apresenta duas possibilidades para alguém, se cria a oportunidade de escolha. Se os cidadãos pudessem escolher, o poder seria engolido por aquele sistema que fosse mais atrativo e, sem povo, sem poder.

Um exemplo dessa busca por poder são as incontáveis guerras santas transvestidas da real intenção de conquistar território e meios de produção, além de força de trabalho. Marià Corbí aponta para o fato de que “todas essas violências foram geradas e mantidas pela manipulação Axiológica e a propaganda massiva.” (CORBÍ, 2013, p. 126, tradução nossa⁶⁸). Marià Corbí aponta para o fato de que “é preciso observar com toda a clareza que, sem a Epistemologia Mítica, as religiões não são possíveis.” (CORBÍ, 2010, p. 126). Nesse sentido, faço a seguinte afirmação, um ser humano, se prender às amarras de uma religião nem sempre é sinônimo de bondade e benevolência. As consequências da *Epistemologia Mítica* tem a capacidade de mostrar isso. Agora pense, a quem interessa nos mantermos nela?

Marià Corbí alerta para o fato de que, nas sociedades do conhecimento, “a Epistemologia mítica, que pretende que todos os nossos ditos, religiosos e não religiosos, são descrições da realidade, deve ser eliminada pela raiz nas sociedades do conhecimento, por ser inadequada.” (CORBÍ, 2020, p. 162, tradução nossa⁶⁹). O fato de uma pessoa não ser pertencente ao sistema da religião e *servir a ciência* também não significa que ela cultive ações desinteressadas de poder. Lembre-se do caso do Elon Musk que eu trouxe acima. Tudo que está a serviço do egocentrismo leva à depredação.

Quando eu afirmo que cresce a busca por formas de *espiritualidades não religiosas* é porque a *Epistemologia Mítica* já não dá conta de atuar nesse campo. Buscam-se, portanto, formas desinstitucionalizadas para tal. A *Epistemologia Mítica* não nos serve e me arrisco a afirmar que nós não precisamos dela. Pense na frase que dá início a este item. Depois de um longo dia de mudanças e alternância no País das Maravilhas, Alice se encontra com Absolem, a lagarta azul. Durante o diálogo, ela percebe a impossibilidade de voltar para o ontem, de voltar a ser quem já foi. Ela mudou em vários aspectos desde que caiu pela toca do Coelho Branco. Ela fluiu como no rio de Heráclito, como eu e você. A postura que ela cultivava antes já não faz sentido ser cultivada. O nosso ontem é a *Epistemologia Mítica*. Nossa pessoa de agora precisa da *Epistemologia Axiológica*. Não temos que esticar ou remendar nossa roupa de infância para que ela caiba em nós enquanto adultos. Não precisamos do sistema da religião

⁶⁸ “todas esas violencias fueron generadas y mantenidas por la manipulación Axiológica y la propaganda masiva.”

⁶⁹ La Epistemología mítica, que pretende que todos nuestros decires, religiosos y no religiosos, sean descripción de la realidad, debe de ser eliminada de raíz en las sociedades de conocimiento, por inadecuada.

para nos dizer o que fazer, e o que pensar, como viver, ou para sermos felizes. Tampouco precisamos da ciência ditando essas normas. Somos livres. Cultivemos a liberdade e nos permitamos fluir com ela.

Precisamos ir ao encontro da criatividade, que “[...] é livre, sem submissão a nenhum procedimento definido e intocável” [...] (CORBÍ, 2020, p. 49, tradução nossa⁷⁰). Nas sociedades do conhecimento é justamente essa criatividade que gera a diversidade necessária para que se tenha toda a inovação tecnológica. Não a fazemos emergir por meio de imposições ou *Projetos Axiológicos Coletivos* determinados, entramos em contato com ela através da liberdade. Desse modo, “não há criatividade, nem intelectual, nem Axiológica, nem prática, sem este exercício de ids. Quanto mais minuciosamente for exercida, maior será a possibilidade de criatividade.” (CORBÍ, 2020, p. 210, tradução nossa⁷¹). A busca por essas novas formas de viver a *espiritualidade* não deve se referir ao sistema da religião uma vez que “[...] o termo sugere fixação, domínio, submissão, controle do pensamento e do sentir, controle da moralidade, dos modos de vida, das crenças.” (CORBÍ, 2010, p. 168). Também não devemos usar esse termo *espiritualidade* uma vez que ele é de propriedade das sociedades rígidas e fixas. A nossa busca envolve encontrar formas de cultivar a *Qualidade Humana Profunda*, termo da sociedade do conhecimento

Não obstante, também não devemos esperar que a ciência e inovação tecnológica nas quais estamos vivendo se preocupem com esse aspecto. Nas sociedades do conhecimento “[...] existem grandes razões culturais e sobretudo de sobrevivência para abandonar a Epistemologia Mítica que afirma que o que nossos mitos sagrados, nossas teorias ou mesmo nosso discurso é o que é a realidade.” (CORBÍ, 2020, p. 50, tradução nossa⁷²). Essa forma de Epistemologia não mítica faz-se necessária uma vez que “[...] implica que temos que reconhecer que nossas construções não são descrições da realidade, tanto que uma disciplina teria que ser criada para modelar adequadamente as sociedades do conhecimento e suas rápidas mutações.” (CORBÍ, 2020, p. 175, tradução nossa⁷³).

A *Epistemologia Axiológica*, pertencente às sociedades do conhecimento, é “[...] uma disciplina que deve lidar com todos os fenômenos axiológicos humanos. As religiões e as

⁷⁰ “[...] es libre, sin sumisión a ningún procedimiento definido e intocable [...]”

⁷¹ “no hay creatividad ni intelectual, ni Axiológica, ni práctica, sin que se dé esa ejercitación de ids. Cuanto más a fondo se ejercite mayor será la posibilidad de creatividad.”

⁷² “hay grandes razones culturales y sobre todo de supervivencia para abandonar la Epistemología mítica que pretende que lo que dicen nuestros mitos sagrados, nuestras teorías o incluso nuestro hablar es como es la realidad.”

⁷³ “implica que tengamos que reconocer que nuestras construcciones no son descripciones de la realidad, hasta tal punto que habría que crear una disciplina para modelar adecuadamente las sociedades de conocimiento y sus rápidas mutaciones.”

grandes tradições espirituais são claramente fenômenos axiológicos e, portanto, são o objeto de seu estudo.” (CORBÍ, 2020, p. 323, tradução nossa⁷⁴). Como assim? Ora, religião é uma construção humana que perpassa o campo do axiológico e tudo que envolve essa dinâmica é de competência da *Epistemologia Axialógica*. Marià Corbí afirma que

Todos os fenômenos axiológicos que aparecem nos indivíduos e nos coletivos humanos são objeto do estudo da Epistemologia Axialógica, também a espiritualidade de nossos anciãos e o que temos que chamar de qualidade humana profunda. Esta disciplina tem que cuidar de como cultivar adequadamente esta dimensão humana. Nas sociedades do conhecimento, a religião não pode mais desempenhar um papel porque se baseia em suposições e crenças que são inaceitáveis para as novas sociedades. Portanto, não estamos misturando questões espirituais com uma disciplina que afirma ser racional e orientada por dados; estamos assumindo a extensão da Epistemologia Axialógica a fenômenos que se pensava serem do domínio exclusivo da religião. (CORBÍ, 2020 p. 247, tradução nossa⁷⁵).

A *Epistemologia Axialógica* nos permite compreender o segredo da Raposa que já foi apresentado. É a única que pode nos tirar da crise da qual somos reféns e produtores na sociedade do conhecimento, justamente por essa preocupação com o axiológico. Além disso, pode nos oferecer as bases para construirmos nossa *casa*, agora que somos os construtores. Preciso dizer que Marià Corbí não é contra as religiões, todavia, é contra que as tradições de sabedoria e a leitura dos livros sagrados sejam abarcados sob a ótica da *Epistemologia Mítica*. Ele aponta para o fato de que

Não poderemos contar com revelações fixas, nem com tradições espirituais intocáveis; poderemos herdar, ao invés disso, a sabedoria de todos aqueles que nos precederam na humanidade, todos aqueles que foram grandes cultivadores da qualidade humana profunda em sua própria sobrevivência e condições culturais, de sobrevivência e condições culturais que são irrepetíveis para nós. (CORBÍ, 2020, p. 52, tradução nossa⁷⁶).

⁷⁴ “[...] una disciplina que debe ocuparse de todos los fenómenos axiológicos humanos. Las religiones y las grandes tradiciones espirituales son fenómenos claramente axiológicos, por consiguiente, son objeto de su estudio.”

⁷⁵ Todos los fenómenos axiológicos que aparecen en los individuos y en los colectivos humanos son objeto del estudio de la Epistemología Axialógica, también la espiritualidad de nuestros mayores y lo que nosotros tenemos que llamar cualidad humana profunda. Esa disciplina tiene que hacerse cargo de cómo cultivar correctamente esa dimensión humana. En las sociedades de conocimiento, la religión ya no puede desempeñar ningún papel porque se fundamenta en supuestos y creencias inasumibles para las nuevas sociedades. Por consiguiente, no estamos mezclando cuestiones espirituales con una disciplina que pretende ser racional y apoyada en datos; estamos haciéndonos cargo de la extensión de la Epistemología Axialógica a fenómenos que se pensaba que eran materia exclusiva de la religión.

⁷⁶ No podremos apoyarnos en revelaciones fijadas, ni en tradiciones espirituales intocables; podremos heredar, en cambio, la sabiduría de todos los que nos precedieron en la humanidad, todos los que fueron grandes cultivadores de la cualidad humana profunda en sus propias condiciones de supervivencia y culturales, condiciones de supervivencia y culturales que son irrepitibles para nosotros.

Dentro da disciplina *Epistemologia Axiológica* de Marià Corbí, as contribuições de textos, livros e mestres de tradições ou religiões antigas não devem ser relegadas ao esquecimento. Devem apenas ser desnudas da *Epistemologia Mítica*, uma vez que, De acordo com o pesquisador, são nessas contribuições onde estão os primeiros traços de cultivo de *Qualidade Humana Profunda* que podemos encontrar. Não tão somente nelas, como nas artes, uma vez que essas “[...] embora tenham consequências práticas para a sensibilidade e, através dela, para uma maior qualidade de sobrevivência individual e coletiva, não tem nenhuma reivindicação direta sobre desempenho e utilidade.” (CORBÍ, 2020, p. 111, tradução nossa⁷⁷). E veremos isso com maior profundidade no subitem 2.3 *Qualidade Humana e Qualidade Humana Profunda em Marià Corbí*.

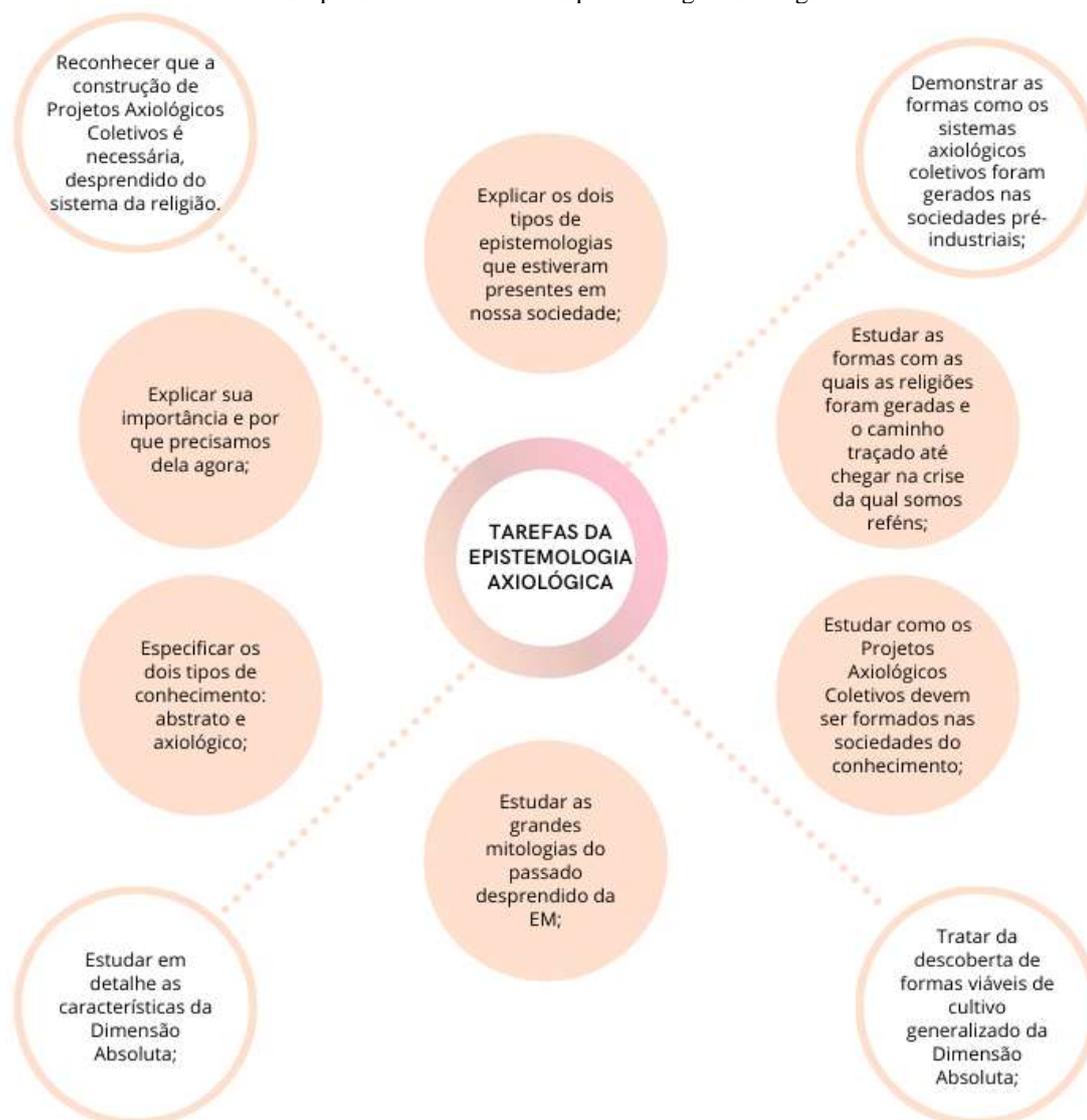
A disciplina *Epistemologia Axiológica* tem como objeto de estudo os fenômenos axiológicos humanos, aquilo que consideramos valioso a nível individual e coletivo, partindo de nossa condição animal: da língua, uma vez que nela “[...] tudo é concreto e qualitativo, e a modelação da realidade que com ela se consegue é toda Axiológica.” (CORBÍ, 2020, p. 591, tradução nossa⁷⁸). Não obstante, “a Epistemologia Axiológica (EA) tem uma vocação prática; teoriza unicamente para poder chegar a tratar efetivamente com valores coletivos e individuais, de forma conveniente, em um momento de transições bruscas de sociedades industriais (ou pré-industriais em alguns países) para sociedades de conhecimento, inovação e mudanças continuamente aceleradas. (CORBÍ, 2021, p. 273, tradução nossa⁷⁹). Como forma de melhor compreensão a respeito daquilo que é de competência da *Epistemologia Axiológica*, trago o esquema (esquema 10) abaixo:

⁷⁷ “[...] aunque tienen consecuencias prácticas para la sensibilidad y, a través de ella, para una supervivencia individual y colectiva de más calidad, no tienen ninguna pretensión directa en la actuación ni en la utilidad.”

⁷⁸ “[...] todo es concreto y cualitativo, y la modelación de la realidad que con ella se consigue es toda Axiológica.”

⁷⁹ “la Epistemología Axiológica (EA) tiene una vocación práctica; teoriza únicamente para poder llegar a tratar eficazmente los valores colectivos e individuales, de forma conveniente, en una época transiciones bruscas de sociedades industriales (o preindustriales en algunos países) a sociedades de conocimiento, innovación y cambio continuamente acelerado.”

Esquema 10 - Tarefas da Epistemologia Axiológica.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Marià Corbí (2020).

A disciplina traz tarefas que devem ser trabalhadas nas sociedades do conhecimento. E quem são os professores? Ora, aqueles que julgam ter encontrado formas de cultivar a *Qualidade Humana* e a *Qualidade Humana Profunda*. Lembremos de Paulo Freire, o grande patrono da educação brasileira. Ele defendia que a educação não deveria ser bancária. O que quer dizer isso? Quando vamos a uma agência bancária, temos a possibilidade de fazermos depósitos de dinheiro nos caixas eletrônicos. Muitas pessoas têm a ideia de que na escola os professores deveriam depositar o conhecimento nas crianças. Isso não é educação, é doutrinação. Trazendo esse exemplo para a *Epistemologia Axiológica*, concluímos que ela tampouco é doutrinação. Os professores dessa disciplina podem mostrar o caminho e as aptidões necessárias para se chegar ao cultivo da *Qualidade Humana Profunda*, contudo, os

passos são dos alunos. Ninguém caminhará por nós. Aos professores, cabe alertar para as consequências da manutenção da *Epistemologia Mítica* em nossa sociedade.

Quando digo sobre disciplina, me refiro a uma formatação acadêmica que envolve os conteúdos programáticos, método, didática e aptidões a serem desenvolvidas. Contudo, o ensino da *Epistemologia Axiológica* não caminha apenas pela via de educação formal⁸⁰. Marià Corbí aponta que “[...] os grandes sábios da história, que são os grandes conhecedores do cultivo da dimensão absoluta e da qualidade humana e a qualidade humana profunda [...]” (CORBÍ, 2020, p. 78, tradução nossa⁸¹). O pesquisador compreende que os sábios foram pessoas como Jesus, Buda, os Rishis, Mohammed, entre outros. Esses sábios não compartilharam seus ensinamentos de forma institucionalizada, em escolas ou universidades, a exemplo. Percebe, portanto, que eles percorreram os caminhos da educação informal?⁸². Nesse sentido, podemos concluir que o ensinamento a respeito dessa disciplina pode ser tanto acadêmico quanto social, uma vez que a educação não ocorre apenas no chão da escola, senão também no chão da vida. Os professores da *Epistemologia Axiológica* não são, por fim, apenas acadêmicos, com altos níveis de formação, mas sim todos aqueles que se julga que conseguiram alcançar o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda*.

Você consegue perceber como *Epistemologia Mítica* e *Epistemologia Axiológica* são diferentes? A primeira diz respeito a um sistema de imposição enquanto a segunda se preocupa em ser convidativa. O que motivava as pessoas a seguirem a primeira era o medo, a coerção e a violência. A segunda tem como fundamento de motivação o aspecto pessoal. E não poderia ser diferente na sociedade do conhecimento, que necessita da criatividade para se compor, uma vez que a imposição a impede. Em nossa estrutura de rede de interdependência, o *Projeto Axiológico Coletivo* não deve ser imposto ou coercitivo “[...] nem ser motivado pela submissão, pois a criatividade não é amiga da submissão, mas deve trabalhar pela adesão voluntária a um projeto proposto pelo próprio acordo da equipe.” (CORBÍ, 2020, p. 27, tradução nossa⁸³). Ele deverá ser construído justamente por meio da disciplina *Epistemologia Axiológica*.

⁸⁰ Educação formal refere-se ao processo que ocorre dentro de alguma instituição de ensino, com os conteúdos e métodos previamente definidos.

⁸¹ “[...] los grandes sabios de la historia, que son los grandes expertos del cultivo de la dimensión absoluta y de la cualidad humana y la cualidad humana profunda [...]”

⁸² Educação informal envolve a aprendizagem que ocorre durante algum processo de socialização, sem ser necessariamente em um ambiente escolar. Ela pode ocorrer por meio de uma conversa entre a família e amigos, por exemplo, desde que haja a intenção de se ensinar sobre algo.

⁸³ “[...] ni motivarse por sumisión, porque la creatividad no es amiga de la sumisión, sino que ha de funcionar por adhesión voluntaria a un proyecto propuesto por el acuerdo del mismo equipo.”

Compreendemos que Marià Corbí discorre seus escritos seus escritos à luz da *Epistemologia Axiológica*, que é uma disciplina cujo objeto é o axiológico. O percurso feito pelo pesquisador apresenta alguns termos que, quando lidos sob uma ótica de outras áreas, como a da Filosofia a exemplo, podem causar impacto em sua compreensão. Essa confusão conceitual, a meu ver, poderia ser evitada por meio de uma maior polidez textual, contudo, para compreender Marià Corbí é preciso colocar as lentes do pesquisador e se desvelar de termos trabalhados em outras áreas. As pretensões da *Epistemologia Axiológica* devem ser lidas e compreendidas sob a *Epistemologia Axiológica*. Marià Corbí defende que

Não podemos construir Epistemologia Axiológica a partir do que são dados para a sociologia, para a economia, nem para a antropologia positiva. Não podemos construir um projeto axiológico coletivo a partir do que são dados para essas disciplinas. Nossa disciplina gera seus próprios dados relevantes. Devemos prestar atenção a eles. (CORBÍ, 2020, p. 498, tradução nossa⁸⁴).

Sabemos que a bifurcação de nossa língua nos traz a possibilidade de acessar a *Dimensão Relativa* e a *Dimensão Absoluta* e também nos possibilita cultivar a *Qualidade Humana* e a *Qualidade Humana Profunda*. Por meio das concepções trabalhadas, compreendemos que, segundo Marià Corbí, por meio da leitura dos chamados mestres de sabedoria do passado, desprendidos da *Epistemologia Mítica*, podemos encontrar os primeiros traços para o cultivo da *Qualidade Humana Profunda*. Ora, a Alice só percebeu sua fluidez ao conversar com Absolem. Contudo, penso que não é somente através dessas leituras, existem outras possibilidades. Nesse sentido, caberá aos professores dessa disciplina trazer os possíveis modos de como encontrar as estratégias para cultivar a *Qualidade Humana* e a *Qualidade Humana Profunda*.

Quando eu aponto o fato de que a *Epistemologia Axiológica* é uma disciplina cujo objeto já é definido, você pode se perguntar sobre os procedimentos, conteúdos, a metodologia e as formas para fazer emergir as aptidões nos alunos. Para tal, temos *IDS-ICS*, uma dupla tríade de aptidões que será, apenas para fins didáticos, apresentada de forma desmembrada no capítulo que se segue. Todavia, é preciso ficar claro de que se trata de uma dupla tríade que funciona em conjunto, não como termos em separado. A dupla tríade é *IDS-ICS*, não *IDS* e *ICS*. Não obstante, a disciplina *Epistemologia Axiológica*, por meio do desenvolvimento dessas aptidões, coloca os sujeitos ao encontro com os caminhos possíveis para o cultivo da *Qualidade Humana*

⁸⁴ No podemos construir Epistemología Axiológica desde lo que es dato para la sociología, para la economía, ni tampoco para la antropología positiva. No podemos construir un proyecto axiológico colectivo desde lo que es dato para esas disciplinas. Nuestra disciplina genera sus datos pertinentes. A esos debemos atender.

e da *Qualidade Humana Profunda*. Ao passo que, por sua estrutura e por estar contida nas sociedades do conhecimento, propicia a liberdade necessária aos sujeitos. Sua contribuição para pensar sobre esse cultivo é justamente apresentá-lo para aqueles que ainda não têm consciência dessa dimensão. Para além disso, por meio dela os sujeitos podem encontrar possibilidades para saírem da crise surgida com a mudança social. Caberá, nesse sentido, aos professores dessa disciplina trazer os possíveis modos de como encontrar as estratégias para cultivar a *Qualidade Humana* e a *Qualidade Humana Profunda*, todavia, sempre alertando para o fato de que, os passos serão dados pelos alunos, que não estão sozinhos no mundo, senão, são o próprio mundo.

CAPÍTULO II - IDS-ICS, QUALIDADE HUMANA E QUALIDADE HUMANA PROFUNDA PARA MARIÀ CORBÍ

“*Aquele que salva uma pessoa, salva o mundo inteiro.*”
(A Lista de Schindler, 1993)

Nas sociedades do conhecimento precisamos ser salvos da crise que nos assola para evitar que depredemos o meio e a nós mesmos. Sabendo da inaptidão das ciências e tecnologias, que não se preocupam em manejar o axiológico, bem como da inaptidão do sistema da religião, por representar quem fomos ontem, e não quem somos hoje, nos lançamos rumo ao cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda*. Por meio dessa dimensão não dual, propiciada pela *dupla tríade de aptidões IDS-ICS*, seremos capazes de construir *Projetos Axiológicos Coletivos* que manejem adequadamente esse axiológico que tanto precisamos.

Me permita voltar a frase que introduz esse capítulo, extraída do filme *A Lista de Schindler*⁸⁵. Quando escrito que “*aquele que salva uma pessoa, salva o mundo inteiro.*” você pode pensar que os professores da disciplina *Epistemologia Axiológica*, aquela que se preocupa justamente em abordar *Qualidade Humana* e *Qualidade Humana Profunda*, irão nos salvar da crise. É uma ideia equivocada. Ninguém pode nos salvar, a não ser nós mesmos. E quem somos nós? Nesse sentido, é preciso que tomemos consciência de que nossa persona não é uma construção nossa, senão uma imposição identitária por outros. Desse modo, faz-se necessário que nos distancieemos de nós, para que sejamos capazes de silenciar tudo aquilo que se entrelaça na construção de nosso ser. Haja visto esse contexto, através de uma pesquisa bibliográfica, o presente capítulo tem como pretensão responder a seguinte questão: como Marià Corbí identifica o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda* no horizonte da disciplina *Epistemologia Axiológica*?

Com o Batman, chegaremos à percepção de que são nossas ações que legitimam quem somos, portanto elas precisam contar com *IDS* para não se tornarem reféns do egocentrismo. Pegando uma carona na vassoura da bruxinha Kiki, poderemos perceber que os passos rumo à nossa liberdade, que nos propiciará a condição de sermos criativos, não deverá ser dado por outros pés, a não ser os nossos. Tampouco devemos percorrer caminhos já traçados. Por fim,

⁸⁵ Com direção de Steven Spielberg, o filme, ambientado no regime nazista, traz a história do alemão Oskar Schindler, um comerciante que usava mão de obra judia para obter maiores lucros. Todavia, apesar de sua origem, após conseguir autorização para abrir uma fábrica, foi o responsável por salvar a vida de mais de mil judeus, em pleno terreno dos horrores cometidos pelo partido nazista.

iremos encontrar nas Memórias de uma Gueixa o auxílio para iniciar as reflexões sobre a *Qualidade Humana* e a *Qualidade Humana Profunda*, uma dimensão não dual do ser humano.

2.1 Interesse, Distanciamento e Silenciamento – a tríade IDS

“Não é o que você é por dentro, e sim o que faz que define você”
(Batman Begins, 2005)

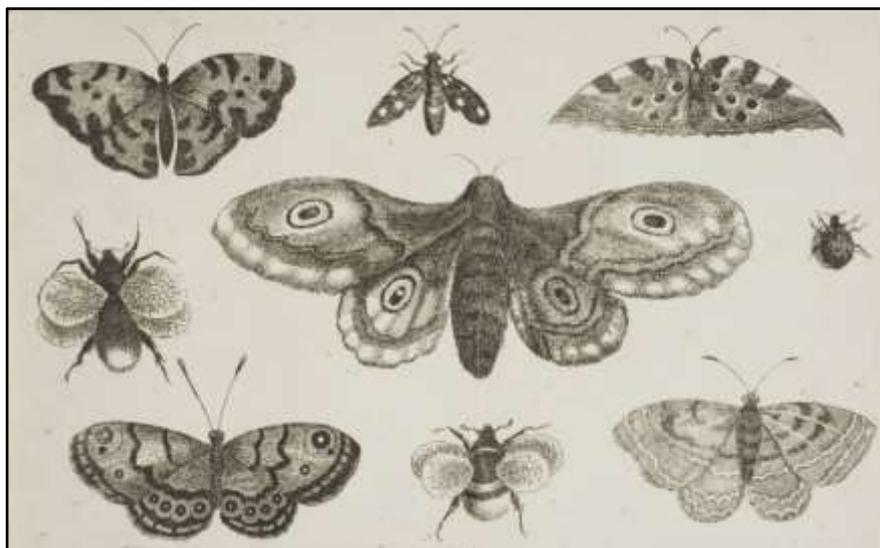
Tempos atrás eu estava navegando pelo *Instagram* quando me deparei com um *post*⁸⁶ interessante da página @*despertarodivino*. Tendo como pano de fundo ilustrações de besouros, borboletas, abelhas e mariposas, trazia a seguinte frase: “*que chato seria perder o que somos para se parecer com o outro*”. Essas poucas palavras fizeram emergir em mim um pensamento: como eu poderia me perder de mim se não tenho certeza sobre quem sou? Te convido a fazer essa mesma reflexão.

Temos a consciência de que construímos nossa identidade de acordo com a cultura na qual estamos inseridos, a partir de um *ethos social*⁸⁷ que já estava instituído antes do nosso nascimento. Sabemos também, por meio dos escritos de Marià Corbí (2020), sobre a capacidade de transitar por entre grupos a partir da língua e pela condição de sermos flexíveis. Todavia, comecei a pensar: qual é o meu verdadeiro eu? Os besouros, borboletas, abelhas e mariposas, que foram utilizados como recurso imagético do *post*, tem como característica comum a capacidade de voar. Porém, além de outros aspectos biológicos, apresentam asas distintas. São semelhantes e, ao mesmo tempo, diferentes e é isso que os torna únicos (imagem 2). Assim também são os sujeitos.

⁸⁶ Conteúdo criado em alguma plataforma da *internet*.

⁸⁷ Todo o conjunto de normas, valores e formas de comportamentos de uma determinada cultura.

Imagem 2 - Representação de diferentes tipos de asas.



Fonte: (PXHERE, 2018).

Como nossa essência temos a língua, que nos propicia formar a cultura, e isso torna viável a nossa diversidade. Entretanto, para alguns⁸⁸, essa diversidade é, justamente, algo que deve ser combatida. Para Marià Corbí, “fomentar a liberdade humana é fomentar a diversidade porque a diversidade é inerente à condição criativa do homem. [...] Quem é privado de liberdade é privado de criatividade e, portanto, da condição humana.” (CORBÍ, 1992, p. 67, tradução nossa⁸⁹). Foi submersa nesse emaranhado de pensamentos que comecei a compreender a frase escrita por Marià Corbí, onde o pesquisador afirma que “em mim, não há nada de mim.” (CORBÍ, 2020, p. 243, tradução nossa⁹⁰).

Veja, antes de nascermos, as pessoas com as quais compartilhamos traços geneticamente

⁸⁸ “O jornal O Globo publicou nesta quinta-feira (25) que o presidente Jair Bolsonaro vetou uma propaganda do Banco do Brasil protagonizada por jovens negros, tatuados, com cabelo cumprido e um visual pra lá de irreverente. Um estilo diferente (e até provocador) para aqueles que se encaixam na “forma bolsonarista”. De acordo com a reportagem, não foi informado o motivo de o presidente não ter gostado da peça publicitária. Mas, neste caso, a propaganda, direcionada para os jovens – público que o Banco do Brasil quer alcançar –, faz suscitar uma questão essencial: por que a diversidade incomoda tanto Bolsonaro? Reconhecer a diversidade é ressaltar a importância de grupos segregados, bem como pautar e executar políticas públicas específicas para esses setores. É reconhecer que o Brasil é composto por negros e negras, por indígenas. É entender também que meninos e meninas usam as cores que quiserem. É pautar a autonomia da mulher sobre o próprio corpo, explorando-o da forma que elas bem entenderem. É, acima de tudo, prezar pela liberdade e pelos direitos sem impor padronizações estéticas e/ou culturais como fórmula de dominação de um povo. Mesmo sem a exposição do motivo pelo qual Bolsonaro não tenha gostado da propaganda do Banco do Brasil, é previsível a aversão do ultraliberal à peça. Os discursos inflamados de ódio contra quilombolas, indígenas, homossexuais e mulheres – principalmente as negras – são a comprovação de que diversidade, definitivamente, não é a praia de Bolsonaro. Ou dizer que “ter filho gay é falta de porrada”, por exemplo, demonstra engajamento e simpatia pelo tema da diversidade?” (GALASSI, 2019)

⁸⁹ “fomentar la libertad humana es fomentar la diversidad porque la diversidad es inherente a la condición creadora del hombre. [...] A quien se le prive de la libertad se le prive de la creatividad y, por tanto, de la condición humana.”

⁹⁰ “en mí, no hay nada de mí.”

parecidos já compuseram uma gama de expectativas sobre nós, sejam positivas ou negativas. Não faço o uso, aqui, de *família*, pois me parece reducionista usá-lo como sinônimo de laços sanguíneos. A meu ver, família é uma escolha e não uma determinação genética. Sigamos. Essas pessoas definiram, previamente, quem seremos, nossa aparência, onde estudaremos, o que cursaremos, que cuidaremos delas na velhice. Enfim, toda nossa subjetividade já se apresenta pronta, para que só a acolhamos e internalizamos, de forma submissa. Nos vexatórios chás de revelação⁹¹, a exemplo, por causa de uma genitália, somos encaixados em um mundo *rosa* ou *azul*, na obrigatoriedade de cumprir determinados papéis sociais, instituídos pelo *ethos social* supracitado. Quem tenta, minimamente, transgredir essas imposições pré-estabelecidas sobre si, coloca um alvo nas próprias costas. A diversidade já começa a ser tolhida nesse momento. Penso que, caso não voltemos o olhar para nós mesmos, para que possamos nos libertar dessas imposições, estaremos fadados a legitimar aquilo que esperam de nós, como se fossem uma verdade absoluta.

Devido a esse contexto, nos defrontamos com a questão dos desejos e expectativas de outros sobre nós. Não obstante, somos, ainda, tomados por desejos de supri-los. Como afirma Marià Corbí, “no ‘vivente que fala’, devido à estrutura da língua, [...] resulta que o estímulo e a resposta a esse estímulo se transformam em valor e desejo.” (CORBÍ, 1983, p. 38, tradução nossa⁹²). Toda essa carga de desejos, expectativas e, conseqüentemente, temores e angústias, que vão se entrelaçando como plantas trepadeiras em todo o nosso ser, e que são agentes ativos na imposição de uma identidade, “[...] nós o recebemos em nossa primeira infância como consequência de nossa socialização em completa dependência de nossos pais e primeiros educadores.” (CORBÍ, 2020, p. 129, tradução nossa⁹³).

Tendo isso como um estigma que estrutura e dá corpo a nosso *eu*, é possível concluir, voltando à frase de Marià Corbí, que em nós não existe nada de nós porque somos constituídos pelo outro. Compreende a questão? Aceitamos essa *persona* que foi moldada por um outro - e esse outro não está em referência a nenhum tipo de divindade - e atuamos no mundo legitimando esse entrelaçamento que nos percorre. Com nossas próprias atitudes e ações nos tornamos, de acordo com Marià Corbí (2020), reféns de um destino inviolável. Não obstante, a questão dos

⁹¹ Festa organizada, geralmente, pelos pais, com o objetivo de revelar a família e os amigos o sexo do bebê esperado. Esse, por sua vez, é percebido a partir da genitália do feto. Por causa da construção social, as cores da festa se dividem entre rosa ou azul. A primeira cor visa indicar um bebê do sexo feminino e a segunda, do masculino.

⁹² “en el <<viviente hablante>>, debido a la estructura de la lengua, [...] resulta que la estimulación y la respuesta a esa estimulación se transforma en valor y deseo.”

⁹³ “[...] la recibimos en nuestra primera infancia como consecuencia de nuestra socialización en dependencia completa de nuestros padres y primeros educadores.”

desejos implica nos seres humanos a estrutura *sujeito de necessidades/mundo correlato às necessidades* que, como vimos, é descrita pelo pesquisador como sendo a prisão dos animais não humanos, o que não condiz com nossas características. Para Marià Corbí,

Este pacote de desejos e medos estruturados como um projeto é em parte consciente e em parte inconsciente. Mesmo que o projeto não esteja totalmente consciente, ele cumpre sua função como critério de realidade, critério de valoração e ação, e estímulo que dá sentido à vida. Este projeto, consciente e inconsciente, construído e recebido, torna-se o juiz que determina se a pessoa teve ou não sucesso, se ela está salva ou perdida. (CORBÍ, 2006, p. 45, tradução nossa⁹⁴).

Será, nesse sentido, por meio da percepção da dupla dimensão do real não dual - *Dimensão Absoluta e Dimensão Relativa* -, propiciada pela nossa essência, a língua, que teremos acesso a maneiras de violar esse destino. Dessa forma, seremos capazes de encontrar meios para sair desse entrelaçado de imposições, desejos, expectativas e formas de submissão, para, por fim, alcançarmos a liberdade. Como? Operando “[...] de forma lúcida e consciente a IDS pode abordar coisas, problemas, pessoas, situações sem desfigurá-las de nossos desejos e medos, de nossas expectativas.” (CORBÍ, 2016, p. 68, tradução nossa⁹⁵).

Você pode estar se perguntando o que de fato significa, para Marià Corbí, cada termo compreendido nessa tríade *IDS*. Relembre que no *CAPÍTULO I – DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ* eu mencionei a dificuldade que estamos encontrando em nos prender em uma só ação do nosso dia, dada a aceleração típica das sociedades do conhecimento. Percebo que estamos encontrando dificuldade em nos interessar verdadeiramente por algo. Pelo contrário, o interesse que é exercido parece estar sempre refém, em algum grau, do utilitarismo e do egocentrismo. E qual o problema disso? Ora, se interessar por algo só pela condição de que ele seja um aparato para a satisfação pessoal torna ações, pessoas e objetos descartáveis. Se interessar por alguma coisa se voltando para um possível benefício que aquilo pode trazer é fazer de morada definitiva justamente no egocentrismo. E as consequências são a depredação do meio e de nós mesmos, já que somos esse meio. Não obstante, isso implica em não conseguirmos alcançar e cultivar *Qualidade Humana e Qualidade Humana Profunda*.

O interesse (I), primeiro termo da tríade supracitada, precisa ser desinteressado,

⁹⁴ Ese paquete de deseos estructurados y temores como un proyecto es en parte consciente y en parte inconsciente. Aunque el proyecto no sea plenamente consciente, cumple con su función de criterio de realidad, criterio de valoración y acción y estímulo que da sentido a la vida. Ese proyecto, consciente e inconsciente, construido y recibido, se convierte en el juez que determina si la persona se ha o ha fracasado, si se le da salvada o por perdida.

⁹⁵ “[...] lúcida y conscientemente IDS podemos acercarnos a las cosas, a los problemas, a las personas, a las situaciones sin desfigurarlos desde nuestros deseos y temores, desde nuestras expectativas.”

desprendido do egocentrismo. Parece confuso a princípio, todavia, pense, por que você se interessa por algo ou alguém? Caso seja apenas pela satisfação de um desejo momentâneo, por um prazer pessoal e egoísta que aquilo possa causar, logo ele se tornará obsoleto e descartável. É esse, inclusive, um dos motores do capitalismo. O mesmo pode ser aplicado a relações amorosas. Quando aquele sujeito com quem você está deixa de oferecer elementos que supram seus interesses e expectativas, ele é prontamente descartado e se inicia a busca por outro. Não obstante, os aplicativos de relacionamento oferecem um cardápio variado de outros sujeitos que dão *match*⁹⁶ com sua *checklist* de exigências.

Não é esse o sentido do interesse, primeiro conceito da tríade *IDS* que Marià Corbí apresenta. De acordo com o pesquisador, quando algo ou alguém te convida a olhar para ele, as lentes não serão as do utilitarismo. É um ver, perceber e agir que foge do entrelaçamento das questões que foram impressas em nós. Essa aptidão de *interesse desinteressado* é a primeira atitude que deve estar presente para o cultivo da *Qualidade Humana* e *Qualidade Humana Profunda*. Assim, os sujeitos, nesse contexto descrito pelo pesquisador, devem passar a

[...] ter interesse pela realidade; um interesse mental e sensitivo que, quanto mais intenso e apaixonado for, tanto melhor será. O interesse pede uma atenção desperta, em estado de alerta. Tanto interesse quanto estado de alerta devem ser agudo e continuados, e quanto mais o forem, tanto melhor serão. (CORBÍ, 2010, p. 280).

Em suma, deve ser gratuito, desapegado e passar pelo axiológico para que possamos nos atentar à realidade mesma das coisas. Ora, “o interesse e o amor desde o sujeito de necessidades é sempre um amor egocentrado porque tem sempre o sujeito de necessidades como referência; o interesse e o amor desde mais além dessa fronteira é desegocentrado, gratuito.” (CORBÍ, 2020, p. 243. tradução nossa⁹⁷). É preciso cortar as raízes das plantas trepadeiras que se entrelaçam na constituição de nossa *persona*.

Nas sociedades do conhecimento, as formas que estruturam o interesse dos sujeitos devem ser diferentes daquelas contidas nas sociedades reféns da *Epistemologia Mítica*, mencionado no subitem 1.3 *De uma Epistemologia Mítica para uma Epistemologia Axiológica*. Além de reforçar nossa simbiose com o meio, essa forma de interesse deverá ser capaz de gerar a liberdade da qual necessitamos. Continuaremos tomados por espadas que atravessam nossa subjetividade sem essa liberdade, aleijando nossa possibilidade de cultivar a *Qualidade*

⁹⁶ *Match* refere-se ao ato de combinar o próprio perfil com o de outra pessoa em aplicativos de namoro.

⁹⁷ “el interés y el amor desde el sujeto de necesidades es siempre un amor egocentrado porque tiene siempre al sujeto de necesidades como referencia; el interés y el amor desde más allá de esa frontera es desegocentrado, gratuito.”

O medo do risco, o falso amor e a lealdade a veneráveis tradições religiosas, morais ou políticas, a preservação dos interesses minoritários, estão entre os maiores e mais persistentes obstáculos que pessoas e indivíduos têm que superar para ter a coragem de transformar todo seu modo de vida ao ritmo acelerado das mudanças trazidas pelas contínuas criações científicas e técnicas, para assimilar as rápidas inovações em produtos e serviços e as mudanças que elas trazem em todos os aspectos de nossos modos de vida. CORBÍ, 2010, p. 61, tradução nossa⁹⁸).

É preciso, portanto, que nos afastemos dessas espadas e de quem as empunham. Voltemos à frase que dá início a esse subitem, extraída do filme *Batman Begins*⁹⁹, de 2005. Quando Rachel encontra Bruce - o Batman - na entrada do hotel que ele acabou de comprar, percebe que ele está pronto para sair com suas companheiras da noite. Ao ser assim flagrado, ele se sente envergonhado pelo modo como está diante dela. Bruce argumenta, então, que, por dentro, ele ainda é quem Rachel conheceu no passado. Ela, por sua vez, ao fitá-lo, diz a ele que “*não é o que você é por dentro, e sim o que faz que define você*”. Essa mesma frase pode ser aplicada a nós, os sujeitos, nesse contexto descrito pelo pesquisador. Não é toda a carga que foi colocada em nós, por diversos *outros*, que define quem verdadeiramente somos. São as ações que temos que poderão ser esses agentes definidores. Essas ações, no entanto, não podem estar reféns do egocentrismo nas sociedades do conhecimento. Por isso há a necessidade de voltar o olhar para nós mesmos e, para isso, faz-se necessário justamente que nos distanciemos dessa construção de nossa *persona*. Nesse sentido, nos deparamos com o segundo termo presente na tríade *IDS*; o distanciamento (D).

Esse termo envolve se distanciar de necessidades do egocentrismo, desejos, expectativas e temores para que possamos, verdadeiramente e gratuitamente, nos interessar por algo, fora do crivo do utilitarismo e das necessidades subjetivas. Nesse sentido, “só há liberdade quando não há nada de nós em nós. Esse vazio de nós é a distância completa do que tomamos por nós mesmos. Essa distância completa de nós é o que nos liberta do destino inviolável.”

⁹⁸ El miedo al riesgo, el falso amor y fidelidad a las venerables tradiciones religiosas, morales o políticas, la preservación de los intereses de unas minorías, son uno de los mayores y persistentes obstáculos que tienen que superar los pueblos y los individuos para tener el coraje de transformar todo su modo de vivir al ritmo acelerado de los cambios que traen las continuas creaciones científico técnicas, para asimilar las rápidas innovaciones en productos y servicios y los cambios que provocan en todos los aspectos de nuestras maneras de vivir.

⁹⁹ Dirigido por Christopher Nolan, *Batman Begins* traz um arco que conta a origem do personagem, estrelado por Christian Bale. Nesse filme, o Bruce Wayne vai para o Extremo Oriente, onde recebe treinamento em artes marciais do mestre Henri Ducard. Henri, na verdade, é um membro da Liga das Sombras, que tem como objetivo a destruição da cidade de Gotham, onde Bruce vive. Após essa descoberta, o personagem retorna à sua cidade com o intuito de livrá-la de criminosos e assassinos, tornando-se assim, o Batman.

(CORBÍ, 2020, p. 243. tradução nossa¹⁰⁰). Quando nos esvaziamos de nós, nos desnudamos de tudo aquilo que nos foi imposto. Nesse momento, tomamos consciência de que nossa *persona* é refém de questões que nos entrelaçam, porque foram colocadas em nós pelo outro. Nesse sentido,

A profunda indagação sobre mim conduz a compreensão da minha condição vazia. Aqui, em mim, não há nada. Minha realidade própria não é nenhuma forma de objetividade; estou vazio de toda objetividade. Minha realidade é uma pura subjetividade, sem objetividade nenhuma. Essa subjetividade pura não é nenhuma individualidade, não é nada. A indagação sobre meu próprio ser leva mais além do que eu creio ser; me leva ao Absoluto. (CORBÍ, 2006, p. 105, tradução nossa¹⁰¹).

Tratarei com maior profundidade a respeito dessa indagação no próximo subitem. Ao passo que, nos distanciando de nós, estamos saindo de uma construção que não foi arquitetada por nós. Compreende? Com isso, nos tornamos livres para, além de diversos aspectos, sermos criativos. Desse modo, o *interesse desinteressado*, ou, nos termos de Marià Corbí (2020), interesse incondicional, é aquele

[...] capaz de se abrir para o mistério do que é. O interesse de que estamos falando é um interesse totalitário da mente e um interesse totalitário do sentimento. Este interesse por todo o ser pode ser chamado de amor, se o elemento sentimental e romântico não for levado em conta. O interesse completo leva à unidade e a unidade é o amor. O desapego, o distanciamento (d) de tudo o que tenha a ver com meu interesse egoísta é uma condição sem a qual o interesse incondicional não se pode dar. Ao passo que o interesse totalitário pela realidade provoca um radical desapego de todo meu eu. (CORBÍ, 2020, p. 260, tradução nossa¹⁰²).

Ao passo que nos interessamos por algo, devemos distanciar dele as nossas necessidades, bem como medos, temores e padrões de ação. Por isso também devemos nos indagar. E isso será necessário para que possamos nos silenciar. Nesse momento, nos deparamos com o terceiro termo da tríade *IDS*: silenciamento (S). De acordo com Marià Corbí,

O interesse incondicional pela realidade exige e produz o silenciamento de tudo o que é meu, de meus critérios de realidade, de valor, de todos os meus cânones

¹⁰⁰ “solo hay libertad cuando en nosotros no hay nada de nosotros. Ese vacío de nosotros es la distancia completa de lo que damos por nuestro. Esa distancia completa de nosotros es la que nos libera del destino inviolable

¹⁰¹ La profunda indagación sobre mí mismo conduce a la comprensión de mi condición vacía. Aquí, en mí, no hay nadie. Mi realidad propia no es ninguna forma de objetividad; estoy vacío de toda objetividad. Mi realidad es una pura subjetividad, sin objetividad ninguna. Esa subjetividad pura no es ninguna individualidad, no es nadie. La indagación sobre mi propio ser me lleva más allá de lo que yo creía ser; me lleva al Absoluto.

¹⁰² [...] capaz de abrir al misterio de lo que es. El interés del que se habla es interés totalitario de mente e interés totalitario del sentir. Ese interés con todo el ser se puede llamar amor, si no se tiene en cuenta el elemento sentimental y romántico. El interés completo lleva a la unidad y la unidad es amor. El desapego, el distanciamento (d) de todo lo que tenga que ver con mi interés egoísta es una condición sin la cual el interés incondicional no se puede dar. A la vez, el interés totalitario por la realidad provoca un radical desapego de todo lo mío.

interpretativos e operacionais; exige e produz o silenciamento de preconceitos, de suposições e crenças, sejam eles seculares ou religiosos. Somente no seio deste grande silêncio é produzida a grande palavra produzida, a manifestação patenteada do mistério inominável de tudo o que é real. Nisso reside a dimensão absoluta em toda a sua potência. A presença dessa dimensão na mente e no coração é a qualidade humana profunda. (CORBÍ, 2020, p. 260-261, tradução nossa¹⁰³).

Você pode estar se perguntando: se trata de um silenciamento de que? Ora, “não é uma questão de ausência de ruído ou de não pronunciar uma palavra. Trata-se de deixar espaço para uma lucidez atenta, sem a curvatura imposta pelas exigências do ego.” (CORBÍ, 2016, p. 21, tradução nossa¹⁰⁴). A partir do momento em que silenciemos os medos, desejos, expectativas, padrões de interpretação e modelação da realidade, as formas de atuação na vida e todos os outros aspectos que foram impostos a nós, teremos a possibilidade de interesse incondicional e distanciamento da realidade. Apenas quando me esvazio de mim, me abro para o encontro com a *Qualidade Humana* e *Qualidade Humana Profunda*. Para tanto, é preciso que exercitemos, nos termos de Marià Corbí, um silêncio radical. Nesse sentido, “[...] a capacidade de silenciar radicalmente as necessidades reais e urgentes é o instrumento de nossa espécie para satisfazer, com maior eficácia que as outras espécies, as necessidades reais e urgentes em situações de mudança.” (CORBÍ, 2010, p. 209). Consegue perceber como a tríade *IDS* está em interação? Ela não funcionará caso algum dos componentes esteja em falta. Faz-se necessário a distância das próprias necessidades e temores subjetivos e egocentradas, e isso é uma condição para haja um interesse incondicional pela realidade ou por si, que, por sua vez, tem como requisito o silenciamento de padrões e temores impostos.

Conforme os escritos de Marià Corbí, “do nosso duplo acesso à realidade surge a possibilidade do completo silenciamento das nossas faculdades. Esta possibilidade do silêncio da mente e do sentir se revela o recurso fundamental da nossa linhagem.” (CORBÍ, 2020, p. 202, tradução nossa¹⁰⁵). O terceiro termo da tríade *IDS* não é possível em sociedades que ainda sejam reféns da *Epistemologia Mítica*.

Voltando para essas sociedades, identificadas como estáticas nos termos de Marià Corbí, nelas “[...] destacavam as crenças e, por isso, evitavam o silêncio o máximo que podiam [...]”

¹⁰³ El interés incondicional por la realidad exige y produce el silenciamiento (s) de todo lo mío, de mis criterios de realidad, de valor, de todos mis cánones interpretativos y operativos; exige y produce silenciamiento de prejuicios, de supuestos y de creencias, sean laicas o religiosas. Solo en el seno de ese gran silencio se produce la gran palabra, la manifestación patente del misterio innombrable de todo lo real. Ahí está la dimensión absoluta con toda su potencia. La presencia de esa dimensión en la mente y el corazón es la cualidad humana profunda.

¹⁰⁴ “no se trata de una ausencia de ruidos ni de no pronunciar palabra. Se trata de dejar espacio a una lucidez atenta, sin la curvatura que imponen las exigencias del yo.”

¹⁰⁵ “de nuestro doble acceso a la realidad resulta la posibilidad del silenciamiento completo de nuestras faculdades. Esa posibilidad del silencio de la mente y el sentir resulta ser el recurso fundamental de nuestra estirpe.”

(CORBÍ, 2010, p. 275). E por quê? Quem cultiva o silêncio é livre. Um ser humano livre, em um sistema de crença, que envolve a submissão, é o inimigo a ser combatido. Quem ousa silenciar-se é um transgressor. Penso que seja extremamente benéfico que tenhamos transgressores em nossa sociedade. É justamente esse silêncio radical e leigo, no sentido de ser sem crenças, que permitirá o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda*. Desse modo,

Nas novas sociedades, onde o passado não pode ser repetido, o interesse, o distanciamento e o silenciamento são necessários para projetar possíveis futuros. O silenciamento completo leva ao interesse total no real e ao distanciamento. O distanciamento completo, por sua vez, implica em pleno interesse e silenciamento radical. O interesse incondicional deve ser sempre acompanhado por um distanciamento e um silêncio total. É uma atitude única com três aspectos que se implicam mutuamente. Esta atitude única com três aspectos pode ser chamada de silêncio total, desapego radical ou interesse incondicional. (CORBÍ, 2020, p. 208, tradução nossa¹⁰⁶).

Note que *IDS*, por mais que compreenda três termos, equivale a uma atitude única, onde os elementos estão em interação. O exercício do *IDS* representa uma intervenção no axiológico humano. Portanto, é de competência da disciplina *Epistemologia Axiológica* fazer emergir essa aptidão *IDS*. Dessa forma, interesse, distanciamento e silenciamento representam uma atitude Axiológica necessária aos sujeitos, nesse contexto descrito pelo pesquisador, uma vez que propicia condições para o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda*.

Ao passo que mencionei a criatividade em alguns momentos, faz-se necessário que eu trace, com maior complexidade, algumas considerações relativas a ela. Primariamente, ela é a principal característica das sociedades do conhecimento, pois permite que haja a criação, que gera novos saberes e novas tecnologias. Como escrito por Marià Corbí, “não há criatividade nem intelectual, nem Axiológica, nem prática, sem que se dê esse exercício de *IDS*. Quanto mais a fundo se exercite maior será a possibilidade de criatividade.” (CORBÍ, 2020, p. 210, tradução nossa¹⁰⁷). Logo, a *IDS* é uma aptidão necessária para que a criatividade seja possível.

A criatividade impele o interesse por algo. A exemplo, pense em alguma situação-problema com a qual você já se defrontou. O interesse por esse problema, seja ele mental ou

¹⁰⁶ En las nuevas sociedades, en las que no se puede repetir el pasado, se requiere interés, distancia y silenciamiento para diseñar futuros posibles. El silenciamiento completo conduce al interés total por lo real y al distanciamiento. El distanciamiento completo supone a su vez el interés pleno y el silenciamiento radical. El interés incondicional siempre ha de ir acompañado por el distanciamiento y el silencio completo. Se trata de una única actitud con tres aspectos que se implican mutuamente. Esa actitud única con tres aspectos la podemos llamar silencio completo, desapego radical o interés sin condiciones.

¹⁰⁷ “o hay creatividad ni intelectual, ni Axiológica, ni práctica, sin que se dé esa ejercitación de ids. Cuanto más a fondo se ejercite mayor será la posibilidad de creatividad.”

axiológico, faz-se necessário para que você possa encontrar uma solução que, por sua vez, para ser encontrada, necessita que você se distancie do problema e o *olhe de fora*. Sem esse distanciamento, a solução não é possível de ser encontrada. E para que você possa se distanciar por completo do problema, é preciso que você silencie todos os padrões interpretativos e de ações que foram depositados em você. Com isso você conseguirá encontrar a solução. De acordo com Marià Corbí, “sem liberdade não há criatividade. A diversidade é inerente à liberdade e à criatividade. Onde há liberdade e criatividade para todos há, necessariamente, diversidade.” (CORBÍ, 1992, p. 139, tradução nossa¹⁰⁸). Aqueles que tentam impedir a diversidade, estão assim tolhendo a liberdade e a criatividade.

A criatividade só encontra um solo fértil para florescer “[...] nos campos do silêncio e da liberdade. Nesse sentido, o silêncio é a primeira das necessidades da sociedade do conhecimento.” (CORBÍ, 2020, p. 35, tradução nossa¹⁰⁹). Por mais que um problema a ser resolvido seja de ordem mental, a solução para tal perpassará necessariamente por uma atitude Axiológica.

Ninguém se interessa profundamente por algo sem valorizá-lo o suficiente para motivar um afastamento dos hábitos de pensar, sentir e agir e sem colocar a solução do problema acima de si mesmo até certo ponto. Mera curiosidade intelectual não seria suficiente, o motor da paixão e do desinteresse estaria faltando. (CORBÍ, 2020, p. 210, tradução nossa¹¹⁰).

Nesse sentido, o exercício da criatividade pressupõe “[...] ser capaz de arriscar falhas, mal-entendidos, diferenças, rejeição. Tudo isso é o resultado de uma atitude axiológica, que, se não estiver presente, torna a criatividade impossível. Quanto mais inovadora for a criatividade, mais profunda terá de ser a atitude axiológica.” (CORBÍ, 2020, p. 210, tradução nossa¹¹¹). Para que possamos exercer a criatividade, faz-se necessário que sejamos livres, uma vez que ela “[...] está ligada à capacidade de distanciamento das memórias que armazenam o desejo e as expectativas que propõe, da orientação que impõe a nossas vidas. Sem liberdade não há

¹⁰⁸ “sin libertad no hay creatividad. La diversidad es inherente a la libertad y a la creatividad. Donde hay libertad y creatividad para todos hay, necesariamente, diversidad.”

¹⁰⁹ “[...] en los campos del silencio y de la libertad. En ese sentido, el silencio es la primera de las necesidades de las sociedades de conocimiento.”

¹¹⁰ Nadie se interesa profundamente por algo sin valorarlo lo suficiente como para motivar el alejamiento de los hábitos de pensar, de sentir y de actuar y sin poner la solución del problema por encima de sí mismo en algún grado. La mera curiosidad intelectual no bastaría, faltaría el motor de la pasión y el desinterés.

¹¹¹ “[...] ser capaz de arriesgarse al fracaso, a la incomprensión, a la diferencia, al rechazo. Todo esto es fruto de una actitud Axiológica, que, si no se da, es imposible la creatividad. Cuanta más innovadora sea la creatividad, más profunda tendrá que ser la actitud Axiológica.”

criatividade.” (GRANÉS-BAYONA, 2018, p. 295-296, tradução nossa¹¹²). Essa liberdade envolve se distanciar de todas as definições que foram previamente impostas a nós. É preciso nos esvaziar de nós para usufruir dessa liberdade. É justamente aqui que se dá a relação entre *IDS* e criatividade. De acordo com Marià Corbí,

Mas a *IDS-ICS* é apenas uma condição *sine qua non* para a criatividade. A criatividade propriamente dita não obedece a procedimentos, é dom, gratuidade, intuição direta da mente e do sentir, tanto a criatividade científica como a criatividade Axiológica ou prática. A criatividade é sempre a filha do trabalho duro e prolongado, do esforço, da intensidade da vida no aspecto em que é exercida; é a filha do interesse e do amor que é exercida com *IDS-ICS*. Esta tríade dupla é sempre uma forma de amor pela realidade, por ela mesma. Se a criatividade é a criança de interesse e amor, do empenho e dedicação, é, pois, filha da busca da qualidade humana e da qualidade profunda, em qualquer grau. Quanto maior seja esse empenho mais possibilidades se abrem para a criatividade. (CORBÍ, 2020, p. 213, tradução nossa¹¹³).

E como, de forma procedimental, praticar *IDS*? Onde encontrar as formas para desenvolver essa aptidão? Também me questionei a respeito disso. Para Marta Granés Bayona, em curso¹¹⁴ proferido no *CETR*, no qual eu tive a oportunidade de participar, um artista deve se cercar de outros artistas para compreender e mergulhar em todo aquele processo que perpassa a criação de uma obra. Desse modo ele aprenderá o necessário. O mesmo deve ser feito com relação à aptidão *IDS*. Devemos nos cercar daqueles que desenvolveram essa aptidão para que possamos encontrar os caminhos rumo a ela. (GRANÉS-BAYONA, 2022). Marià Corbí afirma que,

As tradições religiosas e espirituais são um imenso depósito de procedimentos para cultivar e exercitar-se em *IDS*. [...] Todas as tradições utilizam essas três atitudes (*IDS*), mas cada uma delas desenvolve especiais procedimentos para consegui-las insistindo mais em umas atitudes que em outras. (CORBÍ, 2016, p. 69, tradução nossa¹¹⁵).

¹¹² “[...] está ligada a la capacidad de distanciamiento de los recuerdos que almacena el deseo y de las expectativas que propone, de la orientación que impone a nuestras vidas. Sin libertad no hay creatividad.”

¹¹³ Pero *IDS-ICS* es solo condición *sine qua non* de la creatividad. La creatividad propriamente dicha no obedece a procedimientos, es don, gratuidad, intuición directa de mente y sentir, tanto la que es creatividad científica como la Axiológica o práctica. La creatividad es siempre hija del trabajo duro y prolongado, del esfuerzo, de la intensidad de vida en el aspecto en que se ejerza; es hija del interés y del amor que se ejercita con *IDS-ICS*. Esta doble tríada es siempre una forma de amor por la realidad, por ella misma. Si la creatividad es hija del interés y del amor, del empeño y la dedicación, es, pues, hija de la búsqueda de la cualidad humana y de la cualidad profunda, en el grado que sea. Cuanto mayor sea ese empeño más posibilidades se abren para la creatividad.

¹¹⁴ Marta Granés Bayona, coordenadora do *CETR*, ministrou o curso “Epistemología Axiológica, uma introdução a construção dos valores para a sociedade dinâmica a luz da obra de Marià Corbí *Proyectos Axiológicos Colectivos. Principios de Epistemología Axiológica*”. A ideia a qual eu utilizei foi compartilhada na seção 3, ocorrida em 28/03/2022. Ao todo foram 6 sessões, com duração aproximada de 2 horas cada, tendo início em 24/01/2022.

¹¹⁵ Las tradiciones religiosas y espirituales son un inmenso depósito de procedimientos para cultivar y ejercitarse en *IDS*. [...] Todas las tradiciones utilizan esas tres actitudes (*IDS*), pero cada una de ellas desarrolla especiales procedimientos para conseguirlo insistiendo más en unas actitudes que en otras.

Para o teórico, os textos sagrados, quando lidos desnudos da *Epistemologia Mítica*, são capazes de oferecer subsídios para o *IDS*. Nesse ponto, contudo, tenho algumas ressalvas. Em primeiro lugar, o teórico parece fazer uma hierarquia entre as chamadas religiões de livro¹¹⁶ e aquelas contidas nas sociedades ágrafas¹¹⁷, por colocar, justamente, ênfase em textos. Com isso, parece direcionar especificamente quais fontes deverão ser consultadas. Isso contradiz a ideia de que cada sujeito é livre para encontrar o caminho rumo à *Qualidade Humana Profunda*. Considero pretensioso quanto o teórico afirma que todas as religiões e tradições espirituais armazenam formas de *IDS*. Julgo ser humanamente impossível conhecer todas as manifestações religiosas existentes para poder ser capaz de chegar a essa conclusão. Todavia, por mais que *IDS* seja uma aptidão e condição necessária para que possamos nos despir dos estigmas que nos foram impostos, ela é livre. Dessa forma, não penso que a leitura sugerida por Marià Corbí seja capaz de abarcá-la. O próprio pesquisador traça algumas outras formas, mas parece se prender muito a essa ideia.

É preciso trazer à tona, nesse momento, que essa tríade não existe sozinha, como visto em citação de Marià Corbí. Para nos possibilitar cultivar a *Qualidade Humana* e a *Qualidade Humana Profunda*, *IDS* estará em interação com outra atitude Axiológica, a *ICS*: a indagação (I), a comunicação (C) e o serviço (S). Portanto, esse cultivo infere no trabalho a partir de uma dupla tríade de aptidões, denominada *IDS-ICS*. E o que significam os termos compreendidos em *ICS*?

2.2 Indagação, Comunicação e Serviço – a tríade ICS

“Cada um de nós precisa encontrar nossa própria inspiração, Kiki. Às vezes não é fácil.”
(O Serviço de Entregas da Kiki, 1989)

Tomo a liberdade de iniciar esse subitem com uma fala extraída da animação japonesa *O Serviço de Entregas da Kiki*¹¹⁸. Em um contexto de encontro, enquanto a bruxinha Kiki

¹¹⁶ Religiões que apresentam um livro sagrado onde estão descritos os dogmas a serem seguidos. Como exemplo tem-se o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo.

¹¹⁷ Sociedades que não possuíam uma forma de escrita, utilizando mais a oralidade. São consideradas ágrafas as religiões de matriz africana e dos povos originários.

¹¹⁸ Com direção de Hayao Miyazaki, *O Serviço de Entregas de Kiki* é uma animação japonesa de 1989. A história conta que, ao completar 13 anos, as bruxas devem sair de casa e procurar uma cidade para morar e descobrir seu dom. Em uma noite, quando ouve no rádio a meteorologia dizendo que seria lua cheia, Kiki decide que já é hora de partir. A personagem quer instalar morada em uma cidade perto do mar. Porém, contrariando aquilo narrado pela meteorologia, Kiki é pega por uma tempestade enquanto voa em sua vassoura rumo ao novo. Ela e seu gato

explora a casa de Úrsula, uma pintora que mora em meio a floresta, ela vê um quadro e fica encantada. A personagem questiona a artista a respeito de sua inspiração para as obras que faz. Kiki tem o desejo de compreender de onde surge a criatividade de Úrsula, pois está no caminho de descobrir qual é o seu poder. Para a bruxinha, caso ela descubra onde é a fonte da qual a pintora bebe, talvez ela também possa mergulhar nas mesmas águas. Úrsula então, ao fitar a própria pintura, diz a Kiki que a inspiração é algo pessoal e deve ser encontrado por cada um. Para que isso ocorra, é preciso que os sujeitos sejam livres. Pensando por esse ponto, como seremos livres nas sociedades do conhecimento, uma vez que elas ainda carregam traços das sociedades rígidas e fixas?

Por mais que, às vezes, seja preciso percorrer um caminho tortuoso, árduo e se defrontar com o fracasso ou críticas, cada sujeito deve percorrê-lo a seus próprios passos. A fonte para a inspiração e criatividade de Úrsula não necessariamente será a mesma para que Kiki descubra e cultive seu poder. O mesmo pode ser observado nas sociedades do conhecimento, que tem como motor principal justamente a criatividade. Não obstante, os professores da disciplina *Epistemologia Axiológica* não devem determinar os caminhos pelos quais os alunos irão percorrer rumo ao cultivo da *Qualidade Humana Profunda*, senão auxiliar no desenvolvimento de aptidões que serão necessárias para esse encontro. Essas aptidões envolvem a dupla tríade *IDS-ICS*. Nesse sentido, tendo compreendido o que é *IDS*, faz-se necessário, então, que eu trace com mais complexidade a respeito da *ICS*.

As formas de cultivo da *Qualidade Humana Profunda*, como exposto, não são viáveis por meio de imposição. Caso tentassem ser, seriam impossíveis. Para esse cultivo é preciso liberdade de qualquer forma de submissão. É preciso que haja, em consonância com Marià Corbí (2020), o esvaziamento de nós mesmos, um corte nas raízes das plantas trepadeiras que se entrelaçam na construção de nossa *persona*. Logo, nós, os viventes das sociedades do conhecimento, devemos compreender a fala de Úrsula e traçar nosso próprio caminho, se distanciando, assim, de medos, temores, desejos e padrões de ação pré-determinados pelo *ethos social*. De acordo com Marià Corbí,

O caminho interior é um convite, um incitamento e uma viagem. Falar de um 'caminho' é uma metáfora, porque na realidade não vai a lado nenhum, mas desperta para a nossa verdadeira condição. [...] O caminho interior é uma auto-direção e uma criação única e exclusiva de cada pessoa. É um feito a ser feito por cada um pessoalmente. Ninguém pode ser substituído nessa tarefa. Ninguém o pode fazer por mais ninguém. Cada um tem de conseguir sair da bota do egocentrismo, que está

Jiji decidem esconder-se dentro de um trem de carga. Enquanto adormecem, não percebem que o trem segue para o lado oposto de onde estavam indo.

trancada do exterior. (CORBÍ, 2006, p. 13, tradução nossa¹¹⁹).

Para sairmos da crise que nos assola, bem como nos livrar do egocentrismo e das expectativas dos outros, é preciso que tomemos consciência de que não faz sentido nos manter na postura típica das sociedades reféns da *Epistemologia Mítica*. Precisamos, dessa forma, nos interessar por todo nosso entorno e indagá-lo, não apenas fluirmos com ele de forma passiva. Aqui entramos em contato com o primeiro conceito da tríade ICS: indagação (i).

A indagação, para Marià Corbí (2020), é uma atitude que envolve a ação em contraponto a passividade. Não aquela ação a fim de legitimar as *verdades impostas*, que percorrem a construção de nossa *persona*. Ela se remete, nesse sentido, a uma indagação a respeito “[...] do mistério do ser dos céus e a Terra, de seu esplendor, sua verdade e sua beleza.” (CORBÍ, 2020, p. 250, tradução nossa¹²⁰). Essa indagação deve fazer o uso da mente e do coração, perpassando pelo axiológico. É preciso também indagarmos a nós mesmos para, justamente, chegar à percepção da necessidade do esvaziamento de nós, defendida por Marià Corbí. Para o pesquisador,

Chamaremos indagação mais que investigação a tarefa desse cultivo, porque queremos indicar que a investigação neste campo é uma investigação em que, embora possamos distinguir entre aspectos mentais e sensíveis, deve sempre incluir ambos os aspectos. Por isso nos parece mais adequado, ainda que seja para evitar equívocos, chamar a esta tarefa ‘indagação’. (CORBÍ, 2020, p. 255, tradução nossa¹²¹).

A investigação envolve um caráter mais abstrato, já a indagação é perpassada pelo viés mental e o sensitivo. O acesso à *Dimensão Absoluta*, uma das faces do real não dual, que propiciará o cultivo da *Qualidade Humana Profunda* nas sociedades do conhecimento, deverá envolver essa indagação, uma vez que ela é gratuita, contínua e duradoura, além de se voltar para o axiológico. Sendo a *Dimensão Absoluta* algo sem fim e também gratuita, as formas de encontro com ela também deverão ser. Logo, os meios para isso não estão, e nem poderão ser previamente determinados, nem pela natureza das coisas, nem por alguma divindade e tampouco pelas ciências. Caso os meios fossem determinados, entraríamos novamente nas

¹¹⁹ El camino interior es una invitación, una incitación y un recorrido. Hablar de ‘camino’ es una metáfora, porque en realidad no es ir a ninguna parte, sino despertar a nuestra verdadera condición. [...] El camino interior es una autoconducción y una creación única y exclusiva de cada persona. Es un logro que cada uno ha de conseguir personalmente. Nadie puede ser sustituido en esa tarea. Nadie puede hacerlo por nadie. Cada uno ha de arreglárselas para salir del baúl de la egocentración, que está cerrado con llave desde fuera.

¹²⁰ “[...] el misterio del ser de los cielos y la Tierra, de su esplendor, su verdad y su belleza.”

¹²¹ Llamaremos indagación más que investigación a la tarea de ese cultivo, porque queremos indicar que la investigación en ese terreno es una en la que, aunque podamos distinguir aspectos mentales y sensitivos, debe incluir siempre esos dos aspectos. Por ello nos parece más adecuado, aunque solo sea para evitar equívocos, llamar a esa tarea «indagación».

questões de submissão, das quais tentamos nos distanciar. Essas formas de encontro são, ainda, construções coletivas. Marià Corbí afirma que a indagação

É um caminho que não tem fim porque o horizonte é tão vasto como a infinidade dos mundos. Se investiga com a mente e o coração o mistério inesgotável de cada um dos seres da Terra e de cada uma das pessoas. Essa investigação, que para marcar que se realiza com o coração e todo o corpo, a chamamos 'indagação', não tem fim e tem que realizar-se livremente. Podemos contar com normativas para adaptarmos a essa indagação, mas a indagação mesma não tem parâmetros de guia, só a delicadeza do olfato do coração e da mente pode ser a norma. (CORBÍ, 2020, p. 250, tradução nossa¹²²).

Afirmo anteriormente, no capítulo I, que nem as religiões e nem a ciência tocam o coração dos os sujeitos, nesse contexto descrito pelo pesquisador, e tampouco esses serão o caminho que levarão à indagação, uma vez que tendem a apresentar explicações prontas. Elas são, em certo grau, as plantas trepadeiras que se entrelaçam em nós. Não obstante, Marià Corbí (2020) entende que a indagação é feita com a mente e o corpo, desde que sejam livres. Você pode estar se perguntando sobre como um corpo preso a esses entrelaçados será capaz de realizar essa indagação em sua completude. E se será capaz. Isso ao passo que, apenas indagando seremos capazes de nos libertar. Ninguém disse que seria fácil.

Um ponto marcante nos escritos de Marià Corbí é essa ênfase na defesa da liberdade. Como forma de dar tronco às reflexões, me apropriei do mito grego de Procusto, um personagem que havia construído uma cama com seu tamanho exato. Ele costumava oferecer hospedagem a viajantes que passavam por perto de sua casa e deixava com que eles repousassem em seu quarto. Todavia, a cama tinha sido elaborada para comportar exatamente o corpo de Procusto, em todas as dimensões. Quando algum hóspede era maior que ele, da cama saíam equipamentos para decepar os membros excedentes. Quando era menor, os aparatos esticavam o hóspede até que ele ficasse do tamanho de Procusto. Uma análise desse mito permite a compreensão de que o personagem acreditava que todos deveriam ser iguais a ele e emanar a homogeneidade. Logo, a diversidade e a liberdade que ela requer deveriam ser tolhidas. De seu próprio eixo antropocêntrico e egocêntrico, a fim de suprir suas expectativas e desejos, partiam os parâmetros do que seria a perfeição humana. Desse modo, os sujeitos não tinham liberdade para serem diversos.

¹²² Es un camino que no tiene fin porque el horizonte es tan vasto como la infinidad de los mundos. Se investiga con la mente y el corazón el misterio inagotable de cada uno de los seres de la Tierra y de cada una de las personas. Esa investigación, que para remarcar que se realiza con el corazón y todo el cuerpo, la llamamos «indagación», no tiene fin y tiene que realizarse libremente. Podemos contar con normativas para adaptarnos a esa indagación, pero la indagación misma no tiene parámetros de guía, solo la finura del olfato del corazón y de la mente puede ser la norma.

Essa mesma dinâmica pode ser observada nas sociedades estáticas. A estrutura social se apropriou, à sua maneira, dessa prática de Procusto, decepando ou esticando as mentes e corpos dos sujeitos para encaixá-los no sistema da religião, por meio de uma doutrina. E isso para manter o *status quo* social, onde cada sujeito deveria cumprir seu determinado papel, com vistas a manter o poder centrado hierarquicamente. Nas sociedades do conhecimento, por sua vez, a releitura desse mito também se volta ao corpo e à mente, em certas doses, ainda pela presença marcante da *Epistemologia Mítica*. Nessa nova configuração social, alguns corpos, como os negros, os trans, os gays e os deficientes, não são livres para coexistirem com outros, que tem sua própria ideia de perfeição e guardam uma cama com seus próprios equipamentos. Essa estrutura, quando indagada, é compreendida como sinonímia de *mimimi*¹²³.

Podemos observar, nesse sentido, que, “[...] o corpo é supranumerário, um alterego, um outro, um parceiro, passível de supressão.” (SERRATO, 2010, p. 157). Justamente por essa forma utilitarista e obsoleta de compreender o corpo é que são realizadas barbáries como escravização, estupro, tráfico de órgãos e outros. Não obstante, é também por essa compreensão que muitos corpos são silenciados e têm sua liberdade retirada. E o silêncio aqui não está em consonância com aquele exposto por Marià Corbí, em *IDS*. Os corpos que não são livres acabam por se tornarem reféns de *outros*.

Temos a consciência de que a cultura somática¹²⁴ impede que sejamos livres. De que forma? Ora, ao invés de indagarmos o mundo à nossa volta, bem como a nós mesmos para encontrar formas de cultivar a *Qualidade Humana Profunda*, nos acorrentamos frente a espelhos, nos preocupando e voltando toda nossa atenção em parecer com as figuras midiáticas que vemos. Quando, finalmente, olhamos para nós, é em comparação com o outro. Você sabe quem é você quando não tem outro corpo como referência? Penso que todos querem ser iguais, usar as mesmas roupas, o mesmo corte de cabelo, experimentar os mesmos sucessos. Estamos imersos em uma sociedade que tem buscado ser homogênea. E já compreendemos que assim não será possível a criatividade, menos ainda a liberdade, tampouco o cultivo da *Qualidade Humana Profunda*.

Você pode se perguntar porque citei sobre o corpo ao passo que estou falando da indagação nos escritos de Marià Corbí, veja, “a indagação que se deve fazer se realiza com

¹²³ “Mimimi” é uma expressão que se popularizou nas redes sociais. É comumente usada para descrever ou imitar, de forma pejorativa, uma pessoa que reclama de alguma situação.

¹²⁴ “Parece fundamental, numa reflexão do corpo e da sexualidade, lembrar que o advento da cultura somática abre as cortinas do espetáculo quando apresenta ao ser humano o corpo como “objeto” imprescindível para a construção de sua identidade e do reconhecimento social. Dessa forma, essa cultura delega ao corpo um lugar de prazer, de aparência, de beleza e de saúde tal, que acaba por sobrevalorizar o corpo, outrora esquecido, por causa de sua fragilidade e precariedade.” (SERRATO, 2010, p. 149-150)

sentir, mente e corpo.” (CORBÍ, 2020, p. 251, tradução nossa¹²⁵). E se permitirmos que nosso corpo seja constantemente decapitado ou alongado por outros, como seremos capazes de indagar? Como seremos capazes de nos esvaziarmos de nós mesmos?

A indagação, esse primeiro termo da tríade *ICS*, só se fará possível quando desnudo da submissão, das crenças e de qualquer forma de controle. A indagação não florescerá enquanto tentar lançar raízes em terrenos onde foram plantadas as plantas trepadeiras que nos entrelaçam. Nesse tipo de sociedade, não seremos livres. Um corpo e uma mente que não podem se esvaziar de si, não terão a liberdade necessária que essa aptidão requer. Lembrando aqui que Marià Corbí não está dizendo sobre uma dualidade corpo-mente nos seres humanos. Está apenas fazendo uso dos termos. Para o pesquisador, nossa essência é a língua e justamente isso trouxe uma ruptura paradigmática nas formas duais com as quais os sujeitos eram compreendidos, tanto pelo sistema da religião quanto pelas ideologias.

É preciso compreender as palavras de Úrsula. Tudo, nas sociedades do conhecimento, haverá de ser construção nossa, uma vez que nada é dado a nós. Um ponto a se refletir é que, para a construção, seja de nossa *casa* ou de nossa *persona*, não partiremos do 0. Por estarmos submersos em uma cultura e no *ethos* que ela institui, sempre seremos tomados por referenciais, sejam positivos ou negativos que sustentaram nossos pilares. Nesse sentido, é preciso ter a liberdade para escolher o que será usado e o que será deixado para trás nessa construção subjetiva. Não obstante, é preciso que tomemos consciência de que não precisamos viver em busca de algo que nos preencha, pois precisamos experimentar o vazio. Nesse sentido, é preciso ficar claro que a *Qualidade Humana Profunda* não tem a função alguma de preencher o nosso ser. Precisamos fazer o exercício da indagação e ir de vazio em vazio, para alcançarmos o *vazio máximo*, que é justamente a *Qualidade Humana Profunda*. Isso só será possível a partir do momento em que percebamos que somos simbiose com o meio que tanto desejamos mudar, depredar e moldar a partir de nossas necessidades egocentradas. Não devemos viver pelo utilitarismo, senão pela simbiose. De acordo com Marià Corbí, “somos seres simbióticos também em nossa indagação da dimensão absoluta. A indagação com outros pede uma comunicação franca e sem fronteiras.” (CORBÍ, 2020, p. 261, tradução nossa¹²⁶). Nesse momento, entramos em contato com o segundo termo da tríade *ICS*: comunicação (C). Conforme Marià Corbí,

¹²⁵ “la indagación que se debe hacer se realiza con sentir, mente y cuerpo.”

¹²⁶ “somos seres simbióticos también en nuestra indagación de dimensión absoluta. La indagación con otros pide una comunicación franca y sin fronteras.”

Para não cair em possíveis confusões há que diferenciar, com toda precisão, a comunicação da informação. A comunicação é sempre qualitativa e axiológica; a informação ainda que tenha que se fazer por meios concretos e em ocasiões qualitativas, não é axiológica. A comunicação transmite valores, que são qualidades, estímulos, e com isso transmite também informação; a informação só transmite informação. A comunicação implica a quem se comunica; a informação não implica axiologicamente aos que compartilham a informação. (CORBÍ, 2020, p. 88, tradução nossa¹²⁷).

Os animais humanos são os únicos que falam, pois tem como condição fixada justamente essa capacidade de operar com a palavra, em uma relação de *emissor - mensagem - receptor*. De acordo com Marià Corbí, “a língua natural (não a científica, nem a artística) maneja entidades concretas, qualitativas para criar um sistema eficaz de comunicação. Utiliza uma formalidade concreta.” (CORBÍ, 2013, p. 48, tradução nossa¹²⁸). A língua da ciência se abstrai do axiológico para que possa ter mais mobilidade. Nesse sentido, é possível afirmar que “[...] o sistema de valores é um sistema de comunicação que possibilita a existência da simbiose e a partir da simbiose a relação com o meio; sem essa comunicação não há sobrevivência possível em uma forma determinada.” (CORBÍ, 2013, p. 57, tradução nossa¹²⁹).

Comunicação, dessa forma, não está em sinonímia com informação. Pode parecer complexo, contudo, a comunicação, para Marià Corbí (2020), envolve justamente os aspectos axiológicos. A informação, por sua vez, só é capaz de comportar e transmitir dados. A comunicação, por meio da condução de valores, tem como capacidade gerar uma simbiose com o meio, a informação é incapaz. Desse modo, podemos compreender que as ciências e tecnologias, nas sociedades do conhecimento, não são capazes de comunicar, uma vez que retiram o axiológico de seu campo. Nesse sentido,

[...] um sistema de valores, um sistema axiológico, é um sistema de comunicação, que é um sistema de simbiose e um sistema de sobrevivência. Não pode haver uma simbiose eficaz e duradoura que garanta a existência do indivíduo e do grupo sem um sistema de valores. Não se deve esquecer que sem a sobrevivência do grupo não há sobrevivência do indivíduo. Por conseguinte, para que os sistemas de valores sejam eficazes, devem ter uma duração de médio e longo prazo. (CORBÍ, 2020, p. 92,

¹²⁷ Para no caer en posibles confusiones hay que diferenciar, con toda precisión, la comunicación de la información. La comunicación es siempre cualitativa y Axiológica; la información, aunque tiene que hacerse por medios concretos y en ocasiones cualitativos, no es Axiológica. La comunicación transmite valores, que son cualidades, estimulaciones, y con ello transmite también información; la información solo transmite información. La comunicación implica a quienes se comunican; la información no implica Axiológicamente a los que comparten la información.

¹²⁸ “la lengua natural (no la científica, ni la artística) maneja entidades concretas, cualitativas para crear un sistema eficaz de comunicación. Utiliza una formalidad concreta.”

¹²⁹ “[...] el sistema de valores es un sistema de comunicación que posibilita la existencia de la simbiosis y desde la simbiosis la relación con el medio; sin esa comunicación no hay supervivencia posible en una forma determinada.”

tradução nossa¹³⁰).

Os *Projetos Axiológicos Coletivos*, dos quais tratamos no *CAPÍTULO I – DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ*, devem, portanto, levar em conta esse axiológico para que sejam duradouros e condizentes com as sociedades do conhecimento. Todavia, por mais que devam ser duradouros, não serão, contudo, definitivos. Ainda como exposto no capítulo anterior, a língua das ciências e da tecnologia buscam suprimir justamente os traços axiológicos dos quais necessitamos. Dessa forma, por meio delas não será possível a construção dos *Projetos Axiológicos Coletivos* e menos ainda alcançar a simbiose com o meio ou podar as plantas trepadeiras que nos entrelaçam. Por isso a disciplina *Epistemologia Axiológica* faz-se tão importante nas sociedades do conhecimento. Ela permitirá que haja a restituição de nossas bases axiológicas que foram perdidas com a mudança de configuração social. E, para tudo isso, é preciso que nos comuniquemos.

Marià Corbí (2020) afirma que a comunicação, todo o sistema axiológico e a dinâmica da simbiose presente nas sociedades do conhecimento são aspectos de uma mesma realidade. A indagação e a comunicação caminham juntas. Essas duas aptidões são interdependentes, bem como toda a estrutura das sociedades do conhecimento. São duas ações que só serão possíveis em uma equipe que tome consciência de sua simbiose. Por isso, nessa nova configuração social, os desejos subjetivos não devem prevalecer em detrimento da comunidade. E, para isso, todo o serviço prestado na sociedade não deverá ter como eixo estruturante o egocentrismo ou legitimação de uma verdade imposta. Nesse momento, nos deparamos com o último termo da tríade ICS: serviço (S).

Voltemos às sociedades estáticas. Nelas havia uma ocupação dominante, um serviço prestado pelos sujeitos. As funções eram definidas de acordo com uma hierarquia social e todos deveriam cumprir o papel que lhes era imposto. As classes dominantes, que geralmente abrigavam a realeza e uma forma de clero, eram os detentores de poder e de um trabalho que não envolviam o aspecto braçal. E assim o eram pela ideia de um mandato de alguma divindade. Já as consideradas classes baixas, eram compostas por quem cuidava do trabalho árduo e mecânico. O sistema do mito, inclusive, era utilizado para que não houvesse indagação a respeito dessa configuração social, pois, caso ocorresse, poderiam surgir transgressores. A

¹³⁰ [...] un sistema de valores, un sistema axiológico, es un sistema de comunicación, que es un sistema de simbiosis y un sistema de supervivencia. No puede existir simbiosis eficaz y duradera que asegure la existencia del individuo y del grupo, sin un sistema de valores. No hay que olvidar que, sin supervivencia del grupo no hay supervivencia del individuo. Por consiguiente, para que los sistemas de valores sean eficaces han de tener una duración de medio y largo plazo.

submissão era a norma e a forma de controle. Nas sociedades do conhecimento, por sua vez, essa prática não deveria encontrar campo fértil segundo Marià Corbí (2020). Como esta estrutura se encontra em redes interdependentes, os serviços prestados deverão acontecer de forma mútua. Esses serviços, a saber, dizem respeito às atividades humanas realizadas em sociedade.

Para Marià Corbí, “o serviço mútuo - quanto mais completo, melhor - é imprescindível para a sobrevivência nas sociedades do conhecimento e é igualmente imprescindível para adquirir nelas a qualidade humana profunda.” (CORBÍ, 2020, p. 282, tradução nossa¹³¹). O serviço que há de ser prestado nas sociedades de conhecimento não deve ser apenas em detrimento de necessidade pessoais, do progresso científico, do capitalismo ou em nome de um utilitarismo imediato, o que poderia levar à depredação. Para Marià Corbí (2020), o serviço deverá fazer emergir o axiológico, uma vez que somos sentir. Com relação a esse sentir, o pesquisador nos chama atenção para o sentir profundo, mencionado primeiramente no subitem *1.2 A importância da língua para a compreensão do duplo acesso ao real não dual*.

O sentir profundo é o sentir do mistério dos mundos, esse sentir é o coração do mistério e do meu próprio ser. [...] Como se passa do mundo dos afetos, próprio do sistema de sinais, para o sentir profundo? Simplesmente olhando para tudo com interesse, sem procurar nada. Basta olhar para todos os seres e para si mesmo, como um deles, sem procurar ou esperar nada. Olhando-os com intensidade e curiosidade porque eles estão lá, simplesmente por causa disso. (CORBÍ, 2021, p. 127, tradução nossa¹³²).

Para melhor compreensão relativa a esse sentir profundo em Marià Corbí, elaborei o esquema (esquema 11) abaixo:

¹³¹ “el servicio mutuo —cuanto más completo, mejor— es imprescindible para la supervivencia en las sociedades de conocimiento y es igualmente imprescindible para adquirir en ellas la cualidad humana profunda.”

¹³² El sentir hondo es el sentir del misterio de los mundos, ese sentir es el corazón del misterio y de mi propio ser. [...] ¿Cómo se pasa del mundo de los afectos, propios del sistema de señales, al sentir hondo? Simplemente mirándolo todo con interés, sin buscar nada. Solo mirar a todos los seres y a sí mismo, como uno más, sin buscar ni esperar nada. Mirándolos con intensidad y curiosidad porque están ahí, simplemente por eso.

Esquema 11 - O que se compreende sobre o sentir profundo.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Marià Corbí (2021).

Como afirma Marta Granés-Bayona,

Nesta perspectiva, é muito comum descobrir que a causa da crise de valores é o resultado da prevalência de interesses pelo material, em detrimento dos que estão relacionados com a pessoa e o meio social e ambiental. Quando este esquecimento ocorre, o progresso tecnológico só é posto ao serviço do enriquecimento pessoal, em vez de ser orientado para melhorar a produtividade e resolver as necessidades pessoais. E a solução oferecida é introduzir uma mudança de valores para subverter qualquer situação que não seja benéfica para o coletivo e para o ambiente. É geralmente feita uma lista dos valores necessários a serem implementados, tais como: educação, transparência, justiça, melhoria da competitividade. (GRANÉS-BAYONA, 2018, p. 47, tradução nossa¹³³).

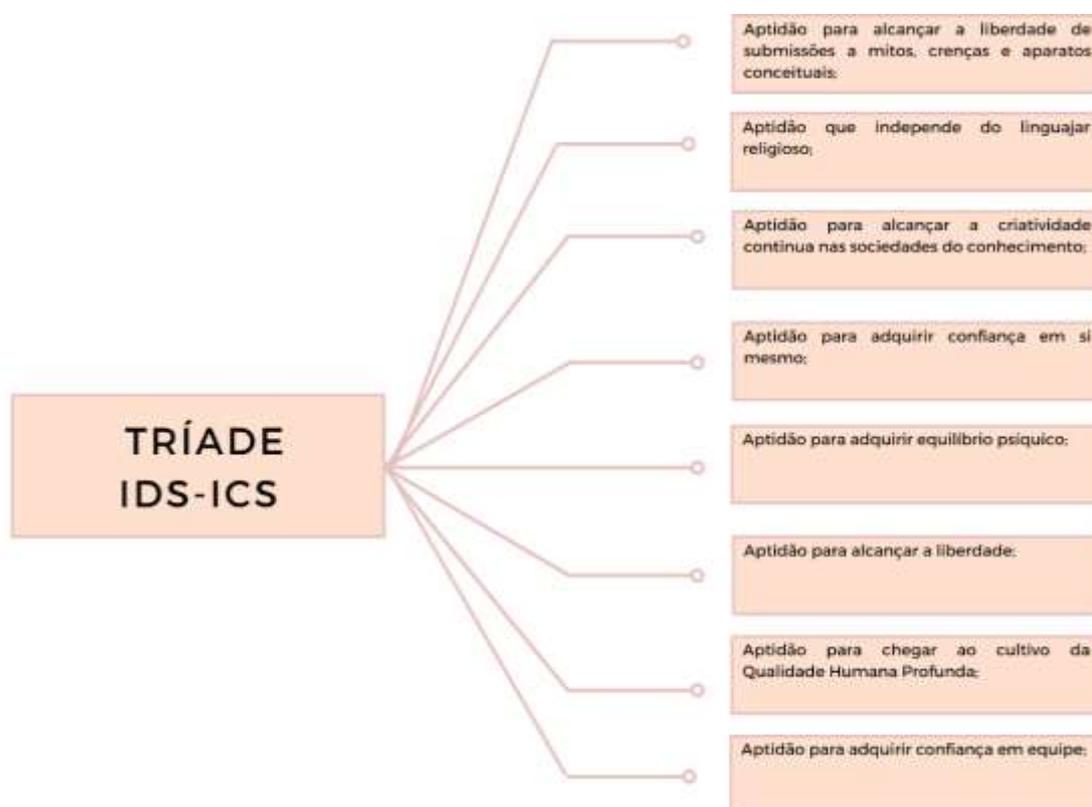
Penso que os sujeitos não se esvaziam de si, pois não se valoram como o fazem com um pedaço de papel. E isso vem como reflexo dos serviços prestados nas sociedades do conhecimento se voltarem em exclusivo para as ciências e criação de novas tecnologias. Não é

¹³³ Desde esta perspectiva es muy frecuente encontrar que la causa la crisis de valores es el resultado de la prevalencia del interés por lo material, en detrimento del referido a la persona y al entorno social y medioambiental. Cuando se da ese Olvido, el avance tecnológico solo se pone al servicio del enriquecimiento personal, en lugar de orientarlo a la mejora de la productividad y resolver las necesidades personales. Y la solución que se ofrece es introducir un cambio de valores para subvertir toda situación no beneficiosa para el colectivo y el medioambiente. Se suele hacer un listado de los valores necesarios a implantar como: educación, transparencia, justicia, mejorar la competitividad.

esse o sentido trabalhado por Marià Corbí. Para o pesquisador, os serviços prestados deverão ser gratuitos e não mais uma ferramenta utilizada em direção à satisfação de desejos pessoais. Claro que aqui podem surgir questionamentos relacionados a como sobreviver em sociedade, como pagar as contas ou como comprar alimentos prestando serviços gratuitos. O foco aqui é não colocar o capital como o ápice a ser alcançado, onde se *topa tudo por dinheiro*¹³⁴. É também manter o axiológico em voga, manter-se em um serviço mútuo. O terceiro termo da tríade *ICS* também deve exalar a simbiose com o meio. Terá como incumbência nos levar ao encontro da nossa inspiração.

Essa dupla tríade *IDS-ICS*, a saber, está em relação com a *Dimensão Relativa* e a *Dimensão Absoluta*, nosso duplo acesso ao real não dual propiciado pela língua, do qual tratei no capítulo I. Esse acesso, por sua vez, é condição necessária para que cultivemos a *Qualidade Humana* e a *Qualidade Humana Profunda*, que, embora tenham nomes diferentes, não são duais, senão duas faces de uma mesma moeda. Para melhor compreensão a respeito de *IDS-ICS*, me permita trazer o esquema (esquema 12) abaixo:

Esquema 12 - Em que consiste *IDS-ICS*?



Fonte: Elaborado pela autora com base em Marià Corbí (2018).

¹³⁴ Referência ao programa televisivo exibido no SBT e apresentado por Silvio Santos, na década de 1990.

É necessário que desenvolvamos essa dupla tríade de aptidões para que possamos nos conduzir pelo caminho rumo ao encontro da *Qualidade Humana* e a *Qualidade Humana Profunda*, de forma livre de qualquer imposição e formas de submissão. Ela permitirá que nos esvaziemos de nós. Nesse sentido, “IDS-ICS é a base e condição nas SC. Isso é QH. Sem a prática de IDS-ICS não se pode criar uma equipe de criatividade contínua de pessoas em interdependência mútua.” (CORBÍ, 2021, p. 17, tradução nossa¹³⁵). Compreende essa relação? É nesse sentido que se faz necessário compreender que

[...] o cultivo de IDS-ICS não é nem extrínseco nem opcional para a SC, eles são o núcleo de sua essência e sua condição de possibilidade. O Projeto Coletivo Axiológico (PAC), e, portanto os valores, têm sua base de construção e qualidade na prática temática coletiva do IDS-ICS. A partir da PAC assim construída, os valores serão deduzidos. A CHP dependerá do cultivo incondicional do IDS-ICS. (CORBÍ, 2021, p. 18, tradução nossa¹³⁶).

Toda essa dinâmica envolve não residir na *Dimensão Relativa* e se atentar aos trilhos da *Dimensão Absoluta*. Isso para que possamos alcançar o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda*. Todavia, para começarmos a pensar sobre isso, é preciso compreender o significado desses termos e seus impactos para as sociedades do conhecimento.

2.3 Qualidade Humana e Qualidade Humana Profunda em Marià Corbí

“O meu pai costumava dizer que a minha irmã era como uma árvore, que se agarra firmemente à terra com as suas raízes. Eu era como a água, que percorre o seu caminho sem que nada a detenha. Se encontrar um obstáculo, desvia-se até poder avançar novamente.”
(Memórias de uma Gueixa, 2005)

Às vezes, voltando a frase que dá início a esse subitem, extraída do filme *Memórias de uma Gueixa*, somos árvores. É mais confortável agarrar nossas raízes em um terreno conhecido, tirar daquele local nossos meios de subsistência e viver aquela realidade. Imagino que ser como água, livre para percorrer as fissuras nas planícies, planaltos e depressões, deve assustar, incomodar, ser doloroso. Enquanto árvores, por mais que nossas folhas balancem, temos a comodidade de uma vida pacata. Enquanto água, somos movimento e surpresa. É assim com a *Qualidade Humana* - talvez árvore - e a *Qualidade Humana Profunda* - talvez água. Todavia,

¹³⁵ “IDS-ICS es la base y condición de las SC. Eso es CH. Sin la práctica de IDS-ICS no se puede crear un equipo de creatividad continuada de personas en interdependencia mutua.”

¹³⁶ [...] el cultivo de IDS-ICS no son extrínsecos, ni optativos para las SC, son el eje de su entraña y su condición de posibilidad. El Proyecto Axiológico Colectivo (PAC), y por consiguiente, los valores tienen su base de construcción y calidad en la práctica tematizada colectiva de IDS-ICS. Desde el PAC así construido se deducirán los valores. La CHP dependerá del cultivo incondicional de IDS-ICS.

para fazer a relação desses termos com essa metáfora inicial, é preciso responder a seguinte questão: o que é essa construção a qual Marià Corbí tanto aborda? Mergulhemos.

Primariamente é preciso que eu deixe claro: *Qualidade Humana* e *Qualidade Humana Profunda* não são duas coisas separadas e nem se estruturam de forma hierárquica. Por mais que tenham nomes diferentes e apresentem especificidades próprias, não estão em uma relação de antonímia. São, dessa forma, uma dimensão não dual do ser humano. Caso fossemos uma moeda, *Qualidade Humana* e *Qualidade Humana Profunda* seriam nossa cara e coroa. Você consegue se lembrar que esse exemplo já foi utilizado quando eu trouxe *Dimensão Relativa* e *Dimensão Absoluta*? Ora, é porque há uma relação entre esses termos. Veremos.

O ponto central em todo estudo realizado pelo pesquisador, ao longo de 55 anos, talvez seja apresentar esses termos supracitados como sendo de propriedade tipicamente da sociedade do conhecimento. E, por isso, coloca-os em contraposição ao termo *espiritualidade*, de propriedade das sociedades estáticas. Nesse sentido, Marià Corbí “[...] apresenta o conceito Qualidade humana (QH) e Qualidade humana profunda (QHP) para se referir ao que mais comumente chamamos espiritualidade. QHP é, para o estudioso, uma dimensão constitutiva do ser humano, um dado antropológico que não depende das religiões.” (SENRA; SOUZA, 2018, p. 123, tradução nossa¹³⁷). Como afirma o pesquisador,

Quando praticamos o IDS-ICS para adquirir a qualidade humana (CH) não podemos esquecer sua raiz animal e sua função. Nunca a prática do IDS-ICS nos levará além de nossa condição de vida e base. Quando praticamos IDS-ICS para abordar a qualidade humana profunda (CHP), não devemos também esquecer sua raiz e função animal. Tampouco devemos esquecer que esta prática, seja como for, nunca nos levará para fora de nossa condição animal. A prática do IDS-ICS com a intenção de nos aproximar do DA da realidade, pela natureza e pela função que ela tem na vida, nunca nos levará para fora de nossa condição de vida. Isso nos levará a outra dimensão de nossa humilde condição, mas nunca fora dela. (CORBÍ, 2021, p. 48, tradução nossa¹³⁸).

Como visto em *IDS-ICS*, as sociedades do conhecimento necessitam, entre as partes constitutivas dessa aptidão, de um silêncio radical. Isso implica em que sejamos capazes de

¹³⁷ “[...] presenta el concepto Calidad humana (CH) y Calidad humana profunda (CHP) para referirse al que más comúnmente llamamos espiritualidad. CHP es, para el estudioso, una dimensión constitutiva del ser humano, un dato antropológico que no depende de las religiones.”

¹³⁸ Cuando practiquemos IDS-ICS para adquirir la calidad humana (CH) no podremos olvidar su raíz y función animal. Nunca la práctica de IDS-ICS nos llevará más allá de esa nuestra condición y base de vivientes. Cuando practiquemos IDS-ICS para aproximarnos a la calidad humana profunda (CHP) tampoco deberemos olvidar su raíz y función animal. Tampoco deberemos olvidar que esa práctica, se realice con la intención que se realice, jamás nos conducirá a salirnos de nuestra condición animal. La práctica de IDS-ICS con pretensión de acercarnos a la DA de la realidad, por la naturaleza y por la función que tiene en los vivientes, jamás nos conducirá fuera de nuestra condición de vivientes. Nos conducirá a otra dimensión de esa nuestra humilde condición, pero jamás fuera de ella.

calar nossos desejos, temores, padrões de interpretação e de ação no mundo. Um silêncio do que nos foi imposto. E, para além disso, silêncio de tudo aquilo que é de propriedade da *Epistemologia Mítica*, pois envolve traços de submissão. Essa dinâmica só será possível por meio dessa aptidão, a ser desenvolvida pela disciplina *Epistemologia Axiológica*. Nesse sentido, o silêncio deverá ser laico e sem crenças, pois, caso não fosse, colocaria em nós as amarras da submissão, que impedem que sejamos livres. E já sabemos que precisamos cultivar essa liberdade. É preciso, nesse sentido, fazer um esforço para deixar de sermos árvores. Assim o sendo, permitirá que, de acordo com Marià Corbí (2020), os viventes das sociedades do conhecimento

[...] cultivem e vivam as grandes dimensões abertas pelo silêncio, essas que no passado eram controladas pelas chamadas religiões e das quais falam as tradições e os mestres espirituais de todos os tempos. São as dimensões de qualidade profunda, de qualidade humana, fruto dessa atitude de conhecimento e de implicação mental e sensitiva na realidade que é o silêncio. (CORBÍ, 2010, p. 277).

A *Qualidade Humana e Qualidade Humana Profunda* são, dessa forma, filhas do silêncio. Desse modo, faço uma afirmação pessoal, não precisamos mais da *espiritualidade*. Todavia, a ideia aqui não é que haja um abandono desse termo, senão uma ruptura conceitual. Como? Esse termo, para Marià Corbí, traz uma sinonímia com a submissão, imposição, fixação e hierarquia típica das sociedades estáticas. Desse modo, não deve ser esquecido, senão estudado pela *Epistemologia Axiológica* para ser relegado ao seu passado, a *Epistemologia Mítica*, à aquela roupa que não nos cabe mais. E não deve ser esquecido para que não corramos o risco de nos agarrar a ela novamente. Relembre o diálogo entre a Alice e o Absolem ou o rio de Heráclito, apresentados no *CAPÍTULO I – DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ*. Devemos fluir e não cultivar uma postura tal qual a das sociedades estáticas. Haja visto que nossa nova configuração social é reflexo de uma ruptura paradigmática, não faz sentido falar que estamos em busca de uma *espiritualidade* justamente por toda carga que o termo carrega consigo, bem como pelo fato de se voltar para o sistema da religião. Não obstante, já compreendemos que a busca realizada nas sociedades do conhecimento é justamente por algo que esteja desinstitucionalizado desse sistema, dada sua inaptidão nesse novo contexto. Há, dessa forma, um rompimento com aquilo que é de propriedade do passado, surgindo assim uma nova construção conceitual: *Qualidade Humana e Qualidade Humana Profunda*. É em consonância com essa ideia que o pesquisador propõe “[...] substituir o termo *espiritualidade* por *qualidade humana profunda*.” (CORBÍ, 2016, p. 35,

tradução nossa¹³⁹).

Penso que não se trata de meramente uma substituição de um termo, senão uma nova construção. Você pode estar ainda se questionando a respeito dessa mudança conceitual proposta por Marià Corbí. Veja, para o pesquisador, “nos vemos forçados a abandonar incluído o termo espiritualidade, porque sugere e está ligado a um tipo de antropologia, de corpo e espírito, que já não é nossa [...]” (CORBÍ, 2016, p. 35, tradução nossa¹⁴⁰). Sabendo que somos seres que temos em nossa essência a língua e que não somos mais reféns de uma forma de dualidade, não faz sentido preservar o uso de um termo que nos enxerga nesta condição. É nesse sentido que temos uma ruptura conceitual.

Exposto isso, o que, de fato, é a *Qualidade Humana* em Marià Corbí? Ora, “a qualidade humana é a consciência de viver e cultivar nosso duplo acesso da realidade; o da dimensão relativa a nossas necessidades e o da dimensão não relativa a essas necessidades ou dimensão absoluta.” (CORBÍ, 2020, p. 189, tradução nossa¹⁴¹). Por isso se dá a relação entre *Qualidade Humana*, *Qualidade Humana Profunda*, *Dimensão Relativa* e *Dimensão Absoluta*.

A *Qualidade Humana* se relaciona, em certo grau, com a *Dimensão Relativa* à medida que se volta para ações e capacidades que tem como foco o ser humano, e isso toca a questão do ego, que em nada tem a ver com a questão do egocentrismo. Nesse ponto elas mantêm distância, quando entram em voga ego e egocentrismo. Veja, “toda ação humana ou é egoísta ou é ambígua. Por quê? Porque são atuações regidas pelo ego que opera sempre em benefício próprio; esse é o papel que deve exercer como função do cérebro a serviço da sobrevivência do animal necessitado que somos. (CORBÍ, 2020, p. 244, tradução nossa¹⁴²). Pense na estrutura ternária proposta por Marià Corbí (2020) onde temos *sujeito de necessidades / língua / mundo correlato às necessidades*. O ego é a mediação necessária para que haja sobrevivência dos sujeitos, em um mundo onde os elementos acabam sendo vistos como uma forma de ameaça. Todavia, esse manejo feito pelo ego se torna uma ameaça quando se transforma em egocentrismo. Trago novamente as ações do Elon Musk, citadas no subitem 1.1 *A urgência da Epistemologia Axiológica para pensar o cultivo da Qualidade Humana nas sociedades de conhecimento*. Compreende a questão? Marià Corbí afirma que

¹³⁹ “[...] sustituir el término *espiritualidad* por *cualidad humana profunda*.”

¹⁴⁰ “nos vemos forçados a abandonar incluso el término *espiritualidad*, porque sugiere y va ligado a un tipo de antropología, de cuerpo y espíritu, que ya no es el nuestro [...]”

¹⁴¹ La *cualidad humana* es la conciencia de vivir y cultivar nuestro doble acceso a la realidad: el de la dimensión relativa a nuestras necesidades y el de la dimensión no relativa a esas necesidades o dimensión absoluta.

¹⁴² “toda acción humana o es egoísta o es ambigua. ¿Por qué? Porque son actuaciones regidas por el ego que opera siempre en beneficio propio; ese es el papel que debe ejercer como función del cerebro al servicio de la supervivencia del animal necesitados que somos los humanos.”

Nas sociedades do conhecimento, a qualidade humana (CH) não se refere a normas de origem divina, nem a normas morais derivadas de nossa natureza fixa como animais racionais. CH não pode surgir como fruto de crenças ou pressupostos filosóficos tratados como intocáveis, mas terá que ser fundamentado em dados fornecidos por nossa condição de animais constituídos como tal pela fala. CH em SC surgirá do interesse, e de suas consequências, com o qual o trabalho, a família e todas as realidades sociais ou físicas serão tratados. IDS-ICS voltado para todas as realidades de nossas vidas é o que dá CH, sem referências religiosas ou normas éticas válidas transcendentalmente para todos os tempos e todas as culturas. (CORBÍ, 2021, p. 107, tradução nossa¹⁴³).

A *Qualidade Humana* implica em aceitar a vida como é. A exemplo, os sujeitos apresentam grande dúvida e receio em relação às questões de cunho ontológico, principalmente à morte, por mais que saibamos que ela é a única certeza que temos. Enveredando-se pelos caminhos da ressurreição, reencarnação e ancestralidade, os sujeitos tentam fugir da finitude humana, ao invés de abraçá-la. Nesse sentido, a *Qualidade Humana* torna simples e aceitável essa dinâmica de aceitação, nos livrando dos temores. Para Marià Corbí, a *Qualidade Humana*

É uma qualidade própria da nossa espécie que deriva da nossa própria base biológica: da modelação da realidade que fazemos do nosso aparelho sensorial e motor, do nosso cérebro, da nossa condição simbiótica e sexual, da nossa condição de animais falantes. É por isso que lhe chamo uma *qualidade humana*. (CORBÍ, 2016, p. 35, tradução nossa¹⁴⁴).

Esse termo apresentado por Marià Corbí precisa ser lido sob a ótica de Marià Corbí. Em uma busca rápida nos principais portais da *internet*, *qualidade humana* é tido como sinonímia de virtudes que fazem parte de um determinado *ethos social*. Quando essa busca se volta para bases indexadoras, o termo é percebido como sendo simultâneo a aquilo que se acredita que os seres humanos precisam, como educação, saúde, saneamento básico, dentre outros. Nesse contexto, para evitar confusões epistêmicas, peço que você se desvele de concepções relativas a esse termo e coloque os óculos do pesquisador. Dito isso, a fim de demonstrar o que é *Qualidade Humana* em Marià Corbí, trago o esquema (esquema 13) abaixo:

¹⁴³ En las sociedades de conocimiento, la cualidad humana (CH) no hace referencia a normas de origen divino, ni normas morales derivadas de nuestra naturaleza fijada de animales racionales. La CH no puede surgir como fruto de las creencias o de los presupuestos filosóficos tratados como intocables, sino que tendrá que fundamentarse en datos proporcionados por nuestra condición de animales constituidos como tales por el habla. La CH en las SC surgirá del interés, y sus consecuencias con los que se trate el trabajo, la familia y todas las realidades sociales o físicas. IDS-ICS vuelto a todas las realidades de nuestras vidas es el que da la CH, sin referencias religiosas ni normas éticas válidas transcendentalmente para todos los tiempos y todas las culturas.

¹⁴⁴ Se trata de una cualidad propia de nuestra especie que arranca de nuestra misma base biológica: a partir de la modelación que hacemos de la realidad desde nuestro aparato sensitivo y motor, desde nuestro cerebro, desde nuestra condición simbiótica y sexual desde nuestra condición de animales que hablan. Por eso la llamo *cualidad humana*.

Esquema 13 - Qualidade Humana em Marià Corbí.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Marià Corbí (2018).

A *Qualidade Humana*, como visto, se trata de uma série de capacidades que os sujeitos, nesse contexto descrito pelo pesquisador, devem desenvolver. Não obstante, o seu cultivo deverá ser “[...] nos próprios locais de trabalho onde ganhamos a vida, na família, entre amigos e assim por diante. Em outras palavras, dentro de nossa vida diária e de suas diversas ocupações. O cultivo de CH não requer organizações especiais.” (CORBÍ, 2021, p. 68, tradução nossa¹⁴⁵). Em suma, essa dimensão implica na “lucidez mental, orientação nos critérios, calidez sensível e bom raciocínio para julgar pessoas, situações, projetos que convenham às situações” (CORBÍ, 2010, p. 278). Você consegue perceber que quando é afirmado que essa dimensão não é inata implica no entendimento de que ela é uma construção? Tudo nas sociedades do conhecimento deverão ser construções do coletivo. Marià Corbí afirma que “[...] é preciso ser capaz de construir uma qualidade humana que não se fundamente em nenhum tipo de conteúdo, que seja vazia de conteúdos, porque, a partir dela, será necessário construir os projetos futuros.” (CORBÍ, 2010, p. 279).

Voltemos às sociedades caçadoras, coletoras e até mesmo às industriais. As ações e os padrões de interpretação do tempo presente eram decididos com base em toda a história passada. Não somente como uma forma de pilar estruturante, mas a fim de legitimar tudo aquilo tido como verdade absoluta. Nesse sentido, “o ponto de ancoragem que proporciona critérios, normas, princípios e tradições eram crenças religiosas, as convicções ideológicas ou uma

¹⁴⁵ “[...] en los mismos lugares de trabajo con los que nos ganamos la vida, en la familia, entre los amigos, etc. Es decir, en el seno de nuestra vida cotidiana y de sus diversas ocupaciones. El cultivo de la CH no requiere de organizaciones especiales.”

mescla de ambas.” (CORBÍ, 2010, p. 278). O mito e as ideologias eram, naqueles contextos, agentes ativos no meio social. A construção de uma forma de *Qualidade Humana* nessas sociedades acompanhava essa dinâmica e era sustentada pelas crenças. Em certo grau, nem sequer podemos conceber que era uma construção, senão uma imposição. Sabendo que nas sociedades do conhecimento não podemos ter esse tipo de apoio, tampouco podemos olhar para o passado para projetar o nosso presente. Dessa forma,

As decisões sobre o presente não têm outra possibilidade senão fundar-se em certos postulados axiológicos que serão a base para a construção de projetos de futuro. Porém, se temos de decidir o presente a partir de um projeto de futuro, que não pode ser uma repetição do passado, deveremos construir previamente esse projeto, que deve ser de qualidade se desejamos que o presente e o conjunto da marcha da sociedade sejam também de qualidade. Para construirmos um projeto de qualidade, que não pode repetir o que considerávamos qualidade no passado, teremos de construir primeiro indivíduos de qualidade. (CORBÍ, 2010, p. 279).

E como se constroem indivíduos de qualidade, nos termos de Marià Corbí? Não há uma fórmula pronta para isso, uma vez que o passado não será o pilar, tampouco o futuro, que nem sequer foi desenhado. Esse é o desafio. De acordo com Marià Corbí (2010), a própria construção da *Qualidade Humana* é um desafio, uma vez que implica em ser vazia de conteúdos, leiga e sem as amarras do sistema da religião, das ideologias ou das ciências. Todavia, o ponto chave é: para se começar a construir a *Qualidade Humana* é necessária uma dupla tríade de aptidões já vistas: *IDS-ICS*. Onde não esteja presente essas aptidões, a *Qualidade Humana* também não estará. O pesquisador afirma que

A dedicação com o maior interesse possível para resolver as questões que surgem em nossa vida será a forma pela qual, dentro das ocupações de nossa vida diária, adquiriremos o CH porque teremos cultivado o IDS. [...] Assim, em nosso trabalho diário ou extraordinário, praticamos a fórmula completa para a aquisição do CH ensinado pelos sábios da história: *IDS-ICS* (interesse, desprendimento, silenciamento, inquérito, comunicação, serviço). (CORBÍ, 2021, p. 69, tradução nossa¹⁴⁶).

Nesse sentido, para Marià Corbí,

A qualidade humana surge de uma atitude ante todo o real que tem um triplo aspecto: *capacidade de interessar-se* profundamente pelas realidades, sem buscar nada para si mesmo; *capacidade de distanciamento*, de desapego com respeito às realidades, capacidade de não se identificar com os próprios desejos, preferências, memórias e

¹⁴⁶ La dedicación con el máximo de interés posible para solventar las cuestiones que se nos presenten en nuestra vida será la manera en la que, en el seno de las ocupaciones de nuestra vida cotidiana, adquiriremos la CH porque habremos cultivado IDS. [...] Así resulta que, en el seno de nuestro trabajo cotidiano o extraordinario, practicamos la fórmula completa de la adquisición de la CH enseñada por los sabios de la historia: *IDS-ICS* (interés, distanciamiento, silenciamiento, indagación, comunicación, servicio).

expectativas; capacidade de silenciar os próprios critérios, interpretações e avaliações. (CORBÍ, 2016, p. 135, tradução nossa¹⁴⁷).

Marià Corbí (2010), nesse sentido, afirma que a *Qualidade Humana* é uma dimensão que se caracteriza como uma forma de método. Não obstante, esse método se encontra vazio e assim precisa ser, pois, caso contrário, estaria refém e exalando traços de submissão e imposição. Segundo Marià Corbí,

Essa qualidade humana pode e deve ter uma dupla dimensão. A *primeira dimensão da qualidade humana* consiste na conveniência de cultivar uma atitude capaz de manejar todos os assuntos de nossa vida cotidiana, como indivíduos e como grupos, de forma adequada e sabia. Isso é o que chamaríamos simplesmente de *qualidade humana*. A *segunda dimensão da qualidade humana* é a que deve herdar todas as riquezas de que nossos antepassados chamavam espiritualidade. Esse nível de qualidade já não têm uma pretensão prática a serviço de grupos de viventes necessitados, ainda que na verdade sempre tenha; a chamaremos de *qualidade humana profunda*. (CORBÍ, 2016, p. 36, tradução nossa¹⁴⁸).

A *Qualidade Humana* é, portanto, a consciência de nosso duplo acesso ao real não dual e traz consigo uma dupla dimensão também não dual, onde a primeira é a própria *Qualidade Humana*. A segunda, que por sua vez não é um *outro*, senão uma das faces existentes e possui um nível de aprofundamento maior do que a primeira citada. Possibilitada pela *Dimensão Absoluta*, a outra face da *Qualidade Humana* é a *Qualidade Humana Profunda*, que implica em “[...] viver e cultivar a lucidez de nossas duas dimensões do real para residir em definitivo, na dimensão absoluta.” (CORBÍ, 2020, p. 189, tradução nossa¹⁴⁹).

A *Qualidade Humana Profunda* tem a capacidade de tornar nosso coração modesto. Está ao nosso redor, em nós e além de nós. É um *sem forma* o qual temos acesso por meio da bifurcação da língua e devemos cultivá-la por meio de um amor livre de submissões e desinteressado. Não é um cultivo inato, nem se dá pelo viés da coerção, senão por um convite, dessa forma, exige a liberdade. Está em todos os lugares, ao passo que não está em nenhum lugar. Parece, de certa forma, um paradoxo. A questão é que, se tratando da *Qualidade Humana*

¹⁴⁷ La cualidad humana surge de una actitud ante todo lo real que tiene un triple aspecto: *capacidad de interesarse* profundamente por las realidades, sin buscar nada para sí mismo; *capacidad de distanciamiento*, de desapego con respecto a las realidades, capacidad de no identificarse con los propios deseos, apetencias, recuerdos, expectativas; *capacidad de silenciar* los propios criterios, interpretaciones y valoraciones.

¹⁴⁸ Esa cualidad humana puede y debe tener una doble dimensión. *La primera dimensión de la cualidad humana* consiste en la conveniencia de cultivar una actitud capaz de manejar todos los asuntos de nuestra vida cotidiana, como individuos y como grupos, de forma adecuada y sabia. Eso es lo que llamaríamos simplemente *cualidad humana*. *La segunda dimensión de la cualidad humana* es la que debe heredar todas las riquezas de lo que nuestros antepasados llamaron *espiritualidad*. Ese nivel de cualidad ya no tiene una pretensión práctica al servicio de grupos de vivientes necesitados, aunque de hecho siempre la tenga; la llamaremos *cualidad humana profunda*.

¹⁴⁹ “[...] vivir y cultivar la lucidez de nuestras dos dimensiones de lo real para residir, en definitiva, en la dimensión absoluta.”

Profunda, na maioria do tempo, penso que nos recusamos a experimentá-la. É como um rio limpo e claro no verão. Convidativo, contudo, insistimos em ficar debaixo de um sol escaldante a dar um mergulho. E não o fazemos pelo temor de sentir, por nós mesmos, o frescor daquela água. Isso porque, por muito tempo, nos contentamos em apenas ouvir sobre esse frescor ao invés de senti-lo na própria pele. Não obstante, será por meio do encontro e cultivo da *Qualidade Humana Profunda* que teremos condições de sermos livres de nosso destino inviolável. De acordo com Marià Corbí,

A qualidade humana profunda é o grande silêncio que abre uma condição mais ampla que a simples qualidade humana para a liberdade e a criação. Mas o grande silêncio há de ser de verdade, não meramente nominal ou de atribuição. Sem algum grau de silenciamento do recebido, não há nem liberdade e nem criação. (CORBÍ, 2020, p. 34, tradução nossa¹⁵⁰).

Sabendo que *Qualidade Humana* e *Qualidade Humana Profunda* possuem suas especificidades, o que as diferencia?

A diferença entre a qualidade humana e a qualidade humana profunda é só um grau de radicalidade. [...] as duas trabalham com os mesmos meios; com o interesse, o distanciamento, o silenciamento (IDS); a indagação, a comunicação e o serviço (ICS). A qualidade humana usa esses meios em condições postas pelo ego e a qualidade humana profunda as usa sem condições. (CORBÍ, 2020, p. 189, tradução nossa¹⁵¹).

A *Qualidade Humana Profunda* se relaciona com a *Dimensão Absoluta*. Nesse sentido, ela independe de todas as questões que atravessam ou se entrelaçam nos seres humanos. Desse modo, ela “[...] não pode ser regida nem por padrões nem por paradigmas de nenhum tipo.” (TORRADEFLOT, 2018, p. 17, tradução nossa¹⁵²). Para que possamos cultivar a *Qualidade Humana Profunda* faz-se necessário que alcancemos a *Dimensão Absoluta*.

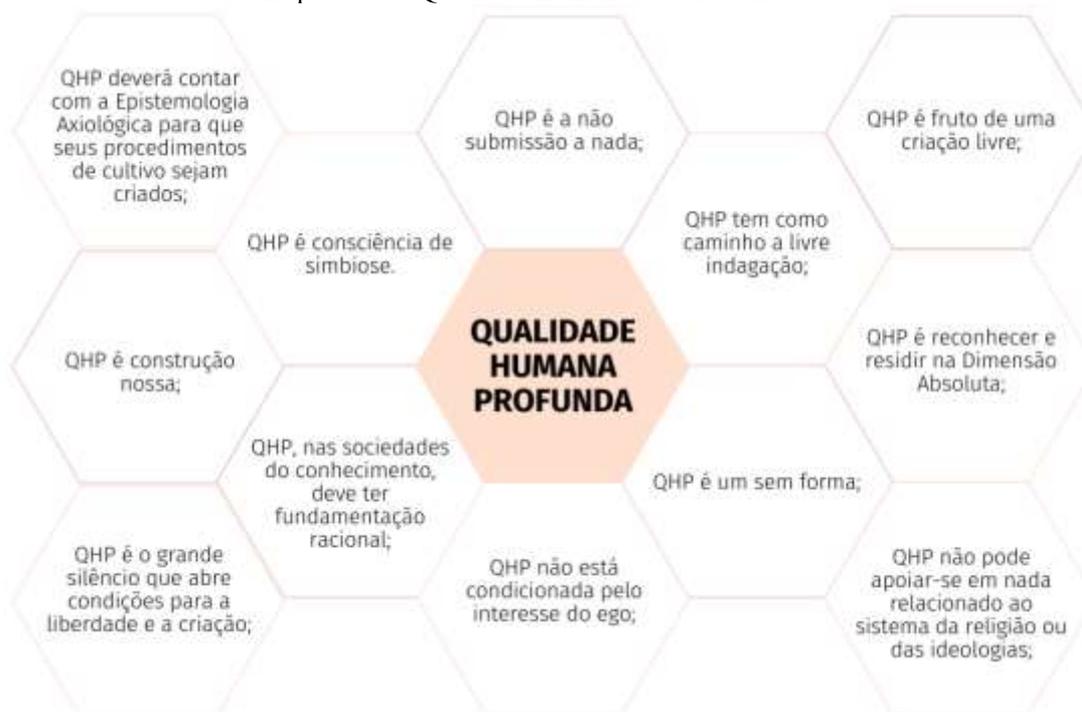
Como forma de demonstrar o que é *Qualidade Humana Profunda* em Marià Corbí, trago o esquema (esquema 14) abaixo:

¹⁵⁰ La cualidad humana profunda es el gran silencio que abre una condición más amplia que la simple cualidad humana para la libertad y la creación. Pero el gran silencio ha de ser de verdad, no meramente nominal o de atribución. Sin algún grado de silenciamiento de lo recibido, no hay ni libertad ni creación.

¹⁵¹ La diferenciación entre la cualidad humana y la cualidad humana profunda es solo de grados de radicalidad. [...] las dos trabajan con los mismos medios; con el interés, el distanciamiento, el silenciamiento (IDS); la indagación, la comunicación y el servicio (ICS). La cualidad humana usa esos medios en condiciones puestas por el ego, y la cualidad humana profunda los usa sin condiciones.

¹⁵² “[...] no puede ser regida ni por patrones ni por paradigmas de ningún tipo.”

Esquema 14 - Qualidade Humana Profunda em Corbí.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Marià Corbí (2020).

A *Qualidade Humana Profunda* não tem necessidade do sistema da religião, tampouco pode ser alcançada pelas ciências e tecnologias. É uma dimensão que não foi criada por um ser divino ou pela natureza das coisas. É algo que, a próprios passos, precisamos encontrar formas para seu cultivo. Esses passos, por sua vez, não podem se enveredar pelas vias do egocentrismo. Conforme Marià Corbí, “a QHP é acessada pelo completo silenciamento do eu, da consciência da individualidade e pelo serviço a cada criatura, não buscando nada para si mesma; serviço primeiro aos membros de seu próprio coletivo, depois a cada ser humano, e finalmente a toda a vida e ao ambiente em que se desenvolve.” (CORBÍ, 2021, p. 257, tradução nossa¹⁵³).

Acompanhando aquilo que caracteriza a *Dimensão Absoluta*, a *Qualidade Humana Profunda* é gratuita, sem forma e não abarcada por nada. Ela deve ser, portanto, fruto de uma indagação livre e sem fim. É nesse sentido que devemos ter a consciência de que

[...] apenas reconhecendo e cultivando a Qualidade Humana desde uma perspectiva desegocentrada, o que se chama de Qualidade Humana Profunda (antiga espiritualidade), o bicho se fará humanamente viável. Sem o reconhecimento e cultivo explícito da QHP, é muito provável que o bicho humano que somos, a médio e longo

¹⁵³ Se accede a la CHP por el silenciamiento completo del yo, de la conciencia de individualidad y por el servicio a toda criatura, no buscando nada para sí; servicio, primero, a los miembros de tu propio colectivo y, después, a todo humano y, finalmente, a toda vida y al medio en que se desarrolla.

prazo não possa se tornar viável. (OSÓRIO, 2018, p. 217, tradução nossa¹⁵⁴)

Estamos, em consonância com Marià Corbí (2020), em transição para sociedades do conhecimento, que vivem em uma constante aceleração proporcionada por um mar de avanço científico e tecnológico. Estamos constantemente em movimento. Dessa forma, não podemos nos acorrentar a nenhuma forma de crença, pois ela tem como pilar, como afirma o pesquisador, a questão da fixação, que impede o movimento. A crença, seja ela laica ou do sistema religioso, comporta formas de determinar e prender formas de ação, interpretação e valoração da realidade. Quer dizer sobre o real do *real* e isso entra em conflito com nossa flexibilidade diante do meio. Essa dinâmica, por sua vez, rompe com nossa condição de sermos viáveis, nos aprisionando em um destino inviolável. Sem o cultivo da *Qualidade Humana Profunda* laica e sem crenças estaremos fadados ao acorrentamento. Sabendo que “o coletivo terá que proporcionar meios para o cultivo tanto da QH, como da QHP.” (CORBÍ, 2015, p. 87, tradução nossa¹⁵⁵), é preciso termos em mente que esses meios tampouco podem representar correntes. Nesse sentido, faz-se necessário que nos silenciemos radicalmente para nos colocar no caminho da *Dimensão Absoluta*. Para Marià Corbí, “graças à capacidade do silenciamento, filha da notícia não relativa da realidade, são possíveis as mudanças culturais, podem existir as ciências, a filosofia, a arte e a espiritualidade.” (CORBÍ, 2020, p. 203, tradução nossa¹⁵⁶). De acordo com o pesquisador,

Teremos que ir dando passos ao sem forma, experimentando vazios que nos vemos necessitados de expressá-los e inclusive vivê-los com formas que nós mesmos construímos com nosso andar. Assim, passamos do despertar ao vazio para o despertar ao vazio. Para entrarmos mais e mais nesses vazios cada vez mais vazios porque é entrar no sem forma, teremos que ir criando expressões, formas, como quem põe um ladrilho diante dos pés para poder dar um passo a mais, e assim por outro ladrilho e outro até que já não se necessite apoiar os pés em nada e seguir adiante, porque o indagador foi sutilizando até que é um sem forma no sem forma. (CORBÍ, 2020, p. 251, tradução nossa¹⁵⁷).

¹⁵⁴ [...] sólo reconociendo y cultivando la Calidad Humana desde una perspectiva desegocentrada, lo que llama la Calidad Humana Profunda (antigua espiritualidad), el bicho se hará humanamente viable. Sin el reconocimiento y cultivo explícito de la CHP, es muy probable que el bicho humano que somos, a mediano y largo plazo no pueda hacerse viable.

¹⁵⁵ “la colectividad tendrá que proporcionar medios para el cultivo tanto de la CH, como de la CHP.”.

¹⁵⁶ “gracias a la capacidad de silenciamento, hija de la noticia no relativa de la realidad, son posibles los cambios culturales, pueden existir las ciencias, la filosofía, el arte y la espiritualidad.”

¹⁵⁷ Tenemos que ir dando pasos al sin forma, experimentando vacíos que nos vemos necesitados de expresarlos e incluso vivirlos con formas que nosotros mismos construimos con nuestro andar. Así vamos de despertar a vacíos a despertar a vacíos. Para adentrarnos más y más en esos vacíos cada vez más vacíos porque es adentrarse en el sin forma, tenemos que ir creando expresiones, formas, como quien pone un ladrillo delante de los pies para poder dar un paso más, y así poner otro ladrillo y otro hasta que ya no se necesite apoyar los pies en nada para seguir adelante, porque el indagador se ha ido sutilizando hasta que es un sin-forma en lo sin-forma.

Os passos rumo ao sem forma, que é justamente a *Qualidade Humana Profunda*, não deverão ser dados por outros pés, a não ser pelos nossos. Não podemos seguir as pegadas de outros. Por isso Kiki não pode seguir os mesmos passos de Úrsula, mas pode ficar junto a ela para compreender como o processo de criação ocorre. Como Marta Granés-Bayona (2022) expôs, devemos nos cercar daqueles que já encontraram o caminho pelo qual nos enveredamos. Nesse sentido, olho com ressalvas a seguinte afirmação de Marià Corbí sobre os textos sagrados:

Esses textos são como um trampolim, como um empurrão para nossas indagações. Esses textos não se submetem às categorias em que são obrigados a se expressar porque são palavras do seu tempo. Eles são mestres da liberdade e guias da criatividade. São apoio para os nossos pés nos caminhos onde não há caminho. Eles são luz e guia. (CORBÍ, 2020, p. 258, tradução nossa¹⁵⁸).

Sendo as indagações, que nos levarão à *Qualidade Humana Profunda*, algo que devemos fazer de forma livre e rumo a essa liberdade, como pode algo determinado nos empurrar a ela? Não penso que devemos ser empurrados, senão motivados a partir a isso. Também me gera, em certo grau, uma inquietação quando o pesquisador afirma o que, pelo viés da educação formal, os professores da disciplina *Epistemologia Axiológica* deverão ensinar. Marià Corbí afirma que, “nesses centros se ensinará a ler e estudar os sábios no cultivo e expressão da dimensão absoluta e de qualidade humana profunda [...]” (CORBÍ, 2020, p. 286, tradução nossa¹⁵⁹). Apenas isso? Ao passo que Marià Corbí dá ênfase em nossa liberdade, parece que os textos sagrados são as plantas trepadeiras que ele cultiva. Penso, e o próprio pesquisador abre precedentes para isso, apesar de não ser com tanta veemência, que podem existir outras possibilidades, como a arte. De acordo com o próprio Marià Corbí, “as artes são uma grande ajuda para aprender a indagação Axiológica. A capacidade desse tipo de indagação, como de todo tipo de indagação, não se tem por natureza, há que que aprendê-la dos mestres nisso [...]” (CORBÍ, 2020, p. 456, tradução nossa¹⁶⁰). Dessa forma, é preciso que compreendamos o que Marià Corbí constrói sobre a arte para que sejamos capazes de fazer essa relação, e isso será visto no capítulo que se segue.

¹⁵⁸ Esos textos son como un trampolín, como un empuje a nuestras indagaciones. Esos textos no someten a las categorías en las que se ven forzados a expresarse porque son las palabras de su tiempo. Son maestros de libertad y guías de la creatividad. Son apoyo para nuestros pies por los caminos en los que no hay camino. Son luz y guía.

¹⁵⁹ “en esos centros se enseñará a leer y estudiar a los sabios en el cultivo y expresión de la dimensión absoluta y de la cualidad humana profunda [...]”

¹⁶⁰ “Las artes son una gran ayuda para aprender la indagación Axiológica. La capacidad de ese tipo de indagación, como de todo tipo de indagación, no se tiene por naturaleza hay que aprenderla de quienes son maestros en eso [...]”

CAPÍTULO III - A ARTE, O CINEMA E A DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ

“Medicina, direito, administração, engenharia: são atividades nobres e necessárias à vida. Mas a poesia, beleza, romance, amor... são as coisas pelas quais vale a pena viver.”
(Sociedade dos Poetas Mortos, 1989)

Permita-me dar início às reflexões contidas neste capítulo a partir de John Keating, professor de literatura inglesa no filme Sociedade dos Poetas Mortos, de 1989. Em uma aula, Keating se dirige a seus alunos e diz a seguinte frase: “*Medicina, direito, administração, engenharia: são atividades nobres e necessárias à vida. Mas a poesia, beleza, romance, amor... são as coisas pelas quais vale a pena viver.*” Naquele entrelaçamento de coisas postas sobre nós, também está presente a expectativa sobre a profissão que seguiremos. A *santíssima trindade* socialmente esperada versa entre os cursos de Medicina, Engenharia e Direito. Áreas como as da educação ou das artes, que aqui tem o foco, são prontamente negadas e vistas sob uma ótica de pena, pois são compreendidas como determinantes para uma condição de pobreza financeira e fracasso social. Todavia, a arte, algo a ser considerado nobre, não é o que nos mantém vivos? Não é o que, em uma sociedade soterrada por inúmeras parafernalias tecnológicas cada vez mais sofisticadas, tem o poder de manejar nosso axiológico?

Por mais que se multipliquem os discursos ofensivos, proferidos pelos chamados *conservadores*, e censuras destinadas às mais diversas expressões artísticas presentes na contemporaneidade, a arte vive. Nesse sentido, neste capítulo, por meio de uma pesquisa bibliográfica, busco responder a seguinte questão: como Marià Corbí compreende a arte nas sociedades do conhecimento contemporâneas? Não obstante, como forma de trazer a arte do cinema em evidência, um dos recortes dessa dissertação, também objetivo fazer, em breves linhas, um mapeamento da história do cinema, a partir de alguns inventos que pavimentaram o seu caminho. Tendo em vista que o objeto de pesquisa é um grupo que tem a prática cinéfila, que por sua vez, se relaciona com essa forma de arte, aqui é o espaço para esmiuçar esse tema.

Com Náufrago, espero que você possa compreender que a arte é o sol que nasce a cada, responsável por nos fazer continuar respirando. Por fim, e coincidentemente nesse cenário marítimo, nos encontraremos com Donald Crowhurst para compreendermos que a arte do cinema só foi possível graças a pessoas que, mesmo distantes, compartilhavam de um mesmo sonho: colocar animação em imagens estáticas.

3.1 A arte nas sociedades do conhecimento contemporâneas

“Eu sei o que tenho que fazer agora, tenho que continuar respirando porque amanhã o sol vai nascer. Quem sabe o que a maré pode trazer?”
(Náufrago, 2000)

Um dos destaques dentro de toda a construção de Marià Corbí é a sua ênfase na criatividade, que pode ser compreendida como o núcleo das sociedades do conhecimento contemporâneas, não sendo possível sem o exercício da liberdade e exigindo a aptidão *IDS-ICS*. Tendo em vista que é por meio da criatividade que a arte se faz possível, qual o seu lugar nessa nova configuração social que vivemos?

Antes de começar a traçar linhas que respondam ao questionamento acima, voltando à frase que dá início a esse subitem, permita-me fazer outra pergunta: o que te faz querer continuar respirando e ver o sol do amanhã? As respostas podem variar entre família, amigos, animais de estimação... As opções são as mais diversas. Como resposta pessoal, coloco a arte. Imagine, como seria acordar um dia e perceber que não existe a música, o filme, o livro, a fotografia, a culinária ou a dança? Acredito que seria um mundo cinza, sem emoção, sem o sentir profundo, um lugar de pura passividade e estagnação. Não obstante, voltando a época da pandemia do Covid-19, e trazendo a reflexão obtida por meio de áudio com técnico em Artes Visuais, Jonathan da Costa Magalhães,

“temos a consciência de que os médicos, enfermeiros, faxineiros hospitalares e todos os outros profissionais da área de saúde que atuaram na linha de frente foram extremamente importantes no trato dos pacientes e no enfrentamento da enfermidade. Todavia, o que tornou possível a vivência do isolamento social foram os filmes, as músicas, as leituras, a dança, a fotografia e outras diversas formas de arte.”
(MAGALHÃES, 2021).

Nesse contexto, a título de curiosidade, foi criado o *Covid Art Museum*¹⁶¹. Marià Corbí afirma que “a arte é expressão do sentir profundo humano frente ao real, [...]” (CORBÍ, 2021, 247, tradução nossa¹⁶²). Por estar aqui citando sobre o real, é preciso que eu retome, por um breve momento, a respeito da língua que, para o pesquisador, nos coloca frente à *Dimensão Absoluta* e a *Dimensão Relativa*, tema que foi abordado no subitem 1.2 *A importância da língua*

¹⁶¹ “A iniciativa nasceu bem no início da pandemia na Espanha, idealizada por Irene Llorca, Emma Calvo e José Guerrero. A ideia surgiu quando os criadores perceberam que vários dos seus amigos estavam usando a arte como válvula de escape durante o confinamento. Sendo assim, o espaço compartilha imagens criativas e inspiradoras produzidas em meio ao “ócio”. Para ser selecionada, a obra precisa ter sido produzida durante a quarentena e refletir o que todos estão sentindo ou vivendo. Dessa forma, ilustrações, vídeos, colagens, desenhos, fotografias e outros estão no acervo. Confira no Instagram @covidartmuseum e pelo site.” (SOUZA, 2021)

¹⁶² “el arte es expresión del sentir profundo humano frente a lo real, [...]”

para a compreensão do duplo acesso ao real não dual. De acordo com o pesquisador, “sem a língua não existiria para os humanos nem o mundo, nem a objetividade, nem o significado, nem as noções gerais, nem o valor, nem o sentido, nem a beleza, nem a espiritualidade, nem existiriam como tais a dimensão relativa da realidade e a dimensão absoluta.” (CORBÍ, 2020, p. 85, tradução nossa¹⁶³). Sem a língua, as diversas formas de arte também não seriam possíveis. Em sua construção, Marià Corbí (2021) faz uma divisão onde afirma que a língua pode ser axiológica, abstrata e abstrata-axiológica. Ao passo que a arte se caracteriza em uma língua abstrata, ela também é, por essência, axiológica, uma vez que é sensitiva, qualitativa e simbiótica. Nesse sentido, Marià Corbí afirma que

O axiológico deve ser e é qualitativo e concreto. Portanto, para construir sistemas axiológicos, é necessário poder contar com uma formalidade do concreto, da qualidade, do axiológico que é diferente da lógica das ciências. Este tipo de formalidade já é utilizado pelas artes. Com razões e abstrações, não podem ser feitas obras artísticas, nem podem ser criados sistemas de valores. A beleza e os valores são sensíveis demais para serem construídos com raciocínio. As artes e os sistemas axiológicos podem incluir a necessidade de raciocínio, mas eles não são construídos com motivos. (CORBÍ, 2013, p. 46-47, tradução nossa¹⁶⁴).

Perpassada pelo axiológico, arte, para Marià Corbí (2021), é a mais pura expressão da absoluta gratuidade da vida humana e de tudo o que existe.

As artes não cantam a beleza do real, mas da realidade modelada pelo ser humano, do que é modelado pelos sentidos e pelo cérebro humano, do que é modelado por nossa linguagem e sua estrutura, e de tudo isso organizado e orientado para a depredação. Entretanto, as artes, embora tenham consequências práticas para a sensibilidade e, através dela, para uma maior qualidade de sobrevivência individual e coletiva, não têm nenhuma reivindicação direta de desempenho ou utilidade. [...] As artes cantam a construção da vida humana e cantam os construtores. (CORBÍ, 2020, p. 111, tradução nossa¹⁶⁵).

¹⁶³ “sin la lengua no existiría para los humanos ni el mundo, ni la objetividad, ni el significado, ni las nociones generales, ni el valor, ni el sentido, ni la belleza, ni la espiritualidad, ni existirían como tales la dimensión relativa de la realidad y la dimensión absoluta.”

¹⁶⁴ Lo axiológico tiene que ser y es cualitativo y concreto. Por consiguiente, para construir sistemas axiológicos hay que poder contar con una formalidad de lo concreto, de lo cualitativo, de lo axiológico diferente de la lógica de las ciencias. Ese tipo de formalidad es la que ya usan las artes. Con razones y abstracciones ni se pueden hacer obras artísticas, ni se pueden crear sistemas de valores. La belleza y los valores son demasiado sensitivos para poderlos construir con razonamientos. Artes y sistemas axiológicos pueden incluir la necesidad de razonamientos, pero no se construyen con razones.

¹⁶⁵ Las artes no cantan la belleza de lo real, sino de la realidad modelada por el ser humano, de lo modelado por los sentidos y por el cerebro humano, de lo modelado por nuestra lengua y su estructura, y todo ello organizado y orientado a la depredación. Sin embargo, las artes, aunque tienen consecuencias prácticas para la sensibilidad y, a través de ella, para una supervivencia individual y colectiva de más calidad, no tienen ninguna pretensión directa en la actuación ni en la utilidad. [...] Las artes cantan la construcción de los vivientes humanos y cantan a los constructores.

Veja, o senso comum, geralmente, compreende a arte como sendo algo subjetivo, que tem a função última de expressar o ideal de belo. Há ainda a tentativa de se elitizar a arte, relegando-a para grandes galerias, monumentais museus, famosas e históricas salas de cinema, restaurantes cinco estrelas ou páginas de renomados críticos. A meu ver, esse modo de categorizar, perceber, experienciar e compreender a arte é uma forma de demarcar quem terá ou não acesso a ela, o que vai de encontro com a perspectiva de liberdade nas sociedades do conhecimento, defendida por Marià Corbí. Ora, quando se demarca lugar e valor com relação à arte, isso tira a possibilidade de quem não consegue chegar ou pagar por ela de vivenciá-la. Não obstante, cabe aqui refletir que, ao redor do mundo, um montante das peças exibidas nas grandes galerias de arte são frutos de saques e massacres entre nações invasoras e colonizadoras e nações colonizadas¹⁶⁶.

Marià Corbí afirma que “a arte é a expressão da DA a partir do sentir humano, ou de formas puras que não fazem referência a nada, ou de formas, cores e texturas também sem referências.” (CORBÍ, 2021, p. 247, tradução nossa¹⁶⁷). Neste subitem, trabalho com a concepção de que arte é inútil¹⁶⁸. Não me entenda mal. Uso aqui esse conceito de inútil para me referir a questões capitalistas e utilitárias do dia-a-dia. Por exemplo, pense em um garfo. Ele tem uma utilidade que é auxiliar no momento da refeição, dessa forma, não é uma obra de arte. Compreende?

Abrindo um parêntese sobre a questão de arte como expressão do belo, acho pertinente trazer o movimento do Dadaísmo¹⁶⁹, que surgiu, justamente, como uma forma de ir contra essa concepção. Esse movimento apontava, dentre outros, para o fato de que até mesmo o caos poderia ser arte. Marcel Duchamp (1887-1968), um dos expoentes desse movimento, foi o responsável por cunhar o termo *ready-made*. Esse termo era utilizado para nomear um tipo de objeto que consistia em artigos do cotidiano, produzidos em massa, selecionados e expostos

¹⁶⁶ “Após 130 anos, a França devolveu ao Benim, em cerimônia solene realizada no último dia 9 de novembro, 26 obras de arte saqueadas ainda no período em que o país europeu dominou colonialmente o país africano. As peças fazem parte do chamado “Tesouro Real de Abomey” e reúnem tronos reais, altares cerimoniais e estátuas sagradas saqueadas do Reino do Daomé, no século XIX. Em 2016, o presidente do Benim, Patrice Talon, exigiu a restituição dos itens, mas o país europeu recusou, alertando para sua legislação que impedia a retirada dessas obras de artes de museus nacionais.[...] O estudo aponta, ainda, que aproximadamente 90% da arte africana está fora do continente natal. Somente a França retém 90 mil peças. Destas, de acordo com o jornal francês *Libération*, há joias, máscaras, estátuas e diversos outros tipos de objetos ritualísticos e sagrados, que chegaram ao país europeu por meio de saques, negociatas escusas e até mesmo peças entregues formalmente às autoridades coloniais.” (ALCÂNTARA, 2021)

¹⁶⁷ “el arte es la expresión de la DA desde sentires humanos, o desde formas puras que no hacen referencia a nada, o desde formas, colores y texturas también sin referencias.”

¹⁶⁸ Cf. WILD, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: DARKSIDE BOOKS. 2021

¹⁶⁹ Movimento artístico que perpassou a vanguarda do início do século XX. Sua pretensão era que a arte fosse solta e espontânea, tendo como pilares a ironia, liberdade, absurdo e pessimismo

como obras de arte em grandes galerias. Nessa dinâmica de transformar qualquer objeto em arte, sem nenhum critério estético que fosse aceito por outros artistas, Marcel Duchamp teceu sua crítica ao *sistema da arte* que estava em voga. Um de seus *ready-made* mais lembrados é a obra denominada *A Fonte*, exposta em 1917 em Nova York. Trata-se de um mictório de louça com sua assinatura (imagem 3), conservada no Museu Nacional de Arte Moderna, Paris, França.

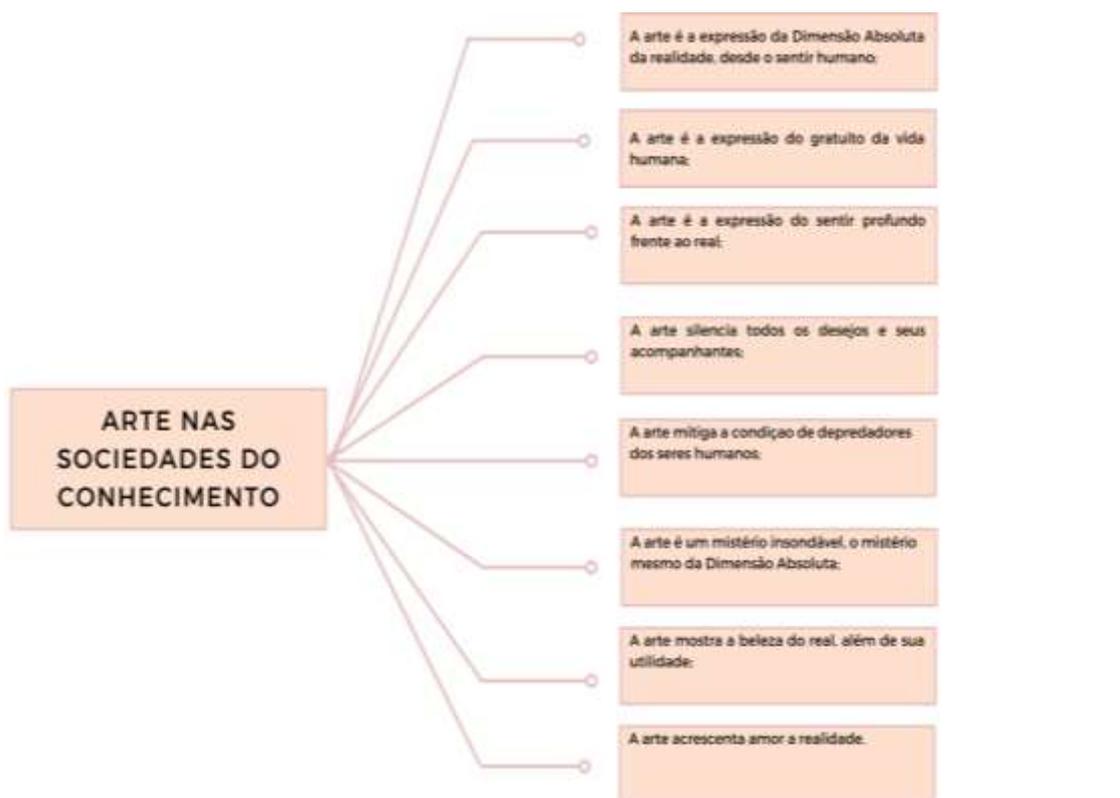
Imagem 3 - A Fonte, de Marcel Duchamp.



Fonte: (WIKIMEDIA COMMONS, 2013).

Fechando o parêntese e voltando a Marià Corbí, por mais que o pesquisador afirme que a arte não tem nenhuma reivindicação direta de desempenho ou utilidade, em sua construção, a arte se mostra completamente útil para que possamos acessar a *Dimensão Absoluta*. Creio que o pesquisador compreende o conceito de utilidade e inutilidade da arte na mesma perspectiva que eu. Dessa forma, Marià Corbí aponta para o fato de que a arte é uma possibilidade para nos colocarmos a caminho do cultivo da *Qualidade Humana Profunda*. Como forma de demonstrar, de maneira mais explícita, como o pesquisador compreende a arte nas sociedades do conhecimento contemporâneas, elaborei o esquema (esquema 15) abaixo:

Esquema 15 - Arte nas Sociedades do Conhecimento.



Fonte: Elaborada pela autora com base em Marià Corbí (2021).

Um dos pontos centrais com relação à arte nas sociedades do conhecimento é que ela, em consonância com Marià Corbí, tem o potencial de mitigar a nossa condição de depredadores. Nós, seres humanos, depredamos a Terra a fim de satisfazer nossos desejos e necessidades pessoais, desconsiderando que somos essa Terra, a qual insistimos em esgotar todos recursos. Precisamos, dessa forma, de aportes que manejem nosso axiológico para que possamos violar essa condição de depredadores. A disciplina *Epistemologia Axiológica*, que tem como objeto o axiológico humano, pode se apropriar da arte para nos auxiliar alcançar a *Dimensão Absoluta*, imprescindível para que possamos cultivar a *Qualidade Humana Profunda*.

Marià Corbí afirma que, “as artes, as ciências, as mudanças culturais radicais, as religiões como fenômenos históricos, as espiritualidades, não nascem de postular essa dimensão senão de partir dela como condição de possibilidade imprescindível.” CORBÍ, 2020, p. 198, tradução nossa¹⁷⁰). Veja, a arte não cria a *Dimensão Absoluta*, a qual o pesquisador se refere na citação supracitada, mas possibilita o encontro com ela. Dessa forma, nas sociedades do conhecimento, as artes

¹⁷⁰ “las artes, las ciencias, los cambios culturales radicales, las religiones como fenómenos históricos, las espiritualidades, no nacen de postular esa dimensión sino de partir de ella como condición de posibilidad imprescindible.”

[...] têm uma função central, que é a de fomentar e cultivar o DA a fim de gerar, manter e cultivar a CH e CHP nos coletivos. As artes são essenciais para o bom funcionamento da SC. A arte como forma de cultivar o DA é o fundamento da SC. A arte aumenta o amor pela realidade, leva a admirar, venerar e amar tudo o que é real, a respeitá-lo e a cuidar dele. (CORBÍ, 2021, p. 248, tradução nossa¹⁷¹).

Nesse momento, talvez, você ainda tenha dúvidas sobre a relação entre a arte, a *Qualidade Humana* e a *Qualidade Humana Profunda*. De acordo com Marià Corbí,

A arte cria QH e fomenta a QHP, porque ela tematiza e cultiva a DA e porque favorece o sentir, a interação e a integração das duas dimensões da realidade para os humanos, a dimensão absoluta e a dimensão relativa à realidade. Nas SC deverão ser intensificados o cultivo da arte, porque QH e QHP são indispensáveis para as equipes criativas em SC. Os dois responsáveis pela QH e pela QHP nas SC são o cultivo explícito do DA e das artes. (CORBÍ, 2021, p. 248, tradução nossa¹⁷²)

Compreende o quão importante é a arte para as sociedades do conhecimento? Embora seja fundamentalmente necessária para manter essa nova configuração social e nos manter, enquanto seres humanos, há aqueles¹⁷³ que não percebem tal fato. Marià Corbí afirma que “as artes são uma mostra clara de que temos duplo acesso ao real. Eles tentam colocar em formas a dimensão absoluta de todo o real, o aspecto de todas as realidades que é inútil. Todas as artes fazem isso, cada uma à sua maneira. (CORBÍ, 2020, p. 195, tradução nossa¹⁷⁴). O termo *eles* dessa citação se refere aos artistas. Dessa forma, defendo que não precisamos nos cercar somente dos ensinamentos dos grandes sábios citados por Marià Corbí no subitem 1.3 *De uma Epistemologia Mítica para uma Epistemologia Axiológica*. Por mais que sejam nos livros sagrados que se referem a histórias dessas personalidades que foram encontrados os primeiros

¹⁷¹ [...] ejercen una función central que es fomentar, cultivar la DA para generar, mantener y llevar al crecimiento la CH y la CHP en los colectivos. Las artes son imprescindibles para el buen funcionamiento de las SC. El arte como una forma del cultivo de la DA es el fundamento de las SC. El arte acrecienta el amor a la realidad, lleva a admirar, venerar y amar a todo lo real, a respetarlo y a cuidarlo.

¹⁷² El arte es creadora de CH y fomentadora de la CHP, porque tematiza y cultiva la DA y porque favorece en el sentir, la interacción y la integración de las dos dimensiones de la realidad para los humanos, la dimensión absoluta y la dimensión relativa respecto a la realidad. En las SC deberá intensificarse el cultivo del arte, porque la CH y la CHP son imprescindible para los equipos creativos de las SC. Los dos responsables de la CH y de la CHP en las SC son el cultivo explícito de la DA y las artes

¹⁷³ “A produção artística e cultural segue abandonada no governo Bolsonaro. A nova edição do projeto de apoio ao setor cultural no país, conhecido como Lei Aldir Blanc, foi vetada, integralmente, pelo presidente Jair Bolsonaro. A decisão consta no Diário Oficial da União desta quinta-feira (05/05). Em março, o texto havia sido aprovado, por unanimidade, pelo Senado e, desde então, aguardava sanção presidencial. Outra lei de mesmo nome foi aprovada, anteriormente, garantindo o investimento de R\$ 3 bilhões, em caráter emergencial, no incentivo de iniciativas culturais. O projeto é nomeado em homenagem ao músico Aldir Blanc, falecido em 2020, em decorrência da contaminação por Covid-19.” (APUBHUFMG+, 2022)

¹⁷⁴ “las artes son una muestra clara de que tenemos un doble acceso a lo real. Intentan poner en formas la dimensión absoluta de todo lo real, el aspecto de todas las realidades que no sirve para nada. Todas las artes hacen eso, cada una a su manera.”

traços de cultivo da *Qualidade Humana Profunda*, quando lidos desnudos da ótica da *Epistemologia Mítica*, creio que podemos experimentar Cecília Meireles, Hayao Miyazaki, Luiz Gonzaga, Tarsila do Amaral, entre tantos outros artistas para chegar a esse cultivo. Nesse movimento de simbiose, onde nos cercamos de outras pessoas, teremos que usar a língua, uma vez que “sem a língua não há simbiose possível, a língua cria a simbiose.” (CORBÍ, 2020, p. 87, tradução nossa¹⁷⁵). Não obstante, o pesquisador ainda afirma que

A arte, para que possa chegar à criação, há de que passar pelo que significa ids-ics. Também é um interesse total pela beleza de tudo o real, que exige distanciamento de si e dos seus interesses e silenciamento de todos os critérios do que é considerado belo ou não belo. Nessa atitude, se indaga a beleza e se indaga comunicando-a, isso é a obra de arte, para servir a quem recebe a obra, embora esse serviço não seja formulado de forma alguma. (CORBÍ, 2020, p. 213, tradução nossa¹⁷⁶).

Para possibilitar o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda*, é preciso que haja a presença da dupla tríade de aptidões, denominada *IDS-ICS*. A arte, para que possa ser criada, também está em relação com essa dupla tríade. É notável que a arte implica ser um caminho rumo à liberdade, envolvendo formas de criatividade e diversidade., dessa forma, não pode estar enclausurada em ambientes que não permitam a passagem de qualquer ser humano. Ademais, pensando nos artistas, para que possam criar, é preciso que se esvaziam de si. O mesmo esvaziamento necessário para se chegar ao cultivo da *Qualidade Humana Profunda*. Ao passo que, para se fazer ou apreciar arte é preciso esse esvaziamento, ele propicia a criação de obras artísticas. Não obstante, “a arte pode falar do DA livre de religião e de toda submissão, ela pode praticar a indagação livre de sentimentos profundos, sem pagar um pedágio a ninguém ou nada.” (CORBÍ, 2021, p. 249, tradução nossa¹⁷⁷). A arte deve se desinstitucionalizar.

Com relação a criação, em cada obra, o artista precisa partir de indagações, se desnudar de modelações do real, para ver além, para criar. Esse processo implica em se distanciar, se despir, dessa forma, de padrões de interpretação e valoração do mundo. E, possivelmente, só se aprenderá isso se cercando de outros artistas, aqui temos a importância da simbiose. No que diz respeito a aquele que experiêcia, é preciso que esse, para estar em simbiose com a arte, se

¹⁷⁵ “sin la lengua no hay simbiosis posible, la lengua crea la simbiosis.”

¹⁷⁶ El arte, para que pueda llegar a la creación, ha de pasar por lo que significa ids-ics. También es interés total por la belleza de todo lo real, que exige distanciamiento de sí mismo y sus intereses y silenciamento de todos los criterios de lo que se considera bello o no bello. En esta actitud se indaga la belleza y se indaga comunicándola, eso es la obra de arte, para servir a los que reciben la obra, aunque no se formule en absoluto ese servicio.

¹⁷⁷ “el arte puede hablar de la DA libre ya de la religión y de toda sumisión, puede practicar la indagación libre desde el sentir profundo, sin pagar peaje a nada ni nadie.”

interesse por ela a ponto de silenciar os padrões e modelações que cultiva. E só aprenderá isso se cercando de pessoas que já são capazes de realizar tais atos. Nessa perspectiva, penso que os centros onde se ensinarão a respeito da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda*, por meio da disciplina *Epistemologia Axiológica*, devam abrir suas portas para se estudar sobre a arte, não com o objetivo de formar críticos para grandes galerias e outros espaços,

[...] se estuda a literatura ou qualquer tipo de arte não apenas para refinar a humanidade, para ampliar a cultura, para passar o tempo e desfrutar da beleza; se estuda para aprender a indagar sensitivamente, para crescer e melhorar a nossa capacidade de indagação para gerir todos os assuntos humanos, que nas sociedades de conhecimento estão em contínuo movimento e mudança, também, e especialmente, em sua dimensão Axiológica, com tudo o que isso implica. (CORBÍ, 2020, p. 456-457, tradução nossa¹⁷⁸).

A arte, que toca o axiológico, em suma, “traz ao mundo de formas perceptíveis aquilo que é imensurável, imenso e escondido por sua sutileza. A arte é um mistério insondável, o próprio mistério do DA do real. Ela leva além do sentido da vida.” (CORBÍ, 2021, p. 249, tradução nossa¹⁷⁹). Como afirma Marià Corbí (2021), as artes, tais quais pintura, escultura, música, têm potencial para chegar na *Dimensão Absoluta* a partir do momento em que possuem capacidade de manejar amor, raiva, ódio, desprezo, orgulho, ou seja, nosso sentir. Dito sobre a arte, de um modo geral, pela perspectiva da referência principal para a elaboração dessa dissertação, faz-se necessário um recorte de uma forma de arte em específico. Por mais que Marià Corbí cite, ao longo de toda sua construção, sobre a poesia, a música e a literatura, meu foco versa sobre a prática cinéfila, possibilitada pelo cinema. Assim sendo, antes de ampliar sobre essa prática, é preciso que faça uma exposição sobre a, denominada por Ricciotto Canudo, sétima arte.

¹⁷⁸ [...] se estudia la literatura o cualquier tipo de arte no simplemente para refinar la humanidad, para ampliar la cultura, para pasar el tiempo y disfrutar de la belleza; se estudia para aprender a indagar sensitivamente, para crecer y mejorar nuestra capacidad de indagación para gestionar todos los asuntos humanos, que en las sociedades de conocimiento están en continuo movimiento y cambio, también, y especialmente, en su dimensión Axiológica, con todo lo que eso implica.

¹⁷⁹ “trae al mundo de las formas perceptibles lo que es inconmensurable, imenso y oculto por su sutilidad. El arte es un misterio insondable, el misterio mismo de la DA de lo real. Lleva más allá del sentido de la vida.”

3.2 O cinema - breve mapeamento

“As pessoas que pensam na mesma coisa estão sempre ligadas, por maior que seja a distância entre elas.”
(Somente o Mar Sabe, 2017)

Essa dissertação tem como objetivo geral responder a seguinte pergunta: *pode a prática cinéfila contribuir para o cultivo da Qualidade Humana e da Qualidade Humana Profunda na perspectiva da disciplina Epistemologia Axiológica de Marià Corbí?* Para tanto, nos capítulos anteriores foram trabalhados os termos chave que estruturam toda a construção feita pelo pesquisador, o que ajuda a responder uma parte da pergunta supracitada. Todavia, antes de partir rumo aos dados coletados com a realização do grupo focal, é pertinente que eu faça emergir considerações relativas ao outro termo, a *prática cinéfila*, para que, em campo, eu possa articular as duas temáticas para chegar a uma resposta. Nesse sentido, com este subcapítulo, busco fazer, em breves linhas, um mapeamento da história do cinema, a partir de alguns inventos que pavimentaram o seu caminho, tendo em vista que a prática cinéfila se relaciona com essa forma de arte. Não tenho como extrair, ao longo da construção de Marià Corbí, dados relativos ao cinema, pois o pesquisador não o cita. Por isso, os autores aqui apresentados destoam daqueles trabalhados ao longo dos outros subitens.

Nós, seres humanos, sempre buscamos respostas sobre a origem das coisas, ora nos mitos, ora na religião, ora na filosofia, ora na ciência. Há um desejo, quase intrínseco, em descobrir o ‘pai’ de objetos, de ideias e de pensamentos. Desejo que, em grande parte, possa desconsiderar significativamente o protagonismo feminino ao longo da história, afinal, buscase o ‘pai’ e nunca a ‘mãe’. Sobre o cinema, essa dinâmica não seria diferente. Contudo “tornasse, de facto, impossível localizar a paternidade do cinema num nome, num homem, num país: Inglaterra, em França, na Itália, na Rússia, em toda a parte onde se produzem filmes, brotam idênticas descobertas.” (MORIN, 1970, p. 62). Quanto mais se tentar cavar para descobrir o túmulo do ‘pai do cinema’, mais areia surgirá. Nesse sentido, “qualquer marco cronológico que eles possam eleger como inaugural será sempre arbitrário, pois o desejo e a procura do cinema são tão velhos quanto a civilização de que somos filhos.” (MACHADO, 2005, p. 10). Nesse sentido, não pretendo aqui construir uma linha do tempo relativa a uma *origem* do cinema. Não poderia destinar a mim esse exercício de escavação. Pretendo expor, de forma breve, marcos recortados intencionalmente. A estrutura da explicação aqui apresentada foi elaborada tendo

como referência o episódio 87 do podcast¹⁸⁰ do GEOPIZZA¹⁸¹, intitulado *A Invenção do Cinema*, apresentado por Rodrigo Zottis e Alexander Desmouceaux.

Conforme afirma Flávia Cesarino Costa (2005), o cinema, por volta do final do século XIX, marcou uma era de predomínio da imagem. A linguagem cinematográfica, que diz respeito a uma forma de organizar imagens e sons tem “[...] desde então, influenciado nossas maneiras de conceber e representar o mundo, nossa subjetividade, nosso modo de vivenciar nossas experiências, de armazenar conhecimento, e de transmitir informações.” (COSTA, 2005, p. 17). O cinema pode, por essa perspectiva, criar um *ethos social*.

Ao se tratar desse tema, talvez possa vir em sua mente a fotografia, também do século XIX que, tendo o tempo como recorte, é considerada por alguns como uma predecessora do cinema. Todavia,

[...] a fotografia - parente próxima do cinema ou muito velha e mui longínqua prima de província? - nunca teve o projeto de contar histórias. Quando o faz, é que ela imita o cinema: esparrama no espaço a sucessividade que o filme teria desenvolvido no tempo, e na página da fotonovela o olhar soletra na ordem desejada os fotogramas que, na mesma ordem, teriam desfilado na tela. [...] Uma foto isolada nada pode narrar; evidentemente. (METZ, 2014, p. 62).

A história da fotografia, caso você tenha interesse, pode ser ouvida no episódio 86 do podcast do GEOPIZZA, intitulado *A Corrida pela Fotografia*. Continuando, a fotografia “[...] pode desempenhar um papel determinante “[...] é como uma pilha que se carrega de presença: rostos amados, objectos admirados, acontecimentos belos, extraordinários, intensos.” (MORIN, 1970, p. 26-27). Por mais que seja “[...] imóvel, a imagem fotográfica não é uma imagem morta. Uma prova disso é que gostamos das fotografias, que olhamos para elas. E, no entanto, as fotografias não são animadas.” (MORIN, 1970, p. 24). Nesse momento somos levados ao encontro com um termo que será de fundamental importância para aqueles inventores do cinema: a animação. Contudo, mesmo antes de serem pensadas as possibilidades trazidas pelas fotografias, será que ainda não havia o interesse nas imagens? E nessa junção entre fotografia e animação?

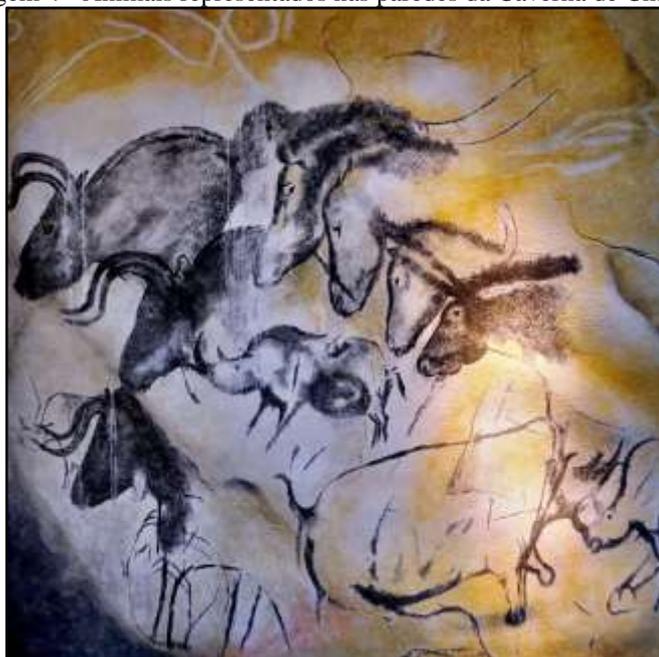
Permita-me trazer as pinturas rupestres para dar início às reflexões. É fácil perceber que essas pinturas, registros do cotidiano dos antigos seres humanos, e aqui o termo *antigos* mais

¹⁸⁰ Podcast é um conteúdo em áudio, disponibilizado através de um arquivo ou streaming como Spotify e Google Play.

¹⁸¹ O Geopizza foi criado em maio de 2016 por Rodrigo Zottis, como um canal do Youtube. Posteriormente, Alexander Desmouceaux entrou como roteirista e editor dos vídeos. Está presente em redes como Facebook, Instagram e Globo Play.

uma vez apenas como marco temporal, podem se relacionar com a fotografia¹⁸², mas e com o cinema? Veja, no sul da França encontra-se a Caverna de Chauvet¹⁸³ que, junto a Lascaux, Serra da Capivara e a Caverna de Altamira, é um dos sítios arqueológicos mais importantes do mundo. Nessa caverna foram encontradas pinturas rupestres (imagem 4) que datam de 32 mil anos e remontam ao Período Paleolítico¹⁸⁴. Em algumas das pinturas, os animais representados, geralmente cavalos, bisões e veados, pareciam ter duas ou três cabeças e alguns estavam sobrepostos aos outros. Em 1993, o pesquisador Edward Wachtel¹⁸⁵ entrou na Caverna de Chauvet e, como não havia outro tipo de iluminação instalada, fez uso de uma lanterna. Conforme andava, o pesquisador percebeu que os animais ali pintados pareciam se mover. Como? Ora, quando a luz de sua lanterna iluminava uma parte e logo em seguida, outra, aquelas sobreposições de animais e numerosas cabeças tinham um efeito semelhante a uma animação.

Imagem 4 - Animais representados nas paredes da Caverna de Chauvet.



Fonte: (WIKIMEDIA COMMONS, 2010).

As pinturas dentro da caverna pareciam sair da estaticidade à medida que o jogo de luz e sombra acontecia nos relevos das paredes. Como afirma, Arlindo Machado (2005),

¹⁸² Cf. WILLIAMS, Carla; JOHNSON, William. **A History of Photography. from 1839 to the Present**. Alemanha: Taschen, 2012.

¹⁸³ A plataforma Google Arts and Culture disponibilizou um tour virtual pela Caverna de Chauvet. Para visitar, basta acessar ao link: <<https://artsandculture.google.com/project/chauvet-cave>.

¹⁸⁴ O Período Paleolítico foi marcado pela caça de animais e pela coleta de frutos e raízes na natureza pelos primeiros seres humanos, o que deixa evidente a características desses sujeitos de serem nômades.

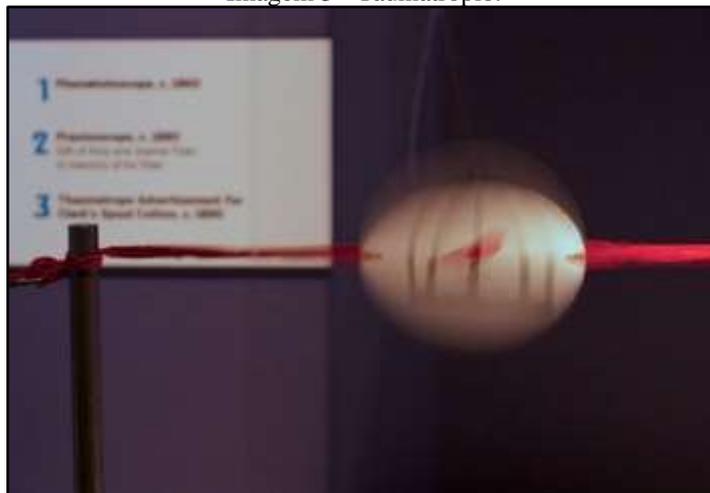
¹⁸⁵ Cf. WACHTEL, Edward. **The First Picture Show: Cinematic Aspects of Cave**. San Francisco: The MIT Press, 1993.

Muitas das imagens encontradas nas paredes de Altamira, Lascaux ou Font-de-Gaume foram gravadas em relevo na rocha e os seus sulcos pintados com cores variadas. À medida que o observador se locomove nas trevas da caverna, a luz de sua tênue lanterna ilumina e obscurece parte dos desenhos; algumas linhas se sobressaem, suas cores são realçadas pela luz, enquanto outras desaparecem nas sombras. [...] E assim, à medida em que o observador caminha perante as figuras parietais, elas parecem *se movimentar* em relação a ele [...] (MACHADO, 2005, p. 9-10).

Essa ideia de movimento reforça a marcante presença do conceito de *animação*, que perpassou os primórdios da criação do cinema e que poderemos ver com maior profundidade em Charles-Émile Reynaud. Contudo, antes de nos debruçarmos nesse inventor, precisamos nos enveredar por outros nomes e invenções que foram pavimentando os caminhos para a apreciação do cinema como o conhecemos na contemporaneidade.

Saindo do Paleolítico e voltando para o século XIX, percebemos que haviam diversos inventores determinados a encontrar formas de enganar a visão humana por meio de ilusões. Seria aqui, pensando pela perspectiva de Marià Corbí, uma tentativa de sair das modelações que os próprios seres humanos fazem? Nesse contexto surge, no ano de 1824, o taumatrópio (imagem 5), criado pelo médico inglês John Ayrton Paris. Esse aparelho “[...] consistia em um disco de papelão com duas imagens diferentes, uma em cada lado preso por dois pedaços de fio em suas extremidades e quando girados em um movimento contínuo relativamente rápido, dava-se a impressão de fusão dessas imagens.” (COSTA, 2019, p. 21).

Imagem 5 - Taumatrópio.



Fonte: (FLICKR, 2011).

O taumatrópio se tornou popular na Inglaterra por causar nos espectadores a ilusão de animação de um desenho estático. Se, como visto na imagem acima, de um lado do disco

estivesse desenhado uma gaiola e, do outro lado, um passarinho, quando alguém tencionasse esses barbantes, pareceria que o pássaro estava preso dentro da gaiola, em uma única imagem.

Cerca de oito anos mais tarde, em 1832, o inventor belga Joseph Plateau criou o *phantoscope* ou fenaquistoscópio (imagem 6). Esse era um aparelho capaz de realizar uma espécie de animações de curta duração. Conforme afirma Thais Chagas da Costa (2019),

O belga Joseph Plateau aprimorou a teoria sobre a percepção do movimento inventando em 1832 o fenaquistoscópio, disposto em 16 frames com imagens coloridas e levemente diferenciadas, Plateau conseguiu apresentar um instrumento que proporcionava uma ilusão óptica que não permitia perceber a variação imagética, fazendo o observador crer que ocorre uma movimentação fluida. Suas invenções foram usadas para reforçar a teoria da persistência retiniana, esses conceitos consequentemente acabam influenciando vários outros cientistas e assim possibilitando diversos instrumentos de ilusão óptica. (COSTA, 2019, p. 21-22).

No fenaquistoscópio, em um disco de papel, eram dispostas as mesmas imagens, porém, em sequências de movimentos diferentes. Quando o disco era girado, as figuras pareciam estar em movimento.

Imagem 6 - Fenaquistoscópio.



Fonte: (FLICKR, 2014).

Já no ano de 1834, o britânico William George Horner cria o zootrópio, que consiste “[...] de um tambor com pequenas aberturas nas laterais que denotavam os intervalos para os filetes de frames ilustrados que eram dispostos no interior das laterais do dispositivo, ao girá-los proporcionavam uma ilusão de movimento [...]” (COSTA, 2019, p. 22). Quando o cilindro girava, pelos buracos que corriam frente aos olhos do observador, uma sequência de desenhos ou pinturas se movendo era possível de ser observada.

Permita-me trazer, nesse momento, Charles-Émile Reynaud. Em uma época onde ainda não haviam acusações por plágio¹⁸⁶, Charles-Émile Reynaud acabou por ter seu trabalho copiado por pessoas mais influentes e abastadas, sendo, dessa forma, um nome por vezes esquecido. Segundo Gilberto Caserta (2017),

Charles Émile Reynaud nasce em 8 de dezembro de 1844 em Montreuil-Sous Bois, atualmente um subúrbio de Paris. Seu pai, relojoeiro e gravador em metais, chamado Benoit Claude “Brutus” Antoine Reynaud, muda-se de sua cidade natal para Paris em 1842 aos 50 anos de idade e se apaixona por sua vizinha de prédio, a professora Marie-Caroline Bellanger, então com 35 anos. Casam-se em 1843 e Marie larga o emprego para ficar em casa e cuidar da educação do filho. Enquanto o pai lhe ensina mecânica de precisão, entre outras coisas, a mãe o estimula a ser curioso sobre tudo, transmite seus conhecimentos de desenho, principalmente aquarela, e de como organizar suas ideias de maneira científica. Assim que Émile atinge idade suficiente, seu pai o coloca para trabalhar em pequenas atividades em sua oficina, impregnando-o com um senso de mecânica e uma capacidade favorável para o trabalho com as mãos. Aos 13 anos constrói pequenas máquinas a vapor. Impressionados com suas habilidades, seus pais o colocam em um aprendizado para projetar instrumentos óticos e mecânicos, e posteriormente nos estudos de design industrial. (CASERTA, 2017, p. 27).

Durante algum tempo de sua vida, Charles-Émile Reynaud foi assistente do fotógrafo Antoine Samuel Adam-Salomon e, em 1862, “[...] Reynaud já obtém suas próprias fotografias, inclusive algumas que ilustrariam um dicionário de ciências aplicadas publicado em 1870.” (CASERTA, 2017, p. 27). Sendo, durante outra parte de sua vida, assistente de Abbé Moigno, foi refém de palestras sobre catolicismo. Abbé Moigno, ao descobrir que Charles-Émile Reynaud não teve uma educação católica, começou a ensiná-lo sobre a história da bíblia, por meio de projeções em uma lanterna mágica (imagem 7). Não se sabe com precisão se as palestras foram de interesse de Charles-Émile Reynaud, todavia, o aparelho utilizado chamou sua atenção. Dessa forma, ele

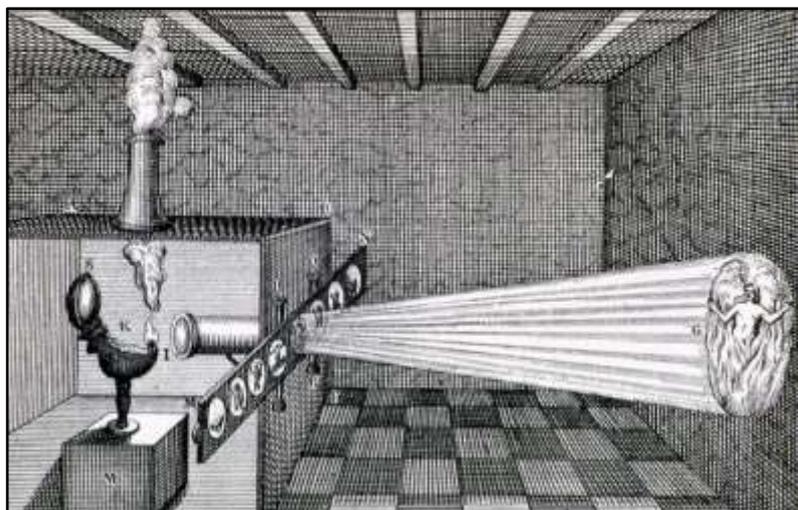
[...] inicia, ainda em Puy-en-Velay, apresentações de lanterna mágica no estilo de Moigno que atraem um público entusiasta. Ficam conhecidas através do jornal local como as “aulas de Reynaud”, realizadas uma vez por semana, gratuitamente e abertas ao público. As palestras tratam de física, química, princípios de mecânica e artes industriais aplicadas. [...] Reynaud utiliza dois projetores, que lhe permitem criar fusões entre duas imagens diferentes. A fonte de luz é criada por uma chama de oxigênio-hidrogênio. (CASERTA, 2017, p. 29).

A diferença entre o uso por Abbé Moigno e Charles-Émile Reynaud é que o segundo utiliza duas lanternas mágicas, conseguindo, assim, um efeito de sobreposição de imagens, bem

¹⁸⁶ O plágio é a prática de assinar, apresentar ou publicar uma obra, seja em partes ou na íntegra, cuja autoria pertence a outra pessoa.

como uma espécie de transição entre elas, ao aumentar a intensidade da luz de uma e diminuir a da outra.

Imagem 7 - Lanterna mágica semelhante à utilizada por Charles-Émile Reynaud.



Fonte: (FLICKR, 2016).

Caserta (2017), afirma que, “quando, em abril de 1876, a revista *La Nature*, dedicada às ciências e suas aplicações às artes e à indústria, publica uma série de artigos sobre dispositivos que demonstram o efeito de persistência da visão, Reynaud promete construir um brinquedo ótico para seu assistente.” (CASERTA, 2017, p. 29). Seu assistente era Pierre Tixier, um garoto de 9 anos responsável por colocar as lâminas de vidro nos projetores usados. Com vistas a colocar sua promessa em prática, Charles-Émile Reynaud busca referências nos já citados Joseph Plateau, inventor do fenaquistoscópio (imagem 6) e William George Horner, o inventor do zootrópio. Surge então, de sua autoria, o praxinoscópio (imagem 8).

Imagem 8 - Praxinoscópio.



Fonte: (FLICKR, 2009).

Charles-Émile Reynaud, ainda em 1876, após criar o praxinoscópio, solicitou uma patente francesa de sua invenção. Retornando a Paris, depois de uma temporada nos Estados Unidos, o inventor continua aperfeiçoando o praxinoscópio, até conseguir uma forma de realizar projeção em uma tela, tal qual a lanterna mágica. Contudo, enquanto a lanterna mágica projetava imagens estáticas, o praxinoscópio agora projetava imagens em movimento. A partir desse aperfeiçoamento, Charles-Émile Reynaud começa a realizar projeções em teatros (imagem 9) cujo público lotava os assentos.

Imagem 9 - Cartaz anunciando uma exibição de Charles-Émile Reynaud.



Fonte: (ARQUIVO DE DOMÍNIO PÚBLICO DO LOC).

Dessa forma, “[...] exibições públicas regulares do Teatro Ótico para público pagante acontecem no Cabinet Fantastique do Museu Grévin no boulevard Montmartre. O primeiro show inclui três exibições de seus filmes animados: Un Bon Bock, Clown Et Ses Chiens e Le Pauvre Pierrot” (CASERTA, 2017, p. 33). Nessas exibições, Charles-Émile Reynaud projetava uma série de imagens desenhadas, passadas em sequência de movimento, que dava a sensação de animação. Elas eram denominadas de *Pantomimes Lumineuses*. Por volta de 1879,

[...] Reynaud projeta o que chamou de teatro praxinoscópio, uma caixa com uma aba articulada onde o praxinoscópio era colocado. Uma janela de visualização na aba superior é alinhada com os espelhos do praxinoscópio e também com uma miniatura decorativa refletida por um painel de vidro posicionado entre eles. Quando observado através da abertura na aba de madeira, as figuras desenhadas na tira se movem em um pequeno palco, numa primitiva forma de projeção frontal. (CASERTA, 2017, p. 31).

Entre os anos de 1888 a 1898, Charles-Émile Reynaud produziu cerca de 30 animações, onde cada uma era composta por aproximadamente 500 imagens. Todavia, com o passar do tempo, seu prestígio, bem como o seu público foi diminuindo. Em 1910, a novidade do praxinoscópio foi ultrapassada pelo cinematógrafo dos irmãos Lumière. Por mais que tenha feito um grande número de produções, “[...] Reynaud em desespero pega um martelo e despedaça sua criação. Alguns anos depois, joga a maior parte de suas fitas desenhadas no rio Sena, restando apenas duas escondidas por seu filho (Autour D'Une Cabine e Le Pauvre Pierrot).”¹⁸⁷ (CASERTA, 2017, p. 34-35). Em 1917, esse propulsor da animação foi abandonado em um hospício às margens do rio Sena, o cemitério de grande parte de suas produções e, em 1918, ele faleceu. Em síntese

No decurso do século XIX, sábios e amadores compartilham da invenção e, a cada trajecto, um aperfeiçoamento se define. O fenaquistoscópio de Plateau transforma-se em zootrópio (Horner, 1834), em lanterna mágica animada projectando sobre un écran (von Uchatius, 1853), em desenho animado (praxinoscópio de Reynaud, 1887, e teatro óptico, 1889). Paralelamente, o brinquedo, associado a esse outro jogo para pessoas crescidas que é a fotografia, e embora passando pela extravagante fantasia do milionário Lelan Stanford, torna-se um instrumento de pesquisa (revólver fotográfico de Jansen, 1876, cronofotógrafo de Marey, 1882). E mais: os amadores transformam-se em homens da ciência, e os próprios homens de ciência em amadores: o professor de ciências naturais Reynaud acaba por se ver director dum teatro óptico e Lumière organizador de espetáculos de feira. (MORIN, 1970, p. 17).

Permita-me expor algumas linhas sobre Lelan Stanford, uma vez que ele está presente na citação acima. Para isso, preciso trazer Eadweard Muybridge, fotógrafo inglês que se mudou

¹⁸⁷ A animação Autour D'Une Cabine pode ser vista no youtube através do link <<https://youtu.be/A5MXcxaRXNc>>. Já a animação Le Pauvre Pierrot pode ser vista também no youtube através do link <<https://youtu.be/426mqIB-kAY>>.

para os Estados Unidos no século XIX. Seu trabalho ficou conhecido pela qualidade das fotos de grandes paisagens. Em 1872, Lelan Stanford, “[...] um excêntrico frequentador de hipódromos [...]” (MORIN, 1970, p. 15), ex-governador da Califórnia, estava absorto em um debate muito relevante entre os apostadores de corridas de cavalo: ao correr, em algum momento, todas as patas do cavalo ficavam no ar, de modo que ele pareça voar? A fim de responder a essa questão, Lelan Stanford contrata Eadweard Muybridge para tentar registrar uma imagem do cavalo pairando ou não no ar. Ainda não havia sido inventado um sistema que fosse capaz de captar imagens de forma rápida, o que era exigido dado a velocidade na qual os cavalos corriam. Assim, Eadweard Muybridge, depois de muito pesquisar e planejar,

[...] utilizou doze câmeras simultâneas com um obturador que permitia a apreensão da imagem em menos de dois centésimos de segundo. Fios conectados a baterias elétricas pontuavam o trajeto a ser percorrido pelo cavalo: ao rompê-los, o animal acionava as objetivas sucessivamente, tendo como resultado uma série de negativos. (BUCCINI, 2017, p. 64).

O resultado desse primeiro teste foi inconclusivo. Então Eadweard Muybridge decidiu dobrar o número de câmeras utilizadas. O resultado, que foi ao encontro da hipótese de Lelan Stanford pode ser visto abaixo (imagem 10).

Imagem 10 - Capturas feitas por Eadweard Muybridge.



Fonte: (WIKIMEDIA COMMONS, 2019).

Esse método desenvolvido por Eadweard Muybridge foi um dos responsáveis por, mais tarde, em 1999, o já citado filme *Matrix*, ter sido filmado. Em consonância com Rafael José Oliveira Ofemann,

Em 1999, a produção hollywoodiana *Matrix* introduziu uma série de novos efeitos visuais no cinema. Técnicas de captura de imagem foram usadas para proporcionar a sensação de que as personagens do filme flutuam no ar e desviam de projéteis, distorcendo o continuum espaço-temporal. Para produzir estas imagens espetaculares, o método de captura consistia em filmar o movimento dos atores e atrizes no centro de um círculo formado por dezenas de câmeras, [...] Criado por John Gaeta, o efeito que ficou conhecido como *bullet time* era finalizado na montagem usando sequencialmente as imagens de cada câmera que, ao serem reproduzidas em câmera lenta, realizavam um giro ao redor da personagem provocando no espectador a sensação de suspensão temporal. A técnica, considerada inovadora, foi amplamente utilizada nos anos seguintes. (OFEMANN, 2017, p. 15).

Os resultados referentes a essa descoberta de Eadweard Muybridge foram amplamente divulgados na mídia. Nesse sentido, “a diferença essencial entre a técnica criada por Muybridge e a de Gaeta para *Matrix* é que o destino final da última já é o entretenimento enquanto a de Muybridge, no momento de sua produção, ainda era uma experiência estritamente científica.” (OFEMANN, 2017, p. 16). Com isso, ele começou a viajar pela Europa e Estados Unidos dando palestras sobre a locomoção animal. Dessa forma, “baseando-se em inventos como a Lanterna Mágica, o Zoetrope e o Phenakistoscope, em 1879, Muybridge desenvolveu um projetor primitivo chamado Zoopraxiscope.” (BUCCINI, 2017, p. 64). Essa invenção era utilizada para ilustrar suas palestras uma vez que os chamados *negacionistas*, como bem conhecemos na contemporaneidade, questionavam suas conclusões obtidas e provadas por sua captura. No início, o zoopraxiscópio (imagem 11) “[...] utilizava um disco de vidro com imagens em silhuetas pintadas sobre sua superfície. Em 1982, começou a usar desenhos a traços impressos no vidro fotograficamente e coloridos à mão.” (BUCCINI, 2017, p. 64).

Imagem 11 - Zoopraxiscópio.



Fonte: (WIKIMEDIA COMMONS, 2007).

Outro nome de grande relevância na invenção de máquinas que mais tarde influenciaram no cinema como conhecemos na contemporaneidade é o francês Louis Le Prince, também com uma história trágica.

Em 28 de agosto de 1841, nascia na cidade de Metz, na França, Louis Aimé Augustin Le Prince. Filho de um major prestigiado e respeitado da Légion d'Honneur, uma ordem francesa criada por Napoleão Bonaparte em 1802, Le Prince sempre foi uma criança muito curiosa e isso certamente contribuiu para o seu futuro quando foi apresentado a Louis Daguerre. O melhor amigo de seu pai era simplesmente o inventor da fotografia moderna através de um aparelho chamado daguerreótipo, um equipamento responsável pela produção de imagens fotográficas sem negativo. (ARAÚJO, 2020).

Em 1886, ele criou uma câmera com 16 lentes e, assim, solicitou uma patente, a recebendo em 1888. Quando vai para Inglaterra, Louis Le Prince constrói uma câmera, composta por uma caixa de madeira, com duas lentes fotográficas. Uma permitia o operador visualizar o que estava fotografando, a outra, permitia a entrada da luz. Ao girar uma manivela, era possível movimentar dois mecanismos dentro da caixa: uma fita de papel fotográfico, produzida pela Kodak¹⁸⁸, passava do rolo de cima para o rolo de baixo. Nesse movimento, o papel fotográfico, sensível à luz, era exposto a ela. Quanto maior a velocidade de giro da manivela, maior era o número de fotografias registradas em sequência, o que causava um efeito de ilusão no olho humano, causando a impressão de estar vendo um movimento contínuo.

¹⁸⁸ O nome Kodak foi pensado por George Eastman, que, de forma comercial criou o primeiro rolo de filme celulóide transparente e flexível. Atualmente é uma empresa que produz vários produtos relacionados com a fotografia.

Ele construiu uma nova câmera, só que essa de lente única, pois o homem chegou à conclusão que não se tratava simplesmente de abrir e fechar o obturador 16 vezes por segundo, o que resultava em desfoque devido à exposição incorreta da cena. Le Prince, então, criou uma espécie de grampo que parava o filme toda a vez que o obturador abria, mas para que não causasse seu rompimento ao longo do processo, ele precisava que o filme só se movesse quando o obturador fosse fechado. (ARAÚJO, 2020).

Por advento desse equipamento, em outubro de 1888, ele produziu o primeiro vídeo conhecido, *Roundhay Garden Scene*¹⁸⁹, três anos antes de Thomas Edison anunciar o cinetoscópio, e sete anos antes do Lumiere realizarem a *primeira* exibição comercial de um filme em uma sala de cinema. Em setembro de 1890, Louis Le Prince se preparava para voltar ao Reino Unido para patentear essa sua nova invenção, contudo,

No início de setembro de 1890, no mês da exibição pública de seus feitos, Le Prince foi a Bourges, na França, para visitar alguns amigos antes de voltar à Nova York para seu evento. Em 13 de setembro, ele viajou para Borgonha, em Dijon, onde morava seu irmão, Albert. Três dias depois, Albert embarcou Le Prince num trem de volta à Paris para encontrar com amigos que o esperavam na estação. Só que ele nunca desceu. Pior, não havia rastros de que alguma vez o inventor tenha pegado aquele trem, muito embora seu irmão pudesse testemunhar o contrário. Ainda por cima, o expreso de Dijon até Paris não possuía nenhuma parada, logo, era impossível que Le Prince não estivesse a bordo. (ARAÚJO, 2020).

Exceto o seu irmão Albert, nenhum outro passageiro havia visto Louis Le Prince na estação ou dentro de algum vagão. Com isso, “a polícia francesa começou as buscas imediatamente [...] Apesar de tantas investigações, não havia pista nenhuma acerca do paradeiro do inventor. [...] Sua bagagem não foi localizada, tampouco seu cadáver. O trem não parou para que ele descesse.” (ARAÚJO, 2020). Levando em consideração que Louis Le Prince tinha 1,90 de altura e costeletas bem marcadas, o que era considerado um padrão de beleza da época, não era muito difícil que ele chamasse atenção por onde passasse. Seu desaparecimento continua sendo um mistério não resolvido. Durante a época em que ocorreu, e ainda hoje, é seguido por muitas especulações e teorias¹⁹⁰.

[...] segundo a família de Le Prince, a concorrência de Thomas Edison, o famoso inventor que possuía um histórico de levar o crédito pelas criações de outras pessoas, estaria por trás desse desaparecimento. Essa teoria se fortificou quando Edison afirmou ter sido o único inventor da imagem em movimento e da câmera cinematográfica, e exigiu ganhar os royalties sobre uma patente em aberto, sendo que já conhecia os registros de Le Prince. A Mustoscope Company processou Edison pelos créditos na patente e chegou a chamar Adolphe Le Prince, filho do inventor, como

¹⁸⁹ O filme pode ser visto no Youtube pelo link: <https://youtu.be/tc-L9_4jGc4>.

¹⁹⁰ Cf. FISCHER, Paul. **The Man Who Invented Motion Pictures: A True Tale of Obsession, Murder, and the Movies**. Nova York: Simon & Schuster. 2022.

testemunha. Eles não ganharam a causa, mas um ano depois a decisão foi anulada. Logo em seguida, Adolphe foi morto a tiros em Nova York aos 29 anos de idade. Nunca descobriram seu assassino. (ARAÚJO, 2020).

Pouco tempo após a morte de Louis Le Prince, Thomas Edison tentou levar crédito pela invenção da câmera de cinema. Contudo, o filho e a viúva de Le Prince lutaram para defender o legado do inventor. O tribunal decidiu o processo em favor de Thomas Edison, que reivindicava direitos autorais sobre uma invenção que não era dele. Em 1901, o filho de Louis Le Prince é encontrado morto. Para a sua mãe, esse episódio foi uma retaliação por todo o ocorrido no tribunal. É possível perceber que, ao longo da história, não basta apenas ter boas ideias e mínimas condições de colocá-las em prática, ainda que seja por meio de protótipos. O que acaba contando no final é o dinheiro e a influência.

O já citado Thomas Edison, em certo grau, não pode ser considerado um inventor, senão um industrial, detentor de diversos laboratórios que, por sua vez, abrigava centenas de engenheiros, cientistas, pesquisadores entre outros, para inventar coisas. Quando algo era inventado, a patente não era registrada no nome dos engenheiros, cientistas, pesquisadores e outros colaboradores, mas no nome da empresa de Thomas Edison.

Em 1888, Eadweard Muybridge, aquele que fotografou cavalos correndo para Lelan Stanford, estava visitando o estado de Kentucky, dando suas palestras e utilizando sua invenção, o zoopraxiscópio. Thomas Edison, que estava presente nessa palestra, se encontrou com Eadweard Muybridge nas instalações de seu laboratório dois dias após essa palestra. Nesse encontro foi firmado um acordo para trabalharem juntos, unindo o zoopraxiscópio de Muybridge e o fonógrafo (imagem 12) de Edison, um aparelho que gravava som em um cilindro e o reproduzia.

Imagem 12 - Fonógrafo.



Fonte: (FLICKR, 2018).

A invenção que surgiria com a fusão dessas outras duas tinha como pano de fundo o intuito de unir imagem e som. Todavia, a intenção de Thomas Edison era desenvolver o seu próprio zoopraxiscópio, para retirar o Eadweard Muybridge da cena. Assim, em 1888, Thomas Edison apresentou uma solicitação preliminar de uma patente, junto ao escritório de patentes dos Estados Unidos. Dessa forma, no primeiro semestre de 1889, o funcionário Willian Kennedy Laurie Dickson recebe a ordem de Thomas Edison para trabalhar nessa ideia de registro de imagens em movimento¹⁹¹. O que Thomas Edison queria era aproveitar a forma como o fonógrafo funcionava e replicar isso para capturar as imagens. O problema era que o espaço do cilindro era muito limitado. Assim, em 1889, os técnicos dos laboratórios de Thomas Edison decidem enrolar fitas de celulóide no cilindro para permitir que mais cenas fossem capturadas. Essas fitas de celulóide, desenvolvidas e disponibilizadas por John Carbutt, substituiriam as chapas de vidro utilizadas por Charles-Émile Reynaud.

Nos laboratórios de Thomas Edison os experimentos com tiras de filme fotográfico continuam e, nesse contexto, surge o considerado *primeiro filme gravado nos Estados Unidos* chamado. *Monkeyshines n.1*¹⁹². Em 1891, advindo dos diversos testes feitos, surge então o quinetoscópio (imagem 13). Esse aparelho “possuía um visor através do qual se podia assistir, mediante a inserção de uma moeda, a exibição de uma pequena tira de filme em que apareciam imagens em movimento de lutas de boxe, bailarinas, cenas eróticas, números cômicos [...]” (COSTA, 2005, p. 36-37).

¹⁹¹ Cf. BALIO, Tino. Part I: A Novelty Spawns Small Businesses, 1894-1908. In. BALIO, Tino. **The American Film Industry**. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.

¹⁹² O filme pode ser visto no Youtube pelo link: <<https://youtu.be/QTcZnxraHgg>>.

Imagem 13 - Quinetoscópio.



Fonte: (FLICKR, 2014).

Esse aparelho era movido por um motor elétrico, que girava um mecanismo que abria e fechava o obturador, de forma a permitir a entrada da luz. Tudo isso, girando dois rolos de filme dentro da câmera.

[...] o quinetógrafo era a câmera que viria produzir esse filmes para serem passados no quinetoscópio. Suas atividades nesse ramo, iniciou-se em abril de 1894 em Nova York onde Thomas Edison instalou o primeiro salão de quinetoscópios sendo no total de dez máquinas. Edison produzia seus filmes em um pequeno estúdio construído nos fundos de seu laboratório. O local era pintado de preto e tinha um teto retrátil que deixava penetrar a luz do sol e que também girava para acompanhar a luz solar. Esse aspecto estranho de estúdio, fora dos padrões comuns conhecidos hoje, lhe rendeu o nome de “Black Maria”, pois se parecia com os camburões da polícia da época. Dentro desse estúdio eram filmados atletas, bailarinas, acrobatas e palhaços contra um fundo preto iluminados pelo sol. (AQUINO, 2012, p. 12).

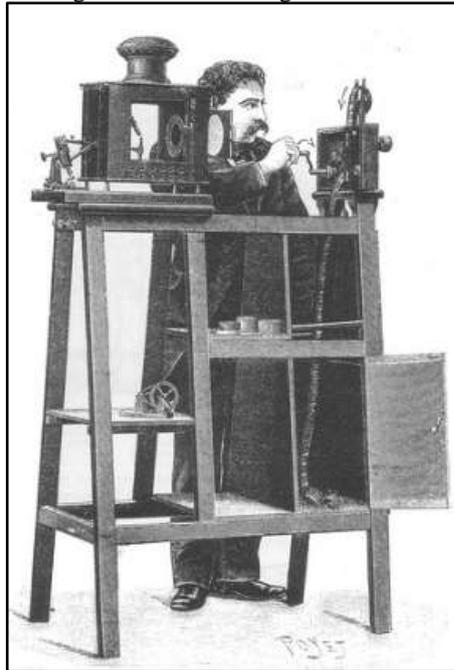
Os primeiros filmes exibidos por Thomas Edison não eram projetados em uma tela com o uso de um projetor, mas, como visto na figura acima, eram em uma caixa de madeira, onde cada pessoa assistia individualmente. Em 1893, Edison, como de costume, vai a um escritório para registrar a patente do invento. Todavia, houve conflitos. Não havia definição se o registro era para o quinetógrafo - a câmera que gravava, para o quinetoscópio - onde eram exibidos os filmes - ou para os dois. Essa confusão só foi sanada em 1897. Sobre a confecção dos filmes exibidos, Thomas Edison os produzia

[...] em um pequeno estúdio construído nos fundos de seu laboratório. O local era pintado de preto e tinha um teto retrátil que deixava penetrar a luz do sol e que também girava para acompanhar a luz solar. Esse aspecto estranho de estúdio, fora dos padrões comuns conhecidos hoje, lhe rendeu o nome de “Black Maria”, pois se parecia com os camburões da polícia da época. Dentro desse estúdio eram filmados atletas, bailarinas, acrobatas e palhaços contra um fundo preto iluminados pelo sol. (AQUINO, 2012, p.12).

A ‘primeira exibição’ de filmes ocorrida nos Estados Unidos em nada se assemelham às salas de cinema que conhecemos na contemporaneidade. A primeira sala comercial para exibição dos filmes produzidos por Thomas Edison foi aberta em Nova York, em 1894, chamada *Holland Bros*. No salão destinado a exibição haviam dispostos dez quinetoscópios, distribuídos em duas fileiras, onde cada um exibia um filme diferente. O valor, convertendo em reais, era de 25 centavos para ver cinco filmes, ou 50 centavos para ver os dez filmes. Levando em conta a contação da época, era um valor muito alto. Por essa mesma quantia era possível ir ao teatro, ao circo ou a um parque de diversões. Todavia, o sucesso da exibição foi tão grande que diversos empresários entraram em contato com Thomas Edison querendo comprar a invenção para exibir em outros locais. Além do quinetoscópio, também eram comercializados os filmes. De acordo com Arlindo Machado, “[...] o quinetoscópio comercializado por Edison difere dos outros modelos de cinema experimentados pelos demais inventores, não apenas pelo estilo *peepshow* do aparelho, concebido para recepção em escala individual, mas também por ser o único modelo sonoro [...]” (MACHADO, 2014, p. 142). Todavia, esse fato não quer dizer que os filmes já exibidos anteriormente não contemplavam esse aspecto sonoro. Os espaços para exibição contavam com cantores e musicistas para realizar o som da cena projetada. A questão é que os funcionários de Thomas Edison conseguiram a proeza de fusionar esses dois.

Nesse mesmo período, na Europa, o quinetoscópio de Thomas Edison também fazia sucesso. Em Paris ele foi visto pelo fotógrafo e pintor, Antoine Lumière, o pai de Auguste e Louis Lumière. Morando na cidade de Lyon, Antoine Lumière abriu um negócio de chapas fotográficas. Pensando, literalmente, fora da caixa, ele encorajou seus filhos a criarem uma forma de exibir filmes diferente da proposta por Thomas Edison. Temos aqui a gênese do cinematógrafo (imagem 14). Segundo Edgar Morin, “por mais limitado que seja, o cinematógrafo Lumière é já, de facto, um microcosmo do cinema total, o qual, em certo sentido, é a ressurreição integral do universo dos duplos.” (MORIN, 1970, p. 57).

Imagem 14 - Cinematógrafo Lumière.



Fonte: (FLICKR, 2015).

Os irmãos Lumière fizeram o uso de uma película de celulóide banhada em uma emulsão química de fabricação própria, cortaram o filme em tiras e perfuraram buracos nas laterais na fita cortada. Pense naqueles negativos de fotos usados para revelação nos anos 2000. O que os Lumière utilizavam eram parecidos com eles. Os buracos seriam utilizados para que o mecanismo interno da câmera pudesse enganchar e mover o filme dentro da câmera, que consistia em um

[...] aparelho no qual utilizava-se filme de 35 milímetros, que na verdade era um maquinário que se baseava nas máquinas de costura que captavam as imagens numa velocidade de 16 quadros por segundo, que logo em seguida tornou-se padrão na época, diferentemente dos 46 quadros por segundo usados por Edison.(AQUINO, 2012, p. 12-13).

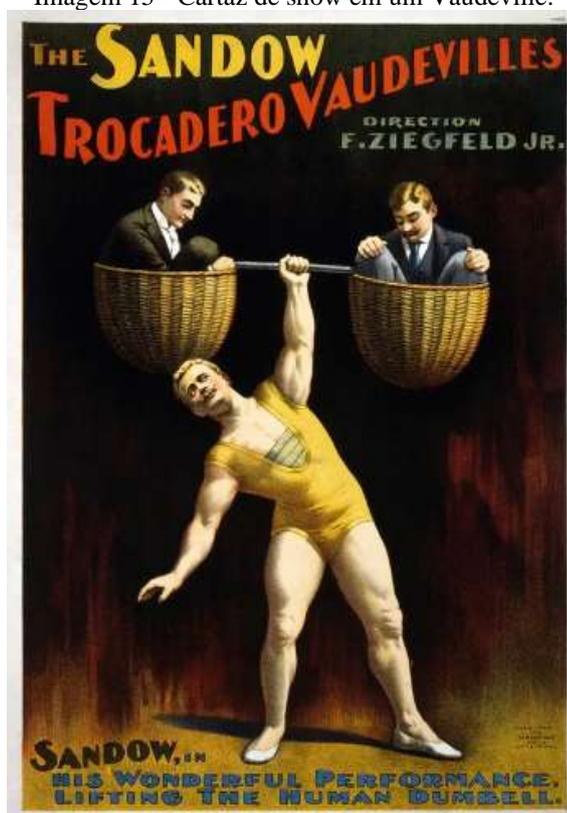
A principal vantagem do cinematógrafo em comparação ao quinetoscópio era o peso. Enquanto a invenção de Thomas Edison tinha 453 quilos, a dos Lumière tinha nove quilos. Além disso,

[...] a máquina dos Lumière era ao mesmo tempo câmera e projetor, não utilizava luz elétrica e era acionada por manivela. Devido ao seu pouco peso, podia ser transportada facilmente e assim filmar assuntos mais interessantes que os de estúdio, encontrados nas paisagens urbanas e rurais, ao ar livre ou em locais de acesso complicado. Além disso, os operadores do Lumiere atuavam também como cinegrafistas e multiplicavam as imagens do mundo para fazê-las figurarem nos seus catálogos. (COSTA, 2005, p. 43).

O sucesso do cinematógrafo se deu entre os chamados cineastas da época e, dessa forma, se tornou padrão entre os primeiros que tinham o interesse em produzir filmes. Além disso, “os irmãos Lumiere ofereciam um esquema de marketing muito interessante para os vaudevilles, que eram seu alvo predileto no mercado.” (COSTA, 2015, p. 2005).

Os Vaudevilles, a saber, inicialmente “[...] tinham surgido a partir de teatros de variedades - com conotações exclusivamente eróticas - que, em geral funcionavam anexos aos chamados 'salões de curiosidades' [...]” (COSTA, 2005, p. 40). Por mais que tenha esse marco em seu início, o Vaudeville (imagem 15), por volta de 1896, se despede desse erotismo, e passa a ser uma forma de diversão popular mais recatada.

Imagem 15 - Cartaz de show em um Vaudeville.



Fonte: (RAWPIXEL)

Um show no Vaudeville, de acordo com Thais Chagas da Costa (2005), poderia durar por volta de dez a 20 minutos. Os atos não tinham, necessariamente, conexão narrativa entre si, podendo incluir acrobacias de animais, encenação de comédia, demonstração de força física, declamação de poesia, exibição de filmes, entre outros. Nesse contexto, “[...] em maio de 1895, que o Cinematógrafo Lumière estreou nos Estados Unidos, fazendo um tremendo sucesso.” (COSTA, 2005, p. 41), entrando no território de Thomas Edison. Veja, os primeiros filmes exibidos já diferem dos que conhecemos hoje no aspecto de local e tempo de duração, além de

serem “[...] em sua ampla maioria, feitos em uma única tomada [...]” (COSTA, 2005, p. 43). Dentro dos Vaudevilles, eles eram atrações autônomas que se encaixavam entre uma diversidade de outros atos. Para Arlindo Machado,

O cinema. mesmo o cinema *stricto sensu*, ou seja, que se constitui a partir do cinematógrafo de LeRoy, Edison, Paul, Skladanowsky e dos Lumière, não era ainda, nos seus primórdios, o que hoje chamamos de cinema. Ele reunia, na sua base de celulóide, várias modalidades de espetáculo derivadas das formas populares de cultura, como o circo, o carnaval, a magia e a prestidigitação, a pantomima, a feira de atrações e aberrações etc. Como tudo o que pertence à cultura popular, ele formava também um outro mundo, um mundo paralelo ao da cultura oficial, um mundo de cinismo, obscenidades, grossuras e ambiguidades, onde não cabia qualquer escrúpulo de elevação espiritualista abstrata. (MACHADO, 2014, p. 73).

Com relação aos filmes produzidos pelos irmãos Lumière, a grande maioria mostrava cenas de seu cotidiano familiar, como crianças brincando, eles próprios alimentando seus filhos, dentre outras práticas. Em 1895 acontece a primeira exibição comercial de um dos filmes produzidos, no Grand Café, em Paris, que foi a primeira sessão de cinema na Europa onde foi cobrado ingresso. O filme exibido foi *A chegada do trem à estação de La Ciotat*¹⁹³, em francês, *L'arrivée d'un train en gare de La Ciotat*. Não há evidências, seja nos jornais da época ou em boletins policiais, sobre pessoas entrando em pânico na exibição desse filme, como é costumeiramente lido. Estava aqui, depois da contribuição de muitos nomes, o cinema como o conhecemos na contemporaneidade. Como afirma Morin,

O cinematógrafo dispõe do *encanto da imagem*, ou seja, renova ou exalta a visão das coisas banais e quotidianas. A qualidade implícita do duplo, os poderes da sombra e uma certa sensibilidade à fantasmagoria, vem reunir os seus prestígios milenários no seio da ampliação fotogénica e atrair as projecções-identificações imaginárias melhor, muitas vezes, mais que a própria vida prática. [...] Lumière revela desde as primeiras sessões os prazeres da identificação e a necessidade do reconhecimento; aconselha os seus operadores a filmar as pessoas na rua [...]. (MORIN, 1970, p. 115-116).

Todavia, por mais que diversas exibições de filmes, ainda não em um espaço denominado cinema, estivessem acontecendo em alguns países, com números significativos de público, isso não significava, entretanto, “[...] que o cinema tivesse alguma respeitabilidade como atração autônoma, muito menos como uma forma de arte” (COSTA, 2005, p. 23). O cinema não nasceu como arte, alcançou esse status com Ricciotto Canudo¹⁹⁴.

De acordo com Rafael José Oliveira Ofemann,

¹⁹³ O filme pode ser visto no Youtube pelo link: <<https://youtu.be/CUgvS7i4TDg>>.

¹⁹⁴ Cf. CANUDO, Ricciotto.. **Manifeste des sept arts**. Paris: Séguier, 1995.

A multiplicidade estética e narrativa do cinema contribui para que uma gama distinta de pessoas se relacione com os filmes e meios/espços de recepção de maneira bem heterogênea e com diferentes propósitos. No entanto, no decorrer do século XX, o cinema demonstrou ser uma das principais ferramentas de reprodução e promoção das lógicas capitalistas. Não poderia ser diferente, já que o cinematógrafo, junto a ícones do progresso capitalista como a locomotiva e a energia elétrica, simbolizava o ideário positivista burguês de um progresso ilimitado. Não por acaso, algumas das primeiras imagens projetadas através das lentes da máquina criada pelos industriais Louis e Auguste Lumière ilustravam uma locomotiva se aproximando de uma estação e funcionários deixando a fábrica após a jornada de trabalho. Assim, o cinema nasce sob o signo da indústria. (OFEMANN, 2017, p. 22).

Por mais que todo o caminho apresentado neste subitem tenha tido como recorte as máquinas, discordo que o cinema pode ser reduzido a uma mera positividade científica, tipicamente europeia. O que, de fato, é o cinema? O resultado da animação de fotografias? Para Morin, “o cinema é, pois, o mundo, mas um mundo meio assimilado pelo espírito humano. Assim como também é o espírito humano, mas projectado este, activamente, no mundo, em todo seu trabalho de elaboração e de transformação, de permuta e de assimilação.” (MORIN, 1970, p. 245). Os caminhos que levaram ao cinema como o conhecemos na contemporaneidade partem de diversos locais, nomes e invenções, não sendo assim, um sistema isolado, senão um trabalho colaborativo, mesmo que não houvesse sequer a concepção de tal fato. Foi esse espaço e sua forma enquanto arte que permitiu que grupos se encontrassem para o consumi-lo. E aqui não somente um consumo capitalista, mas capaz de causar impactos no axiológico. Esses grupos são aqueles que possuem uma prática cinéfila. E em que consiste essa prática? Para responder a essa pergunta, precisamos partir rumo aos dados coletados no campo.

CAPÍTULO IV - EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA E PRÁTICA CINÉFILA EM UM GRUPO FOCAL - UMA INVESTIGAÇÃO

“Mamãe sempre disse que a vida é como uma caixa de chocolates. Você não imagina o que vai encontrar.”
(Forrest Gump, 1994)

Eu não me lembro quando foi a primeira vez que assisti ao filme *Forrest Gump*¹⁹⁵, mas me lembro da última. Foi quando estava em viagem ao Rio de Janeiro, na casa da mãe de um amigo. Em um anoitecer, abafado pela maresia vinda de uma praia poluída que não podíamos sequer colocar os pés pelo risco de pegar alguma infecção, decidimos assistir a esse filme antes de jantarmos. Ao ouvir a frase que abre esse subitem, de início eu ri. Não sei qual foi sua primeira reação, leitor, mas a minha foi gargalhar. Ora, é óbvio que dentro de uma caixa de chocolates você vai encontrar chocolates. Parece óbvio, todavia, refletindo mais tarde, notei que não é. Veja, dependendo do tempo que você guarde uma caixa de chocolates, quando a abrir, você pode encontrar só algumas formigas e baratas que por ali se esbaldaram. Dependendo da temperatura de armazenamento, você pode encontrar uma caixa toda lambuzada de uma massaroca intragável. Dependendo da companhia, você pode encontrar a felicidade na partilha. Assim é a vida, a gente nunca sabe o que vai encontrar. Assim foi a realização do meu grupo focal online. Esperava encontrar chocolates, minha hipótese era que os chocolates estavam lá, intactos e apetitosos. Ledo engano. Nesse sentido, por meio da realização de um grupo focal online, busco responder a seguinte questão: quais as contribuições do grupo focal para a aproximação entre *Qualidade Humana*, *Qualidade Humana Profunda* e prática cinéfila?

Com *Moana*, espero que você possa compreender que cada caminho a ser seguido implica em ser uma escolha feita. E cada escolha é uma renúncia. Os caminhos metodológicos desta dissertação foram necessários para que os dados pudessem ser coletados por uma ótica específica. Por fim, com *Toy Story*, e já trazendo um *spoiler* da análise dos dados, perceberemos que, as vezes escondida em outras práticas, a amizade e a simbiose que ela permite, podem ser um dos caminhos a se seguir rumo ao cultivo da *Qualidade Humana* e *Qualidade Humana Profunda*.

¹⁹⁵ Com direção de Robert Zemeckis, o filme perpassa a história de Forrest Gump, um homem que se senta em um ponto de ônibus na cidade de Savannah, Geórgia, e conta as suas aventuras a quem ali se sentam para aguardar o transporte. Por meio de sua narração, foram apresentados as cenas que marcaram sua vida.

4.1 Procedimentos Metodológicos

“Cada caminho que pego, cada trilha que percorro é uma escolha que faço.”
(Moana, 2016)

Permita-me iniciar este subitem com a frase extraída do filme *Moana*¹⁹⁶, de 2016. Quando relembrei a fala da personagem que dá nome ao filme, *“cada caminho que pego, cada trilha que percorro é uma escolha que faço.”*, fui tomada por essa mesma reflexão, pensando na perspectiva da escrita dessa dissertação. Quais caminhos eu percorreria a fim de comprovar ou refutar minha hipótese inicial? Nesses caminhos, com atrativos procedimentos metodológicos, quais me contemplariam e quais eu deveria abdicar? A metodologia de uma pesquisa traduz-se em um “[...] estudo do método, ou seja, é o corpo de regras e procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa científica [...]” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009. p. 11). Consiste em uma teoria e conceituação dos métodos, que, por sua vez, “[...] são técnicas para reunir e analisar dados na pesquisa científica ou acadêmica.” (ENGLER; STAUSBERG, 2013. p. 63).

Nesse contexto, essa dissertação valeu-se de uma abordagem qualitativa, tanto em relação a seus objetivos quanto a sua forma de coleta e análise de dados. De acordo com as autoras Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi, é através desse qualitativo que se “[...] entra em contato direto e prolongado com o indivíduo ou grupos humanos, com o ambiente e a situação que está sendo investigada, permitindo um contato de perto com os participantes.” (LAKATOS; MARCONI, 2004, p. 272). O uso da abordagem qualitativa aqui se justificou uma vez que houve o intuito de compreender o fenômeno da prática cinéfila presente em grupo focal, no contexto em que tal ocorreu, bem como analisá-lo em uma perspectiva integrada com a pesquisa bibliográfica realizada. Ademais, ainda em consonância com as especificidades desse tipo de pesquisa, não tive a intenção de produzir dados quantitativos, senão partir de uma interpretação descritiva dos fatos levantados.

Uma vez que os dados não existem sem métodos, optei pelo uso da estratégia de triangulação, que consistiu no “[...] uso de mais de um método ou mais de uma fonte (ou tipo) de materiais empíricos em um estudo. [...] A metáfora do triângulo aponta para a multiplicidade de perspectivas em termos de métodos e dados.” (ENGLER; STAUSBERG, 2013. p. 67). A

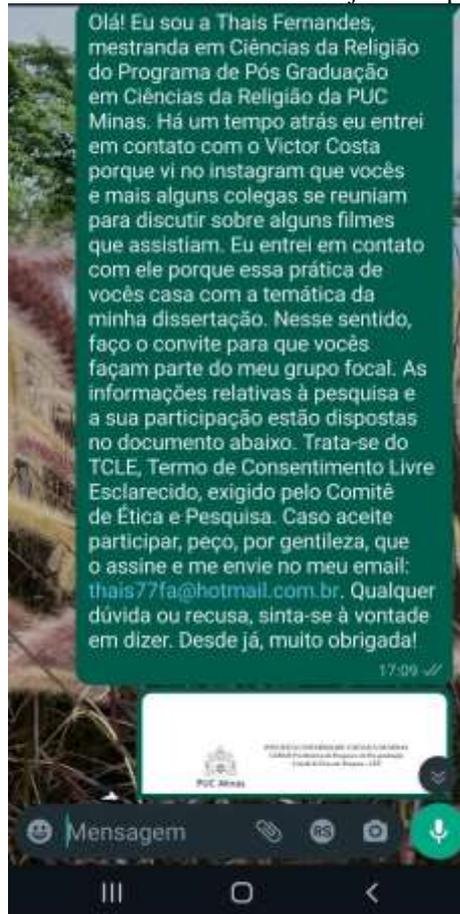
¹⁹⁶ Com direção de Ron Clements e John Musker, essa animação da Disney traz a história de Moana, filha única do chefe de uma tribo na Oceania. Quando os pescadores de sua ilha não conseguem pescar nenhum peixe e as colheitas falham, uma série de descobertas levam a personagem a partir em busca de seus ancestrais, habitantes de uma ilha mítica.

escolha dessa estratégia foi com a pretensão de articular dois diferentes métodos selecionados para essa dissertação: a pesquisa bibliográfica e a ida a campo para realização de um grupo focal. A pluralidade de dados encontrados culminou na análise das falas, onde as respostas coletadas na realização do grupo focal foram confrontadas com algumas das categorias elaboradas por Marià Corbí, em sua disciplina *Epistemologia Axiológica*.

Com vistas a dar um salto nas tendências percebidas na construção do estado da arte, em se realizar quase que exclusivamente pesquisas bibliográficas na área de Ciências da Religião e Teologia, escolhi uma abordagem empírica para coleta de dados. O critério de inclusão dos sujeitos da pesquisa – constituintes do grupo focal – versou sobre o fato de que eles se compreendiam como quem tinha uma prática cinéfila. Sendo esse grupo a fonte primária de coleta de dados sobre a prática cinéfila “[...] faz sentido convocá-los para facilitar comparações, ao garantir que os membros do grupo compartilhem pelo menos uma característica importante.” (BARBOUR, 2009. p. 87). Dada essa afirmação, o grupo que foi escolhido continha quatro participantes que se denominavam como tendo prática cinéfila. Era, inicialmente, composto por três homens e uma mulher, na faixa etária de 20 a 30 anos. Todavia, apenas os três homens aceitaram participar, sendo dois deles residentes no Brasil e um residente no México. Em sua prática, o grupo selecionava obras cinematográficas, a assistiam e discutiam, por videoconferência, sobre suas percepções. Durante alguns momentos do grupo focal, os sujeitos citaram a convidada que não respondeu ao convite para participar, portanto, para fins de privacidade, o nome verdadeiro dela foi substituído por um fictício, sendo chamada de Miranda. Os demais sujeitos concordaram em ter seus nomes verdadeiros utilizados.

Tomei conhecimento do grupo e de sua prática por meio de um dos integrantes, Victor Costa, que foi meu colega de turma em algumas disciplinas ao longo de minha graduação, através de seu *Instagram*, mesma rede social onde entrei em contato com ele. Ele foi, inicialmente, o responsável por contactar os outros sujeitos. Posteriormente, de posse de seus números de telefone, entrei em contato com Alan Cavalcante e Caleb Erickson, de forma separada, via mensagens pelo *WhatsApp*, onde me apresentei, fiz o convite para participação e o envio do TCLE (ver apêndice b) com maiores informações sobre a pesquisa. O mesmo convite foi feito para a outra integrante do grupo, porém, a mensagem nunca foi respondida. Esse contato foi realizado no dia 01/04/2022. A mensagem enviada pode ser vista na imagem (imagem 16) abaixo:

Imagem 16 - Contato inicial com os sujeitos da pesquisa.



Fonte: Acervo pessoal.

Anteriormente ao envio do convite e aceite dos sujeitos, foi necessário que eu me voltasse para os riscos da realização do grupo focal. Voltando para o nível físico, foi fácil constatar que os riscos seriam nulos, dado que o processo seria realizado de forma remota. Contudo, a realização de um diálogo ocorre no encontro de ideias e esse encontro pode ser refém de confrontos que, por sua vez, são capazes de gerar conflitos e desconfortos. Por mais que o grupo escolhido para a realização dessa pesquisa possua um grau de amizade, essa, poderia não ser suficiente para evitar pequenas rugas que pudessem emergir, como ocorreu. Nesse contexto, foi um risco esperado. Procurei mediar os conflitos, mantendo a imparcialidade e respeito no processo.

A participação desse grupo foi de maneira voluntária, sendo assim, eles não receberam nenhum tipo de pagamento. Em contrapartida, também não tiveram gastos. Como forma de assegurar a integridade dos sujeitos, de forma online, eles assinaram o TCLE, que foi disponibilizado via *WhatsApp*. As informações obtidas, como em acordo ao TCLE, são confidenciais e foram transcritos e analisados apenas os pontos pertinentes à temática da

pesquisa. Todos os dados coletados estão sob minha guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos e, após esse período, serão destruídos.

O marco inicial da triangulação foi a pesquisa bibliográfica. Após a realização do estado da arte, os trabalhos coletados foram lidos e categorizados em três eixos: os que versam sobre a apresentação da construção do pesquisador; os que apontam para sua aplicabilidade na contemporaneidade; os que trazem a conceituação de prática cinéfila. Os pontos-chave desse material culminaram na construção do tronco teórico da pesquisa. Durante esse processo de escrita, que durou por volta de 18 meses, outros materiais, em grande maioria livros, foram sendo encontrados e incorporados no texto. As revisões e correções foram continuamente realizadas por meu orientador.

O segundo ponto da triangulação foi o grupo focal. Sobre esse método, “[...] não há um jeito certo ou errado de se fazer pesquisa com grupos focais: o pesquisador é livre para adaptar, tomar emprestado e combinar quaisquer abordagens que deseje [...]” (BARBOUR, 2009. p. 31). Nesse momento, que ocorreu no dia 21/07/2022, em sessão com 1h20 de duração, a coleta de dados foi realizada de forma online. A escolha desse modo online em realizar o grupo focal se deu em advento a pandemia e os riscos que um encontro presencial, por mais que todos os componentes estivessem vacinados e seguindo os protocolos, faria emergir, dado o contexto da pandemia do Covid-19. Não obstante, o sujeito Alan Cavalcante estava em outro país, então a comodidade também foi um fator. Dado essa distância geográfica, o fuso horário também teve que ser observado, algo que não estava presente no planejamento inicial. Ainda sobre o fator *online*, “[...] tem havido um interessante debate a respeito do potencial proporcionado por grupos focais ‘virtuais’. Nesses grupos, os participantes não se encontram realmente, mas são reunidos por telefone, videoconferência ou da convocação de grupos online [...]” (BARBOUR, 2009. p. 188). Não obstante, durante a análise das respostas coletadas, notei a necessidade de fazer outros dois questionamentos, cujas respostas eram a nível pessoal e não envolveriam um diálogo entre o grupo, dispensando, dessa forma, a necessidade de se realizar uma nova reunião. Essas duas questões estão numeradas como 1 e 2, dispostas nas tabelas 4 e 5. As respostas dessas questões foram coletadas por meio de mensagem escrita via *WhatsApp*, no dia 01/11/22.

A reunião foi realizada por meio da plataforma do *GoogleMeet* e o tempo de duração foi acordado com o grupo. A distância entre o contato inicial, em abril, e a realização, julho, se deu pelo fato de que, como os sujeitos são professores, o grupo focal não poderia ocorrer no período letivo, pois isso poderia afetar seu trabalho e rotina. Os recursos necessários foram: computador ou celular, câmera e microfone. A gravação, que contou com o técnico em Artes

Visuais, Jonathan da Costa Magalhães, como operador técnico e observador não-participante, posteriormente foi revista e transcrita para análise das falas por mim.

O roteiro inicial contava com pontos-chave que deveriam ser tratados ao longo da realização do grupo focal. A partir de temas geradores, foram elaboradas 12 perguntas que, dada a flexibilidade que essa técnica de coletas de dados permite, foi transformada em 18 perguntas. A adição das outras seis questões se deu em decorrência de algumas inquietações surgidas no momento das respostas dos componentes do grupo. Ainda nesse aspecto, o roteiro feito previamente não seguiu rigorosamente a ordem das perguntas previamente elaboradas, dependeu do perfil do grupo e do ritmo da conversa.

Como forma de analisar os dados coletados, elaborei categorias analíticas para aglutinar os pontos-chave que merecem atenção. Dessa forma, a fim de responder a questão *pode a prática cinéfila contribuir para o cultivo da Qualidade Humana e da Qualidade Humana Profunda na perspectiva da disciplina Epistemologia Axiológica de Marià Corbí?*, foram organizados as categorias dispostas no esquema (esquema 16) abaixo:

Esquema 16 - Proposta de categorias analíticas para os dados coletados.



Fonte: Elaborado pela autora.

No ato da transcrição, tentei respeitar ao máximo o modo de fala e os vícios de linguagem característicos de cada participante, a fim de, além de manter certa fidedignidade, tentar fazer emergir em você, leitor, uma ambientação mais próxima daquele momento.

Para analisar os dados relativos ao grupo focal em si, tive como suporte os conceitos de autodenominação e desinstitucionalização na perspectiva do tema dos sem-religião. Os dados que dizem respeito à prática cinéfila tiveram como fonte a construção de Marià Corbí, nos termos relativos à língua, *Dimensão Relativa* e *Dimensão Absoluta* e a dupla tríade *IDS-ICS*. O

tema da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana profunda* também teve como fonte Marià Corbí. Os dados aqui apresentados foram extraídos de um recorte muito específico. O que foi analisado foram as respostas dadas para um conjunto de questões previamente elaboradas, com suporte teórico da disciplina *Epistemologia Axiológica* de Marià Corbí. Não coube aqui julgar a subjetividade dos participantes com base nas respostas dadas.

4.2 Prática Cinéfila e a disciplina Epistemologia Axiológica de Marià Corbí

“Você tem um amigo em mim.”
(Toy Story, 1995)

Nesse *primeiro bloco* de apresentação e análise dos dados coletados por meio da realização do grupo focal online, o foco se voltou na tentativa de compreensão dos componentes do grupo com relação à temática da religião. Esse movimento serviu para averiguar, neste recorte específico de pessoas, se a hipótese de Marià Corbí, apresentada no *CAPÍTULO I – DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ*, que diz respeito sobre a diminuição do interesse dos jovens com relação a religião, se confirmaria ou se seria refutada. Também foi útil para contrastar com os dados do censo, apresentados por Flávio Senra e Fabiano Campos, bem como os dados relativos aos sem-religião, também tratadas no capítulo supracitado. Os dados coletados foram dispostos na tabela (tabela 4) abaixo:

Tabela 4 - Dados relativos à autodenominação religiosa do grupo focal pesquisado.

Thais	1 - Com relação a religião/crença, como você se autodeclara?
Caleb	Deísta, se é que isso existe.
Victor	Sou agnóstico.
Alan	Me declaro cristão católico.

Fonte: Elaborado pela autora.

O grupo focal pesquisado se apresentou diverso com relação ao aspecto da religião. O censo realizado pelo IBGE, dentro da categoria dos sem religião, apresenta a os ateus, os agnósticos e os sem religião. Veja, a nível acadêmico, compreendemos como sem religião com crença - aqueles que acreditam em algo a nível teológico ou não - e sem religião sem crença. Por meio dos dados coletados foi possível perceber que, a nível do censo, Victor se enquadraria na categoria dos sem-religião, Caleb seria enquadrado na categoria *outras religiosidades* e Alan

na categoria dos católicos. Nesse grupo, a hipótese de Marià Corbí não se confirmou totalmente. As intuições de Flávio Senra e Fabiano Campos, por sua vez, se confirmam. Ainda com relação à questão dos sem-religião, temos como ponto de interesse a questão da instituição. Veja, as significações dadas ao termo *religião* se apresentem diversas. Não há, mesmo entre os pesquisadores da área, um consenso em geral que possa demarcar o que, de fato, esse termo signifique. Dessa forma, nesta dissertação, trago *religião* como sendo um fenômeno humano que remete a uma forma de institucionalização da fé ou da crença. Portanto, foi pertinente a pergunta com relação a ida e frequência dos sujeitos a instituições, de acordo com suas autodenominações religiosas como pode ser visto na tabela (tabela 5) abaixo:

Tabela 5 - Dados relativos a ida a instituições religiosas pelo grupo focal.

Thais	2 - Você frequenta alguma/algum igreja/templo/terreiro? (caso frequente outro espaço de acordo com sua autodeclaração, favor informar). Se sim ou não, por que?
Caleb	Não. Por falta de tempo.
Victor	Não frequento, pois, sou agnóstico e não tenho a concepção de que a igreja ou outros espaços religiosos tenham efeito sobre a minha vida.
Alan	

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre as justificativas para as pessoas não frequentarem as instituições religiosas, coletadas por meio dos trabalhos de pesquisadores e pesquisadoras que têm suas pesquisas que versam sobre esse tema, estão: intolerância das instituições perante a escolhas e orientações individuais; hipocrisia entre discurso e prática dos líderes religiosos; desinteresse.

O sujeito Caleb, em resposta, trouxe a questão do tempo. Nesse contexto de aceleração, típico das sociedades do conhecimento, penso que as numerosas horas que podem durar um ritual religioso não condizem com as outras diversas possibilidades que a contemporaneidade apresenta. Já para Victor, respeitando sua autodenominação, igrejas ou espaços religiosos não tem influência em sua vida. O sujeito Alan não enviou sua resposta em tempo hábil para análise.

Essas duas perguntas fecharam o *primeiro bloco* de análise, que versou sobre a identidade religiosa dos sujeitos. Podemos concluir que os sem-religião, de fato, vem ganhando expressividade no território brasileiro uma vez que, mesmo em uma amostragem tão pequena, foi encontrado um sujeito que se enquadra nessa categoria censitária. Todavia, esse número ainda não foi suficiente para confirmar por completo a hipótese de Marià Corbí. Sobre as instituições, confirma-se a hipótese do pesquisador, trabalhada ao longo do *CAPÍTULO I – DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ*, no que diz respeito a

Epistemologia Mítica, de que ela não comporta os os sujeitos, nesse contexto descrito pelo pesquisador, devido a sua estruturação das sociedades estáticas.

O *segundo bloco* de perguntas, por sua vez, teve como objetivo trazer uma definição de prática cinéfila, a partir do grupo focal pesquisado, bem como caracterizar sua prática. Tentei não usar esse conceito *prática cinéfila* nas perguntas iniciais para não induzir as respostas. As questões também tiveram como intuito investigar a presença ou não do caráter simbiótico proporcionado pela língua, como afirma Marià Corbí, bem como questões relativas à *Dimensão Relativa*, *Dimensão Absoluta*, *IDS-ICS* e sobre arte. Espero que você se recorde de que, para que haja a presença, de fato, dessa dupla tríade de aptidões, todos os elementos que a constituem devem estar presentes. O percurso para se chegar a uma definição da prática cinéfila seguiu por um viés mais amplo, primeiro trazendo as ações desse grupo específico, como pode ser visto na pergunta inicial deste *segundo bloco*, apresentada na tabela (tabela 6) abaixo:

Tabela 6 - Dados relativos à formação do grupo.

Thais	3 - Como surgiu a ideia desse grupo para discussão dos filmes?
Caleb	Na época da pandemia o Victor... A gente sempre tinha vontade de assistir alguns filmes considerados clássicos. Só que, às vezes, você não tinha animação de parar uma hora e pegar os filmes pra assistir. Aí o Victor, uma vez, me mandou mensagem, na época da pandemia, que a gente tava com mais tempo, ficando mais em casa. Era pra gente meio que se obrigar a assistir esses filmes, porque juntos a gente poderia assistir e de certa forma ser obrigado a assistir. Ele me mandou mensagem falando a ideia e aí eu chamei o Alan pra fazer o grupo e eles aceitaram.
Victor	Foi isso mesmo. Muito da minha parte porque eu nunca gostei desses filmes chamados <i>cults</i> né? Eu sempre odiei. Dos poucos que eu assisti, sempre achei muito chato e muito cansativo. Só que, em grupo, igual o Caleb falou, a gente meio que se obriga a ver ele. O objetivo principal aqui, pra mim, mas acho que compartilho com todo mundo isso, era meio que fazer uma volta em torno de como se deu essa história do cinema, pegando, por exemplo, filmes clássicos que mudaram determinada visão sobre a cinematografia, sobre cores, sobre como se filmar, sobre como fazer o enredo de filme. Aí, no início, sempre foram os classicozão assim, mas, conforme foi passando o tempo, a gente foi pegando outros filmes e coisas um pouco mais específicas.
Alan	Acrescentaria, no mais, que começamos com isso, com essa perspectiva de conhecer. Eu já gostava de ver filmes, e particularmente não tenho nenhuma restrição de ver filmes. Eu gosto de ver filmes mais comerciais, desde aqueles de Marvel e essas coisas a filmes mais cults, ou seja, é um lugar de grande liberdade. É uma coisa que a gente teve no grupo já. Depois que a gente passou a ver esses filmes cults, isso que falou o Victor, foi que a gente começou a indicar filmes assim, mais gerais pra ver. Isso foi muito interessante porque a gente tinha uma grande liberdade para comentar e para sugerir filmes.

Fonte: Elaborado pela autora.

O cinema carrega consigo uma dupla nuance: é forma de comunicação e é arte. Essa “hibridização entre arte e indústria contribuiu para que diferentes espectadores, igualmente

amantes de filmes, se relacionassem de forma distinta com o espetáculo da sala escura”.(OFEMANN, 2017, p. 8). Com relação ao cinema, por meio dos dados coletados nessa questão, apresenta-se uma dualidade que não foi abordada no capítulo que se dedicou sobre esse tema, mas que merece atenção: filme *cult* x filme comercial. Essa dualidade, por sua vez, se desemboca em outra: arte x indústria. Sobre filmes considerados cult, Talita de Siqueira Marçal afirma que,

Gera-se confusão. Isso ocorre porque cult não diz respeito a um gênero específico. Pelo contrário, ele engloba um cardápio bastante variado. Sendo assim, não há elementos formais nem temáticos que, por si só, façam com que um filme seja percebido como cult no momento em que é assistido. Não há uma “essência” capaz de elucidar, quase instintivamente, a percepção de cult. (MARÇAL, 2007, p. 8).

Já sobre os considerados filmes comerciais, Rafael José Oliveira Ofemann afirma que,

A indústria hollywoodiana alicerçou sua influência e hegemonia produzindo espectadores receptivos a suas produções. No entanto, o cinema comercial não é exclusividade das produções estadunidenses, assim como filmes autorais também não são produzidos exclusivamente na Europa. Filmes de todos os tipos são realizados por todo o mundo, mesmo antes da intensificação da presença de aparatos tecnológicos decorrente da globalização. (OFEMANN, 2017, p. 24).

Até mesmo pensando pela perspectiva do referencial teórico construído ao longo do *CAPÍTULO III - A ARTE, O CINEMA E A DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ*, se percebeu que o cinema não *nasceu* como uma forma de arte, foi elevado a esse *status* por Ricciotto Canudo. Pela ótica tecnicista e de um positivismo científico, tipicamente europeu, os filmes, surgidos anteriormente ao *local cinema*, no seu *início*, perpassaram pelo campo industrial. Essa dualidade no que diz respeito aos filmes lançou suas teias desde sempre. Não obstante, o senso comum costuma compreender os filmes *cults* como sendo aqueles considerados de baixo orçamento - em comparação com os números gastos pelos estúdios de Hollywood¹⁹⁷ -, que contam com atores pouco conhecidos e que trazem significativas reflexões por trás de sua história. A esses seria destinado a categoria *arte*. Os filmes comerciais, por sua vez, são compreendidos como aqueles feitos por uma indústria que visa o lucro de grandes bilheterias, trazendo histórias mais fáceis de serem assimiladas pelo público geral e contando com grandes orçamentos. A esses seria destinado a categoria de *comercial*. Essa forma de classificação de filmes exprime uma forma de hierarquia mesmo

¹⁹⁷ Os números relativos aos lucros desses grandes estúdios podem ser vistos no site da Forbes <<https://forbes.com.br/listas/2015/05/6-maiores-estudios-de-hollywood/>>.

dentro da arte. Não é de estranhar que a concepção antropológica que enxergava os seres humanos por meio de uma dualidade, tipicamente das sociedades estáticas, tenha lançado suas teias por todos os âmbitos possíveis. Todavia, nas sociedades do conhecimento, para que essa se mantenha como tal, é preciso eliminar todos os traços essencialmente da *Epistemologia Mítica*. Nesse sentido, a própria prática de perceber o cinema refém de uma dualidade pode se apresentar como um problema para que ele seja uma possibilidade para se alcançar o cultivo da *Qualidade Humana Profunda*.

Não obstante, na prática desse grupo, surgida no contexto da pandemia, tendo a iniciativa do sujeito Victor, a partir desse conjunto de respostas, foi possível encontrar traços que evidenciaram um caráter simbiótico do grupo. Por mais que partissem de uma ideia de um cinema dual, que apresenta uma problemática quando se tem a construção de Marià Corbí como norte, o objetivo em comum em fazer emergir o contexto da linguagem cinematográfica apresentou a possibilidades trazidas pela língua, tendo a construção de Marià Corbí como parâmetro. A formação desse grupo ressalta o caráter simbiótico dos seres, bem como a simbiose propiciada pela arte. Durante essa resposta, um ponto específico me chamou atenção: a questão da obrigatoriedade (tabela 7).

Tabela 7 - Dados relativos à questão da obrigatoriedade de ver filmes.

Thais	4 - Vocês falaram sobre uma questão de obrigação. Por que esse <i>obrigar</i> a assistir filme cult? Por que isso é visto como uma obrigação?
Victor	Talvez nem tanto obrigação, mas como reforço. Acho que talvez a palavra seria reforço, porque provavelmente sozinhos a gente não teria, às vezes, a paciência de ver. Você fala <i>vamos deixar pra frente, vamos ver depois</i> só que como a gente estava em grupo a gente tinha metas, a gente tinha também a questão do tempo. A gente se reunia normalmente... começamos acho que semanalmente, se não me engano, e depois passamos para de 15 em 15 dias, em torno de 2 filmes por encontro. Sendo que ia rodando essa escolha. Por exemplo, ia eu e o Calebe esses 15 dias, no próximo ia a Miranda e o Alan, e ficava fazendo essa volta.
Caleb	E também por causa da própria natureza do curso que a gente fazia e fez, que é História. Porque, quando a gente faz História, a gente tem meio que a pretensão de saber tudo, porque História abarca todo o conhecimento e, no caso do cinema, é uma indústria cultural muito importante que tem alguns filmes que são clássicos que a gente... é obrigatório da gente meio que conhecer e que talvez a gente não assistiria se a gente não tivesse um incentivo maior. Por exemplo, sei lá, um <i>Cidadão Kane</i> que é um filme que eu não gostei, por exemplo. Se eu não fosse obrigado a assistir, ia assistir, sei lá, 20 minutos dele e depois ia fazer outra coisa. Mas como eu tinha a obrigação de assistir ele, aí eu acabei assistindo tudo. Acaba que depois que você assistiu o filme, a percepção sobre ele até muda porque, se alguém citar uma referência referente... se alguém citar alguma coisa sobre o filme a gente vai pelo menos saber do que a pessoa tá falando. E até nos livros de história também o cinema é uma fonte importante atualmente, porque a história nos últimos anos se expandiu bastante, o que você pode escrever sobre. É um aspecto que não pode ser ignorado.

Alan	Eu agregaria... essa questão de obrigação eu chamaria mais de compromisso. Porque realmente era isso que a gente tinha no começo. Inclusive, depois que a gente terminou o curso, como o Calebe falou que a gente tinha também essa preocupação de conhecer filmes em perspectiva do que a gente estudava né, estudava história... e inclusive depois que a gente terminou o curso conseguiu manter uma boa periodicidade de encontros. E aí depois que a gente começou a trabalhar, eu moro em outro país e tudo e os horários começaram a ficar complicados... mas assim, inclusive quando eu já morava aqui, a gente se encontrava, a gente sentia esse compromisso de ver filmes. Ainda que a gente se encontrava de 15 em 15 dias, no final a gente já tava de mês em mês se encontrando, mas a gente conseguiu manter por um bom tempo essa periodicidade, tendo em perspectiva esse compromisso de estar vendo diferentes filmes e compartilhando sobre eles.
Caleb	Agora estamos de ano em ano hahahaha!
Alan	Hahahah sim!

Fonte: Elaborado pela autora.

O uso do termo *obrigação* pareceu ter sido usado de maneira equivocada pelos componentes do grupo, uma vez que o sentido que eles queriam exprimir versava sobre a questão do estímulo e da motivação. Tendo a percepção de que, nas sociedades do conhecimento, de acordo com Marià Corbí (2020), os grupos devem se motivar, aqui ficou evidenciado o papel que a língua, na perspectiva do pesquisador, teve nessa formação e dinâmica do grupo. Como afirma Marià Corbí,

A língua é que estrutura a nossa condição de vida, que estrutura o nosso sistema axiológico, que é o nosso sistema de motivações, de coesão de grupo, e também estrutura as respostas às motivações. A estrutura da nossa língua, que é a nossa estrutura antropológica, é também o que estrutura os nossos sistemas de valorização, motivação e coesão. (CORBÍ, 2020, p. 91, tradução nossa¹⁹⁸).

Esse fato reforça, voltando à discussão da questão anterior (tabela 6) que não somos seres humanos reféns de uma dualidade, senão, seres de linguagem. Não obstante, esse movimento de assistir a filmes, inicialmente, pareceu atrelado às possibilidades e curiosidades que a formação acadêmica dos componentes do grupo oferecia, sendo, dessa forma, algo mais relacionado a *Dimensão Relativa* dos sujeitos.

Nas sociedades do conhecimento, os grupos devem contemplar sujeitos de saberes variados. Haja visto que um dos pontos aglutinadores para a formação do grupo estudados foi

¹⁹⁸ La lengua es lo que estructura nuestra condición de vivientes, lo que estructura nuestro sistema axiológico, que es nuestro sistema de motivaciones, de cohesión grupal, y estructura también las respuestas a las motivaciones. La estructura de nuestra lengua, que es nuestra estructura antropológica, es también lo que estructura nuestros sistemas de valoración, motivación y cohesión.

o fato dos componentes cursarem a mesma formação acadêmica - História - surgiu a questão da restrição ou não de outras participações (tabela 8).

Tabela 8 - Dados relativos à restrição ou não do grupo.

Thais	5 - Pelo menos se mantém a prática, mesmo que de ano em ano. Esse grupo de vocês era restrito, só vocês 4, ou qualquer pessoa que ficasse sabendo e quisesse participar tinha essa possibilidade? Era restrito ou era aberto?
Victor	Eu acho que não necessariamente ele é restrito, mas era um grupo de amigos e... pra ser bem sincero, eu acho que ninguém nunca teve interesse de participar fora. Por mais que a gente comentasse com os outros, ninguém teve muito interesse. Porque o objetivo inicial era um grupo de amigos que ia discutir sobre filmes, não necessariamente era uma questão voltada pra gente produzir algo no futuro, a gente não teve esse objetivo de ser algum... de algum produto que vá sair disso aqui. Realmente era só nós discutindo, rindo juntos, brincando sobre as coisas. Achemos coisas que tínhamos interesse entre nós, por sermos de história a gente tinha meio que um pensamento, uma metodologia de entendimento sobre as coisas muito parecidas, não iguais, mas parecidas.
Caleb	E não é que a gente não gostasse de ver filmes clássicos, é que a gente gostava de ver alguns filmes clássicos, não todos os filmes clássicos. Então, tipo assim, o assunto sobre cinema e filmes era algo assim, comum, inclusive antes da pandemia. Nos encontros presenciais, a gente sempre comentava sobre os filmes bons e sempre sobre os filmes ruins que a gente via também né. Então foi uma forma de realmente expandir o número de filmes que a gente assistia. Então já era um assunto comum entre a gente, já era algo que todo mundo gostava, tanto é o fato de eu chamar o Alan e a Miranda, exatamente por causa disso, que eu já sabia que eles eram pessoas que gostavam muito de assistir filmes, tinham tanto interesse quanto eu.
Victor	E uma coisa interessante disso tudo também foi a diversidade de determinados aspectos de gosto de filmes, por exemplo, meu gosto de filme é muito específico e totalmente divergente deles, é mais parecido um pouco com o da Miranda. Eu gosto de filmes de batalha medieval, dragão, magia, coisas que normalmente tem em literatura. O Calebe não suporta. A Miranda gosta um pouco, mas tem outro foco. O Alan também. Não necessariamente ele é igual a mim, o Alan eu acho que é o mais diverso aqui. Ele gosta de quase tudo.
Caleb	Verdade! O Victor me obrigou a assistir <i>Senhor do Anéis</i> .
Victor	Obrigaria de novo! Os 3!
Alan	Seria mais isso assim... o grupo... eu não senti o grupo restrito, eu realmente sentia como um grupo de amigos. A gente não encontrou outras pessoas e a gente tem outros amigos que a gente poderia ter convidado, mas que talvez não entraria na mesma sintonia de filmes. Ou seja, não era restrito por isso, porque era um grupo de amigos que a gente encontrou uma sintonia nessa questão e a gente se encontrava. A restrição talvez se possa ver pelo lado da amizade.

Fonte: Elaborado pela autora.

Um ponto de análise versou sobre a questão da *obrigação*, que também apareceu na tabela 7. Quando Calebe, se referindo a escolha de filme de Victor, disse que foi *obrigado* a assistir, não usou o termo em sinonímia com coerção, senão em tom de brincadeira, algo que

pareceu ser comum na relação de ambos. Todos os componentes do grupo assistiram ao filme, mesmo que não fosse de sua preferência por estarem comprometidos e desnudos de suas vontades pessoais. Essa dinâmica, por sua vez, não tem relação com os traços de submissão típicos das sociedades estáticas. Se eu fosse reescrever a sua oração, de forma a explicitar exatamente o processo do ocorrido, seria algo como: *o Victor me pediu para ver um filme de uma categoria que eu não gosto, mas por ser meu amigo, ter nessa relação um ponto de confiança, silencieei meus desejos e predileções em prol da pessoa que ele representa para mim.*

Nesse momento, e pensando na perspectiva da frase que abre este subitem, extraída do filme *Toy Story*¹⁹⁹, fomos levados a um substantivo de fundamental importância em toda a análise: *amizade*. Penso que seja esse o coração dessa dissertação. Nesse momento foi possível uma análise pela perspectiva da *Qualidade Humana*, nos termos de Marià Corbí. Para o pesquisador,

A qualidade humana (CH) tem de ser cultivada nos próprios locais de trabalho onde ganhamos a vida, na família, entre amigos, e assim por diante. Por outras palavras, no coração da nossa vida quotidiana e das suas várias ocupações. O cultivo de CH não requer organizações especiais. (CORBÍ, 2021, p. 68, tradução nossa²⁰⁰).

O que temos aqui, tendo como foco esse grupo focal pesquisado, a partir dos dados coletados, traços relativos a um cultivo de *Qualidade Humana* pelas trilhas da amizade. Lembrando que a *Qualidade Humana*, de acordo com Maria Corbi (2016) possui dupla dimensão, onde a primeira diz respeito a nossa capacidade de convivência e cultivo de modos de ação perante a vida cotidiana, de forma adequada e sábia, e a segunda é a Dimensão Absoluta. Nesse contexto, “uma vez que toda a realidade relativa às nossas necessidades é a DA, tudo reside na amizade, na compaixão, porque tudo tem a mesma realidade vazia de toda a objetificação possível; todo o resto é ignorância e as suas consequências.” (CORBÍ, 2021, p. 262, tradução nossa²⁰¹). O interesse do grupo, a princípio, poderia parecer ser apenas assistir e discutir sobre filmes, todavia, e como será mais evidenciado nas perguntas e respostas que se seguem, o interesse era manter uma relação entre amigos. Em consonância com Marià Corbí,

¹⁹⁹ Com direção de John Lasseter, o filme tem como pano de fundo a relação de Andy e seus brinquedos. Brinquedos esses que, quando nenhum ser humano está olhando, ganham vida. Dessa forma, experienciam o medo pois, uma vez que o aniversário de Andy está chegando, ficam temerosos que um novo brinquedo possa substituí-los no coração do garoto. Para tentar amedrontar Buzz Lightyear, o novo brinquedo, Woody, um boneco caubói acidentalmente o joga pela janela, dando início a toda uma jornada de aventuras.

²⁰⁰ La cualidad humana (CH) ha de cultivarse en los mismos lugares de trabajo con los que nos ganamos la vida, en la familia, entre los amigos, etc. Es decir, en el seno de nuestra vida cotidiana y de sus diversas ocupaciones. El cultivo de la CH no requiere de organizaciones especiales.

²⁰¹ “puesto que toda realidad relativa a nuestras necesidades es la DA, todo mora en la amistad, en la compasión, porque todo tiene la misma realidad vacía de toda posible objetivación; todo el resto es la ignorancia y sus consecuencias.”

A alma da amizade é uma comunicação de plena confiança e ajuda mútua, fruto dessa comunicação. A comunicação sem reservas baseia-se na compreensão e aceitação mútuas. A amizade anula as hierarquias e é completamente horizontal. Não pode ser imposta, é completamente voluntária. A amizade iguala sentimentos recíprocos, mas admite diferenças de pensamento. (CORBÍ, 2021, p. 225, tradução nossa²⁰²).

Para toda essa dinâmica, foi preciso que se distanciassem das próprias predileções cinematográficas e se voltassem para as recomendações dos outros sujeitos. Quando o sujeito Victor reforça que os componentes tinham uma visão parecidas das coisas, não igual, mas parecida, deixa implícito que foi preciso uma forma de silenciamento para que todos pudessem dialogar, se compreender e se respeitar. A amizade, em Marià Corbí, “[...] não se baseia na psicologia dos amigos, ela não atende às virtudes e defeitos dos amigos. Baseia-se na compreensão, respeito, reconhecimento da dignidade absoluta do outro, baseia-se em sentir o outro como o mistério do mundo próximo e querido; este sentimento não tem de ser explícito.” (CORBÍ, 2021, p. 226, tradução nossa²⁰³). A amizade é um agente ativo no manejo do axiológico humano e, nesse grupo, foi possível perceber que ela acompanha essa afirmação. As indagações eram geradas por meio das inquietações que emergiram após os filmes, que, por vezes, geravam reflexões sobre as vidas pessoais de cada um. A comunicação, fundamental para a amizade, ocorria na troca e debate sobre os resultados encontrados por meio das pesquisas feitas para fomentar as discussões. O serviço prestado versava sobre o axiológico, que será melhor exemplificado pela questão de número 8.

Com relação ao critério de seleção dos filmes a serem assistidos, os dados podem ser observados na tabela (tabela 9).

²⁰² El alma de la amistad es la comunicación plenamente confiada y la ayuda mutua, fruto de esa comunicación. La comunicación sin reservas se basa en la comprensión y aceptación mutua. La amistad anula las jerarquías y es por completo horizontal. No se puede imponer, es completamente voluntaria. La amistad iguala los sentimientos recíprocos, pero admite las diferencias en el pensamiento.

²⁰³ “[...] no se basa en la psicología de los amigos, no atiende a las virtudes y los defectos de los amigos. Se basa en la comprensión, el respeto, reconocimiento de la dignidad absoluta del otro, se basa en el sentir al otro como el misterio de los mundos próximo y querido; no es preciso que ese sentir sea explícito.”

Tabela 9 - Dados relativos aos critérios de escolha dos filmes.

Thais	6 - Então o critério para seleção era <i>ah vocês vão assistir esse filme aqui porque eu gosto muito dele e hoje a gente vai discutir ele?</i> Era basicamente isso ou tinha algum outro?
Alan	Era hahahaha.
Victor	Inicialmente não, depois sim. Inicialmente eram só os filmes mais conceituados e tudo mais, mas depois a gente foi voltando para coisas que talvez a gente gostasse muito que seriam muito interessantes.
Caleb	Achava também que fosse interessante porque às vezes ninguém tinha visto ainda e às vezes lia alguma coisa em rede social falando sobre algum e pensava: <i>oh, vou indicar esse filme aqui porque quem sabe seja bom</i> . Aconteceu muito. Foram bastante descobertas boas, eu acho. Inclusive alguns dos meus favoritos eu descobri nessa época. Por exemplo, <i>Contos da Era Dourada</i> que o Alan indicou, não esqueço nunca. E que é um filme romeno bem desconhecido e que eu provavelmente nunca fosse assistir, nunca fosse nem ouvir falar se não fosse ele.
Alan	Isso entra um pouco no que eu falava antes! A gente tinha muita liberdade de propor filmes e isso era bom, porque, ou seja, pelo compromisso os outros assistiam e comentavam. E com liberdade comentavam <i>não gostei, não gostei de Senhor do Anéis</i> como Calebe falou. Ou seja, com essa liberdade a gente conversava sobre isso. E o interessante também, ou seja, outras coisas influenciam as escolhas dos filmes. Como eu estou aqui, estou estudando Filosofia, então eu fiz uma matéria chamada Fenomenologia da Religião, eu vi alguns filmes nessa matéria, mas já com a ótica da Fenomenologia da Religião. E eu propus pra gente ver, mas eu propus mais pra escutar como eles iam falar do filme que eu vi em outra perspectiva. E foi muito interessante. Um foi “Dançando na Escuridão” e o outro eu não me recordo agora, e como foi interessante ver. Uns criticaram o filme, uns falaram, a partir de sua perspectiva, algo que eu tinha estudado em outro contexto.
Victor	Muito interessante esse também. Eu não suporto esse tipo de filme, de música, não gosto mesmo, mas eu gostei muito. Primeiro que tinha a Bjork né, então não tinha como ser ruim né, mas é um excelente filme. Mas por exemplo, a gente teve um exemplo também, desses filmes, filmes que a gente viu uma vez e nunca mais quer ver, mas que a gente adorou os filmes. Exemplo, Haneke. Todos os filmes do Haneke. Violência gratuita... foram filmes terríveis. Você fica mal por dias o vendo eles, só que são incríveis e provavelmente sozinho eu nunca veria eles, pretendo não ver de novo.
Caleb	Não pararia pra assistir né?
Victor	Com certeza! Não vou ver de novo! Eu tenho certeza absoluta! Só que estar nesse grupo foi um estímulo pra gente ver.

Fonte: Elaborado pela autora.

A questão central, encontrada por meio dos dados coletados nessa questão, voltou-se para a liberdade. Marià Corbí afirma que, “em uma sociedade de inovação e mudança, a submissão não desempenha um papel importante porque o que realmente importa é a liberdade, iniciativa e criatividade de indivíduos e grupos.” (CORBÍ, 2020, p. 264, tradução nossa²⁰⁴).

²⁰⁴ “en una sociedad de innovación y cambio, la sumisión no desempeña un papel importante porque lo que realmente importa es la libertad, la iniciativa y la creatividad de los individuos y grupos.”

Traços de submissão, típicos de sociedades estáticas, não foram encontrados na dinâmica desse grupo. Respeitando suas subjetividades, todos tinham liberdade para propor filmes e também para manifestarem suas opiniões a respeito do material assistido. O que pareceu nortear a questão da liberdade do grupo foi a *amizade*, que reforça os traços da simbiose presente neste grupo.

Surgiu então, dentro desse contexto, uma questão relativa à quantidade de filmes assistidos, cujos dados podem ser vistos na tabela abaixo (tabela 10).

Tabela 10 - Dados relativos a quantidade de filmes assistidos pelo grupo.

Thais	7 - Mais ou menos quantos filmes vocês chegaram a assistir? Vocês têm alguma ideia?
Caleb	Nossa... a gente... foi mais de um ano assistindo!
Alan	Não...
Victor	Não sei... Eu chutaria, sei lá, uns 50? Vocês acham?
Caleb	Quantas semanas têm no ano?
Alan	Quantas semanas têm no ano!? Hahahaha
Victor	Caras de humanas tentando fazer cálculo hahahahah
Caleb	Sei lá, deve ter sido mais de 50 mesmo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Além de chamar atenção para o alto número de filmes assistidos e discutidos, com essa tabela, por meio desses coletados, meu intuito não foi apresentar uma análise com base em Marià Corbí. O objetivo foi trazer um pouco da interação do grupo para que você, leitor, possa experimentar um pouco do *clima* entre os participantes.

Marià Corbí (2020) afirma que os os sujeitos, nesse contexto descrito pelo pesquisador, são reféns e produtores de uma crise por terem perdido suas bases Axiológicas com o avanço das ciências que, por sua vez, buscam eliminar de sua língua qualquer traço deste axiológico. A fim de averiguar essa afirmação no grupo pesquisado, foi necessário elaborar uma questão que tocasse nessas questões. Os dados podem ser lidos na tabela (tabela 11) abaixo:

Tabela 11 - Dados relativos à questão do axiológico na prática do grupo.

Thais	8 - Essa prática de vocês assistirem filmes juntos gerou algum tipo de sentimento em vocês? Se sim, se gerou, quais tipos de sentimentos?
Caleb	Sentimento? Deixa eu pensar... Alegria... sensação de companheirismo também, de que, sei lá... Assistir filme pode ser uma questão muito solitária e você ter com quem comentar eu acho que é muito importante pra sua percepção do filme, porque cada um tem uma percepção e nota determinados detalhes. E aí, conversando com outra pessoa, você consegue chegar em detalhes que, às vezes, você não percebeu. E também instiga a gente a procurar mais coisas, a pesquisar sobre o filme pra ter mais detalhes pra poder falar, pra poder contar curiosidades, principalmente por se tratar da época da pandemia né? Quando ficou difícil de manter as amizades, até porque cada um foi pra um lado. Todo mundo mora em cidades diferentes atualmente. Então foi muito importante para manter junto essa amizade. Pelo menos a gente tinha um assunto em comum com o que comentar. Eu acho que foi bastante importante isso. Mas sentimento é uma palavra difícil...
Alan	Eu me sentia... Desde o começo eu me senti muito feliz e sentia muita confiança por estar com amigos, por compartilhar de um gosto que era pessoal mas que também era deles e ir descobrindo com eles esse gosto. E, no meu caso particularmente, me ajudou muito nos primeiros meses que eu cheguei aqui porque cheguei na pandemia, em outro país e tinha dias que eu já não aguentava falar espanhol e falar português me salvava muito quando eu encontrava com eles. Ou seja, também foi um... eu acredito que teve... no meu processo aqui, nos primeiros meses, me ajudou como um processo <i>terapêutico</i> , como estar com amigos e conversar na minha língua e conversar coisas que eu gosto.
Victor	Outra coisa também é que, provavelmente, durante boa parte desses meses que foi o período mais tenso da pandemia, era o único contato fora da minha casa que eu tinha com outras pessoas. Isso também é uma questão até de convivência social, porque, naquele momento, a gente não poderia sair de casa e todos nós estávamos no último período da faculdade, então a gente tava meio que atolado com as diversas coisas. Se não me engano a gente não tava no último, tava no penúltimo, quando começou. Mas aí foi passando, conforme deu tempo, e era praticamente o nosso único, no meu no caso, era o único convívio que eu tinha com outras pessoas até muitos meses pra frente.
Caleb	Verdade.

Fonte: Elaborado pela autora.

Mais uma vez a questão da manutenção da amizade, em contraste com o ato de apenas ver e discutir sobre filmes, foi evidenciada nas respostas, reforçando o caráter simbiótico do grupo. O axiológico, na perspectiva de Marià Corbí (2020), diz respeito a valores e sentimentos que são de suma importância para o funcionamento das sociedades do conhecimento, bem como fundamentais para nos tirar da condição de depredadores da Terra. Através das respostas, alguns valores e sentimentos emergiram com mais destaque: alegria, felicidade, união, diálogo, partilha, amizade e convivência. Na resposta do Alan, um ponto chamou a atenção: a questão da língua e sua relação com a cultura. Como abordado no *CAPÍTULO I – DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ*, sabemos que a língua cria a cultura e

permite a simbiose com o meio. É através dela que podemos, diferente dos animais, completar nossas tendências biológicas. Todavia, para esse sujeito, a flexibilidade que a língua permite no momento de adaptação na mudança de um país para outro não foi suficiente e ele precisou do auxílio da amizade do grupo.

Evidenciado sobre a prática do grupo de um modo geral, foi o momento de questionar se essas ações do grupo, para eles, poderiam ser caracterizadas como uma prática cinéfila. Os dados coletados podem ser vistos na tabela (tabela 12) abaixo.

Tabela 12 - Dados relativos à autocompreensão do grupo sobre sua prática.

Thais	9 - Vocês nomeariam essa ação que vocês tinham com esse grupo como sendo uma prática cinéfila?
Caleb	Eu acho que sim.
Victor	Sim, até por causa do nome, né?
Caleb	Verdade.
Alan	Sim, Bonde dos Cinéfilos. Tem até um grupo aqui no <i>WhatsApp</i> . O grupo é silencioso, mas ele existe!
Victor	E o último negócio é meu! Eu sei até que filme que é. Eu to guardando desde esse tempo! Mas quando voltar eu vou falar que filme que é.
Caleb	Aliás, qual que é? Assim que eu assistir vou lá fazer pressão pra gente voltar.
Victor	Tarkóvski! Que é outro que eu nunca queria... que nunca na minha vida que eu quis aprender... extremamente chato, confuso, complexo...
Caleb	O Victor indicou um filme tão ruim que acabou com o grupo hahahah
Victor	Não, eu não indiquei ainda não hahahah Mas provavelmente... É assim, um exemplo de um cara que é extremamente importante, um cineasta soviético, não sei o que e tudo mais, só que eu nunca ia ver um filme dele se não fosse por causa disso e eu estou meio que me colocando pra ver ele.
Caleb	Sim... Ou então como que a gente ia aguentar 3 horas e meia de <i>Sete Samurais</i> ?
Victor	Exato! E eu adorei, cara! Eu adorei aqueles filmes!

Fonte: Elaborado pela autora.

Os próprios componentes do grupo reconheceram e afirmaram as ações que tiveram como sendo próprias daqueles que possuem prática cinéfila. Nesse sentido, buscando construir uma conceituação que parta do próprio grupo focal pesquisado e não em fontes externas, foi necessária uma questão onde eles próprios elaborassem uma definição, tendo a si mesmos como referencial.. Os dados coletados podem ser vistos na tabela (tabela 13).

Tabela 13 - Dados relativos à conceituação de prática cinéfila na perspectiva do grupo.

Thais	10 - Então, se vocês pudessem definir, em que consiste a prática cinéfila? Se vocês pudessem dar uma definição.
Caleb	De você assistir e criar uma rotina de assistir os filmes. Porque o cinema ele pode ser simplesmente um entretenimento a mais, de tipo assim, se você não tiver fazendo nada você vai lá e assiste o filme. Aí é a questão do cinema como um próprio entretenimento igual, sei lá, pode ser, o fato de você sair pra tomar uma cerveja, você sair pra ir ao cinema, você assistir um filme em casa. Já em diferente da prática cinéfila, que deve ser você assistir o filme com um objetivo de retirar alguma coisa além daquilo ali, de simplesmente te divertir e de você, além de tudo, procurar outros fatores do contexto em que foi produzido aquele filme, sobre o que aquele filme fala sobre a sociedade em geral, sobre quem fez aquele filme, sobre quem tá envolvido naquele filme, qual foi o impacto daquele filme. Então eu acredito que seja muito mais uma prática cinéfila do que... até porque quando é só entretenimento, se aquilo ali não te agrada, você simplesmente para de fazer, não faz mais. Mas mesmo quando aquilo ali não te agrada, no nosso caso, mesmo quando não agradava, a gente ainda tirava alguma coisa daquilo, a gente ainda discutia da mesma forma, como quando agradava também.
Victor	Sim, e outra coisa, eu acredito que a gente se encaixa nessa coisa de prática cinéfila, porque a gente não só tava vendo o filme, a gente tava vendo muitas coisas ao redor. Era meio que a gente estava preocupado, começou a ficar preocupado é na arte de fazer filme, fotografia, paleta de cores, essas coisas que eu nunca imaginei que iria pensar na vida. A gente queria saber o diretor, como é que o diretor agia, quais foram o contexto do filme, onde ele é, o que estava acontecendo nesse momento sabe? Envolveu não só ver o filme, ela deixou de ser algo só para ver o filme, mas entender o que o filme e a produção do filme fizeram.
Alan	Sim, ou seja, entrando em concordância com o que falou Victor e Calebe, chegou um momento em que a gente se preocupou realmente pelos movimentos cinematográficos, poder perceber que movimento fazia parte de um diretor ou a perspectiva do filme e a própria análise, ou seja, a análise que a gente fazia tava muito em decorrência do que a gente estudou e do que a gente gosta de estudar particularmente. Às vezes com análise histórica, às vezes com análise sociológica ou análise filosófica. Inclusive alguns tentaram fazer uma análise psicológica de algum filme, né? E isso estava muito presente. A Miranda não tá aqui, mas sempre me chamava atenção que a Miranda sempre chegava com seu caderninho escrito da análise que ela fazia. A Miranda eu acho que foi a única que mais escreveu sobre os filmes que a gente via e mais pesquisou sobre os filmes que a gente via. E era muito interessante como ela partilhava, ela fazia tudo assim muito apontado.
Caleb	Sm. Eu também cheguei a escrever alguns textos sobre os filmes e postava no site que a gente tem até hoje sobre história. O filme é sempre um assunto a mais, até de referência cultural pra gente comentar na vida como um todo. Acho que o cinema expande bastante o nosso repertório.

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os dados coletados, na perspectiva desse grupo focal, a prática cinéfila se caracteriza como a dinâmica de, mais do que apenas assistir filmes como forma de entretenimento, discutir e refletir sobre todos os elementos presentes nele, desde a pré-filmagem até aquilo que chega às telas. Por mais que, analisando a resposta do sujeito Victor, na questão 5 (tabela 8), o intuito do grupo não fosse produzir algum produto, eles acabaram, como visto

na resposta do sujeito Caleb, elaborando textos disponíveis em um site criado pelo grupo para divulgar as reflexões construídas coletivamente. Consegui, por mais que não o foco dessa análise, encontrar evidências da importância de um trabalho feito em uma equipe, sem traços de hierarquia e submissão, em comunicação mútua. Na conceituação aqui feita pelo grupo também foi possível encontrar, na prática cinéfila, a presença da dupla tríade de aptidões *IDS-ICS*. Há uma crítica com relação ao cinema ser utilizado apenas como uma das muitas fontes de entretenimento presentes nas sociedades contemporâneas, o que demonstra o valor que essa arte tem para o grupo.

Haja vista que as respostas do grupo destacaram mais os filmes do que o cinema em si, surgiu a necessidade de uma questão sobre o papel desse lugar para o grupo pesquisado. As ações de escolher o filme, comprar o ingresso, enfrentar a fila, entrar na sala e encontrar o lugar podem ser, para muitos, o começo da experiência cinematográfica e “[...] tudo isso constitui um complexo ritual a que chamamos de cinema e que envolve mil e um elementos diferentes [...]” (BERNADET, 1980, p. 9). Tendo como ponto de confronto essa perspectiva, e ainda transitando pela ótica da pergunta 2, tratada na tabela 5, comecei a pensar em uma forma de institucionalização e desinstitucionalização do cinema, trazendo ainda a questão de que esse grupo surgiu no contexto da pandemia, onde, justamente, esse local estava fechado. Os dados obtidos podem ser vistos na tabela (tabela 14) abaixo.

Tabela 14 - Dados relativos ao *local cinema*.

Thais	11 - A prática cinéfila precisa do <i>local cinema</i> ou a gente também pode considerar os filmes que são disponibilizados agora nos streamings? Existe alguma diferença? Existe alguma hierarquia? Como vocês pensam sobre isso?
Caleb	Eu acho que sim. Até porque a maior parte das coisas que a gente assistia era coisa que não circula mais, como que fala? Me fugiu o nome...
Victor	Em mídia física...
Caleb	É... No cinema... No circuito atual. É filme da década de 20, 30, 40, 50, 60... É filme que você tem que procurar para achar mesmo. Muitas vezes até piratear.
Victor	E aqui esse é um ponto importante. Nós só tivemos essa prática porque existe um grupo enorme dos cinéfilos no mundo. Não só isso, mas pessoas focadas nessa questão de ver filmes e falar sobre filmes que disponibilizam esses filmes. Tem o poder da pirataria aqui. Usamos um aplicativo pra isso. E só voltando na questão aqui, eu acho que tem diferença sim, são coisas diferentes. Hoje, a diferença nem é tanto de assistir, mas pra que ele é feito. Hoje a gente tem filme que é feito pra streaming e é outra lógica, totalmente diferente.
Caleb	Acho que todos os filmes, a experiência no cinema é diferente da experiência de ver, de assistir em casa né? Porque, tipo assim... se bem que esses filmes que vocês falaram aí que é feito para

	streaming ele é feito pra pessoa assistir até no celular mesmo né? Mas a experiência no cinema é uma experiência que se tornou algo, tipo assim... um evento de entretenimento. O cinema não é mais... pra você ser cinéfilo hoje você não precisa ir ao cinema, não necessariamente você precisa ir ao cinema e quem vai ao cinema geralmente não é cinéfilo. O cinema se tornou um evento cultural como qualquer outro, como por exemplo você ir em um parque, você ir em um restaurante né?
Alan	Eu, basicamente hoje, só como comparação, realmente a experiência do cinema é uma experiência distinta do que a gente tem hoje com as plataformas da Netflix, ou Amazon ou essas outras, ou HBO. Para mim a diferença é basicamente, ou seja, a produção cinematográfica é diferente da produção de filmes dessas plataformas. Não é a mesma coisa, ainda que as duas ofereçam entretenimento, mas a produção cinematográfica tem outro suporte. Ainda que eu possa assistir em casa, como o Victor citou aí que a gente encontrou um aplicativo que a gente acessa quase todos os filmes que a gente procura, desde os mais antigos aos mais recentes, que saíram semana passada... o filme já aparece nesse aplicativo... muito suspeito o aplicativo, mas não ajudou muito. Mas pra mim tem essa diferença, a produção cinematográfica é muito distinta dessas plataformas de agora.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como visto no *CAPÍTULO III - A ARTE, O CINEMA E A DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ*, os filmes passaram de exibições em Vaudevilles aos grandes salões de Paris, de meros coadjuvantes em meio a outros shows a grandes *estrelas da noite*. Percebi, por meio dos dados coletados nessa pergunta, que há, em algum grau, uma desinstitucionalização do cinema. Se, partindo da perspectiva trabalhada ao longo do capítulo III, em seus primórdios, as invenções versavam sobre a gravação e projeção dos filmes, esse movimento retornou na contemporaneidade. O espaço de exibição pouco importa, para alguns, frente ao filme. Dessa forma, tendo como foco o grupo pesquisado, a prática cinéfila não precisa do *local cinema* para ocorrer, senão dos filmes para serem discutidos. Um ponto que me chamou atenção é a emergência dos serviços de *streamings*, quase como novos quinetoscópios do século XXI. De acordo com Rafael José Oliveira Ofemann,

Para muitos cinéfilos, manter uma cópia de suas obras preferidas em seus computadores ainda é muito importante. O acesso contínuo a esses filmes pode proporcionar redescobertas e reavaliações dessas obras. O streaming nem sempre é confiável, pois plataformas de distribuição de filmes online mantêm seus catálogos em permanente transformação e, uma obra hoje disponibilizada em um desses serviços, pode em outro momento não estar mais disponível. Entretanto, a transformação definitiva em benefício do cinéfilo, que é uma das marcas da cibercinefilia, é o acesso à uma ampla diversidade de produções de cinema. (OFEMANN, 2017, p. 10).

As salas de cinema da atualidade parecem privilegiar os filmes comerciais, pois, quando para de ter procura, um filme é rapidamente retirado de cartaz para abrir espaço para outro, aumentando assim a rotatividade do público. Por esse aspecto, muitas pessoas, como é o caso

do grupo focal pesquisado, tem que recorrer a pirataria²⁰⁵ uma vez que, além de não serem acessíveis a todos, os serviços de *streaming* não disponibilizam em seu catálogo filmes de décadas passadas e filmes considerados *cults*.

No *CAPÍTULO II - IDS-ICS, QUALIDADE HUMANA E QUALIDADE HUMANA PROFUNDA PARA MARIA CORBÍ*, Marta Granés-Bayona nos alerta para o fato de, a exemplo, um artista deve se cercar de outros artistas para compreender o processo que perpassa a criação de uma obra. Isso para explicar que o processo de aquisição de *IDS-ICS* acontece de modo semelhante. Nos cercando de quem já desenvolveu essa dupla tríade de aptidões, somos levados aos caminhos que a percorrem. Essa dinâmica se mostra parecida com relação à prática cinéfila. Se cercando de pessoas que dizem ter essa prática, a partilha, mais do que de filmes, mas do próprio processo é possível. Não é, portanto, uma prática exclusivista.

Percebendo essa importância do filme em comparação ao ambiente em que ele é exibido, surgiu uma inquietação com relação a influência deles, partindo de uma perspectiva individual, na vida dos componentes desse grupo. Os dados obtidos podem ser vistos na tabela (tabela 15) abaixo:

Tabela 15 - Dados relativos à influência dos filmes na vida dos componentes do grupo.

Thais	12 - E qual é, de fato, a influência dos filmes na vida de vocês? Agora pensando na vida individual. Qual seria a influência, se é que tem alguma.
Caleb	Total na minha vida, porque, ainda hoje eu passo a maior parte do meu tempo assistindo filmes, embora eu tenha diminuído um pouco por causa do trabalho... o trabalho sempre atrapalha a gente focar no que é importante. Mas assim, me ajuda muito, principalmente a ter assunto do que conversar com as pessoas, a ter assunto mesmo pra passar o tempo e não me sentir muito idiota eu acho. Porque depois que a gente termina, no caso do Alan não porque ele continuou, mas no meu caso, que terminei a faculdade, a tendência é diminuir cada vez mais o tempo que eu estou estudando nesse momento que eu não iniciei outras coisas né? Então o filme é sempre algo que eu não sinto que to perdendo meu tempo, é uma forma de aliar o conhecimento com o entretenimento, porque cada filme que eu assisti eu acho que acrescenta alguma coisa na minha vida.
Victor	Olha... pode falar Alan, eu to formulando o meu aqui ainda.
Alan	Olha, pra mim é muito importante. Eu, assim como o Calebe falou, ainda que eu continue estudando e continue feito doido, mas assistir filme eu não tenho deixado, porque, pra mim é uma das coisas que primeiro me descansa muito, que me ajuda a relaxar um pouco. Eu não diria, eu tava aqui pensando em uma palavra... mas eu não diria que o filme me dá um ensinamento, eu não gostaria de usar essa palavra. É que, pessoalmente eu estabeleço um diálogo com o filme que eu assisto, eu fico conversando <i>o que isso tem a ver comigo?</i> , <i>o que isso me diz?</i> , não que tá me ensinando coisas, mas <i>o que dialoga com minha própria vida?</i> E realmente muitos filmes,

²⁰⁵ A pirataria, tendo a contemporaneidade como parâmetro, se caracteriza como a prática de vender ou distribuir produtos sem a expressa autorização dos proprietários de uma marca ou produto.

	<p>não esses totalmente comerciais, esses comerciais eu assisto pra passar o tempo mesmo e descansar e não fazer outra coisa, mas os outros filmes mais cults que a gente gosta e já assistiu, realmente, pessoalmente, eu tento dialogar com eles a partir da minha vida. Ou seja, querendo ou não, o que a gente vai aprendendo, vai estudando vai influenciando nisso, como a gente dialoga, como a gente e os filmes, como a gente vai conhecendo mais das próprias produções e até tendo vontade de cada vez repetir o filme pra ir vendo novas perspectivas. E sim, pra mim, me ajuda muito, me ajuda muito sobretudo a estabelecer esse diálogo com a minha própria vida.</p>
Caleb	<p>E é também uma grande área de interesse... Tipo assim, no meu caso que, a grande parte dos meus interesses não está de acordo com o resto do mundo, pelo menos do meu mundo, a maior parte dos meus amigos é sei lá, o pessoal do bar, o pessoal do trabalho, em serviços que não são considerados intelectuais e é uma forma de ter assunto com eles porque, querendo ou não, os livros que eu leio se eu for comentar eles vão achar extremamente entediante, mas às vezes a gente viu um filme que é semelhante, que eles assistiram e dá pra ter mais assunto pra conversar. E, por exemplo, na escola que eu trabalho, com os alunos também, os filmes... porque o cinema perpassa por todas as classes sociais e todas as classes etárias também, então os meninos comentam muito sobre filme, me indicam filmes, eu indico filme pra eles e é uma forma de construir o conhecimento histórico. Inclusive nesse bimestre eu já marquei com eles para passar <i>Olga</i>, porque eles estão estudando Getúlio Vargas e vou passar uma prova e vai ser isso. Ajuda em todos os aspectos, desde o profissional ao pessoal.</p>
Victor	<p>Olha, eu acho que eu sou diferente deles nesse quesito, porque, e aqui eu junto os dois, filme e livros, acho que os dois pra mim tem o mesmo foco. Pra mim é puro lazer, é, pra mim, ver filme no sentido, por exemplo, eu quero ver filme sobre determinado período histórico que vai me ajudar a dar aula, isso pra mim não é prazer, isso pra mim é trabalho, é diferente. Eu desassocio os dois. Quando eu to querendo ver um filme eu to querendo ler um livro específico eu to querendo ler ele porque ele vai me dar um determinado prazer, pra mim vai ser legal, eu vou curtir e tudo mais. Na minha perspectiva não é nesse sentido de ajudar com algo, algo produtivo de novo. Eu gosto de ver filmes que tragam coisas específicas, que eu gosto. Por exemplo, eu gosto muito de ver... não gosto muito de séries, mas ultimamente eu assisti a série <i>A Roda do Tempo</i>, aliás eu to terminando agora de ler os livros, são uns livros enormes que eu to lendo. Pra mim são muito legais porque, questão de magia, esses trem que eu falei com vocês. Só que eu não assisto uma série por exemplo de, sei lá, alguma coisa relacionada a novela, não gosto, não me traz nenhuma coisa assim, e eu não vou assistir. Porque não vai me trazer esse sentimento bom que eu gosto. Agora, se for pra determinada coisa produtiva, aí sim eu assistiria. Então pra mim tanto o cinema... a diferença do grupo pra mim nessa questão do cinema é que eu comecei a enxergar coisas que eu não sabia que gostava nesses filmes. Um exemplo deles é <i>Os Setes Samurais</i>, é um filme em preto e branco que demora horas e horas pra ver, só que ele tem um trama muito boa, e são uns personagens muito bons, a história toda deles é muito boa, e isso me fez gostar deles. Talvez eu vendo ele, pelo menos pela sinopse eu não gostaria, mas isso me despertou coisas diferentes que hoje eu assistiria outras coisas sobre. Não sobre samurais, mas sobre determinados tipos de tramas que envolvem esse tipo de jeito que o diretor faz.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

O primeiro ponto que me chamou atenção nos dados coletados foi a questão do tempo, na resposta do sujeito Caleb. Em contraposição a resposta da questão 2, tabela 5, nessa resposta da questão 12 ele afirmou que passa a maior parte de seu tempo assistindo a filmes, todavia, não tem tempo para ir em alguma instituição. Reforço, nesse momento, que aqui não cabe a nós julgar a vida subjetiva de cada participante. O que foi interessante de se observar é que os ritos

podem não ser tão atrativos aos jovens quanto as outras possibilidades apresentadas nas sociedades do conhecimento, a exemplo, o ato de assistir filmes. Tratando aqui a religião como sinonímia de institucionalização, essas respostas do sujeito Caleb confirmam a hipótese de Marià Corbí (2020), trabalhada no *CAPÍTULO I – DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ*, de que os jovens já não se importam com a religião, o que vai de encontro aos moldes das sociedades estáticas. Em sua resposta, ficaram evidenciados também dados relativos à questão da simbiose.

Na resposta do sujeito Alan pude encontrar *IDS-ICS*, além de lembrar as discussões a respeito da construção da persona e do esvaziamento de si, trabalhadas no *CAPÍTULO II - IDS-ICS, QUALIDADE HUMANA E QUALIDADE HUMANA PROFUNDA PARA MARIÀ CORBÍ*. Esse sujeito usa os filmes para se abrir em diálogo consigo mesmo, o que pode ajudar na construção e exercício de sua liberdade, indispensável nas sociedades do conhecimento. Tanto para Alan, quanto para Caleb, os filmes se apresentam como possibilidade para o cultivo da *Qualidade Humana Profunda*, o que parece não ocorrer com o sujeito Victor, haja visto que para ele, os filmes e o ato de assisti-los se volta para o lazer. Esse fato demonstrou, partindo da perspectiva de Marià Corbí, que os filmes podem ter um grau de utilitarismo e de egocentrismo - o que não está em sinonímia com egocentrismo. Voltar-se para alguma prática tendo como norte apenas um possível benefício e satisfação pessoal que ela pode causar implica em não conseguirmos alcançar e cultivar *Qualidade Humana* e *Qualidade Humana Profunda*. Dessa forma, no contexto do grupo pesquisado, os filmes não são o caminho possível pelo qual o sujeito Victor poderá se lançar. Nesse contexto, não consegui encontrar *IDS-ICS* na prática desse sujeito.

Até a questão 12 foi possível perceber a importância da amizade e a questão da simbiose que ela causa nesse grupo específico. Todavia, surgiu uma dúvida com relação à perspectiva pessoal de cada componente. Os dados relativos a essa questão podem ser vistos na tabela (tabela 16) abaixo:

Tabela 16 - Dados relativos à influência do grupo para a prática cinéfila dos sujeitos.

Thais	13 - Na ausência desse grupo de vocês, vocês ainda teriam uma prática cinéfila?
Victor	Não. Comigo não. De novo, voltando, pra mim filme é prazer e se é prazer então não teria graça.
Caleb	Eu acho que sim, porque já era algo que fazia parte da minha vida, mesmo antes né? Eu sempre gostei muito de assistir filmes.

Alan	Eu também, pra mim sim. Como eu falei, acho que falei agora pouco, eu continuo vendo filmes, ainda tenho meu HD de 1 Tera com metade de filmes no HD, porque eu sempre gostei, então pra mim sim.
-------------	---

Fonte: Elaborado pela autora.

O sujeito Victor foi incisivo ao afirmar que sem esse grupo, a prática cinéfila não existiria em sua vivência, pela perspectiva que ele dá para os filmes. Para os sujeitos Caleb e Alan a prática ainda estaria presente. Entretanto, pude perceber que esse grupo não é essencial para que esses dois sujeitos tenham uma prática cinéfila. O que faz com Caleb, Alan e Victor se mantenham nessa prática, nesse grupo, é a amizade, a relação simbiótica que estabelecem entre si. E é a língua que torna possível essa relação.

A última pergunta desse *segundo bloco* teve como objetivo articular a identidade religiosa dos sujeitos com a sua prática cinéfila.

Tabela 17 - Dados relativos à influência da identidade religiosa na prática cinéfila.

Thais	14 - Existir ou não uma prática, crença ou concepção religiosa importa nessa prática cinéfila do grupo?
Caleb	No meu caso não.
Alan	Eu acredito que não porque, como eu falei agora há pouco que eu indiquei 2 filmes que eu vi em uma matéria de Fenomenologia da Religião, mas eu indiquei mais pra ver outro ponto de vista dos amigos, que não sejam o ponto de vista do fenômeno religioso. Mas ainda assim não é um tema que seja restringido ou um tema que não esteja presente talvez em algum momento das discussões do grupo.
Victor	Que eu vi assim, não. Assim, que eu percebi ali, não. Mesmo porque, no grupo a questão religiosa é muito diversa e nossas colocações sobre os filmes, nossas escolhas, pelo menos nossas análises sobre elas não teve nada diferente, tanto que o Calebe até... a gente viu um filme religioso do Calebe, que ele indicou e a nossa... acho que as nossas considerações assim foram muito iguais. E aliás o filme era bem ruim...
Caleb	Qual foi mesmo?
Victor	Aquele, acho que era do apóstolo Paulo, não lembro, alguma coisa assim.
Caleb	Foi eu que indiquei?
Alan	Lucas.
Victor	Isso.
Alan	Do encontro entre a filosofia grega e o cristianismo.
Caleb	Nossa, nem lembro.

Fonte: Elaborado pela autora.

Evidenciando a questão da diversidade religiosa do grupo, as respostas obtidas demonstram que, na prática cinéfila desse grupo, as questões que perpassam a religião ou a ausência dela ficam em segundo plano.

O *terceiro bloco* de questões teve como objetivo investigar o que o grupo focal compreendia como espiritualidade, a fim de contrastar com a definição dada por Marià Corbí, a partir da *Epistemologia Mítica*. Ainda partindo da perspectiva do pesquisador, o interesse versou também sobre o que o grupo compreendia como *Qualidade Humana Profunda*. Outro ponto de interesse foi se e como os componentes do grupo articulavam arte e espiritualidade. A saber, o constante uso do termo espiritualidade se deu em virtude de o grupo desconhecer a nova construção conceitual de Marià Corbí. Por fim, objetivei averiguar se nesse grupo, por meio da Prática Cinéfila, haveria traços de *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda*.

Partindo do pressuposto de que o termo *espiritualidade* não alcançou uma significação global, que seja de comum acordo entre os pesquisadores e pesquisadoras da temática, bem como entre os próprios seres, foi necessário averiguar como o grupo focal o compreendia. Essa necessidade se deu em virtude de tentar encontrar evidências das garras da *Epistemologia Mítica* nas sociedades do conhecimento contemporâneas. Os dados coletados podem ser vistos na tabela (tabela 18) abaixo:

Tabela 18 - Dados relativos à compreensão do grupo focal sobre o termo *espiritualidade*.

Thais	15 - O que vocês compreendem como espiritualidade?
Caleb	Espiritualidade? Eu acredito que seja tudo aquilo que a gente não consegue explicar. Por exemplo, não necessariamente eu acho que está relacionado com a questão religiosa, pelo menos no meu ponto de vista pessoal. Eu acho que, no meu caso, espiritualidade é tudo aquilo que... por exemplo, eu posso não ter religião, mas eu tenho alguma crença... como que fala... superstição. Eu tenho superstição que eu compartilho na minha cabeça. Assim, eu acho que essa parte seria a minha espiritualidade. Tudo aquilo que eu não consigo explicar, mas que acontece no mundo. Não sei, ficou confuso...
Victor	No meu caso, primeiro eu separo entre teologia e espiritualidade. Eu separo espiritualidade de religião. No caso, espiritualidade tem a ver com suas concepções sobre o sobrenatural ou metafísico entre aspas, não boas e não ruins, nada assim. Ela tem um sentido por si só, mas coisas que... maneiras, características, visões, sentimentos que você vai ter com esse sobrenatural, seja bom ou ruim, isso depende de você. Então pra mim é subjetividade do sujeito a partir de algo metafísico, como ele interpreta isso.
Alan	Eu to de acordo que espiritualidade não implica ser religioso e sinteticamente pra mim espiritualidade significa, manter ou ter uma vida interior, uma vida íntima com si mesmo, consigo

mesmo e que isso influencia, inclusive... aí eu acredito que isso já seja algo relacionado com religião, isso influencia naquilo que a gente acredita, como a gente percebe o mundo, o sobrenatural, isso que o Victor falou, o metafísico. E inclusive como a gente percebe a própria natureza e como a gente vai se relacionando com as outras pessoas a partir... se a gente acredita no amor, nos sentimentos... não em uma perspectiva só de relação individual com o outro, mas em relação com todos, mas isso tudo vindo a partir de uma vida interior, a vida interior eu acredito que seja a espiritualidade.

Fonte: Elaborado pela autora.

Foi de comum acordo entre o grupo focal pesquisado, que *espiritualidade* não está em sinonímia com religião, ou com o sistema da religião, que foi o termo trabalhado nesta dissertação. O sujeito Caleb, em sua resposta, apontou para a compreensão de que espiritualidade não necessariamente deve ter relação com religião, podendo assim, partir de uma perspectiva pessoal. Não obstante, pode ser compreendida a existência da espiritualidade não religiosa – o que Marià Corbí identifica, nas sociedades contemporâneas, como cultivo da *Qualidade Humana Profunda*. Essa resposta confirma a hipótese de Marià Corbí, trabalhada no *CAPÍTULO I – DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ*, de que, nas sociedades do conhecimento crescem as buscas por novas formas de viver a *espiritualidade*, que não estejam vinculadas ao sistema da religião. Todavia, por mais que não sejam encontrados traços relativos a *Epistemologia Mítica* na resposta do sujeito Caleb, um elemento novo pode ser encontrado no tocante a pesquisas relativas à espiritualidade: O fator superstição. A resposta do sujeito Alan, apesar de trazer o termo *espiritualidade* se aproxima da construção de Marià Corbí relativa à *Qualidade Humana* e *Qualidade Humana Profunda*, além de trazer também a questão da simbiose com o meio. Por mais que, de acordo com Marià Corbí, *espiritualidade* carregue essencialmente os aspectos relativos a uma *Epistemologia Mítica*, nesse grupo foram encontrados, partindo das respostas dos competentes, traços que claramente apontam para a *Epistemologia Axiológica*. A problemática do uso do termo ainda persiste, por ser uma construção histórica socialmente aceita. Todavia, por mais que o termo permaneça, as significações que o perpassam parecem ter fluido, bem como as sociedades.

Trazendo essa problemática de significados e termos, foi pertinente averiguar se os componentes do grupo conheciam essa nova construção conceitual de Marià Corbí., cujos dados podem ser lidos na tabela (tabela 19) abaixo. Com o intuito de não induzir respostas ou concepções, em nenhum momento antes da realização do grupo focal, eu expliquei sobre a disciplina *Epistemologia Axiológica* para os sujeitos. Essa explicação e diálogo só foi realizada ao final da sessão, com duração por volta de 30 minutos, em uma conversa de tom mais informal.

Tabela 19 - Dados relativos à compreensão do grupo sobre Qualidade Humana Profunda.

Thais	16 - Vocês já ouviram falar sobre Qualidade Humana Profunda?
Caleb	Não.
Victor	Não.
Alan	Não.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados demonstraram que, por mais que na questão 15, tabela 18, as respostas apontaram sim para a construção de Marià Corbí, por unanimidade, os componentes do grupo não conheciam o termo elaborado pelo pesquisador. Dessa forma, nas questões que se seguiram, optei por fazer uso do termo *espiritualidade*.

Por fim, na última pergunta desse *terceiro bloco*, tive o objetivo de tentar compreender se e como o grupo focal relacionava a questão da arte com a espiritualidade, ambas temáticas abordadas ao longo dessa dissertação. Os dados foram demonstrados na tabela (tabela 20) abaixo:

Tabela 20 - Dados relativos à relação entre arte e espiritualidade para o grupo.

Thais	17 - Como vocês relacionariam arte com espiritualidade? Se é que vocês fariam alguma relação.
Caleb	Eu acho que, indo na linha do que eu falei sobre o que eu considero espiritualidade, de... aquele caráter subjetivo do filme, de que você pode pegar um filme que às vezes ninguém gosta, no caso não só do filme, como da arte como um todo e ter um sentimento que você não consegue nem explicar, você gostar, mas você não consegue nem explicar porque você gostou. Você pode assistir aquele filme 3 vezes que você vai gostar e você não consegue nem explicar para as outras pessoas porque aquilo é bom. Ou às vezes você pegar um quadro assim, e parar meia hora em frente ele olhando e aquele quadro te trazer alguma sensação boa, simplesmente porque tem alguma coisa ali que te faz se sentir bem. Você pode tentar explicar aquilo ali do ponto de vista psicológico, do ponto de vista mental, no geral, mas eu acredito que tenha algo que seja realmente inexplicável ali e que te faça ter aquele tipo de sensação. Eu, por muito tempo, acreditei que tudo era uma questão psicológica mesmo, porque eu estava fazendo meus estudos de psicanálise, mas hoje eu cheguei num ponto de que realmente essa abordagem não consegue explicar tudo e que tem algo que é simplesmente inexplicável. E eu acho que a arte e o cinema, entrando como arte nesse momento, também está inserido dentro desse contexto que eu acredito.
Alan	Eu também acredito. A arte tem o seu lugar, como a espiritualidade tem o seu lugar, mas os dois se relacionam muito. E pra mim fica muito nítido a questão da intuição. A intuição artística pra mim parece muito também com a questão da intuição espiritual. Quando artista... eu também gosto muito de teatro e também gosto de poesia e me parece, ou seja, claro que há modos de ser artista, de ser ator, de estudar obviamente, mas não é só a técnica que vai levar o exercício do ator. É claro que há modos de escrever poesia, de estudar como escrever poesia, mas não é só a

	técnica que vai levar a escrever uma boa poesia, se a intuição artística, talvez como um dom natural e interno da pessoa, não esteja presente. Não é? Do mesmo modo que a espiritualidade né? Ou seja, se a intuição espiritual não estiver presente, ou seja, como alguém pode dizer que tem uma experiência, que percebeu algo sobrenatural segundo a sua própria experiência? E eu acredito sim que se relaciona, a arte e a espiritualidade se relacionam. Eu apontaria basicamente... devem ter outros elementos, mas eu apontaria basicamente esse elemento da intuição, seja a intuição espiritual ou a intuição artística.
Victor	Cara, eu não sei. Minha resposta é essa, eu não sei. A espiritualidade na minha vida não teve parte na minha vida por muito tempo. Então na minha visão pessoal, não sei se isso faria sentido. Porque pra mim a espiritualidade não necessariamente é algo presente em mim, é algo externo que eu vejo nas pessoas, vejo em coisas sempre fora de mim, não sou uma pessoa crente em muita coisa. Não necessariamente eu tenho a certeza de tudo também, então pessoalmente eu não tenho algo a responder. Mas eu acredito, por pensar que as subjetividades são extremamente importantes para todas as ações e percepções que a gente tem do mundo, acredito que sim, muito aliás, mas eu não tenho certeza, porque pra mim, pessoalmente não é algo presente.

Fonte: Elaborado pela autora.

Por meio dos dados coletados nessa questão, mais especificamente na resposta do sujeito Caleb, ficou evidenciado o potencial que a arte, de modo geral, tem para manejar o axiológico, bem como a *espiritualidade*. O sentido desse termo, nessa resposta, caminhou mais pelas estradas do cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda* do que pela perspectiva da *Epistemologia Mítica*. Desse modo, sendo, justamente, o axiológico humano objeto da disciplina *Epistemologia Axiológica*, percebi que a arte pode ser um componente curricular dessa disciplina. Na resposta do sujeito Alan, foi apontado um conceito não abordado nesta dissertação: a questão da intuição. Todavia, esse conceito está presente dentro da construção de Marià Corbí, no que diz respeito a criatividade, trabalhada com maior profundidade no *CAPÍTULO I – DISCIPLINA EPISTEMOLOGIA AXIOLÓGICA DE MARIÀ CORBÍ*. De acordo com o pesquisador, “a criatividade propriamente dita não obedece a procedimentos, é dom, gratuidade, intuição direta de mente e sentimento, tanto a criatividade científica quanto a criatividade axiológica ou prática.” (CORBÍ, 2020, p. 213, tradução nossa²⁰⁶). Nesse sentido, em consonância com os dados coletados, não basta estudar para ser um artista, é preciso *intuição*.

De modo geral, esses dados coletados e disposto nas tabelas se mostraram satisfatórios para atingir o objetivo dessa dissertação, que era investigar se a prática cinéfila trazia consigo possibilidades para o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda* nos termos propostos por Marià Corbí. As reflexões que emergiram por meio da articulação entre a

²⁰⁶ “la creatividad propriamente dicha no obedece a procedimientos, es don, gratuidad, intuición directa de mente y sentir, tanto la que es creatividad científica como la axiológica o práctica.”

pesquisa bibliográfica e grupo focal online serão melhores evidenciadas na conclusão, que será apresentada a seguir.

CONCLUSÃO

“Se a gente não se ver, bom dia, boa tarde e boa noite!”
(O Show de Truman, 1998)

Quando iniciei a escrita dessa dissertação, já imaginava o quão árduo seria a tarefa de escrever a sua conclusão. Essa dificuldade me acompanha há tempos, desde quando redigi o Trabalho Final de Graduação. Sempre preferi revisar o que já tinha escrito para acrescentar mais linhas e me estender no texto ao máximo que pudesse. Todavia, creio que seja o momento de finalizar esse trabalho. Afinal, como eu poderei ser uma *anarquista epistêmica*, parafraseando meu querido professor Paulo Agostinho Nogueira Baptista, se nunca terminar um assunto para poder me enveredar por outros? É hora das últimas palavras antes dos créditos subirem, as luzes se acenderem e o grande público se despedir da tela à sua frente.

Todo o caminho pelo qual me enveredei para escrever esse trabalho foi entrecortado pela hipótese de que na prática cinéfila há uma busca pelo cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda*, nos termos propostos por Marià Corbí. Essa perspectiva havia emergido em mim levando em conta que, nas sociedades de conhecimento, - aquela que estamos em transição para - as experiências relacionadas à arte são reconhecidas pelo pesquisador, em sua disciplina *Epistemologia Axiológica*, como possibilidades para o cultivo citado.

Para dar início às investigações, tendo como suporte metodológico, nesse momento, a pesquisa bibliográfica, precisei me concentrar em termos chave dentro de toda construção de Marià Corbí, teórico que escolhi para nortear minha jornada. Os termos trabalhados foram dispostos no esquema (esquema 17) abaixo.

Esquema 17 - Termos chave em Marià Corbí



Fonte: Elaborado pela autora.

Partimos do pressuposto de que nós, os sujeitos desse período de transição para sociedades do conhecimento, estamos em crise. Nos defrontamos, então, com a importância dos *Projetos Axiológicos Coletivos*, que são as diretrizes para guiar toda a dinâmica de uma sociedade. Se, nas sociedades estáticas - aquelas que permaneceram por muitos anos realizando exclusivamente as mesmas atividades -, abarcadas pela *Epistemologia Mítica*, esses projetos eram impostos hierarquicamente, nas sociedades do conhecimento esse movimento não poderá se repetir. Logo, precisarão ser construção coletiva, livres de submissão. Nesse sentido, a crise que nos rodeia e transpassa emerge da inaptidão das ciências e tecnologias – pilares das sociedades do conhecimento – em auxiliar na construção desses *Projetos Axiológicos Coletivos* justamente pelo fator axiológico, o qual as ciências e tecnologias buscam podar de sua linguagem. O sistema da religião também se revela inapto.

Para que pudéssemos chegar a essa percepção, tivemos que compreender o papel da língua em Marià Corbí, bem como o duplo acesso ao real não dual que ela proporciona. A língua, lembrando, é o que nos caracteriza como animais humanos, nos tirando de uma antropologia dual da qual fomos, historicamente, reféns - animais/racionalidade, corpo/espírito. Será, por meio da língua, que estaremos aptos a criar a cultura, que permitirá nos adaptarmos ao meio em que vivemos – diferente dos animais, que necessitam de mutações morfológicas.

Não obstante, tendo a cultura a capacidade de manejar nossas tendências básicas, dando a elas o *agir*, é por meio dela que devem ser construídos os *Projetos Axiológicos Coletivos*. A língua nos coloca em contato com a notícia da *Dimensão Absoluta* e *Dimensão Relativa* – dupla dimensão do real não dual necessária para que os seres humanos possam se relacionar com o meio – que são as bases para a criação de um *Projeto Axiológico Coletivo* adequado para as sociedades de conhecimento.

Compreendemos que a *Epistemologia Mítica* implica em que os *Projetos Axiológicos Coletivos* fossem algo prontamente instituído - pelas ideologias, pela ciência, pela Filosofia, pelo sistema da religião - de forma impositiva para as sociedades. Esses projetos tinham como pretensão descrever a realidade mesma e as formas de sentir e agir sobre ela. A estrutura contida na *Epistemologia Mítica* tinha como desejo nos impor as formas de perceber, de viver e sentir o nosso entorno. Sua pretensão envolvia mais que abarcar o real do *real*, a *Dimensão Absoluta*, senão determiná-la. Nesse contexto pudemos perceber que o sistema da religião – pilar estruturante das sociedades estáticas – abarcava a questão da *espiritualidade*, termo de propriedade dessa estrutura da *Epistemologia Mítica* e que se remete a hierarquia, submissão e imposição. Dessa forma, em se tratando das sociedades do conhecimento, este termo já não encontra solo fértil para lançar suas raízes pois, na nova configuração social será preciso o encontro com a liberdade e a criatividade. Esse encontro, por sua vez, é incompatível com a bagagem carregada pela *espiritualidade*. O que se vê, portanto, é uma crescente de buscas por formas de *espiritualidades não religiosas*, porque a *Epistemologia Mítica* já não dá conta de atuar nesse campo. Buscam-se, portanto, formas desinstitucionalizadas para tal. Dessa forma, nas sociedades do conhecimento, a *Epistemologia Mítica* não terá espaço, uma vez que devemos tomar consciência de que é responsabilidade nossa a construção de *Projetos Axiológicos Coletivos*. Para essa tomada de consciência teremos o auxílio da *Epistemologia Axiológica*, que é uma disciplina cujo objeto são os fenômenos axiológicos humanos, partindo de nossa condição animal: a língua.

Os *Projetos Axiológicos Coletivos*, nas sociedades do conhecimento devem, portanto, levar em conta o axiológico. Haja visto que a língua das ciências e da tecnologia buscam podar os traços axiológicos, por meio delas não será possível a construção necessária. É nesse sentido que precisamos da disciplina *Epistemologia Axiológica*, uma vez que, por meio dela, poderemos encontrar caminhos que levem a uma restituição de nossas bases axiológicas, perdidas nesse momento de transição social. A disciplina *Epistemologia Axiológica* tem potencial de nos ajudar a atravessar esse período de transição para sermos, de fato, sociedades do conhecimento. Não obstante, por ser uma disciplina, contempla procedimentos, conteúdos,

metodologia e formas para fazer emergir certas aptidões dos alunos. Nesse momento nos deparamos com *IDS-ICS – interesse, distanciamento, silenciamento, indagação, comunicação, serviço –*, uma dupla tríade de aptidões que funciona em conjunto. Se trata de uma dupla tríade de aptidões necessária para que possamos nos conduzir pelo caminho rumo ao encontro da *Qualidade Humana* e a *Qualidade Humana Profunda*. Nesse sentido, compreendemos que a *Qualidade Humana* e *Qualidade Humana Profunda* não são duas coisas separadas sendo, deste modo, uma dimensão não dual do ser humano. O que as difere é a maneira com a qual se apropriam de *IDS-ICS*. A primeira usa essas aptidões em condições postas pelo ego, a segunda as usa sem condições. Esse contexto faz emergir a questão das artes que, como pudemos perceber, são essenciais nas sociedades do conhecimento por sua capacidade de fomentar a *Dimensão Absoluta*, a fim de gerar, manter e cultivar a *Qualidade Humana* e a *Qualidade Humana Profunda*. Marià Corbí aponta, assim, para o fato de que a arte é uma possibilidade para nos colocarmos a caminho do cultivo da *Qualidade Humana Profunda*. Essa foi a ponte que usei para propiciar o encontro entre a construção de Marià Corbí e a prática cinéfila.

Para coletar os dados, tendo como suporte metodológico, nesse momento, a realização do grupo focal online, precisei encontrar um campo que tivesse a prática cinéfila. Encontrei um grupo de conhecidos das aulas compartilhadas dos tempos da graduação que se autodenominava como tendo essa prática. O grupo selecionava obras cinematográficas, as assistiam e discutiam, por videoconferência, sobre suas percepções. Por mais que, nas intuições iniciais, o pano de fundo fosse o cinema, por causa dos dados obtidos com esse grupo, o foco acabou se voltando para filmes.

Por meio da articulação entre os dados obtidos com pesquisa bibliográfica em Marià Corbí e o grupo focal online com esse grupo, para minha surpresa, com certa dose de alegria, minha hipótese foi parcialmente confirmada, devido ao acréscimo de um elemento novo: a amizade. Digo isso com alegria pois a sensação que me transpassa é a de que não reduzi o campo para que ele se encaixasse em minhas concepções pré-estabelecidas. Creio que, principalmente em se tratando das pesquisas de campo, precisamos nos desnudar quando adentramos nele. Na verdade, em se tratando de qualquer tipo de conhecimento, nunca devemos entrar vestindo verdades que quase se fundem com nossa pele, afinal, penso eu, que ninguém, em pleno 2023, quer ser confundido com alienados conspiracionistas *vide* bolsonaristas.

Dessa forma, respondendo à pergunta norteadora desta dissertação, ou seja, *pode a prática cinéfila contribuir para o cultivo da Qualidade Humana e da Qualidade Humana Profunda na perspectiva da disciplina Epistemologia Axiológica de Marià Corbí?*, a resposta é um sonoro *também*. Trazendo à tona minha formação inicial de pedagoga, digo a mim mesma para dar

uma resposta completa à questão acima. Afirmo que, no recorte do grupo pesquisado, não é somente a prática cinéfila que contribui para o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda* na perspectiva da disciplina *Epistemologia Axiológica* de Marià Corbí, mas também a *amizade (filia)*. Tanto a prática cinéfila quanto a *amizade* podem ser o caminho para se alcançar esse cultivo. Marià Corbí já nos evidenciava que as formas para o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda* são várias e, por meio dessa dissertação, creio termos encontrado duas.

A amizade possui potencial, como visto nos dados coletados, de manejar o axiológico humano. Nesse sentido, pode ser trabalhada por meio da disciplina *Epistemologia Axiológica*, nos centros a serem destinados a isso. Além disso, a amizade entre os sujeitos impacta em voltar o olhar para a questão da simbiose, partindo de nós para com o meio em que vivemos. Essa dinâmica se ampliará para a tomada de consciência de que somos esse próprio meio. Cultivando relações humanas baseadas nessa simbiose a questão da hierarquia e submissão poderá ter suas raízes cortadas, nos tirando das garras da *Epistemologia Mítica*. Consegue compreender? Não me entenda mal, ainda acho que nesses centros citados por Marià Corbí as artes devam ter um lugar, contudo, também haverá de ter um lugar para que se ensine a amizade. Parece estranho essa afirmação, todavia, pense, caro leitor, em uma configuração social dominada pela ciência e tecnologia, onde tudo é aceleração e a linguagem visa podar o axiológico, como fazer amigos? Como manter as amizades? Suas respostas perpassaram por *IDS-ICS*, que são a aptidão necessária para que se tenha o cultivo da *Qualidade Humana* e da *Qualidade Humana Profunda*?

Talvez fosse interessante dedicar um estudo exclusivo à questão da amizade dentro das sociedades do conhecimento, traçando um paralelo com a crescente das redes sociais, que proporcionam quase que uma mescla entre o real e o virtual, e as relações palpáveis entre os seres humanos. Contudo, essa é, certamente, uma questão para outra investigação. Por hora, caro leitor, “*se a gente não se ver, bom dia, boa tarde e boa noite!*”.

REFERÊNCIAS

A LISTA de Schindler. Direção: Steven Spielberg. Estados Unidos: Amazon Prime Video, 1993. 195 min.

ALICE no País das Maravilhas. Direção: Tim Burton. Estados Unidos das Américas: Disney+, 2010. 108 min.

ALCÂNTARA, Jordan. **Obras de arte africanas saqueadas no século XIX são devolvidas.** Disponível em: <https://negre.com.br/obras-de-arte-africanas-saqueadas-no-seculo-xix-sao-devolvidas/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

APUBHUFMG+. **Arte e cultura no governo Bolsonaro: desinteresse e falta de investimento.** Disponível em: <https://apubh.org.br/noticias/arte-e-cultura-no-governo-bolsonaro-desinteresse-e-falta-de-investimento/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

AQUINO, Rafael. **O Cinema Como Fonte de Inspiração na Produção de Filmes Publicitários.** Disponível em: <https://biblioteca.univap.br/dados/00002a/00002a81.pdf>. Acesso em 20 de set. 2022.

ARAUJO, Julio Cezar. **Le Prince: O Polêmico Fim do Gênio Esquecido do Cinema.** Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/misterios/114268-le-prince-o-polemico-fim-do-genio-esquecido-do-cinema.htm>. Acesso em 22 set. 2022.

ARQUIVO de Domínio Público do Loc. **Pantomimes lumineuses: Théâtre optique de E. Reynaud, música de Gaston Paulin // J. Chéret, '92.** Disponível em: <https://loc.getarchive.net/media/pantomimes-lumineuses-theatre-optique-de-e-reynaud-musique-de-gaston-paulin>. Acesso em: 25 set. 2022.

BALIO, Tino. Part I: A Novelty Spawns Small Businesses, 1894-1908. In. BALIO, Tino. **The American Film Industry.** Madison: University of Wisconsin Press, 1985.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

BATMAN Begins. Direção: Christopher Nolan. Estados Unidos: HBO MAX, 2005. 140 min.

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. **O que é?** Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Content/whatIs>. Acesso em 03 mai. 2021a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Sobre a CAPES.** Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/sobre-a-cap>. Acesso em 03 mai. 2021b.

BUCCINI, Marcos. **O INSTANTE E O MOVIMENTO: a influência da fotografia de Muybridge e Marey.** Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/CARTEMA/article/view/234555/27738>. Acesso em 21 set. 2022.

CAMPOS, Fabiano Victor de Oliveira. Aula proferida na disciplina Ethos Contemporâneo e Religião no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 02 set. 2021.

CANUDO, Ricciotto. **Manifeste des sept arts**. Paris: Séguier, 1995.

CARTA Capital. **Governo sabia da falta de respiradores um mês antes de crise em Manaus**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/governo-sabia-da-falta-de-respiradores-um-mes-antes-de-crise-em-manaus/>. Acesso em 22 ago. 2021.

CASERTA, Gilberto. **Um Olhar Contemporâneo Sobre o Cinema Sem Câmera de Charles-Émile Reynaud**. Disponível em: <https://uniso.br/mestrado-doutorado/comunicacao-e-cultura/dissertacoes/2017/gilberto-caserta.pdf>. Acesso em 21 set. 2022.

CORBÍ, Marià. **Análisis epistemológico de las configuraciones Axiológicas humanas. La Necesaria relatividad cultural de los sistemas de valores humanos: mitologías, ideologías, ontologías y formaciones religiosas**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1983.

CORBÍ, Marià. **El Conocimiento silencioso. Las raíces de la Calidad Humana**. Barcelona: Fragmenta Editorial, 2016.

CORBÍ, Marià. **El Sentir Hondo de la Vida. Principios de Epistemología Axiológica 7**. Madri: Bubok Publishing S.L, 2021.

CORBÍ, Marià. **La Construcción de los Proyectos Axiológicos Colectivos Principios. De Epistemología Axiológica**. Madri: Bubok Publishing S.L, 2013.

CORBÍ, Marià. **Métodos de Silenciamiento**. Barcelona: CETR editorial, 2006.

CORBÍ, Marià. **Para uma espiritualidade leiga. Sem crenças, sem religiões, sem deuses**. São Paulo: Paulus, 2010.

CORBÍ, Marià. **Protocolos para la construcción de organizaciones creativas y de innovación. Principios de Epistemología Axiológica 3**. Madri: Bubok Publishing S.L, 2015.

CORBÍ, Marià. **Proyectar la sociedad, reconvertir la religión. Los nuevos ciudadanos**. Barcelona: Herder, 1992.

CORBÍ, Marià. **Proyectos colectivos para sociedades dinámicas. Principios de Epistemología Axiológica**. Barcelona: Herder, 2020.

COSTA, Flávia Cesarino. **O Pioneiro Cinema - espetáculo, narração, domesticação**. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.

COSTA, Thais Chagas. **Imagem em Movimento: Caminhos Possíveis para Produção de Animação**. Disponível em: https://www2.ufrb.edu.br/artesvisuais/images/TCCs_-_Trabalhos_de_Conclus%C3%A3o_de_Curso/TCC_2019/TCC_THAIS_CHAGAS_DA_COSTA_IMAGEM_EM_MOVIMENTO_CAMINHOS_POSSI%CC%81VEIS_PARA_PRODU

[C%CC%A7A%CC%83O_DE_ANIMAC%CC%A7A%CC%83O_2019.pdf](#). Acesso em: 20 set. 2022.

ENGLER, Steven; STAUSBERG, Michael. Metodologia em ciência da religião. *In*: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

FISCHER, Paul. **The Man Who Invented Motion Pictures: A True Tale of Obsession, Murder, and the Movies**. Nova York: Simon & Schuster. 2022.

FLICKR. **Cinematografo Lumière**. 2015. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/116153022@N02/16907110701>. Acesso em: 28 set. 2022.

FLICKR. **Fenachitoscopio**. 2014. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/116153022@N02/15796195489/in/photostream/>. Acesso em: 25 set. 2022.

FLICKR. **Fonógrafo de Edison**. 2018. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/joseluisrds/40500997462>. Acesso em: 25 set. 2022.

FLICKR. **Kinetoscope**. 2014. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/16894927@N08/16149677105>. Acesso em: 25 set. 2022.

FLICKR. **Lanterna mágica**. 2016. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/116153022@N02/24172824450>. Acesso em: 25 set. 2022

FLICKR. **Praxinoscópio**. 2009. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/zanini/3437432109>. Acesso em: 25 set. 2022.

FLICKR. **The thaumatrope in action**. 2011. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/juanomatic/8480685480>. Acesso em: 25 set. 2022.

FRAGMENTADO. Direção: M. Night Shyamalan. Estados Unidos. STAR+, 2016. 117 min.

GALASSI, Vanessa. **ARTIGO | Por que a diversidade incomoda tanto Bolsonaro?**. Disponível em: <https://df.cut.org.br/noticias/artigo-por-que-a-diversidade-incomoda-tanto-bolsonaro-eb73>. Acesso em: 17 de mar. 2022.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em 07 de nov. 2020.

GIGLIOTTI, Analice. **IBGE: crescimento da depressão é realidade no Brasil**. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/blog/manual-de-sobrevivencia-no-seculo-21/ibge-crescimento-depressao-brasil/>. Acesso em 22 ago. 2021.

GRANES-BAYONA, Marta. Para uma espiritualidade leiga. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 37, p. 650-654, jan./mar. 2015.

KUHNEN, Remberto Francisco. **Os Pré - Socráticos**. Tradução José Cavalcante de Souza et al. 1 ed. São Paulo: Abril S.A: Cultural e Industrial, 1973.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis, metodologia jurídica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MACHADO, Arlindo. Apresentação. In: COSTA, Flávia Cesarino. **O Pioneiro Cinema - espetáculo, narração, domesticação**. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. São Paulo: Papirus, 2014.

MAGALHÃES, Jonathan da Costa. Arquivo de áudio. 14 de fev. 2021. Mimeo.

MATRIX. Direção: Lana Wachowski, Lilly Wachowski. Estados Unidos das Américas: HBO MAX, 1999. 136 min.

MEMÓRIAS de uma Gueixa. Direção: Rob Marshall. Estados Unidos, China: Netflix, 2005. 145 min.

MENDES, Felipe. **“Vamos dar golpe em quem quisermos”, diz Elon Musk no Twitter**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/vamos-dar-golpe-em-quem-quisermos-diz-elon-musk-no-twitter/>. Acesso em 15 set. 2021.

METZ, Christian. **A significação no cinema**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

MOANA. Direção: Ron Clements, John Musker. Estados Unidos. Disney+, 2016. 107 min.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. Moraes Editores, 1970.

NÁUFRAGO. Direção: Robert Zemeckis. Estados Unidos: Telecine. 2000. 144 min.

NÃO Olhe Para Cima. Direção: Adam McKey. Estados Unidos: Netflix. 2021. 138 min.

O PEQUENO Príncipe. Direção: Mark Osborne. França: Netflix. 2015. 94 min.

O SERVIÇO de Entregas de Kiki. Direção: Hayao Miyazaki. Japão: Netflix, 1989. 142 min.

O SHOW de Truman. Direção: Peter Weir. Estados Unidos: Prime Vídeo, 1998. 103 min.

OFEMANN, Rafael José Oliveira. **CULTURA PARTICIPATIVA NA CIBERCINEFILIA Produção e consumo cinéfilo na internet**. Disponível em: <https://tede2.espm.br/bitstream/tede/253/2/RAFAEL%20J%20OLIVEIRA%20OFEMANN.pdf>. Acesso em: 29 de nov. 2022.

OSÓRIO, Sergio Néstor. La técnica como estructura de emplazamiento y como camino hacia otro modo de pensar. ¿ Una via hacia el cultivo de la Cualidad Humana Profunda CHP?. In CORBÍ, Mariá. **Problemas del tránsito a una espiritualidad sin sumisión**. Bubok Publishing S.L: Espanha. 2018.

PXHERE. **A Moth, Butterflies, and Bees**. 2018. Disponível em: <https://pxhere.com/pt/photo/1463893>. Acesso em 27 set. 2022.

RATATOUILLE. Direção: Brad Bird. Estados Unidos. Disney+, 2007. 111 min.

RAWPIXEL. **The Sandow Trocadero Vaudevilles**. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/7665656/image-art-vintage-public-domain>. Acesso em: 28 set. 2022.

RODRIGUES, Denise dos Santos. **Os sem religião e a crise do pertencimento institucional no Brasil: o caso fluminense**. 2009. 344 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

RODRÍGUEZ, Margarita. **Por que é 'boa notícia' que as pessoas estejam abandonando busca por felicidade**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59720773>. Acesso em: 18 de abr. 2022.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **As licenciaturas no Brasil: um balanço das teses e dissertações dos anos 90**. Tese. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educ**. Curitiba, v. 06, n. 19, p. 37-50, set/dez de 2006.

SENRA, Flávio. Aula proferida na disciplina TECR: Sem-Religião - facetas da crença não afiliada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 18 nov. 2022.

SENRA, Flávio; CAMPOS, Fabiano Victor de Oliveira. Senso religioso contemporâneo e os sem-religião: uma provocação a partir de Emmanuel Lévinas. **Caminhos**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 312-331, jul./dez. 2014.

SENRA, Flávio; SOUZA, Jonathan Félix. **Espiritualidad como cualidad humana y cualidad humana profunda en el pensamiento de Marià Corbí**. Theologica Xaveriana, Bogotá, v. 71, 2021.

SENRA, Flávio; SOUZA, Jonathan Félix. ¿Cómo promover el cultivo de la “espiritualidad” en las modernas sociedades de conocimiento? In. CORBÍ, Mariá. **Problemas del tránsito a una espiritualidad sin sumisión**. Bubok Publishing S.L: Espanha. 2018.

SERRATO, Andreia Cristina. O CORPO E A SEXUALIDADE NA CAMA DE PROCUSTO: valores e desafios na contemporaneidade. **Pistis Praxis**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 145-172, jan./jun. 2010.

SOCIEDADE dos Poetas Mortos. Direção: Peter Weir. Estados Unidos: STAR+. 1989. 128 min.

SOMENTE o Mar Sabe. Direção: James Marsh. Reino Unido: PrimeVÍdeo, 2010. 101 min.

SOUZA, Jaine. **Iniciativas online que provam que a arte é fundamental na pandemia.** Disponível em: <https://culturadoria.com.br/iniciativas-online-que-provam-que-a-arte-e-fundamental-na-pandemia/>. Acesso em: 19 de out. 2022.

TORRADEFLOT, Francesc. ¿Un proyecto de cultivo joven de la cualidad humana? In. CORBÍ, Mariá. **Problemas del tránsito a una espiritualidad sin sumisión.** Bubok Publishing S.L: Espanha. 2018.

TOY Story. Direção: John Lasseter. Estados Unidos. Disney+, 1995. 81 min.

UMA Rua Chamada Pecado. Direção: Elia Kazan. Estados Unidos. HBOMAX, 1951. 125 min.

USARKI, Frank. **Os constituintes das Ciências da Religião. Cinco ensaios em prol de uma disciplina.** São Paulo: Paulinas, 2006.

VIEIRA, J. A. C. **Os sem-religião.** Aurora de uma espiritualidade não religiosa. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

WACHTEL, Edward. **The First Picture Show: Cinematic Aspects of Cave.** San Francisco: The MIT Press, 1993.

WIKIMEDIA COMMONS. **Chauvet's cave horses.** 2010. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chauvet%20B4s_cave_horses.jpg. Acesso em: 25 set. 2022.

WIKIMEDIA COMMONS. **Darwin's Finches.** Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Darwin%27s_Finches,_Denver_Museum_of_Nature_and_Science.jpg. Acesso em 28 dez. 2022.

WIKIMEDIA COMMONS. **Eadweard Muybridge, Animal Locomotion.** 2019. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Eadweard_Muybridge,_Animal_Locomotion,_Plate_626,_1887,_NGA_136536.jpg. Acesso em: 27 set. 2022.

WIKIMEDIA COMMONS. **'Fountain' by Marcel Duchamp (réplica).** 2013. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:%27Fountain%27_by_Marcel_Duchamp_\(replica\).JPG?uselang=pt-br](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:%27Fountain%27_by_Marcel_Duchamp_(replica).JPG?uselang=pt-br). Acesso em: 27 set. 2022.

WIKIMEDIA COMMONS. **Zoopraxiscope.** 2007. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Zoopraxiscope_16485u.gif. Acesso em: 27 set. 2022.

WILLIAMS, Carla; JOHNSON, William. **A History of Photography. from 1839 to the Present.** Alemanha: Taschen, 2012.

APÊNDICE A - Filmografia Citada (em ordem de citação)

<p>Princesa Mononoke [もののけ姫] Japão/1997/cor/133 min/animação DIREÇÃO: Hayao Miyazaki ELENCO: Yōji Matsuda, Yuriko Ishida, Yūko Tanaka</p>	<p>O Serviço de Entregas da Kiki [魔女の宅急便] Japão/1989/cor/103 min/animação DIREÇÃO: Hayao Miyazaki ELENCO: Minami Takayama, Rei Sakuma, Kappei Yamaguchi, Keiko Toda</p>
<p>Ratatouille [Ratatouille] Estados Unidos/2007/cor/111 min/animação DIREÇÃO: Brad Bird ELENCO: Patton Oswalt, Lou Romano, Peter Sohn</p>	<p>Memórias de Uma Gueixa [Memories Of a Geisha] Estados Unidos/China/2005/cor/145 min DIREÇÃO: Rob Marshall ELENCO: Zhang Ziyi, Ken Watanabe, Gong Li</p>
<p>Fragmentado [Split] Estados Unidos/2016/cor/117 min DIREÇÃO: M. Night Shyamalan ELENCO: James McAvoy, Anya Taylor-Joy, Betty Buckley</p>	<p>Sociedade dos Poetas Mortos [Dead Poets Society] Estados Unidos/1989/cor/128 min DIREÇÃO: Peter Weir ELENCO: Robin Williams, Robert Sean Leonard, Ethan Hawke</p>
<p>Uma Rua Chamada Pecado [A Streetcar Named Desire] Estados Unidos/1951/p&b/125 min DIREÇÃO: Elia Kazan ELENCO: Vivien Leigh, Marlon Brando, Kim Hunter</p>	<p>Náufrago [Cast Away] Estados Unidos/2000/cor/144 min DIREÇÃO: Robert Zemeckis ELENCO: Tom Hanks, Helen Hunt,</p>
<p>Não Olhe Para Cima [Don't Look Up] Estados Unidos/2021/cor/ 138 min DIREÇÃO: Adam McKay ELENCO: Jennifer Lawrence, Leonardo DiCaprio, Meryl Streep</p>	<p>Somente o Mar Sabe [The Mercy] Reino Unido/2017/cor/101 min DIREÇÃO: James Marsh ELENCO: Colin Firth, Rachel Weisz, David Thewlis, Eleanor Stagg</p>
<p>O Pequeno Príncipe [Le Petit Prince] França/2015/cor/110 min/animação DIREÇÃO: Mark Osborne ELENCO: Clara Poincaré, André Dussollier, Andrea Santamaria, Florence Foresti</p>	<p>Forrest Gump [Forrest Gump] Estados Unidos/1994/cor/142 min DIREÇÃO: Robert Zemeckis ELENCO: Tom Hanks, Robin Wright, Gary Sinise</p>
<p>Matrix [Matrix] Estados Unidos/1999/cor/136 min DIREÇÃO: Lilly e Lana Wachowski ELENCO: Keanu Reeves, Laurence Fishburne, Carrie-Anne Moss</p>	<p>Moana [Moana] Estados Unidos/2016/cor/107 min/animação DIREÇÃO: Ron Clements, John Musker ELENCO: Auli'i Cravalho, Dwayne Johnson</p>
<p>Alice no País das Maravilhas [Alice in Wonderland] Estados Unidos/2010/cor/108 min</p>	<p>Toy Story [Toy Story] Estados Unidos/1995/cor/81 min/ animação</p>

<p>DIREÇÃO: Tim Burton ELENCO: Mia Wasikowska, Johnny Depp, Helena Bonham Carter, Anne Hathaway</p>	<p>DIREÇÃO: John Lasseter ELENCO: Tom Hanks, Tim Allen, Don Rickles</p>
<p>A Lista de Schindler [Schindler's List] Estados Unidos/1993/cor/195 min DIREÇÃO: Steven Spielberg ELENCO: Liam Neeson, Ben Kingsley, Ralph Fiennes, Caroline Goodall</p>	<p>O Show de Truman [The Truman Show] Estados Unidos/1998/cor/103 min DIREÇÃO: Peter Weir ELENCO: Jim Carrey, Laura Linney, Ed Haris</p>
<p>Batman - O Início [Batman Begins] Estados Unidos, Reino Unido/2005/cor/140 min DIREÇÃO: Christopher Nolan ELENCO: Christian Bale, Michael Caine, Liam Neeson, Katie Holmes</p>	

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS Pró-Reitoria de
Pesquisa e de Pós-graduação
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

N.º Registro CEP: CAAE 52395221.6.0000.5137

Título do Projeto: **QUALIDADE HUMANA E QUALIDADE HUMANA PROFUNDA NAS SOCIEDADES DO CONHECIMENTO CONTEMPORÂNEAS: Estudo sobre a prática cinéfila em um grupo focal a partir da disciplina Epistemologia Axiológica de Marià Corbí.**

Prezado Sr(a),

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que investigará se a prática cinéfila traz consigo as possibilidades para o cultivo da qualidade humana e da qualidade humana profunda - o que outrora se denominou espiritualidade - nos termos propostos por Marià Corbí.

Você foi selecionado(a) porque faz parte de um grupo que se compreende como tendo uma prática cinéfila. A sua participação neste estudo consiste em fazer parte de um grupo focal para coleta de dados. Nesse momento, que ocorrerá no primeiro semestre de 2022, a coleta de dados será realizada de forma online. Uma reunião por meio da plataforma do *GoogleMeet*

será agendada, com previsão inicial de duas horas – a ser acordado com o grupo. Os recursos necessários serão: computador ou celular, câmera e microfone. A gravação posteriormente será revista e transcrita para análise das falas pela pesquisadora. Essa análise perpassará pelas categorias da pesquisa bibliográfica e observação dos gestos e tonalidade de voz dos participantes. Para essa coleta será necessário a realização de uma observação não participante, contemplada pelo orientador da pesquisa. As questões irão versar sobre sua prática e a relação com a teoria de Marià Corbí.

Os riscos (e/ou desconfortos) envolvidos neste estudo são possíveis confrontos relativos a ideias divergentes. Nesse contexto, esse é um risco a ser observado. Caso ocorra, procurarei mediar o conflito mantendo a imparcialidade e respeito no processo. Além disso, com a presença do orientador no momento do encontro com o grupo, poderá surgir algum tipo de desconforto. Para tanto, caso ocorra, esse, irá se retirar da realização do grupo focal, ficando destinado a ele a análise da gravação realizada.

Sua participação é muito importante e voluntária e, conseqüentemente, não haverá pagamento por participar desse estudo. Em contrapartida, você também não terá nenhum gasto.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as fases da pesquisa, e quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você poderá se recusar a participar ou a responder algumas das questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Não obstante, todos os dados coletados ficarão sob minha guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos e, após esse período, serão destruídos. Uma vez que os componentes desse grupo focal têm um vínculo de amizade, possíveis desconfortos com relação ao confronto de ideias também são nulos. Com relação a presença do orientador no momento de encontro com o grupo, pode surgir algum tipo de desconforto, uma vez que você não o conhece.

Os resultados desta pesquisa servirão para que você se beneficie com relação ao seu bem-estar social, estreitamento dos laços de amizade e conhecimento do valor de sua prática.

Para todos os participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil.

Você deve guardar uma cópia deste termo onde constam os dados de contato do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadora responsável: Thais Fernandes do Amaral, rua X, número X, apto X, bairro X, Belo Horizonte. Telefone: X.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenado pela Prof.^a Cristiana Leite Carvalho, que poderá ser contatada em caso de questões éticas, pelo telefone (31)3319-4517 ou e-mail cep.proppg@pucminas.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa é uma autoridade local e porta de entrada para os projetos de pesquisa que envolvem seres humanos, e tem como objetivo defender os direitos e interesses dos participantes em sua integridade e dignidade, contribuindo também para o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

autorizo gravação em áudio autorizo gravação em vídeo não autorizo gravação

Ao selecionar o botão abaixo, o(a) Senhor(a) concorda em participar da pesquisa de acordo com as informações registradas neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador.

Declaro que li e concordo em participar desta pesquisa

Eu, Thais Fernandes do Amaral, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

Assinatura do pesquisador

Data